

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS.

**MULHER E PODER**

## **O CASO DE EVA PERÓN NA POLÍTICA ARGENTINA**

Martha Susana Díaz

Salvador - Bahia  
2005

MARTHA SUSANA DÍAZ

**MULHER E PODER**  
O CASO DE EVA PERÓN NA POLÍTICA ARGENTINA

Dissertação submetida ao colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Alice Alcântara Costa.

Salvador – Bahia  
2005

## **COMISSÃO EXAMINADORA**

Prf<sup>ª</sup>. Dra. ANA ALICE ALCANTARA COSTA (Orientadora) - UFBA

Prf<sup>ª</sup>. Dra. CECILIA SARDENBERG - UFBA.

Prf<sup>ª</sup>. Dra. GRACIELA LEONOR NATANSOHN - FTC.

## **AGRADECIMENTOS**

Nestas linhas, quero deixar expresso meu agradecimento a todas as pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, para a realização desta pesquisa.

Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora, Ana Alice Alcântara Costa, quem primeiro me incentivou a iniciar esse processo de aprendizado, pela sua amizade, seu dedicado acompanhamento, suas contribuições e seu entusiasmo por outras perspectivas.

A minha amiga e companheira de caminhada, Eulália Lima Azevedo, e a suas/as queridos/as filhos/as e netas, pelo apoio, carinho e solidariedade durante todo o processo do mestrado.

Às companheiras do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM - UFBA), pela recepção acolhedora e solidária, especialmente a Cecília Sardenberg e Alda Britto da Motta, por seus estímulos permanentes e pelo interesse no tema de estudo.

Ao programa de Pós-Graduação, pelo apoio e incentivo à formação de pesquisadores e pelo interesse por temas “de outras terras” latino-americanas. Ao corpo de funcionários do programa, pela cordialidade.

A Cláudio Pereira, pelo seu acompanhamento nos primórdios do ingresso no Mestrado.

Ao professor Saturnino da Silva, pela sua dedicação e empenho em resolver situações críticas.

À professora Rosário Carvalho, ao professor Edson Farias e à professora Graciela Natanshon, pelas suas valiosas contribuições teóricas e discussões amigáveis.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudo e pesquisa, que possibilitou uma maior disposição de tempo.

Às amigas Livia, Nely, Susana, Laura e Lourdes, pelo seu apoio permanente e solidário nos momentos difíceis.

A minhas irmãs Maria Elena, Margoth, Mirta, Alicia, Carmen, Mercedes e Marcela, meu irmão Luis, meus cunhados, minhas sobrinhas Marisa, Jorgelina, Mariela e meu sobrinho Sergui, pelo amoroso apoio logístico nos momentos de minha ausência.

A meus pais, Gilberto e Vicenta (*in memóriam*); a Adela e Carlos (*in memóriam*), pela confiança e carinho sempre presentes.

A meus companheiros e minhas companheiras, meus amigos e minhas amigas da Associação Civil *Grupo Pro Derechos de los Niños*. A Rosita e Hugo, ex-colegas da Universidade Nacional de la Patagônia SJB, pelo seu estímulo constante.

A todas as pessoas que abriram suas portas para a pesquisa, ao pessoal do Museu Evita, à equipe técnica da UATRE (União Argentina de Trabalhadores Rurais e Estivadores), à Unidade Básica Chubut Para todos, a Ana Macri e Adela Díaz, ao Grupo Piqueteiro “Comedor Los Pibes” do bairro de “La Boca”, em especial ao piqueteiro Martín Cisneros (*in memóriam*), assassinado durante o processo da pesquisa, e às mulheres que deram mostras da construção de novos espaços de poder.

Ao meu querido companheiro de todas as horas, Eduardo. A meu filho Gerardo e minhas filhas Cecília e Laura, pela compreensão ante minhas reiteradas ausências e pelo amor e carinho, incentivos valiosos para a conclusão deste estudo.

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes de minha vida:

*Minha mãe (in memoriam)*

*Meu pai,*

*Meu companheiro, Eduardo*

*Meu filho, Gerardo e minhas filhas, Cecília e Laura*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. APRESENTANDO A PESQUISA</b> .....	18
1.1 A tensa relação entre mulher e poder político.....	18
1.2 Pressupostos teóricos .....	20
1.3 Processo metodológico da pesquisa.....	29
1.4. Ressonâncias do trabalho de campo.....	41
<b>2. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E POLITICO</b> .....	44
2.1. As lutas pelo poder político – 1930-1945.....	45
2.2. As classes sociais em 1940.....	49
2.3. O papel das mulheres na Argentina de 1940.....	55
2.4. Ditaduras militares, instabilidade política e resistências.....	63
2.5. O retorno à democracia – modelo neoliberal e crises econômicas.....	66
2.6. Protestos sociais e novos atores.....	68
<b>3. EVA PERÓN: VIDA E HISTORIA</b> .....	72
<b>4. 26 DE JULHO DE 2003: DIA DE COMEMORAÇÕES</b> .....	103
4.1. “Evita nos jornais”.....	104
4.2. “Se Evita vivesse seria Piqueteira” .....	112
4.3. “Evita: Viva estás”.....	127
4.4. Hoje, 26 de julho, Eva Perón se fez eterna!!!.....	147
<b>5. SOBRE O PODER FEMININO</b> .....	162
5.1. Eva na memória: o poder de permanecer nela .....	162
5.2. A composição do poder em Eva Perón.....	180
5.3. O poder político em Eva Perón.....	186
5.4. O simbólico no campo político.....	191
5.5. “As Novas Evas”.....	194
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	205
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	212
<b>ANEXOS</b> .....	221

## **LISTA DE SIGLAS**

CTA: Central de Trabajadores Argentinos.

CGT: Confederação Geral de Trabalho.

ERP: Exercito Revolucionário do Povo.

FTV: Federação de Terras e Vivendas.

JP: Juventude Peronista.

PJ: Partido Justicialista.

PPF: Partido Peronista Feminino.

MP20: Movimento Patriótico 20 de dezembro.

YPF: Yacimientos Petrolíferos Fiscales.

UATRE: União Argentina de Trabajadores Rurais e Estivadores.



## RESUMO

Este trabalho identifica e analisa as representações atuais sobre a figura de Eva Perón, produzidas nos grupos políticos argentinos – peronistas e piqueteiros –, a fim de compreender os processos que estão em jogo na construção dessas representações, dando ênfase no desvelamento das forças que interagem na circulação do poder feminino. Portanto, busca entender a relação entre cultura política e gênero, em inter-relação com as categorias memória e representações sociais. O estudo baseia-se numa pesquisa qualitativa, realizada através de uma análise interpretativa de dados de observação de atos comemorativos em memória de Eva Perón, realizados por três grupos políticos no dia 26 de julho de 2003, e de entrevistas abertas e em profundidade com mulheres e homens portadores de uma trajetória política. A análise demonstra que, embora existam diferentes perspectivas de olhar Eva, tendo em conta a diversidade de trajetórias e experiências dos entrevistados e dos grupos, existem matrizes discursivas que permanecem como base nos discursos comemorativos. Dessa maneira, mostram-se algumas diferenças entre os conteúdos expressos nos atos comemorativos e os expressos em atos rememorativos. A pesquisa mostra que, não obstante essas matrizes discursivas colocarem Eva Perón num lugar de mãe, as versões atualizadas dessa figura e os traços valorizados, hoje, estão em correlação com os valores e idéias tecidos na complexa trama social política argentina, mostrando a importância que tem Eva Perón para os grupos pesquisados, como símbolo e como resgate da memória. Por último, a pesquisa também apresenta evidências que nos permitem pensar que o poder feminino, como poder valorizado, continua circunscrito a um plano não institucional.

## ABSTRACT

This study both identifies and analyzes current representations of Eva Peron as a character, held by the Argentine political groups “peronistas” and “piqueteiros”, in order to understand the processes at stake in building those representations with an emphasis on unveiling the interacting forces in the circulation of feminine power. Accordingly, it seeks to understand the relationship between political culture and gender interconnection with the categories of memory and social representations. Qualitative research was accomplished both through interpretive analysis of observation data gathered in the commemorative acts in memory of Eva Perón carried out by three political groups on July 26<sup>th</sup>, 2003 and through open in-depth interviews with men and women involved in political activism. Although different perspectives have been found regarding Eva Perón, allowing for the groups’ and respondents’ diversity of political history and experience, the analysis has shown discursive matrices which underlie the commemorative speeches in such a way that differences between the contents conveyed in commemorative acts and those conveyed by rememorative ones have been detected. Despite the fact that those discursive matrices have been shown to place Eva Perón in the mother role, the updated versions and the valued features of such a figure are in correlation with the values and ideas framed in the Argentine complex social and political texture, thereby showing the importance of Eva Perón for the groups in this study as a symbol and a way to rescue memory. Evidence has also been found to state that the feminine power, as a valued power, remains circumscribed to a noninstitutionalized level.

## INTRODUÇÃO

Buenos Aires, 29 de junio [de 1952]

*Quiero vivir eternamente con Perón y con mi pueblo. Esta es mi voluntad absoluta y permanente y es, por lo tanto, mi última voluntad.*

*[..] Yo estaré con ellos peleando en contra de todo lo que no sea pueblo puro, en contra de todo lo que no sea la raza de los pueblos. Yo estaré con ellos, con Perón y con mi pueblo, para pelear contra la oligarquía vende-patria y farsante, contra la raza maldita de los explotadores y de los mercaderes de los pueblos. [...] Si muriese antes que Perón, quisiera que esta voluntad mía, la última y definitiva de mi vida, sea leída en acto público en Plaza de Mayo, en la Plaza del 17 de octubre, ante mis queridos descamisados. Quiero que sepan, en ese momento, que los quise y que lo quiero a Perón con toda mi alma y que Perón es mi sol y mi cielo. Dios no me permitirá que mienta si yo repito en este momento una vez más: “no concibo el cielo sin Perón”.*

*Pido a todos los obreros, a todos los humildes, a todos los descamisados, a todas las mujeres, a todos los niños y a todos los ancianos de mi patria que lo cuiden y lo acompañen a Perón como si fuese yo misma.*

*Quiero que todos mis bienes queden a disposición de Perón como representante soberano y único del pueblo [...] Pero después de Perón el único heredero de mis bienes debe ser el pueblo, y pido a los trabajadores y a las mujeres de mi pueblo que exijan, por cualquier medio, el cumplimiento e inexorable de esta voluntad suprema de mi corazón que tanto los quiso. Todos los bienes que he mencionado y aún los que hubiese omitido deberán servir al pueblo, de una manera o de otra manera.*

*[...] Mis joyas no me pertenecen [...] quiero que vuelvan al pueblo. No quiero que caigan jamás en manos de la oligarquía [...] quiero que mis joyas sean el respaldo de un crédito permanente que abrirá los Bancos del país en beneficio del pueblo, a fin de que se construyan viviendas para los trabajadores de mi Patria.*

*Desearía también que los pobres, los ancianos, los niños, mis descamisados sigan escribiéndome como lo hacen en estos tiempos de mi vida y que el monumento que quiso levantar para mí el Congreso de mi pueblo recoja las esperanzas de todos y las convierta en realidad por medio de mi fundación, que quiero siempre pura como la concebí para mis descamisados. Así yo me sentiré siempre cerca de mi pueblo y seguiré siendo el puente de amor tendido entre los descamisados y Perón.*

*[...]Mis últimas palabras son las mismas del principio: quiero vivir eternamente con Perón y con mi pueblo. Dios me perdonará que yo prefiera quedarme con ellos, porque*

*él también está con los humildes, y yo siempre he visto que en cada descamisado Dios me pedía un poco de amor que nunca le negué.*

*Testamento de Eva Perón. Presidencia de la Nación  
Argentina, 1952.*

O texto em epígrafe<sup>1</sup> constitui o testamento escrito por Eva Perón, falecida em 26 de julho de 1952, aos 33 anos de idade, e foi lido por Juan Domingo Perón (presidente da República Argentina, 1946-1955), seu esposo, diante de uma multidão reunida na Praça de Maio<sup>2</sup>, em 17 de outubro de 1952, o primeiro 17 de outubro depois do falecimento de Eva Perón.

Nesse dia, como em todos os 17 de outubro, o governo de Juan Domingo Perón comemorava o dia da “lealdade peronista”. Mas esse dia, em 1952, foi especialmente dedicado a rememorar a figura de Eva Perón, falecida meses antes. O público escutou uma reprodução, em alto-falantes, do último discurso por ela pronunciado em 1 de maio de 1952, e, posteriormente, Perón fez, diante de uma multidão silenciosa, a leitura do testamento deixado por Eva para o seu povo (NAVARRO, 1997, p. 322).

Quem é essa mulher que proclama seu amor infinito por Perón e pelos descamisados?<sup>3</sup> Quem é essa mulher que lhes fala como se estivesse presente, reiterando-lhes seu carinho, pedindo-lhes que continuassem a lhe escrever, estimulando-os a manterem-se alertas e a cuidar de Perón? Quem é essa mulher que lhes diz que suas jóias e todos seus bens lhes pertencem? Quem é essa mulher pela qual o povo mais pobre e excluído da Argentina chorou, seguindo passo a passo a sua doença, rezando por sua saúde, e, durante 16 dias, permanecendo sob a chuva, fazendo filas para ir vê-la no seu

---

<sup>1</sup> Opta-se, neste trabalho, pela tradução por parte da autora de todos os textos e artigos escritos em espanhol, à exceção dos discursos e opiniões de Eva Perón, que são transcritos integralmente na língua original.

<sup>2</sup> A Praça de Maio é uma praça pública instalada na zona central da Capital Federal de Argentina, cidade de Buenos Aires, na frente da Casa Rosada (sede do governo federal) e do Congresso Nacional. Tem um caráter central na vida política argentina, porque é justamente ali onde se têm concentrado as grandes manifestações e protestos sociais durante toda a história argentina. É um lugar símbolo das lutas políticas.

<sup>3</sup> A expressão “descamisados” faz referência ao sujeito político, assim denominado na Argentina, cuja emergência está associada aos acontecimentos políticos de 17 de outubro de 1945, e, paralelamente, ao surgimento do movimento peronista (ver pág. 48).

féretro? O que significava e significa, para essas pessoas, escutar essas palavras?

Todas essas interrogações e muitas outras centram-se numa pessoa: Maria Eva Duarte de Perón, mais conhecida como “Evita”. Uma mulher que, após 51 anos de sua morte, continua sendo lembrada com emoção por milhares de argentinos e argentinas, em atos comemorativos que, promovidos por grupos diferentes, mantêm uma série de rituais que reeditam, ano após ano, um passado que insiste em manter-se vivo.

Encontrar quem é essa mulher não é o motivo desta pesquisa, nem descobrir as verdades biográficas sobre ela. Pelo contrário, busca-se, aqui, conhecer as representações sociais atuais sobre a figura de Eva Perón e seu contexto de produção (condições concretas de produção), de modo a conhecer os significados atuais de tais representações.

A pergunta central deste estudo é: como a memória recupera as diferentes representações sobre Eva Perón? Essa pergunta exige entender a memória sempre se estruturando no social. Como explica Halbwachs (1990): nossas lembranças são coletivas, porque carregam consigo padrões adquiridos socialmente. E são também representações sociais, como estruturas estruturadas (instrumentos de comunicação), como estruturas estruturantes (instrumentos de conhecimento e de construção do mundo objetivo) e como instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação (BOURDIEU, 1989). Um processo dialético, que se realiza através da dinâmica da “interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 1994, p.47).

A opção de estudar esse tema está relacionada à minha identidade argentina e à relevância da figura dessa mulher no contexto sociopolítico argentino, personagem emblemática de um tipo de relação com o poder, a qual, no meu entender, continua presente na memória dos argentinos e estreitamente ligada aos processos de mudanças sociopolíticas.

Eva foi, para mim, desde pequena, assim como para muitos argentinos, uma figura próxima, parte do cotidiano, a respeito da qual sempre se escutava algum relato a favor ou contra. Meu pai lembrava, em sua condição de chefe de

família pobre, os pacotes com panetone e sidra que nossa família recebia “de Eva” nos Natais, e, por outro lado, queixava-se dos dois dias (1 de maio e 12 de outubro) que eram descontados de seus salários, durante o governo de Perón, como contribuição para a Fundação “Eva Perón”. Para as pessoas que me rodeiam, há sempre alguma opinião formulada a respeito dela. As diferentes versões sobre Eva, o que fez e o que deixou de fazer integram as conversações ao redor de uma mesa familiar.

Eva entra, assim, sem pedir permissão, tanto no meu mundo subjetivo, como no mundo subjetivo dos argentinos. Diz Navarro (2002, p. 22): “... sua mitologia é uma construção complexa, que tem adquirido novas configurações através do tempo e continua viva até hoje”.

Foi uma mulher que integrou a política nacional argentina de 1946 a 1952: reunia-se com sindicalistas, foi fundadora e presidente do Partido Peronista Feminino e da Fundação Eva Perón, se tornou a única mulher membro do poderoso Conselho Superior do Partido Peronista, quando esse partido era governo. Declarava-se a “intermediária” entre Perón e os “descamisados”, e, durante alguns dias, foi candidata à vice-presidência da Argentina.

Foi uma mulher que participou das estruturas decisivas do poder político argentino, num momento em que, na República Argentina, a mulher não tinha direitos políticos, nem formas institucionalizadas de acesso ao poder, salvo a única maneira possível, até então, para as mulheres: o casamento com um homem poderoso. Sua figura surge no contexto de uma sociedade predominantemente patriarcal e oligárquica. Uma mulher que, como diz Navarro (2002, p. 37) “... quando descobre a política, apaixonou-se por ela e que desde 1946 até quando ficou doente em 1951, praticamente não deixou de fazer política”.

Percorrendo os escritos sobre Eva Perón, surgem vários aspectos que estão intimamente ligados ao lugar de invisibilidade que as mulheres ocupam na literatura, sobretudo na histórica. Segundo Navarro (1997), um primeiro fato revelador é que são escassos os estudos procedentes de uma investigação

documental sobre Eva Perón. Salvo exceções<sup>4</sup>, a maioria da literatura referente a Eva Perón é constituída de ensaios interpretativos, ricos em anedotas e em recursos literários poéticos, os quais, na intenção de elogiá-la ou atacá-la, reconstroem e reproduzem a mitologia tecida em torno dela. Em geral, essas obras apresentam um estranho silêncio sobre a atuação política de Eva durante o primeiro mandato de Juan Domingo Perón (1946-1952) e sobre o impacto que ela produziu sobre seu governo e o peronismo (NAVARRO, 1997). Quase todas essas publicações têm o mesmo objetivo: revelar “a outra cara”, mostrar a “verdadeira Eva”, contar sua verdadeira historia.<sup>5</sup> Em geral, são biografias que intencionalmente relatam sua infância, sua vida como atriz, sua atuação em cena, os muitos amantes que teve antes de se casar com Perón, sua relação com ele, sua doença e morte. Detêm-se em detalhes de sua vida pessoal, sua personalidade, suas paixões, buscando apresentar um retrato de Eva e, dessa maneira, revelar sua intimidade (NAVARRO, 2002).

O segundo fato tem a ver com a não incorporação de Eva nos estudos sobre o peronismo ou sobre Juan Domingo Perón. Alguns autores, excepcionalmente, escrevem um capítulo destinado a Eva Perón, mas destacam aqueles aspectos que recorrentemente aparecem nas biografias de Eva – a personalidade, a doença e a morte.<sup>6</sup> Com isso, então, ao não incorporá-la nos estudos históricos e políticos como mulher política, silenciam sua prática política, despolitizam sua ação e a excluem do campo político, como acontece com o feminino em geral.

Portanto, este estudo nos remete também às tensões e conflitos suscitados pela participação feminina no campo político, através da análise de dois aspectos: a luta pela participação política das mulheres argentinas nas

---

<sup>4</sup> BIANCHI, Susana & SANCHÍS, Norma. *El Partido Peronista femenino* Bs As: Centro Editor de América Latina, 1988; NAVARRO, Marysa. “Evita”, Buenos Aires: 1997; TAYLOR 1981, e a dissertação de mestrado de GUIVANT, Julia, Campinas: 1980.

<sup>5</sup> De Martinez Paiva e de Rivero Pizzuto Maria Rosa. *La Verdad: Vida y obra de Eva Perón*. Primera parte. Buenos Aires: Editorial Astral, 1977. De Martinez Payva e de Rivero Pizzuto Maria Rosa. *Vida e Obra de Eva Perón: La verdad en vigencia* – Segunda parte. Buenos Aires: Editorial Copyright, 1970. Acossano Benigno. *Eva Perón: Su verdadera vida*. Buenos Aires: Editorial Lamas, 1955. Galaso Norberto. *Yo fui el confesor de Eva Perón, padre Hernán Benítez*, Buenos Aires: Homo Sapiens, 1999.

<sup>6</sup> Textos como: LUNA, Félix. *Perón y su tiempo*, Buenos Aires, 2000; GAMBINI, Hugo. *Historia del Peronismo: la obsecuencia* (1952-1955), Buenos Aires, 2001.

estruturas formais do Estado e a própria participação de Eva Perón dentro das estruturas de poder existentes e acessíveis para as mulheres da época. Quer dizer: sua prática e os diferentes significados que ela despertou.

É assim que este estudo busca contribuir para uma maior compreensão da problemática da inserção da mulher na área política em relação ao campo cultural e às determinações sociais. Procura refletir sobre os temas gênero e cultura política<sup>7</sup>, relacionando o passado (1946-1952) e o presente, através da análise da presença simbólica de Eva Perón na memória do povo argentino.

Seu objetivo geral é analisar a presença da mulher na política Argentina, a partir do caso de Eva Perón, examinando a relação entre esse passado político e o presente, através das noções de memória e de representações sociais. Tal objetivo se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

- § Identificar as representações sobre Eva Perón que prevalecem hoje na memória de alguns agrupamentos políticos: grupo piqueteiro, nucleado na Federação de Terras e Vivendas (FTV) e grupos peronistas selecionados, tendo em conta sua participação nas comemorações realizadas entre o dia 25 e 26 de julho de 2003.
- § Relacionar essas representações com o seu contexto de produção.
- § Identificar e entender os diferentes processos e elementos que estão inseridos na construção desse imaginário, através das noções de memória, poder e gênero.

Para uma maior compreensão, o trabalho está estruturado em seis momentos, incluindo as considerações finais. Início com a apresentação da pesquisa, expondo, em linhas gerais, o seu plano, a fundamentação teórica e os principais eixos teóricos e metodológicos que a norteiam. Descrevo os atores sociais com os quais trabalho e os apresento recuperando o processo histórico de construção dessas figuras sociais.

---

<sup>7</sup> Entende-se “cultura política como o conjunto de atitudes, crenças, cognições e sentimentos que ordenam e dão significado a um processo político e que proporciona os supostos e normas fundamentais que governam o comportamento do sistema político”. As crenças e comportamentos compõem os elementos centrais da cultura política de um povo (FERNÁNDEZ PONCELA, 1995).



No primeiro capítulo apresento o processo da pesquisa: objetivos, fundamentação, principais eixos teóricos e metodológicos, e os principais atores implicados.

No segundo capítulo, apresento o contexto sócio-histórico argentino, o que entendo ser determinante para a compreensão dos discursos e representações construídas sobre Eva Perón. Para tal, componho a cena partindo dos diferentes elementos que se interligam na construção da configuração social das décadas de 1940 e 1950 e, posteriormente, descrevo e analiso aqueles elementos que caracterizam o período atual, em relação aos últimos 10 anos (1995-2005). Trata-se de um período importante para a pesquisa, porque supõe o aparecimento de novos atores sociais, novas formas de protesto social e o recrudescimento da crise social argentina.

No terceiro capítulo, apresento Eva Perón, reconstruindo a personagem a partir da configuração, nos termos de Elias (1995), que uma pessoa ou grupo – nesse caso, Eva – assume, em sua interdependência com outras figuras sociais da época. Para o autor, não se pode fazer uma análise sociológica sem ter em conta a interdependência das estruturas sociais da época estudada, especialmente quando levam a “diferenciais de poder”. Só dentro da estrutura de tal modelo é que se pode discernir o que uma pessoa ou grupo – nesse caso Eva, envolvida por tal sociedade – foi capaz de fazer.<sup>8</sup>

No quarto capítulo, desenvolvo o que considero o assunto vertebral do trabalho. Como Eva aparece hoje? Quais as distintas imagens que aparecem? Como a memória recupera a imagem de Eva? O que Eva representa hoje? Qual sua relação com gênero, classe e geração, em relação às mudanças sociais? Para isso, apresento a etnografia de três eventos comemorativos da morte de Eva Perón, ocorridos em 25 e 26 de julho de 2003. O caminho escolhido, nesse capítulo, é a análise das imagens surgidas nas unidades de

---

<sup>8</sup> Para Elias (2000 p.9), é imprescindível, numa abordagem figuracional, “compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais”. Segundo esse autor (ELIAS, 1994 p.150-151), “... cada pessoa singular, por mais diferente que seja de todas as demais, tem uma composição específica que compartilha com outros membros de sua sociedade. [...] Esse *habitus*, a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo em que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade. [...] A linguagem [...] é um componente do *habitus* social”.

análise, para, a partir delas, encontrar as representações sobre a figura de Eva Perón.

No quinto capítulo, trabalho a circulação do poder em torno da figura de Eva Perón, buscando os elementos que compõem esse poder feminino e as simbolizações de Eva Perón retransmitidas na memória. Nesse capítulo, dedico uma parte às significações transferidas valorativamente nas figuras atuais das mulheres que transitam no campo político.

Por último, nas considerações finais, retomo os eixos significativos que estruturam a tese: memória e poder feminino.

# 1. APRESENTANDO A PESQUISA

## 1.1 A tensa relação entre mulher e poder político

Desde a década de 1970, as teóricas feministas vêm denunciando a exclusão da mulher das atividades consideradas de maior prestígio social: as econômicas, as científicas e as políticas. O doméstico, como o lugar historicamente destinado às mulheres como mães, aparece, assim, como o oposto ao público. Kergoat (1996, p.19) mostra que essa diferenciação entre práticas sociais masculinas e femininas “não são produto de um destino biológico, mas que eles são, antes de tudo, construções sociais que têm uma base material”.

A compreensão de que a desvalorização do papel das mulheres não é uma condição inerente às sociedades – e sim uma construção social, e, como tal, passível de mudança – permitiu que as teóricas feministas analisassem os mecanismos que estruturaram essa subordinação e superassem noções universalistas e essencialistas que as sustentavam. Essa subordinação, associada ao colonialismo, ao racismo e ao capitalismo, definiu o lugar que as mulheres ocupam na esfera social.

As mulheres não ficaram passivas no processo histórico. Individual ou coletivamente, rebelaram-se contra esses pressupostos e práticas, ao tomarem consciência da situação de inferioridade e invisibilidade em que estão inseridas. Scott (1992) explica que investigações históricas mostraram que a invisibilidade das mulheres não se devia a serem ausentes ou inativas nos acontecimentos históricos, e sim porque foram sistematicamente omitidas dos registros oficiais, escritos, quase sempre, pelos “homens” (homem no sentido de portador de uma ideologia patriarcal).

As francesas da revolução, da mesma maneira que as sufragistas, as feministas espanholas de princípios do século XIX, as da segunda onda do feminismo e as mulheres do atual movimento feminista, todas assumem e

defendem reivindicações cidadãs, segundo os distintos momentos históricos vividos.

Porém, apesar de a histórica luta das mulheres pela reivindicação de seus direitos ter promovido mudanças legais, sociais, culturais e tecnológicas que produziram uma maior igualdade entre os gêneros, ainda se tem um longo caminho a percorrer, pois as mulheres permanecem ainda afastadas dos lugares decisivos de poder.

Na Argentina, embora tenha aumentado a participação das mulheres no âmbito político, não há uma correlação similar no nível da representatividade. As mulheres argentinas constituem 52 % do eleitorado, mas não existe correlação com a quantidade de mulheres eleitas ou candidatas para o exercício da função pública (BIANCHI & SANCHIS, 1988a).

Os estudos realizados por Costa (1998) mostram que, em geral, as mulheres que têm atuação no poder político formal no Brasil ingressam nesse mundo através de seus laços familiares, sendo chamadas para preservar e garantir os interesses privados de seu grupo, ou para manter a ordem política vigente. Assim, as mulheres constituem “uma peça a mais nesse jogo de controle e utilização privada do Estado”. Para essa autora,

... [as mulheres] são incorporadas à esfera pública, sempre que sua presença se faça necessária para o desenvolvimento capitalista e/ou para as relações de dominação. E quando raramente alcançam os altos postos na hierarquia burocrática do aparelho estatal, ou são como secretárias de educação ou de bem estar social. Isto se inscreve em outra particularidade maior, a respeito da relação das mulheres na esfera pública, qual é a de desenvolver geralmente atividades análogas às que realizam as mulheres na esfera doméstica (COSTA, 1998, p.11)

Assim também ocorre com a incorporação das mulheres nos movimentos sociais, o que se realiza geralmente a partir do seu papel como mães. A preocupação maternal leva-as a assumir a luta política, e são destaque, na América Latina: as “Mães de Praça de Maio”, na Argentina; as “Mães de heróis e mártires”, da Nicarágua; e as “mulheres das panelas vazias”, no Chile (Costa 2002).

Parece importante, para este estudo, resgatar as palavras de Simões (apud Costa 2002, p.80), quando afirma que:

... aquelas mulheres ao se lançarem na política não rompem com seu papel idealizado de mães e esposas e com modelos idealizados de mulher. Pelo contrário, é através desses “atributos” que se julgam capazes de militar e que dão “autoridade” à sua presença na esfera da política.

Dessa maneira, elas contribuem, como ressalta a autora, para a reprodução de uma “imagem mística de mulher”. Sobre essa imagem mística, constrói-se, como mostram os estudos de Costa (2002, p. 81), o imaginário político do eleitorado brasileiro, quando, por exemplo, se associam as candidaturas femininas com a possibilidade alternativa de promover a “limpeza” dos espaços da política formal, pelo fato de estarem excluídas dessas estruturas de poder formal, geralmente não são identificadas com os chamados políticos tradicionais. Isso cria uma imagem de pureza, de compromisso político, de não comprometimento com as práticas dominantes nas esferas políticas.

A simbologia da “maternização” e de “ser assexuado”, nas mulheres, está presente na política, como destaca Costa (2002), através da exigência de determinado estilo de roupas, de determinada postura, e de um padrão moral diferenciado do masculino, para que possam ser incluídas dentro do embate político. Aquelas que transgredirem algumas dessas normas são, ainda hoje, socialmente sancionadas.

Na República Argentina, as mulheres conseguiram votar pela primeira vez em 1951, quatro anos após a promulgação da lei de voto feminino, ocorrida durante a primeira presidência de Juan Domingo Perón. Quando Eva Perón se incorporou no mundo político, a mulher argentina ainda não votava nem podia ser votada. Já as feministas argentinas tinham transitado por um longo caminho de luta para conseguir os direitos civis e políticos.

## **1.2 Pressupostos teóricos**

Para a realização deste estudo, parto da premissa elaborada por Bourdieu (1989) sobre a importância de o investigador “pensar relacionalmente” seu objeto de pesquisa. Isso significa a utilização de uma metodologia de análise que, tomando a teoria e a práxis inseparavelmente,

problematize aqueles objetos que aparecem como pré-construídos, reconstruindo o seu processo de construção. Significaria, pois, indagar a essência dos objetos socialmente dados, pensando a realidade como um “espaço de relações”. O que o cientista social tem diante de si como realidade não são verdades absolutas e objetivas, e sim teias de relações estruturadas, às quais os agentes sociais atribuem significados (BOURDIEU, 1989).

Nesta pesquisa, os seguintes elementos conceituais são considerados centrais para seu direcionamento: gênero (em sua inter-relação com classe, etnia ou raça e geração), poder, memória e representações.

O conceito de *gênero* que utilizo é o formulado pela historiadora Joan Scott (1991) na década de 1980: gênero como categoria de análise histórica e relacional, dado que permite desnaturalizar as desigualdades entre os sexos e revelar as construções sociais que estão por trás do processo histórico de construção dos papéis sociais atribuídos tanto a homens como a mulheres. A noção de relacionalidade, impressa no termo, dá conta da transversalidade das relações de gênero na trama das relações sociais. Com essa formulação, Scott (1991) vai mais além, entendendo as relações de gênero inseridas dentro dos diferentes discursos, símbolos e estruturas sociais que cotidianamente constroem e reconstroem os conjuntos de significados sobre os diferenciais de poder entre homens e mulheres.

Assim, para Scott (1991, p.14), “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado em diferenças percebidas entre os sexos”, e “gênero é uma forma primeira de significar relações de poder”. Quatro elementos inter-relacionados constituem e mantêm a estrutura das relações de gênero: os símbolos culturais colocados à disposição das pessoas, os quais evocam múltiplas representações; os conceitos normativos; os sistemas econômicos, educacionais, políticos, religiosos, entre outros que estruturam e reproduzem as relações de gênero; e a identidade subjetiva, que se refere aos processos de formação da identidade, onde os padrões de gênero atuam de modo fundamental (SCOTT, 1991). É justamente o caráter relacional existente nessa definição que faz desse conceito um instrumento adequado para se analisarem as relações de gênero existentes entre as diferentes figuras que se inter-relacionam com as representações sobre Eva Perón no período estudado.

Para distinguir o caráter histórico-social da definição dada por Scott (1991), Saffioti (1992) ressalta que a ênfase na primeira parte da definição é posta sobre a expressão "percebidas", e não sobre "diferenças". Dessa maneira, o vetor vai do social para o anatômico, e não o inverso. Quanto à segunda parte da definição, Saffioti (1992) afirma que *gênero* é "primordial", porque antecede à emergência das sociedades centradas na propriedade privada dos meios de produção, e pelo fato de permear absolutamente todas as relações sociais (sejam de classe ou étnica). Esse ponto é de fundamental relevância, pois se trata da profunda articulação entre gênero e classe, social na trama das relações de poder. Articulação que tem sido resgatada por autoras como Stolke (1991), Brito da Motta (1999) e Sorj (1993). A subordinação é vivida de forma diferente pelas mulheres, porque as relações de gênero se entrecruzam com aquelas baseadas na classe, raça ou etnia, geração e orientação sexual.

Saffiotti (1992 p.185-199) amplia a compreensão do conceito gênero em termos de relações de poder expressando:

Gênero é um campo primordial dentro do qual e por meio do qual o poder é articulado.

O gênero é uma maneira contemporânea de organizar normas culturais passadas e futuras, um modo de a pessoa situar-se em e através destas normas, um estilo ativo de viver o corpo no mundo. Tornar-se um gênero é um impulsivo e ainda assim um atento processo de interpretação da realidade cultural carregada de sanções, tabus e prescrições.

As relações de gênero travam-se no terreno do poder, onde tem lugar a exploração dos subordinados e a dominação dos explorados. Dominação e exploração sendo faces de um mesmo fenômeno.

Para essa autora, a subalternidade não significa ausência absoluta de *poder*. De fato, em todas as sociedades conhecidas, as mulheres detêm parcelas de *poder*. É como na dialética entre o escravo e o senhor: homem e mulher jogam cada um com seus poderes. Mas, como diz Costa (1998, 19),

... historicamente, em geral, as mulheres têm estado do outro lado do exercício do poder, do lado da condição de subalternidade. [...] As pequenas parcelas de poder ou os pequenos poderes que lhes tocam e que lhes permitem romper, em alguns momentos ou circunstâncias, a supremacia masculina, são poderes tremendamente desiguais.

Ou como diz Saffiotti (1992) são micro-poderes. Claramente, essa perspectiva nos permite analisar as singularidades que o poder de Eva Perón adquire nas estruturas políticas.

A partir do reconhecimento das relações de gênero como relações de poder, as formulações teóricas de Foucault (1999) sobre o *poder* resultam pertinentes para este estudo, já que permitem fazer uma análise tanto dos micro-poderes como dos macro-poderes. Apreende-se, desse autor, que o *poder* não tem um foco único originário, e deve ser estudado no jogo concreto e histórico dos procedimentos e das forças postas em jogo, em suas múltiplas relações, no que elas produzem diretamente e nas resistências que se lhes opõem, nas táticas que utilizam e nas estratégias nas quais se inserem. Desse modo, o *poder* deve ser analisado em termos de “relações de poder”. Para o referido autor, o *poder* não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social, mas funciona como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, na qual não existe exterior possível, limites ou fronteiras. Rigorosamente falando, o *poder* não existe; existem, sim, práticas ou relações de poder. O *poder* é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. É uma relação. As formas específicas de exercício do poder operam mediante leis, aparatos e instituições que põem em movimento relações de dominação (FOUCAULT, 2001).

Sob outra perspectiva de análise, a praxiologia,<sup>9</sup> Bourdieu (1989) apresenta-nos sua teoria sobre o *poder simbólico*, que resgato como uma proposta para aprofundar os estudos sobre os processos simbólicos subjacentes nos discursos sobre Eva Perón.

Bourdieu (1989, p.9) explica o poder simbólico como “um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social)”, como um “poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, é deste modo, ação sobre o

---

<sup>9</sup> A praxiologia “tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 1994, p.47).



mundo” (BOURDIEU, 1989, p.14). Segundo esse autor (BOURDIEU, 1989, p.14 e 15), o poder simbólico não se insere nos sistemas simbólicos sob a forma de força, mas “se define numa relação determinada entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença”. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, o poder de manter a ordem ou de subvertê-la, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. O poder simbólico é uma forma transformada, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder.

Os símbolos que compõem a estrutura do poder simbólico convertem-se em “instrumentos por excelência” da ‘integração social’: como “instrumentos de conhecimento e de comunicação [...], eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social..”. Esses sistemas simbólicos, por sua vez, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados (1989, p.9 e10). E porque acredita que as relações de comunicação são relações de poder, que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições), Bourdieu afirma que esses sistemas simbólicos, como estruturas estruturadas e estruturantes, cumprem sua “função política” de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra.” (BOURDIEU, 1989, p.11).

O mérito dos sistemas simbólicos é sua *eficácia*, obtida a partir de um acordo imediato e tácito de imposição sobre os agentes de estruturas cognitivas, que estão em consonância com as estruturas objetivas do mundo social, estabelecendo-se uma relação de ligação entre o inconsciente e a ordem estabelecida, entre estruturas incorporadas, tornadas inconscientes, e estruturas objetivas (BOURDIEU, 2003). As funções que esses sistemas simbólicos cumprem tendem sempre a se transformar em funções políticas: a religião, a arte, e a língua são veículos de poder e de política (BOURDIEU, 2001).

Tudo isso acontece num espaço social visto pelo autor (2003, p.18, 19) como um “conjunto de posições distintas e coexistentes [diferenciadas], exteriores umas das outras, definidas umas em relação às outras por sua exterioridade mutua e por relações de proximidade [...] ou de distanciamento, e também, por relações de ordem...”. Um espaço de relações que, como tal, é um espaço de lutas, um campo de forças socialmente determinado, um campo de produção simbólica que é um microcosmo da luta simbólica entre as classes. Para o autor, “as classes sociais não existem; o que existe é um espaço social, um espaço de diferenças, no qual as classes existem de algum modo em estado virtual, pontilhadas, não como um dado, mas como algo que se trata de fazer”. Elas podem se tornar classes mobilizadas e atuantes só por meio de um trabalho propriamente político de construção (BOURDIEU, 2003, p. 27).

A importância do simbolismo na vida social já tinha sido exposta por Emile Durkheim, na sua obra *As formas elementares de vida religiosa*, através da noção de “representações coletivas”. Em Marcel Mauss, sobrinho e discípulo de Durkheim, para quem a vida social é “um mundo de relações simbólicas”, a noção de representação se dissolve progressivamente na do simbolismo. Não há, para Mauss, nem indivíduo nem sociedade, mas somente um sistema de signos que, mediatizando as relações dos membros da sociedade, constrói, em um mesmo movimento, a socialização dos indivíduos e a sua unificação em um grupo. Só há símbolo porque há comunhão, pois só há símbolo daquilo que é dado e compartilhado. São seres humanos e grupos ligados entre si, ligados por símbolos, que trocam dons entre si. O símbolo representa uma significação comum para os indivíduos – naturalmente reunidos em grupo – que aceitam esse símbolo, que escolheram mais ou menos arbitrariamente (CAILLÉ, 2002). O símbolo diz também da existência de um acordo e de uma coordenação desses acordos; assim, a figura de Eva Perón inscreve-se na memória como um símbolo, construído através de negociações e acordos simbólicos.

As teorias sobre os significados dos símbolos permitem realizar algumas explicações sobre os resultados obtidos na pesquisa quanto às interpretações que as pessoas dos grupos pesquisados formulam sobre a figura de Eva Perón

como símbolo. Mas, dado que é preciso delinear, para uma maior compreensão, o lugar que as *representações sociais* têm na teoria dos símbolos, é preciso fazer algumas discussões tendo em conta a complexidade do tema.

Durkheim (1989, p. 45) entendia, nos seus estudos, que as categorias do pensamento humano são "... representações essencialmente coletivas, elas traduzem, antes de tudo, estados da coletividade; dependem da maneira pela qual essa é constituída e organizada, da sua morfologia, das suas instituições religiosas, morais, econômicas etc". Durkheim (1989) argumentou que há uma distancia entre representações individuais e coletivas, explicando que as representações coletivas têm um conteúdo completamente diferente das representações individuais. Na obra *Algumas formas de classificação primitiva* de Durkheim, na apresentação, explica Ortiz (1989, p.18) que as representações supõem uma lógica de conhecimento: "o conceito de representação se articula assim em dois níveis a) o que é pensado, isto é, o conteúdo; b) o modo de pensar, sua forma".

Moscovici continua a linha dos estudos durkheimianos, mas utiliza a expressão "representações sociais" de referência à psicologia social. Jovchelovitch (1999), também estudiosa da psicologia social, explica que uma teoria das representações sociais se constrói sobre uma teoria dos símbolos, cuja análise implica não centrar-se no sujeito individual, mas nos fenômenos produzidos pelas construções particulares da realidade social, entendidas como totalidade.

De acordo a Spink (1999), as representações sociais, como produtos sociais, têm sempre de ser remetidas às condições sociais que as engendraram, ou seja, ao contexto de produção e à atividade de reinterpretação contínua que emerge do processo de elaboração das representações no espaço de interação. O contexto se define não apenas pelo espaço social em que a ação se desenrola, mas também por uma perspectiva temporal. Três tempos marcam essa perspectiva temporal: o tempo curto da interação, que tem por foco a funcionalidade das representações; o tempo vivido, que abarca o processo de socialização – o *habitus*; e o tempo longo, domínio das memórias coletivas, onde estão depositados os conteúdos

culturais cumulativos de nossa sociedade, ou seja, o imaginário social (SPINK, 1999, p.121). Neste estudo, a perspectiva temporal é a atual, uma análise do imaginário atual sobre Eva Perón. Porém essas representações nos remetem ao passado, já que são construções surgidas a partir de um processo histórico de criação de uma figura que morreu, transmitidas de geração em geração. Por isso, outro conceito que se impõe é o de memória. As representações sociais sobre Eva Perón são moldadas na memória.

É na dimensão temporal que *memória* e representações sociais se encontram. Segundo Bérqson (1999), não há percepção que não esteja impregnada de lembranças, mas isso não basta para explicar o processo de reconhecimento. Haveria, nesse processo, um fenômeno de ordem motora. Dessa maneira, a *memória* permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Nessa idéia, Bérqson (1999) conecta a noção de memória aos processos psicológicos que afloram à consciência sob a forma de “imagens-lembranças”.

Sob outra perspectiva, Halbwachs, entre a década de 1920 e 1950, resgata, em seus estudos sobre “memória coletiva”, a importância dos “quadros sociais da memória” ou representações coletivas. Halbwachs, como colaborador de Durkheim, priorizou o social em suas análises e escreveu sobre memória coletiva, numa época em que a memória era compreendida como fenômeno individual. O autor fundamenta que nossa memória, por mais que pareça ser o resultado de pensamentos e experiências exclusivamente pessoais, só pode existir a partir dos quadros sociais da memória. Nossas lembranças carregam padrões adquiridos socialmente (HALWACHS, 1990).

No seu trabalho *A memória coletiva*, publicado em 1950, Halbwachs, argumentando sobre sua tese, expressa:

Se as imagens [do presente] se fundem tão intimamente com as lembranças [do passado], e se elas parecem emprestar a estas sua substancia, é que nossa memória não é uma tabula rasa (HALWACHS, 1990, p.28).

Enfatiza também que as lembranças do passado fazem parte de construções coletivas do presente, e que todas elas se relacionam com a vida material e moral das sociedades. Esse caráter interativo da memória abre o caminho para pensar a memória transmitida pelo grupo a que pertence o

indivíduo. São acontecimentos dos quais talvez nunca tivesse participado, mas que formam parte da memória, porque são vividos pelo seu grupo, acontecimentos que, segundo Pollak (1992), são “vividos por tabela”. Essa é a situação em que se encontram, hoje, muitas das pessoas argentinas, que, nascidas após o falecimento de Eva Perón, são herdeiras de uma memória transmitida geracionalmente, e compartilham significações sobre a sua figura, como membros de um grupo ou comunidade.

Santos (1998), diferentemente do proposto por Halbwachs, entende que podemos pensar em múltiplos quadros sociais de uma forma menos rígida, pensando-os em contínua transformação, a partir das tensões e conflitos inerentes à sociedade. A tese dessa autora fundamenta-se no fato de os indivíduos se relacionarem com diferentes quadros sociais da memória durante suas vidas, na medida em que vão para escolas, a lugares de trabalho, integram grupos religiosos, espaços de lazer e famílias, por meio dos quais se socializam e constituem suas identidades e memórias ao longo de suas vidas. Esses quadros estão em permanente movimento e reestruturação. Por sua vez, cada indivíduo traz consigo uma composição única de inúmeras experiências, portanto não haveria necessidade de se pensar que a antecedência de quadros sociais da memória implica a imposição de uma representação coletiva única e homogênea. Há várias representações coletivas, conflitantes e em mudança, relativas a diferentes grupos. A autora, em outra obra (1993), enfatiza que os novos estudos sobre memória vão ressaltar que não existem memórias individuais ou sociais, mas atos de lembrar e de esquecer que devem ser considerados como práticas ou ações humanas constituídas socialmente.

A memória é constituída, segundo Pollak (1992), também por pessoas, personagens e lugares. Sobre os lugares da memória, espaços de lembrança pessoal (um lugar de férias, por exemplo), ou espaços públicos e históricos (datas públicas, comemorações, monumentos, romarias), autores como Pollak (1989; 1992), Abreu (1994), Santos (1993, 1998) e Hite (2003) utilizam o termo “lugares de memória”. A noção de “lugares de memória” torna-se importante, neste estudo, dado que as comemorações observadas, entendidas como

lugares de memória, são fontes de dados para entender a articulação entre memória e representações sociais sobre Eva Perón.

As comemorações são interessantes como unidades de análise, porque exibem claramente os processos de enquadramento e de seleção da memória, que podem ser feitos por instituições e organizações políticas, sindicais, religiosas, quer dizer todas aquelas que levam os grupos a consolidarem o social. Além do trabalho de enquadramento da memória, há também um trabalho da própria memória *em si*, de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade da organização (POLLAK, 1989). Portanto, existem, na memória individual e na coletiva, princípios de seletividade que variam de grupo para grupo, de lugar para lugar, ou variam com o tempo – silêncios, lacunas –, como também um processo de “negociação”, para conciliar memória coletiva e memórias individuais (POLLAK, 1989). Para esse autor, o que a memória individual grava, recalca, exclui ou relembra é o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. Todos os elementos aqui enunciados mostram a memória como um fenômeno construído socialmente.

### **1.3 Processo metodológico da pesquisa.**

O processo de capturar as representações sociais presentes na memória argentina, através de elementos materiais ou simbólicos que circulam em torno da figura de Eva Perón, requer uma metodologia de análise que permita entender o processo histórico dessas construções. A análise interpretativa dos dados obtidos na pesquisa é o caminho metodológico norteador deste estudo.

É assim que, para a consecução dos objetivos traçados neste trabalho, utilizo os seguintes instrumentos metodológicos:

a) Levantamento e análise de diversas fontes existentes: literatura e materiais gravados em vídeo, referentes à Eva Perón; documentos, atas e discursos de Eva Perón; jornais, fotografias, revistas atuais e da época, textos gravados nas placas de bronze inseridas no seu túmulo; bilhetes atuais escritos para ela e deixados no mausoléu. Esses materiais me permitem acessar as diferentes imagens e significações sobre Eva Perón

b) Observações participantes de eventos comemorativos do 51º aniversário do falecimento de Eva Perón, realizados em Buenos Aires entre os dias 25 e 26 de julho de 2003. Os eventos observados foram:

§ Passeata com tochas e piquete, em comemoração ao aniversário da morte de Eva Perón, realizado pelo grupo piqueteiro, em conjunto com a Federação de Terras e Vivendas (FTV) da Capital Federal, iniciada no dia 25 de julho e concluída a 1 hora do dia 26 de julho.

§ Ato de aniversário, realizado por agrupações peronistas no cemitério da Recoleta, lugar onde se encontra o túmulo de Eva Perón, no dia 26 de julho de 2003, das 10 às 18 horas.

§ Passeata com tochas e ato comemorativo, promovidos pela Fundação Evita, realizados entre as 19 e as 21 horas do dia 26 de julho de 2003.

c) Registro de depoimentos e opiniões de pessoas que participaram nos eventos comemorativos observados.<sup>10</sup>

d) Entrevistas abertas e em profundidade, realizadas com mulheres e homens pertencentes aos grupos observados e a outros escolhidos intencionalmente por indicação de pessoas, em encontros posteriores às comemorações. Em todas elas, foram procuradas pessoas que tinham uma “trajetória política”, ou seja, um itinerário, no sentido proposto por Kofes (2001), como um caminho, percurso, processo de configuração de uma experiência social singular, no campo político, não especificamente o partidário político formal, senão naquele onde se estabelece a luta pelo poder (instituições, centros, movimentos sociais, de estudantes, entre outros). Essas pessoas proporcionaram informações sobre suas percepções em relação à figura de Eva Perón.

---

<sup>10</sup> Neste estudo, faz-se a diferença entre os termos *depoimento* e *entrevista*, para significar duas diferentes formas adotadas para indagar as pessoas. O depoimento é uma forma de identificar opiniões e percepções expressas em conversações livres, neste caso, sobretudo as que ocorreram durante as comemorações. Entrevista refere-se a uma coleta de dados realizada por meio de um instrumento, a partir de um roteiro traçado.

O contato com os peronistas e as peronistas deu-se durante as comemorações e em entrevistas individuais; algumas delas foram realizadas nas “unidades básicas”.<sup>11</sup> Essas entrevistas propiciaram-me um panorama acerca das diferentes visões atuais sobre Eva. Para isso, escolhi dois grupos: um correspondente aos piqueteiros do bairro “La Boca”, e o outro de mulheres e homens peronistas que participaram dos eventos comemorativos. Dentre as pessoas entrevistadas por indicação, um número significativo era constituído de mulheres idosas, escolhidas por seus companheiros e companheiras do partido, que as consideravam portadoras de um maior “conhecimento” sobre a vida de Eva Perón, por serem suas contemporâneas. Os outros grupos de militantes peronistas foram escolhidos intencionalmente, uma vez que se encontravam- em campanha política.

Os dados proporcionados por pessoas das varias linhas peronistas atuais permitiram-me entender a relação entre diferentes concepções dentro do peronismo e seus vínculos com a figura de Eva Perón. Outro critério considerado neste trabalho foi a organização das pessoas entrevistadas por geração e classe social.

Para complementar este estudo, realizei outras entrevistas com pessoas que podiam me oferecer elementos sobre os outros momentos históricos da Argentina: ex-membros da juventude Peronista, as primeiras deputadas, os membros dirigentes do Museu Eva Perón, familiares de Juan Domingo Perón e também pessoas que podiam fornecer outras opiniões não peronistas: membros do partido radical e do partido comunista.

No total, foram realizadas 31 entrevistas em profundidade e coletados 16 depoimentos. Quadros demonstrativos da distribuição por idade, gênero e por orientação partidária encontram-se nos anexos.

---

<sup>11</sup> Denominam-se Unidades Básicas os espaços de reunião dos grupos peronistas, instalados, geralmente, nos bairros das cidades.



### 1.3.1 Os atores sociais<sup>12</sup>

Para a apresentação dos atores sociais – peronistas e piqueteiros –, é necessário fazer um percurso retrospectivo no tempo, voltar ao contexto histórico e cultural que deu sentido ao surgimento dessas identidades coletivas. Nesse sentido, há um particular interesse em analisar a forma como a representação cultural delimita identidades coletivas, através de imagens, ritos e múltiplos dispositivos simbólicos que não só enunciam diferenças ou desigualdades, senão que também as confirmam, na medida em que induzem práticas sociais.

#### ***Os piqueteiros e as piqueteiras***

O grupo piqueteiro apresentado nesta pesquisa corresponde ao agrupamento denominado *Comedor Los Pibes*<sup>13</sup>, do Bairro *La Boca*, filiado à *Federação de Terras e Vivendas (FTV) Capital*. Está instalado no setor mais pobre do bairro *La Boca* da Capital Federal, na rua *Lamadrid*, 1000. Foi constituído em 25 de maio de 1996, e tem 8 anos de existência no bairro.

A *FTV Capital* está constituída também por piqueteiros das organizações localizadas nos bairros *Boedo*, *Soldati*, *Barracas*, *Mataderos* e *Flores Sur*. O seu representante, em âmbito nacional, é o professor Luis D'Elia, atual deputado pela "Frente para a Mudança"; e o representante da Capital Federal é o dirigente popular Angel (Lito) Borelo, que, além disso, coordena o *Comedor Los Pibes de La Boca*. A *FTV* é filiada à Confederação de Trabalhadores Argentinos (CTA).

O *Comedor Los Pibes* é conhecido como "comedor popular". Os comedores<sup>14</sup> populares, na Argentina, são lugares de distribuição de comida já preparada para pessoas consideradas de maior vulnerabilidade social: adultos desempregados, crianças, mulheres ou velhos pertencentes a famílias desempregadas, com o objetivo de cobrir as necessidades básicas de

---

<sup>12</sup> Nomes, idades e procedência grupal dos atores serão explicitados no corpo da dissertação. O perfil dos entrevistados e das entrevistadas será apresentado em anexo.

<sup>14</sup> Mantém-se, mesmo no texto em português, a denominação "comedor", na acepção de restaurante popular, embora ela seja estranha à língua portuguesa, nesse sentido.

alimentação desses grupos. Geralmente se encontram localizados em unidades de base: bairros, escolas, igrejas, entre outros. Atualmente, os comedores se sustentam com apoio governamental, mediante os *Planos Traballar* ou através de aportes de ONGs. Cabe informar que os *Planos Traballar* integram um programa nacional (iniciado em 1996) que prevê a distribuição de uma quantia de dinheiro mensal de \$150,00 argentinos para pessoas desempregadas, em troca da realização de tarefas estipuladas pelas Prefeituras por 4 horas diárias.

Alguns desses comedores populares têm-se convertido, nesses últimos anos, também em centros de discussão e de participação política. A maioria deles, sobretudo os comedores nascidos a partir da crise econômica argentina da década de 1990, tem surgido como iniciativa dos próprios vizinhos e das suas lideranças comunitárias. As mulheres têm uma importante presença nesses lugares, pois elas geralmente preparam as comidas que serão distribuídas às famílias, para que as consumam nos seus lares (modelo atual desses comedores), ou distribuem a comida no mesmo espaço do comedor, em grandes mesas, para ser consumida nesse espaço (modelo velho, questionado, porque gerava a desintegração familiar). Os comedores populares piqueteiros tomam a forma atual de distribuição de comida, com o objetivo, dentre outros, de fomentar a organização e participação da força popular. Como estratégia de resolução dos problemas sociais, os comedores populares na Argentina, durante décadas, estão presentes nos espaços populares e têm aumentado a partir da década de 90, em consonância com os maiores índices de pobreza

O grupo piqueteiro apresentado nesta pesquisa convoca os vizinhos desempregados a participarem do grupo, a aderir aos *Planos Traballar* e a agruparem-se em torno dos micro-empresendimentos propiciados pela agremiação, embora esses vizinhos, para fazer jus à remuneração do *Plano Traballar*, devam cumprir a contrapartida estipulada pelo programa nas atividades propiciadas pelo centro piqueteiro: tarefas de ação social para o bairro, preparação de comidas, distribuição e manutenção das instalações, compra de alimentos, limpeza, etc., além de exercer coordenações das comissões e do grupo piqueteiro, participar das assembléias onde se decidem

as ações e a dinâmica dos piquetes a serem realizados e participar dos piquetes.

Ingressam no grupo na qualidade de *critério* (convidados por outro piqueteiro), e, à medida que vão assumindo responsabilidades dentro da organização, convertem-se em *cabeças de família*. Os grupos familiares contribuem para a organização piqueteira com uma quantia equivalente a dois ou três reais para a manutenção da organização (depoimentos de Marta, 35 anos e Alicia 41 anos, piqueteiras).

Explicam os dirigentes do grupo que a origem da agrupação piqueteira *Comedor Los Pibes* remonta à luta de um grupo de militantes na “ocupação em 1994 das bodegas Giol” do bairro portenho de Palermo (fábrica embaladora de vinhos trazidos de Mendoza), abandonadas pelos donos em 1989. A repressão policial aos “ocupantes” partiu do governo de Menem, provocou o deslocamento do grupo para o bairro La Boca, onde se instalaram e criaram o comedor que hoje sustentam.

Atualmente, esse grupo piqueteiro é constituído por aproximadamente 130 famílias e tem um plano de construção e reparação de uma quantidade de moradias populares no bairro, através de uma experiência cooperativa, posta em prática com uma padaria comunitária. As lideranças piqueteiras desse grupo declaram-se independentes politicamente, porém relatam que provêm, em sua maioria, do peronismo, e que se encontram afastadas atualmente da estrutura formal do partido. As ligações do grupo piqueteiro com o atual governo nacional permitem supor uma aproximação política com o atual presidente, como vemos na pág. 110.

As instalações do comedor, reparadas e ambientadas para as atividades, mostram a precariedade das condições de subsistência do grupo. Os membros das famílias piqueteiras, em sua maioria, pelas suas trajetórias de vida, não superaram o nível primário de educação e, pela sua condição de desempregados, não contam com planos de saúde. São os argentinos e as argentinas mais pobres da Argentina. Portam, na sua bandeira, a imagem de Eva Perón e identificam-se, como veremos nos capítulos IV e V, com as idéias de Eva Perón durante um período de sua vida política.

Com referencia ao movimento piqueteiro e suas particularidades, os autores Svampa e Pereyra (2003 p. 17) entendem-no como “movimento de movimentos”, reconhecendo, na sua origem, duas vertentes: uma relacionada com as experiências de piquetes e manifestações no interior do país, vinculada ao colapso das economias regionais e à privatização acelerada das empresas do Estado, realizada nos anos 90, durante o governo de Carlos Saul Menem<sup>15</sup>, e outra que se refere à ação territorial e organizativa, gerada no cone-urbano bonaerense, ligada às lentas e profundas transformações do mundo popular, produto de um processo de des-industrialização e empobrecimento crescente da sociedade argentina, que se iniciou na década de 70.

A primeira vertente relaciona-se com os primeiros bloqueios de estradas, “piquetes” realizados pelos trabalhadores petroleiros da *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* (YPF), diante das demissões massivas produzidas pela privatização da empresa estatal, nas cidades da Patagônia argentina: Cutral Có e Plaza Huincul (província de Neuquén), em 1996. E posteriormente com os bloqueios de estradas realizados no norte, em Mosconi e Tartagal, cidades cuja vida estava estruturada em torno da YPF, a maior empresa produtiva do Estado. Esses bloqueios foram se estendendo, no final de 1997, ao longo do país, sobretudo no interior. Em Salta, o sindicalista “Perro” Santillán, representante dos empregados municipais, desde 1990 encabeça as lutas dos trabalhadores desempregados no norte do país e incorpora o piquete como metodologia de sua luta. Os primeiros cortes tiveram um caráter setorial, e a repressão levada a cabo pelas forças de segurança desencadeou levantamentos populares nas zonas implicadas pelas dispensas em massa.

A outra vertente do movimento mostra também, no ano 1997, atores sociais coletivos, cuja ação está ligada ao trabalho social no espaço do bairro, sobretudo, à cobertura de necessidades básicas insatisfeitas e à manifestação do protesto. O espaço do bairro converte-se no centro das demandas de reivindicações, sobretudo porque é ali para onde confluem as diferentes

---

<sup>15</sup> Durante o governo de Carlos Saul, o desemprego e o subemprego alcançaram limites alarmantes, desconhecidos até então, dando lugar a um grande grupo de “trabalhadores sem registro” e ao surgimento dos “novos pobres” (sobretudo aqueles que, pertencendo às classes médias, ao perderem o trabalho, não têm condições de sustentar seus gastos diários, embora sejam proprietários de imóveis ou automóveis). Privatizaram-se empresas, como *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* (YPF), SEGBS, *Obras Sanitarias da Nação* (OSN), *Aerolíneas Argentinas*, *Ferrocarriles Argentinos*, *Telefónica de Argentina*.

organizações de base (associações civis, cooperativas, comunidades de igreja, entre outros) que absorvem essas demandas e promovem pressões contra o Estado. Dentro dessa linha, poderíamos situar o grupo piqueteiro *Comedor Los Pibes*.

O piquete, como mecanismo de protesto, é antigo e tem sido utilizado em diferentes tipos de manifestações populares, mas adquire distinção a partir da sua utilização sistemática como ferramenta de luta dos grupos que têm sofrido o processo de acelerado empobrecimento e exclusão nos últimos anos.

O uso sistemático do piquete como instrumento de luta tem proporcionado ao grupo de trabalhadores desempregados uma identidade político-social. Portanto, como forma de protesto, os piquetes têm cumprido funções importantes, uma delas a de propiciar maior visibilidade pública à situação de milhares de pessoas argentinas desempregadas, que se encontram em estado de extrema pobreza. Outra função é a de mobilização de pessoas e a rearticulação dos grupos, numa teia de relações sociais solidárias e políticas que opera nas comunidades de base (bairro). E uma terceira função é vinculada aos processos articulatórios com entidades de “trabalhadores empregados”, a qual revela, ante a opinião pública, a emergência desses grupos à condição de “trabalhadores desempregados”.

A demanda dos primeiros piqueteiros de criação de postos de trabalho genuíno recebeu uma variedade de respostas por parte dos governos com os quais negociavam, desde a criação de planos sociais, *Planos Trabajar*, com contraprestação de trabalho, até a repressão. Os *Planos Trabajar*, como “medida de contenção”, posta em prática em 1996, pelo governo de Carlos Saul Menem, converteu-se, através dos anos, em moeda de negociação e pressão entre os distintos governos, tanto de Menem como de seus sucessores, e os piqueteiros.

Atualmente, o movimento piqueteiro, diante de uma realidade diferente, instalado nos bairros e nas organizações comunitárias construídas por eles, está constituído por famílias desempregadas e subempregadas, e se encontra dividido em varias correntes: a “Corrente Classista e Combativa” (CCC), constituída pelo Movimento de Trabalhadores Desocupados (MTD), pelo

Movimento "Teresa Rodríguez" e pelo Movimento Territorial Liberação, que aderiram à CTA; a corrente piqueteira associada à FTV, liderada por Luis D'Elia, ligada à CTA e, por último, o "bloco piqueteiro nacional", corrente vinculada aos partidos da "extrema" esquerda argentina.<sup>16</sup> A divisão de linhas evidencia-se nas diferentes maneiras como esses grupos negociam com o Governo.

O movimento é composto por aproximadamente 140.000 pessoas, organizadas em grupos comunitários espalhados pelo país. Durante a pesquisa, foi informado que está sendo construído um novo "movimento de territorialidade", com novas noções sobre democracia, trabalho e participação (Lito Borelo, 44 anos, líder piqueteiro). Na atualidade, alguns grupos piqueteiros demandam maior ampliação e distribuição dos planos Trabalhar e de emprego, somando-se às demandas dos sindicatos e dos empregados que lutam por aumento de salários. Da mesma forma, os grupos têm se aproximado dos operários das fábricas recuperadas e procuram gerar alternativas de produção a partir da administração dos subsídios: são empreendimentos comunitários orientados para a produção (padarias, fábricas de tijolos, cooperativas de moradia, hortas, comedores populares, entre outros) (KOVACIC, 2003; RAUBER, 2003).

Outra realidade dos grupos piqueteiros é que estão constituídos majoritariamente por mulheres chefes de família (Clarim, 26/12/2002). Estudos destacam que essas mulheres, na sua maioria, encontram-se desempregadas, e, como se verá no capítulo IV, aproximam-se do movimento piqueteiro em busca de ajuda ante a situação de desemprego de seus companheiros.

### **Os peronistas e as peronistas**

O contato com os peronistas e as peronistas, como vimos nas páginas anteriores, deu-se durante as comemorações e, posteriormente, em entrevistas

---

<sup>16</sup> O "bloco piqueteiro nacional" está constituído pelos grupos *Polo Obrero* (PO) e *Frente Único de Trabajadores Desempregados* (FUTRADE), *Movimiento Territorial de Liberación do Partido Comunista*; *Agrupación Tendência Classista 29 de maio*; *Movimiento sem Trabajo Teresa Vive*, *Movimiento Independiente de Aposentados e Pensionistas* (MIJP); *Movimiento Teresa Rodriguez* (MTR) e *Coordinadora Aníbal Verón*. Os partidos aos quais se vinculam são o *Partido Obrero*, o *Movimiento Socialista dos Trabajadores* (MST) e o PTS.

individuais pautadas nos seus atos. Algumas dessas entrevistas foram realizadas nas “unidades básicas” e outras nos lugares de trabalho, ou em moradias. As mulheres demonstraram, em geral, interesse diante do objeto da pesquisa. Todas as pessoas consultadas declararam-se peronistas e pertencentes a diferentes agrupamentos dentro do partido.

Um dos grupos entrevistado é claramente identificado como o grupo de mulheres peronistas “8 de outubro”, que constitui a equipe técnica da *União Argentina Trabajadores Rurais e Estivadores* (UATRE). Adota o nome 8 de outubro como referência à data de nascimento de Juan D. Perón. A UATRE é um sindicato de trabalhadores e trabalhadoras rurais. Esse agrupamento, que se desprende do âmbito do trabalho, explica que tem incorporado o enfoque de gênero nas tarefas do sindicato, e, com essa linha de trabalho, tem constituído uma rede de mulheres rurais para tratar de questões ligadas à educação, participação e saúde da mulher. No programa de alfabetização, o “emblema” utilizado é Eva Perón. Nas entrevistas, descobri que, apesar de gozar de uma posição de classe média trabalhadora, a maioria dessas mulheres provém das chamadas “camadas populares”.

O outro grupo peronista pertence à *Unidade Básica “Chubut para Todos”*, e seus membros são candidatos e candidatas propostos para a eleição de autoridades provinciais e municipais que se realizaria em 9 de novembro. O grupo está localizado na cidade de Comodoro Rivadavia. Em outubro de 2003, aproximei-me do grupo através de uma entrevista realizada com uma das mulheres de maior prestígio dentro da unidade. Esse grupo recebia o apoio do presidente Kirchner, e, no encerramento realizado no dia 3 de novembro, a Senadora Cristina Fernandez de Kirchner, atual primeira dama do país, deu seu apoio formal aos candidatos locais. Depois de 12 anos, esse grupo político ganhou o governo da província e do município, que estava em mãos dos radicais.

As origens do partido peronista, na República Argentina, remontam à década de 1940, podendo-se partir para a análise os acontecimentos de 1943, com o surgimento, na cena, da liderança de Juan Domingo Perón<sup>17</sup> como

---

<sup>17</sup> Juan Domingo Perón nasceu em Lobos, província de Buenos Aires, em 8 de outubro de 1895. Em 1911, ingressou no Colégio Militar. Em 1930, participou do golpe de estado na

membro forte do governo militar, liderado por Pedro Pablo Ramirez. Perón estabeleceu, a partir de sua nomeação como Secretario de Trabajo uma relação com as camadas trabalhadoras, até se converter no líder do movimento político que tomaria seu nome.

17 de outubro de 1945 é uma data-chave para o peronismo, já que é o momento em que os trabalhadores tornam visível a liderança de Juan Domingo Perón, uma aliança considerada por alguns autores como as bases que instaurarão as relações populistas.

O peronismo constituiu-se como partido político em 1947, um ano após a assunção de Perón como presidente eleito democraticamente. Até então, chamava-se “movimento peronista”. A partir de sua consolidação como partido, começou a se denominar “partido justicialista”.

Perón foi eleito presidente da Republica Argentina representando o partido peronista em três períodos eleitorais, de 1946 a 1952 – o primeiro de 1952 a 1955 e o segundo de 1973 a 1974. Em 1º de julho de 1974, morreu Juan Domingo Perón.

Com a queda de Perón, em 1955, o peronismo sofreu proscricção durante 18 anos, entre 1955 a 1973. A proscricção foi decretada pelo governo de Eugenio Aramburu e foi concretizada via intervenção na CGT, proibição de todo tipo de proselitismo peronista, qualquer menção ou referencia a Perón, que era designado como “o tirano”. Também estava proibida a difusão de suas idéias e símbolos do movimento. Em 27 de abril de 1956, foi anulada a Constituição de 1949 e restabeleceu-se a vigência da Constituição de 1853

---

condição de Capitão do Exército Argentino. Em 1936, tornou-se Agregado Militar do governo argentino no Chile. Durante a década de 1930, ensinou Historia Militar na Escuela Superior de Guerra, tendo publicado, nesse período, os textos “El frente militar oriental en la Guerra Mundial de 1914” (1931) “Apuntes de Historia Militar” (1932) “La idea estratégica y la idea operativa de San Martín en la Campaña de los Andes” (1938). Entre fevereiro 1939 e janeiro de 1941, foi enviado à Itália em missão oficial, num programa de aperfeiçoamento militar, quando realizou viagens curtas a Alemanha, França e Espanha (CORTIZO, 1994; PLA, 1985). Sua experiência na Europa, em plena guerra mundial e em um período em que o fascismo estava no auge, teve um forte impacto nele. Ao regressar à Argentina, foi promovido a coronel e se incorporou ao centro de inspeção de montanha de Mendoza na qualidade de oficial de Estado Maior. Em 1938, ficou viúvo de Aurelia Tizón, falecida devido a um câncer de útero. Não teve filhos dessa união. Em 1942, voltou a Buenos Aires e atuou na inspeção de tropas de Montanha. Entre os militares, a reputação de Perón como intelectual provinha de sua dedicação ao estudo e dos seus conhecimentos sobre estratégia militar (NAVARRO, 1997).



(RECALDE, 2003). Apesar dessa situação, o peronismo constituiu-se como o principal movimento opositor, com seu líder exilado na Espanha.

No retorno definitivo de Perón em 1973, havia um peronismo com mortes e enfrentamentos entre as diferentes linhas que o compunham. No dia do retorno, nas proximidades do aeroporto de Ezeiza, aparece um peronismo com divisões e choques internos fortes, especialmente entre as linhas radicalizadas do peronismo: a esquerda (os setores juvenis, constituídos pela Juventude Peronista, agrupações peronistas armadas e o grupo *montoneros*<sup>18</sup>) e a direita peronista (sindicalismo e maior parte do aparato político), que tomam diferentes formas para controlar os lugares de poder: atos partidários e ocupação dos cargos mais destacados. Os conflitos entre os grupos se manifestaram por meio de enfrentamentos armados, atos de terrorismo e até assassinatos (RECALDE, 2003, BASCHETTI, 1997).

O último mandato de Perón como presidente durou poucos meses. Sua morte, em 1 de julho de 1974, levava Maria Estela Martinez de Perón à presidência, a primeira mulher argentina a ocupar esse cargo. Produz-se, durante esse governo, um agravamento da crise política, a ocupação dos cargos pelos partidários de Isabel Martinez, identificados como claramente de direita, o ressurgir dos grupos armados e a forças da “*Triple A*” (Aliança Anticomunista Argentina), lideradas pelo Ministro de Bem Estar, Lopez Rega, homem-chave do governo desde o retorno de Perón (RECALDE, 2003).

A derrocada de Isabel Martinez de Perón e a posterior ditadura (1976-1983) colocam a Argentina no pior momento da sua história. (Ver pág. 55 e 56)

A partir da instalação da democracia no ano 1983, o partido justicialista ganhou a presidência em 1989, com a postulação de Carlos Menem (1989 a 1999). Em 2002, sobreveio a crise. A partir de dezembro 2001, em menos de um mês, três presidentes peronistas sucedem ao renunciante, Antonio De La Rúa (partido radical): Ramón Puertas (21/12/2001 a 23/12/2001), Adolfo Rodríguez Saá (23/12/2001 a 01/01/2002), Eduardo Camaño (01/01/2002 a 02/01/2002). Eduardo Duhalde (02/01/2002 a 15/5/2003), também peronista,

---

<sup>18</sup> Os Montoneros constituíam parte de grupos armados peronistas e se torna visível em 1970 sob o lema “Perón Vuelve” (ver pág. 64 e 65).

assume como presidente provisional durante 1 ano, e, em 2003, Nestor Kichner assume (25/5/2003).

#### **1. 4 Ressonâncias do trabalho de campo.**

Uma das primeiras questões que surgiram no trabalho de campo foi constituída pelas vivencias, em função do meu retorno, depois de quatro anos fora do país. Vivenciei uma sensação de “estranheza”, por estar fisicamente ausente, e constatei a necessidade de retrabalhar minha pessoa em relação às notáveis mudanças que aconteceram nos últimos quatro anos no campo político argentino. O encontro com um movimento piqueteiro estruturado e reivindicando e com a figura de Eva Perón foram os primeiros dados que a realidade me mostrava como desafiadores, e que me incitavam a iniciar um caminho não programado até então. O trabalho de campo exigiu-me participar de um piquete e, novamente, os “anos fora” pesaram. Os típicos medos do desconhecido e a possibilidade de que “algo acontecesse” estavam em jogo. Mas a realidade também me mostrou o impacto de compartilhar um momento de encontro popular, e me fizeram retornar a velhos prazeres de mobilizações, experimentados em 1997 e 1998 (no governo de Menem) contra a privatização da educação pública. Como também me despertaram – acredito, por minha orientação de gênero e minhas origens de classe – um respeito e uma sensibilidade especial frente àquelas mulheres piqueteiras, que se apresentavam falando e lendo com dificuldades, mas com muita garra à frente do microfone. Permanentemente me vi auto-interpelada a analisar meu lugar como mulher pesquisadora, dentro das paixões que circulavam, sabendo que sempre atuamos e pensamos de “um lugar” atravessado por questões de gênero, classe, geração e raça ou etnia e outros.

Meu encontro com os informantes foi de grande prazer, dada a disposição de “entrarem no tema de minha pesquisa”.

Outro fato interessante, com respeito a meu retorno, foi meu reencontro, no trabalho de campo, com as personagens típicas queridas e, às vezes, não tão queridas, que constituem parte da cultura argentina. Maria, a mulher que comandava as rezas dedicadas a Eva e hegemonizava a cerimônia no

cemitério, mas que, em determinados momentos, emitia louvores a favor de Seinildin (ex-militar, *cara-pintada*, que, no governo de Alfonsim, conduziu levantamentos militares). Omar, o líder comunitário, representante único de seu bairro. Alberto, o historiador de tangos, típico homem de tango. Maria Eva, mulher menemista e, hoje, ante um novo governo, excluída dos lugares de poder político, ela que ocupou importantes cargos durante o governo de Menem, e cuja aproximação comigo (permaneceu comigo e saímos juntas do cemitério) tinha um viés político, pois, de fato, a partir de sua orientação, eu troquei as passeatas e terminei indo com ela à da Fundação Evita, passeata estruturada por um grupo de peronistas dentro de uma linha partidária mais conservadora. Maria Eva discutia com veemência com os outros peronistas, defendendo Menem, até discutiu com o taxista que nos transportava à passeata.

Também outros atores apareceram no trabalho de campo, cujas vidas denunciam os acontecimentos sociopolíticos argentinos recentes: mães de filhos desaparecidos, mendigos que pediam esmola frente ao tumulo de Eva, os catadores de “papelão”, o novo rosto da pobreza argentina.

Um elemento que surgiu e que me mobilizou internamente foi o assassinato de um dos meus informantes-chave, Martim Cisneros, em 26 de junho de 2004, e todos os enredos políticos gerados pela morte de “El Oso” (apelido de Martim). Assisti, pois, ao enterro de um de meus informantes, vi seus colegas, piqueteiros e piqueteiras, nos jornais e na TV, chorando durante o velório e nas passeatas, solicitando o esclarecimento de seu assassinato. E vi, atrás do seu caixão, a bandeira com o rosto de Eva Perón. Isso gerava mais confusões e sentimentos na minha pesquisa.

Por último, resgato, como significativo da crise argentina, o convite feito por um senhor de aproximadamente 80 anos, no cemitério, para que eu retornasse a viver no país: “Necessitamos pessoas jovens para reconstruir este país”. Essa afirmação me abriu muitas interrogações do ponto de vista político e do ponto de vista das concepções acerca do lugar das gerações...

Para fechar este item, quero destacar este trabalho de pesquisa como um espaço de troca, em todos os sentidos, desde os aspectos mais

profissionais, até os pessoais, pois entendo que, na troca, todos crescemos, a partir dos erros e dos acertos. De minha parte, o esforço para entender o que sentiam meus entrevistados, minhas entrevistadas e as pessoas observadas, ante a figura de “Evita”, tentando me livrar de preconceitos e julgamentos sobre Eva Perón e o peronismo, colocou-me num lugar privilegiado de escuta.

## 2. CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO E POLITICO

Um estudo que vise à análise das atuais representações sociais sobre Eva Perón, cuja vida transcorreu há 51 anos atrás, requer um percurso retrospectivo no tempo, para voltar a um contexto que deu sentido a essas representações, e também retornar a um contexto atual que as reatualiza e ressignifica. Tendo isso em conta, o que estrutura este capítulo é o percurso histórico e contextual dos acontecimentos sociopolíticos argentinos, distintos em dois tempos: o passado e o presente.

Para iniciar este capítulo, parte-se do que se entende como as maiores metáforas da história argentina: a confrontação entre a Argentina rural e a urbana, entre o interior e o porto, entre a América e a Europa, entre a barbárie e a civilização.

O sentido do enunciado “civilização ou barbárie”, amplamente difundido como construção histórica, apresenta a contradição entre os membros da sociedade argentina: uns considerados como seres civilizados e humanos, contrapostos a outros, esses tidos como “primitivos”. Uma importante expressão desse enunciado foi o livro *Facundo*, escrito em 1845 por Domingo Faustino Sarmiento<sup>19</sup>, um clássico que circulava em todas as escolas. O título se refere a Facundo Quiroga, um poderoso caudilho do interior argentino. O subtítulo da obra “civilização e barbárie”, era uma referência a um conceito de civilização associado à tradição intelectual liberal européia, que o autor representava. Já “barbárie” era um atributo, um modo de vida de todo um povo representado pelo caudilho: a barbárie indígena confrontada com a civilização européia. “Barbárie”, nessa obra, significa falta de inteligência, de ciência, de razão, em confronto com civilização, atributo da arte, da educação, da elegância das maneiras. E é considerada ignorante, supersticiosa, instintiva, dominada pela violência, pelo terror e pela força bruta. Envoltura num “poncho”<sup>10</sup>, é a antítese do terno europeu. Essa metáfora da Argentina nascente atravessa

---

<sup>19</sup> Domingo Faustino Sarmiento, maestro, estadista, prócer, fundador do modelo de educação argentina. Presidente da República Argentina 1868-1874

<sup>10</sup> O “poncho” é uma vestimenta tradicional, que substituía o terno e era utilizado pelo “gaucho argentino”. Sua forma é quadrada com um furo no meio, por onde se coloca a cabeça.

a historia argentina e suas interpretações, e é a que aparece reiteradamente neste trabalho a partir da sua conexão com a figura de Eva Perón.

## 2. 1 As lutas pelo poder político –1930-1945.

Segundo Plá (1985), o ano de 1930 é um ano importante no processo histórico argentino, pois marca o início de uma série de mudanças e rupturas que propiciaram uma nova visão do ser nacional. Distintos elementos se combinam para justificar tal corte. Em primeiro lugar, a crise de 1929 mostra a necessidade de se reajustar o funcionamento do Estado Argentino a uma nova realidade. Ante a crise mundial, a Argentina ficou isolada de seus mercados de importação, o que a obrigou a criar medidas de expansão do setor industrial, para manufaturar substitutos dos produtos importados. Em um período muito curto, a Argentina sofreu um acelerado processo de urbanização e industrialização.<sup>20</sup>

Entre outros efeitos, esse processo provocou a aparição de uma nova massa operária, proveniente das províncias do interior da Argentina, que se aglomerava em cortiços, inquilinatos ou em moradias precárias, recebendo salários baixos, em condições de trabalho insalubres. Essas camadas sociais, nascidas desse processo migratório, foram chamadas como “os cabecitas negras”<sup>21</sup> (NAVARRO, 1997; MAFUD, 1986; TAYLOR, 1981). Seus valores, sua tradição política e até sua linguagem eram diferentes do portenho, que apresentava um perfil identificado com o mundo europeu.

Em segundo lugar, a crise política do país recrudescceu com o golpe de Estado de 9 de setembro de 1930, promovido pelo exército, que derrubou o governo Yrigoyenista<sup>22</sup> e deu início a uma nova ascensão ao poder da

---

<sup>20</sup> Em 1939, 62,2% dos estabelecimentos fabris e manufatureiros estavam instalados em Buenos Aires, ocupando 71% do total dos operários e empregados, 64% da força motriz utilizada e com um coeficiente de 73,9% do total da produção (GERMANI, 1987).

<sup>21</sup> A expressão *cabecita negra* surgiu de um processo de estigmatização, fundamentado no processo histórico-social de discriminação étnica dos argentinos autóctones.

<sup>22</sup> Hipólito Yrigoyen foi o fundador do partido Radical, o qual nasceu como um movimento de massas, cuja base era constituída pela classe média, que, entre suas fileiras, contava com pequenos agricultores, agricultores proprietários, donos de negócios e trabalhadores de colarinho branco e recebia também, o apoio limitado do movimento operário (MAFUD, 1986). Para Plá (1985, p.143) “... o radicalismo constitui uma espécie de liberalismo patriótico. Sua mística sustenta que o radicalismo é, para todo o povo, que é a nação mesma”. Hipólito

oligarquia argentina, a qual dirigirá o país durante os 13 anos posteriores, utilizando como estratégia a “fraude eleitoral”. Será a chamada *década infame*<sup>23</sup>, uma época da restauração da ordem conservadora que já tinha dominado a cena argentina de 1880 a 1916. Para alguns autores (PLÁ, 1985; MAFUD, 1986), a *década infame* chegaria até 4 de junho 1943, ano em que eclodiu um novo golpe de Estado, promovido novamente pelo exército, dessa vez sob o comando do General Ramirez, do qual Perón participou como membro ativo do GOU (Grupo Oficiais Unidos), uma linha de oficiais que promoveu o Golpe. O exército começara a intervir para decidir o curso político do país, constituindo-se em um novo setor de poder.

Em terceiro lugar, na década de 1930, nas massas operárias, começa uma etapa de transformações: os operários imigrantes estrangeiros são paulatinamente substituídos por um proletariado nativo, produto das migrações internas. Essa mudança trouxe implicações estruturais e também nas ideologias em jogo. Os trabalhadores do fim do século XIX, sobretudo os estrangeiros e os dirigentes sindicais, seguiam linhas de pensamento vinculadas ao anarquismo, ao socialismo e ao comunismo. Embora não fossem quantitativamente importantes, esses trabalhadores caracterizavam-se por uma alta combatividade, que se expressava mediante importantes greves<sup>24</sup> (PLÁ 1985). Os novos operários traziam elementos ligados ao nacional.

Por outro lado, na classe média, operava-se uma mudança essencial: já não era possível aos seus integrantes alimentarem a perspectiva de se

---

Yrigoyen assumiu a presidência do país em duas oportunidades, de 1916 a 1922 e de 1928 a 1930, interrompido pelo Golpe de Estado. No período intermediário, Leandro Alvear, pertencente também ao partido radical, foi eleito presidente.

<sup>23</sup> A denominação *Década Infame* surgiu a partir das críticas do jornalista José Luis Torres, e é amplamente aceita pelos historiadores. Ela caracterizou-se por re-implantar o Estado de exceção e eleições presidenciais sob o signo da proscricção do Partido Radical e da “fraude patriótica”, figura que proclamava a necessidade da fraude para salvaguardar os interesses da pátria. Em geral, os governos inseridos nesse período – J.F. Uriburu (1930-1932), Justo (1932-1938), R. Ortiz (1938-1942), R. Castillo (1942-1943) – exploraram ao limite a capacidade produtiva das instalações existentes, sem realizar investimentos, e mostravam escasso interesse para a ampliação e diversificação do mercado de consumo interno. Mas o maior questionamento recebido foi quanto à entrega do comércio de carnes aos ingleses, o que favoreceu principalmente os grandes fazendeiros (PLA, 1985; CORTIZO, 1994).

<sup>24</sup> Greves que foram violentamente reprimidas, tanto pelo governo de H. Yrigoyen como pelos governos da década infame. Entre as greves de “La semana trágica”, em janeiro de 1919, em Buenos Aires e na “Patagonia rebelde”, na cidade Santa Cruz, do mês dezembro de 1920, onde foram executados 1.500 peões de campo, e outras greves até 1936, nas quais se computam mais de 5.000 mortes (MAFUD, 1986, p.99).

converterem em pequenos proprietários ou empresários, como antes da crise de 1929. A crise varreu tais ilusões, e a classe média tornou-se assalariada, profissional, dependente e sem perspectivas de ascensão (PLÁ, 1985).

Todos esses elementos foram se combinando para criar um solo propício para as mudanças. Expressa Plá (1985, p. 142) que "... o período que vai até 1945, na forma global é de transição. A partir daí, se inicia uma etapa do *justicialismo* no poder, que simboliza a mais elevada experiência de uma política nacionalista burguesa". Ou, como analisam Murmis & Portantiero (2004), um período de aliança de classes sociais, entre frações proprietárias de meios de produção (industriais) e as classes populares, sob o patrocínio do Estado. Essa aliança significava uma alteração de forças no interior do acordo entre setores agrários e industriais estruturado nos anos trinta

Que outros elementos estruturam o peronismo?

Na década de 1940, o país se debatia na necessidade de tomar uma posição ante a segunda guerra mundial. O governo argentino tinha mantido uma posição de neutralidade com respeito à guerra e recebia a primeira reação dos EUA: o cancelamento da venda de armamentos para a Argentina. Em 4 de junho de 1943, desencadeou-se um golpe de Estado, promovido pelas forças armadas, dentro das quais existiam várias facções. A mais importante, a organização secreta autodenominada "Grupo de Oficiais Unidos" (G. O. U), era composta por oficiais do segundo escalão, coronéis e tenentes, a maioria sem comando de tropa e inseridos na burocracia da corporação militar, os quais mantinham, também, frente à guerra, uma posição de neutralidade e declaravam abertamente desejar "colocar o país a salvo de políticos corruptos e da ameaça do comunismo". Juan D. Perón era membro ativo dessa organização (CORTIZO, 1994).

Juan Domingo Perón assumiu, dentro do governo militar, os cargos de chefe da Secretaria do Ministério de Guerra, Secretario da recém criada Secretaria de Trabalho e Vice-Presidente da Nação Argentina.

Entre 1943 e 1944, a Secretaria de Trabalho emitiu uma série de leis que reestruturaram as relações trabalhistas: o estatuto do peão de campo; a criação do Instituto de Previdência Social; a introdução do seguro social e da



aposentadoria generalizada; o estabelecimento dos Tribunais de Justiça trabalhista; o reconhecimento da personalidade jurídica das associações profissionais; o estabelecimento de melhorias salariais em relação aos anos de serviço; a instauração do terceiro salário obrigatório. A aliança de Perón com um setor do sindicalismo, que era seu aliado, coloca-o numa posição suficientemente sólida no interior do aparato do governo militar.

Em 1944, durante em um festival organizado pela Secretaria de Trabalho – para angariar dinheiro destinado às vítimas do terremoto ocorrido na cidade de San Juan, em janeiro desse ano –, Perón conheceu a atriz Eva Duarte, com quem começou a ter uma relação amorosa e a conviver com ela sob o olhar da elite castrense. Eva Perón, ao contrário das mulheres dos militares da época, começou a participar das reuniões que Perón organizava com políticos no apartamento onde conviviam.

Já em 1945, a figura de Perón é totalmente identificada como “líder” do governo militar, e, aos poucos, foi se convertendo em líder dos trabalhadores. O país, então, se dividia entre “peronistas” *versus* “antiperonistas”. Os trabalhadores identificados com Perón cantavam “Perón – presidente”, juntamente com a autodefinição: “Nem nazistas, nem fascistas: peronistas!”. Em outubro desse ano, o exército obriga-o a renunciar a todos seus cargos, e, dentre as razões que a literatura sobre esse período apresenta, há uma suposta ruptura de um pacto entre Perón e seus aliados: a relação de Perón com a atriz Eva Duarte e o seu personalismo político (GONZALEZ, 1997). Perón é detido.

No dia 17 de outubro de 1945, ocorreu uma mobilização espontânea de operários e empregados, que chegavam dos bairros da periferia em direção ao centro da Capital Federal, concentrando-se na “Plaza de Mayo”, em frente à Casa Rosada, e exigiam a liberdade de Perón. Em meio ao estrondo dos tambores e à gritaria da multidão que entoava suas canções, o calor sufocante daquele dia contribuiu para o nascimento de outra categoria social: muitos homens tiraram seus paletós ou casacos e ficaram em “mangas de camisa” (NEIBURG, 1992). O jornal *La Prensa* os chamou de “descamisados”. Serão esses descamisados que a história denominará “os descamisados de Evita”.

A partir da pressão dos trabalhadores, nunca vista antes na Argentina, Perón retornou mais fortalecido. Reapareceu na vida política, dedicando-se à sua campanha eleitoral, que o leva à presidência em 1946 com os votos dos homens, já que as mulheres não podiam votar. Pela primeira vez na história argentina, as mulheres participaram ativamente de uma campanha política, acompanhando as chapas propostas, apesar de não terem acesso ao direito de voto (NAVARRO, 1997)

Para a maioria dos autores consultados, o dia 17 de outubro de 1945 simboliza um novo reajuste que se impõe na superestrutura política, quando um setor da burguesia industrial nacionalista triunfa sobre a velha oligarquia liberal, apoiando-se no movimento de massas operárias e populares que varrem da cena social a pequena burguesia, base tradicional de todas as manobras políticas e eleitorais dos velhos partidos (PLÁ, 1985). Esse processo significa, sobretudo, um reajuste nas relações de poder tanto políticas como sociais. Um novo ator social reaparece na cena nacional – os trabalhadores –, na qual se instaura uma nova forma de relação política, baseada, sobretudo, na identificação das massas com a figura de Perón e de Eva Perón (NAVARRO, 1997).

Do ponto de vista da conformação da sociedade, as novas configurações sociais, surgidas das rupturas e conflitos, dos movimentos e da resistência às mudanças, constituem características desse período. Essas novidades trouxeram uma crescente tensão entre os diferentes grupos.

## **2.2 As classes sociais em 1940<sup>25</sup>**

Autores como Sebrelli (1966) mostram, em seus estudos, que a velha oligarquia tradicional argentina, até esse período de mudanças, comportava-se

---

<sup>25</sup> Os critérios de estratificação social, aqui adotados, se baseiam no enfoque da “morfologia social” utilizada por Gino Germani (1987). Os dados que esses estudos aportam, se bem que não respondam à linha proposta neste estudo, possibilitam fazer outro tipo de reflexão. Para Germani (1987, p.198, 199), as classes sociais, na Argentina, dividem-se em classe alta, média superior, média inferior e classes populares. As classes altas correspondem ao setor da alta burguesia e da aristocracia, que se sustenta na propriedade da terra. O termo oligarquia, em uso na linguagem política diária, é utilizado pelo peronismo para referir-se a seus adversários, mas a propriedade da terra era o atributo material que se associava a essa palavra (SIDICARO, 2003).

como uma verdadeira aristocracia, orientando e dirigindo a vida espiritual, política, social e econômica de toda a sociedade.<sup>26</sup> Sem títulos nobiliárquicos, mas apoiada nos serviços prestados à Coroa Espanhola e tendo adquirido riqueza, o status dessa oligarquia foi obtido pela associação de seus bens econômicos com o poder e com o prestígio social. Seus integrantes adquiriram enormes extensões de terras, que simbolizavam seu poder e os colocavam como grandes proprietários de extração agropecuária.

Essa camada social caracterizava-se pelo consumo ostentoso e por seu relacionamento com intelectuais europeus. Instalaram-se no famoso “bairro Norte”, lugar acessível ao porto. O não trabalho devia ser total, e esse era o ideal. Cada família podia ter vocações particulares: podia realizar obras de caridade na “sociedade de beneficência”, ou praticar esportes, sobretudo o pólo ou a equitação. Convidavam, inclusive, as grandes figuras européias para passar temporadas de teatro em Buenos Aires.

Explicam os autores que as famílias da oligarquia argentina tinham sido reforçadas entre si por uniões matrimoniais que terminaram por ligar quase todas as “nobres famílias”. Liam livros franceses, falavam o francês e viviam seguindo as novidades da Paris intelectual.<sup>27</sup> Eram a “alta sociedade argentina” e, sobretudo, constituíam um tipo específico de formação social, cujo traço distintivo era a identificação e reprodução dos usos e costumes europeus. O código oligárquico era aristocrático, no sentido de ser um código de honra, de civilidade. de boas maneiras e de conveniência e diplomacia.

Esse código que os identificava e, ao mesmo tempo, os diferenciava dos outros estratos e promovia a integração do próprio grupo reforçou a presença do membro no grupo e seu orgulho em fazer parte de um deles.

---

<sup>26</sup> Até a aparição do peronismo, cinco dos nove presidentes integravam a Sociedade Rural. Nesse mesmo espaço de tempo, dos 93 ministros, mais da metade era constituída de membros da classe alta. Nesse mesmo período, o grupo controlava também o sistema bancário oficial (MAFUD, 1986).

<sup>27</sup> Diz Mafud (1986) que, ainda em 1952, em plena época peronista, um escritor e jornalista francês mostrava, dessa maneira, a oligarquia argentina: “... considerando a Europa do angulo da casa de campo em que nos encontrávamos [...] não tardei em prestar atenção no fato de que meu anfitrião e seus amigos tinham muito mais conhecimento do que eu a respeito das novidades concernentes ao mundo literário do Paris. Já tinham lido livros que foram publicados em Paris no mês anterior, falavam com familiaridade das últimas idéias expressadas por Camus, ou Sartre em revistas como ‘Les temps moderne’ ou outras” (TIBOR MENDE, apud MAFUD 1986, p.152).

Como diz Bourdieu (2003, p.18), a distinção, como qualidade, “... é de fato diferença, separação, traço distintivo, propriedade relacional que só existe em relação a outras propriedades”. Essa idéia de diferença está no fundamento da noção de espaço social. A filiação identificava uma pessoa como membro da “boa sociedade”. Durante o período de 1946 a 1955 – no governo de Perón –, tanto Perón como Eva tomaram a oligarquia como centro de seus ataques. “No peronismo não se falou de lutas de classes, se falou de luta contra a oligarquia” (MAFUD, 1986, p.153). A oligarquia contra-atacou abertamente, ficando, nesse período, ainda mais tradicionalista e conservadora, marcando sua tendência voltada para a ideologia liberal (SEBRELI, 1966).

As camadas médias argentinas, que olhavam com anseios de ascensão social essa oligarquia, buscaram, como forma de identificação com ela, o bom gosto aburguesado, o bom trato pessoal. Essas camadas médias estavam compostas, sobretudo, por grupos falidos, grupos originados da velha imigração européia, famílias nativas que haviam prosperado, intelectuais e profissionais independentes e estudantes universitários. A procedência imigratória e o princípio de concorrência conferiram às camadas médias argentinas sua peculiaridade de transitoriedade e sua insegurança no nível social, com uma excessiva atenção na ascensão social por vias individuais: o empenho no trabalho, as poupanças e a importância conferida à educação, o que lhes propiciaria uma maior independência e uma maior segurança.

Assim, as pautas e as relações no trabalho resumem-se em “boas maneiras, respeito e lealdade”. Esses princípios as levaram a avançar sempre ligadas social e economicamente ao liberalismo econômico (SEBRELI, 1966). Estavam orientadas para o futuro, simbolizado pelo progresso. Buscaram se diferenciar das camadas populares, observando estritamente certas regras, traços, estereótipos e normas. Seus princípios morais eram regidos pela tradição judaico-cristã (MAFUD, 1986). Todos seus comportamentos conformavam o “mito da intimidade protegida da classe média.” (SEBRELI, 1966, p. 91,92). Na *Década Infame*, o “medo da desocupação” mobilizou seus integrantes para a busca de trabalho seguro. O temor ao desemprego entre os trabalhadores burocráticos ou simplesmente de escritório levou-os a auto-gerar uma responsabilidade orientada para o esforço, para a pontualidade e a para-

formalidade. Daí a importância que atribuíam à vestimenta e ao cuidado pessoal nos ambientes dos escritórios: não se permitia trabalhar sem terno e gravata. O colarinho duro e branco era símbolo do empregado. Ao contrário, o macacão azul e o capacete eram símbolos do operário (MAFUD, 1986).

Os considerados “suburbanos” eram os que moravam nos bairros operários instalados ao redor do centro de Buenos Aires, anônimos, sem rosto nem silhueta política. Eram os imigrantes ou descendentes de migrantes europeus pobres (espanhóis, europeus do leste, italianos entre outros). Foram eles os que escutaram os discursos políticos da *Década Infame* e transitaram pela fraude e pela crise dos partidos políticos, quando os patrões impediam seus votos, ou, em várias oportunidades, eram por eles substituídos. Eram os argentinos pobres, que se refugiavam nos cafés e clubes do bairro, ou na cozinha familiar, para falar de futebol, de boxe e, algumas vezes, assistir a filmes. As mulheres, nesse mundo, cozinhavam, costuravam e escutavam novelas de rádio-teatro (MAFUD, 1986).

Os imigrantes provenientes do interior, peões de campo em grande parte, em busca de trabalho e melhores perspectivas de vida, instalaram-se no cordão industrial de Buenos Aires (ver pág. 45). Esses migrantes, novos suburbanos, eram os chamados “cabecitas negras”, denominação normalmente associada aos provenientes do nordeste e noroeste argentino (Salta, Santiago del Estero, Córdoba), alguns descendentes de povos indígenas (quíchuas, aimaras) e outros descendentes da mestiçagem entre índios e espanhóis. Moravam e comiam em lugares econômicos, faziam bicos nas ruas, ou trabalhavam nas fábricas. Eram os habitantes dos cortiços, convertidos em moradias miseráveis. Divertiam-se reproduzindo o folclore da sua localidade com violão e vinho. Sua aparência era uma anti-aparência “portenha”. A integração social dava-se através desses organismos improvisados: o cortiço, às vezes a casa do parente, do co-provinciano ou do amigo, que eram os prólogos e a estação de espera para a casa pré-fabricada própria, ou o lote comprado em parcelas (MAFUD, 1986). Eram, seguindo a linha de análise de Elias, os *outsiders*.

O deslocamento do “cabecita negra” do campo para a cidade e do proletariado suburbano do bairro para o centro foi um processo de mobilização

social e territorial que, acrescido com a presença do peronismo, levaram-nos a ocupar os espaços físicos que até então lhes tinham sido proibidos: os restaurantes, os espetáculos públicos ou encontros desportivos. Daí que as classes médias consideraram uma invasão de sua privacidade quando essas classes populares começaram a freqüentar os restaurantes, confeitarias, centros de veraneio, espetáculos, avenidas do centro que lhes eram privativamente reservados e conhecidos. Pela presença das massas populares, os restaurantes converteram-se em grill americanos, as avenidas viraram um enxame humano, com homens considerados “buliçosos e mulheres sem recato” (MAFUD, 1986, SEBRELI, 1966).

Todas as formalidades ritualistas das camadas médias foram caindo com as mudanças produzidas na década de 50, sobretudo porque o novo trouxe uma violenta reação para preservar essa rigidez e disciplina. O acesso a oportunidades econômicas de grandes camadas da população operária, sobretudo a industrial, abriu as comportas para a massificação. A reunião ou convivência obrigatória dos grupos nos mesmos espaços físicos levou-os, por um lado, a uma interação diferente da estabelecida e, por outro, a um maior enfrentamento de forças, o que originou uma diminuição do status e da posição social das velhas elites que, até esse momento, desfrutavam do poder. As novas pautas, os novos valores e novos símbolos vieram a debilitar a confiança nos valores aceitos e estabelecidos nos quais se apoiavam e os quais representavam.

Com as transformações nas relações de poder, o problema da identidade social também se tornou muito mais explícito: com a crescente insegurança de *status* e uma também crescente busca de identidade, as preocupações das classes médias aumentaram e se expressaram através de condutas violentas. O “portenho” que se definia como classe média percebia essas massas operárias como uma raça à parte, rústica, incivilizada, com uma predisposição à violência. Elas apareciam, desse modo, no seu imaginário, como uma ameaça de aniquilação da identidade Argentina. Com a perda do poder, lesionou-se agudamente a imagem que a classe média tinha sobre si mesma, já que se considerava, até esse momento, “a construtora do país”. Assim, rechaçaram tanto os novos ricos, como todos aqueles que provinham

das classes desfavorecidas, fomentando, em especial, o ódio ao proletariado (MAFUD, 1986).

Das camadas medias, foram lançadas quase todas as novas expressões depreciativas relacionadas às massas populares: “negros cabeludos e gritões”, “sujos”, “cabecitas negras”, “descamisados”. Essas expressões integram o processo de estigmatização.<sup>28</sup> Os “cabecitas negras” ou os “descamisados” eram vistos como indisciplinados, indignos de confiança, desordeiros e de mau gosto, sujos, ruidosos, quase inumanos, e deles não se deviam aproximar.

A sexualidade também desempenhou um papel fundamental no contexto depreciativo: a classe média e a oligarquia travaram uma luta cujo tema central era a crítica sexual, dirigida, nos primeiros anos, contra Eva Perón. Essa crítica insinuava a utilização, por parte de Evita, de sua sexualidade para ascender ao poder e centrava-se na quantidade de seus amantes antes do casamento com Juan Perón. Depois da sua morte, as críticas foram dirigidas contra Perón e seus encontros com a UES (União de Estudantes Secundários) (SEBRELI, 1966). Atitudes de desprezo, censura, agressões, fofocas<sup>29</sup>, utilização de termos pejorativos integravam todo um processo de estigmatização que, como ato formalizado da violência, não era um fato social isolado. Ao contrário, era sintomático da estrutura social vigente, e tinha funções específicas para os estratos sociais de onde provinham, como característica de um tipo específico de estratégia social predominante – a legitimidade da violência simbólica, assim como de um modo particular de avaliar as pessoas.

Ao final da década de 40, a expressão “cabecitas negras” assumiu conotação positiva, tanto nos discursos de Perón, como nos de Eva Perón.

---

<sup>28</sup> Para Elias (2000, p.35), a estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e *outsiders*, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica o preconceito que seus membros sentem perante os que compõem o grupo *outsider*. Perde-se por completo a chave do problema quando essas relações grupais – a estigmatização de um grupo dirigida a indivíduos de outro grupo – são buscadas na estruturas de personalidade ou nos indivíduos como preconceitos individuais.

<sup>29</sup> Fofocas, em Elias (2000, p.121), são aquelas “informações mais ou menos depreciativas sobre terceiros, transmitidas por duas ou mais pessoas umas às outras. Estruturalmente, a fofoca depreciativa é inseparável da elogiosa”.

### 2.3. O papel das mulheres na Argentina de 1940

*Em 1944, as estudantes de humanidades tínhamos uma matéria obrigatória: Defesa Nacional inspirada nas idéias nacionalistas de Bruno Giordano Genta e outros mentores [...] que versavam sobre a essência católica da nossa nacionalidade, e rechaçavam a influencia da decadente Europa e da América do Norte utilitária, menosprezando as culturas indígenas e exaltando a tradição hispânica e o espírito militar. Nesse esquema, para as mulheres foi reservado um papel bem definido: o de mães dos valentes defensores da pátria (MERCADER, 1992, p.125).*

Para entender o lugar da mulher na sociedade dos anos 40, é preciso analisar os significados que se foram construindo em torno do papel que ela desempenhou na sociedade argentina da época. As transformações que vinham se produzindo, nos últimos 50 anos do século XIX, anunciavam a chegada de uma ordem econômica, social e política: a presença do Estado-Nação.

O fomento da imigração européia e as mudanças na conformação do Estado tiveram um efeito decisivo nas representações referentes ao gênero e à família. A raça transformou-se numa temática desenvolvida no âmbito médico-higienista, com um discurso que associava a imigração com a desordem, a loucura, a promiscuidade e a dissolução da família. Portanto, tudo que se relacionasse a âmbito familiar, sexualidade, reprodução e matrimônio foi insumo para a criação de uma série de instituições estatais que ganharam impulso e funcionaram como forma de controle social, deslocando, paulatinamente, a religião e a tradição, nesse processo de secularização do Estado (HALPERIN, 2000).

Por um lado, os discursos acerca da maternidade permitiram ao Estado pôr em marcha um mecanismo de subordinação da família, e, por outro, permitiu controlar, de forma mais concreta, os corpos femininos e sua sexualidade. A mulher, fundamentalmente mãe, submetida à autoridade do marido e do Estado, exercia, por sua vez, o controle sobre as crianças, já que a função de educar era um aspecto fundante da maternidade. A educação converteu-se, então, num tópico primordial do debate público, pois servia para ensinar as crianças a respeitarem e a obedecerem. À medicina correspondia a tarefa de controlar e evitar os males previstos no processo de mistura de etnias, classes e idéias perigosas que surgiam com a imigração e com a



consolidação do mercado de trabalho. A relação entre mãe e filho foi, sobretudo nos setores médios e populares, normatizada e supervisionada por médicos, pedagogos e advogados, sendo objeto de interesse quanto à unidade da moral (HALPERIN, 2000).

O interesse regulador<sup>30</sup>, por parte do nascente Estado, dirigiu-se a uma série de questões consideradas como problemáticas, tais como a sexualidade, sobretudo a prostituição, o trabalho masculino, o trabalho das mulheres e das crianças dos setores populares. O controle sobre os setores populares partia da crença de que existia uma maior mistura entre mestiços e imigrantes nesse setor. Os setores mais pobres converteram-se, assim, em setores “perigosos” (HALPERIN, 2000).

Uma das instituições criadas pelo Estado, a Sociedade de Beneficência<sup>31</sup>, fundada em 1823, tinha como objetivo geral “elevar a condição da mulher argentina” e nela se desenvolveram programas cujas formulações sobre a “argentinidade” não residiam no heroísmo dos homens militares, e sim nos lares onde a mulher tinha, reservado, o papel da civilização. O fato de a maioria dos imigrantes ser constituída de homens adultos criou algumas preocupações entre a população a respeito das mulheres locais. Os mais conservadores temeram pelas filhas da elite; outros se preocupavam em evitar que as mulheres pobres buscassem emprego nos comércios de sexo, para os quais os homens imigrantes constituíam um importante mercado. Embora os discursos sobre o “tráfego de escravas brancas” tendesse a ressaltar que o percentual maior de prostitutas era de origem estrangeira, havia grupos de

---

<sup>30</sup> Entre as medidas adotadas pelo Estado, sanciona-se o Código Civil (1869), a lei de matrimônio Civil e a educação leiga (HALPERIN, 2000); cria-se, em 1880, a Assistência Pública e o Departamento Nacional de Higiene (MEAD, 2000).

<sup>31</sup> A Sociedade de Beneficência foi promovida, em 1880, pelo Ministério do Interior à primeira organização de Assistência Pública. Esse ato constituía uma parte da reorganização institucional realizada durante o processo de constituição de Buenos Aires em capital da Nação (MEAD, 2000). Desde sua fundação, essa instituição foi conduzida por um grupo de mulheres, as mais aristocráticas da sociedade portenha, que desempenhavam a direção de forma voluntária. (NAVARRO, 1997, MEAD, 2000). Essas mulheres eram consideradas “senhoras da alta sociedade [...] convertidas em verdadeiras mães das infelizes criaturas recolhidas no lar de caridade pública” (MEAD, 2000 p.35). A Sociedade tinha como “atribuições: a) a direção e inspeção das escolas de meninas b) a direção e inspeção da Casa dos abandonados, da Casa de partos públicos e ocultos, hospitais de mulheres, colégios de órfãos e de todo aquele estabelecimento público dirigido ao bem dos indivíduos deste sexo” (NAVARRO, 1997, p. 238). No ano 1946, ficou sob intervenção do governo peronista.

mulheres estrangeiras mais bem posicionadas em ocupações comerciais e industriais que as mulheres locais e as migrantes internas, que pareciam destinadas à exploração no trabalho avulso (MEAD, 2000).

Até 1926 – data da aprovação da reforma do Código Civil Argentino – as mulheres estavam juridicamente equiparadas à condição de menor, incapacitadas, e isso era mais grave para a mulher casada, que estava submetida ao controle total de seu marido, não podendo dispor de seus ganhos, nem exercer trabalho sem sua permissão. A mulher tampouco podia subscrever documentos públicos na qualidade de testemunha, nem demandar ante os tribunais. Não obstante, as mulheres pobres, há varias décadas eram requeridas como força de trabalho.

As primeiras a tematizar as questões referentes à problemática da mulher no âmbito do trabalho foram as anarquistas e as socialistas. No fim do Século XIX, emergiu uma variante do feminismo: as feministas socialistas.<sup>32</sup> Cecília Grierson, Alicia Moreau de Justo y Juana Roucco Buela lançaram-se à luta pela igualdade de direitos, melhores oportunidades educacionais e pela reforma do código civil. As socialistas não desenvolveram, como as anarquistas, uma crítica radical da família, do machismo e do autoritarismo em geral. Tampouco a sexualidade ocupou um lugar importante no discurso feminista socialista, pois os lemas a favor do amor, do anarquismo, foram substituídos por noções mais tradicionais sobre a superioridade moral natural da mulher, com todas as conotações relativas ao lar e à maternidade virtuosa (MOLINEUX 2002, HALPERIN 2000).<sup>33</sup> Embora o programa socialista apontasse para resultados mais tangíveis que o anarquismo, carecia do radicalismo feminista da militância do anarquismo (MOLINEUX, 2002). No período compreendido entre 1900 e 1926, devido à necessidade de modificação do Código Civil, sobretudo nas questões das mulheres, o sufrágio feminino foi colocado pelo movimento feminista argentino como uma reivindicação secundária (GUIVANT, 1980, CALVERA, 1990).

---

<sup>32</sup> O partido socialista foi fundado em 1894 (MOULINEUX, 2002).

<sup>33</sup> Em 1900 os socialistas publicam o jornal *Vanguardia*, no qual destacam os direitos das mulheres no âmbito do trabalho, da política, o sufrágio e no lar (HALPERIN, 2000).

Porém, a partir de 1905, começaram surgir grupos abertamente sufragistas, tais como o “Centro Feminista”, a “Associação pró-direitos da mulher”, fundada em 1919 por Elvira Rawson, o Centro de Mulheres Universitárias, fundado por Sara Justo (CALVERA, 1990). Em 1907, Moreau de Justo criou o Comitê Pró-sufrágio Feminino, e, em 1918, presidiu a União Feminista Nacional. Em 1918, foi criada a Associação Pró-direitos da mulher e, em 1919, Julieta Lantieri presidiu o Partido Feminista Nacional (BIANCHI e SANCHIS, 1988).<sup>34</sup> Em geral, a maioria das mulheres feministas que participavam dessas associações eram universitárias que provinham da classe média e alta, muitas delas profissionais sensibilizadas pelos obstáculos que enfrentavam para poder realizar seu trabalho ou para ter acesso à universidade (NAVARRO 1997; GUIVANT, 1980). Ainda associavam à luta pelo sufrágio uma concepção da maternidade como lugar de realização da feminilidade e como experiência vital para as mulheres (CALVERA, 1990).

Uma vez reformado o código Civil, as feministas argentinas se lançaram intensamente na luta pelos direitos políticos, mas as atividades que desenvolveram, em comparação com suas colegas inglesas e estadunidenses, eram particularmente moderadas, inclusive contrastavam com o ativismo das mulheres operárias durante as greves de início do século (BIANCHI & SANCHIS, 1988).<sup>35</sup> Porém esse feminismo argentino era um movimento que, apesar de sua aparente debilidade, era organizado. As mulheres das classes populares mantinham-se distanciadas das polêmicas que entusiasmavam as feministas (GUIVANT, 1980). Em geral, essas sufragistas buscavam criar

---

<sup>34</sup> O Centro Feminista foi posteriormente denominado Centro Manuela Gorriti (NAVARRO, 1997) e tinha como objetivo obter reformas legais que equiparassem a situação de homens e mulheres tanto no aspecto político como no civil (BIANCHI & SANCHIS, 1988). A União Feminista Nacional desenvolveu campanhas ativas a favor dos direitos civis e políticos das mulheres e contra sua exploração social e sexual, levantando fundamentalmente as reivindicações das operárias e mulheres trabalhadoras (BIANCHI & SANCHIS, 1988). Julieta Lantieri, médica, de origem estrangeira, lutou contra todos os preconceitos de gênero e etnia, pelo livre exercício de sua profissão; promoveu ativamente simulações de voto feminino, e, quando obteve a cidadania, em 1911, esta lhe permitiu, durante anos, ser a única mulher que votava em Buenos Aires. Fundou o Partido com apoio da União Feminista Nacional e o Comitê Pró-direito de Sufrágio feminino, que a propôs como deputada nacional nas eleições de 1919 em que obteve 1.730 votos de um total de 150.000.

<sup>35</sup> Greve das operárias, lavadeiras e costureiras de 1903, greve dos inquilinos em 1907 em que as mulheres tiveram uma ativa participação.

consenso sobre seus direitos, apresentando projetos<sup>36</sup> ao Congresso e organizando “simulações” de sufrágios com as mulheres. Mas os resultados eram opostos ao esperado, e a falta de uma maior participação das mulheres nas simulações era utilizada pelos setores conservadores<sup>37</sup> como argumento para mostrar o escasso interesse que as mulheres revelavam pelo direito ao sufrágio (BIANCHI & SANCHIS, 1988, p.31).

O ano 1932 é considerado importante, já que foi a primeira vez que, ante um clima político favorável, tratou-se, no Congresso da Nação, da sanção de um projeto de lei sobre o voto feminino. Ainda que não se tenham conseguido os votos necessários para a aprovação, esse acontecimento permitiu aumentar as expectativas e a luta das diferentes organizações pró-sufrágio (BARRANCOS, 2001; NAVARRO, 1997). Assim, em 1932, cria-se a “Associação Argentina do Sufrágio Feminino” e, a partir de 1936, a Federação Argentina de Mulheres Universitárias e a União Argentina de Mulheres, presidida por Vitória Ocampo e Susana Largía, sendo a primeira uma das feministas argentinas e escritoras de maior renome internacional. Esse último grupo configura a ala liberal do movimento sufragista, que inclui também adesões de mulheres da esquerda intelectual. As integrantes desses grupos também pertencem a uma classe média e alta. Em 1938, a União entregou ao Senado o último projeto da época (BIANCHI e SANCHIS, 1988; GUIVANT, 1980).

Nos anos 1930, reforçava-se o discurso que estabelecia que o principal papel feminino era o de esposa-mãe. A mulher – mãe abnegada, esposa-modelo, dona de casa feliz, mulher dócil e fina, de bons modos – devia ter também as características requeridas para o papel materno: disposição dócil e generosa, equilíbrio afetivo, atitude compreensiva, postergação das próprias necessidades no âmbito do vínculo matrimonial. Os valores patriarcais de subordinação da mulher encontravam-se amplamente institucionalizados e legitimados através da concepção do “amor como subordinação eletiva da mulher”. O trabalho extra-doméstico era percebido como um perigo, já que

---

<sup>36</sup> Foram apresentados 15 projetos em 23 anos, que eram gentilmente recebidos para serem logo arquivados (NAVARRO, 1997).

<sup>37</sup> Cabe lembrar que o espectro político argentino dos primeiros anos do século XX contava com o partido conservador, o partido radical e o socialista.

desviava a atenção e os cuidados destinados aos deveres de mãe-esposa (MERCADER, 1992). A aspiração a certa independência da condição de mães e esposas era considerada como uma traição a essa função que só ela podia cumprir. Tudo aquilo que escapasse dos limites das tarefas do lar era considerado sinal de um egoísmo que priorizava o prazer mesquinho em detrimento do bem estar da família e da sociedade (ACHA, 2000, p. 164-165).

Porém a realidade das camadas de mulheres mais pobres era diferente. As migrações femininas provenientes do interior e o processo de industrialização promoveram o ingresso dessas mulheres no trabalho fabril. No período 1935 a 1945, as mulheres representavam 33% dos trabalhos industriais de Buenos Aires (GUIVANT, 1980, p.20).

Outro grupo de mulheres, as damas católicas, representantes da militância católica, portava, na denominação de “damas”, uma diferença de classe e de *status*. Uma dama não podia ser qualquer mulher – era uma distinção identitária – da mesma maneira que qualquer mulher não podia ser uma operaria. O que distinguia uma dama de uma operaria era a condição de subjetividade e o lugar de sujeição. No entanto, a dama estava sujeita à sua classificação como fêmea, católica e respeitável, e a operaria era oprimida na condição de fêmea, assalariada e socialista. Assim, uma dama católica também estava sujeita aos constrangimentos de sua condição cultural de fêmea, pois devia, como católica, sujeitar-se à Igreja, às suas autoridades (masculinas) e sentir-se culpada. Devia cuidar do nome paterno e repetir constantemente a distinção que a separava de outras fêmeas quaisquer. Gênero dominado dentro da classe dominante, as damas católicas encontravam um espaço de sociabilidade feminina no cumprimento de ações de beneficência e de propaganda religiosa (ACHA, 2000).

Por outro lado, o golpe militar de 1943, que irrompeu na cena política, impôs regras pouco propícias às mudanças requeridas pelos grupos feministas. Essas idéias expressavam-se a favor da dissolução dos partidos políticos, da introdução do ensino religioso nas escolas oficiais e da moralidade. No Ministério da Educação, onde era dominante a ideologia nacionalista e católica, favorecia-se o ensino nas escolas das “piedosas máximas”, mulheres para procriar heróis. A nova Argentina requer “mulheres sadias, fortes e limpas”,

diziam os jornais da época (GUIVANT, 1980). Da mesma forma que os partidos políticos, as feministas sentiram os efeitos da segunda guerra mundial, e, pouco a pouco, a luta pela conquista do voto feminino foi ficando num segundo plano, pois o objetivo principal foi a luta contra o governo militar e o fascismo por ele representado. As feministas foram se agrupando em torno da “Junta de la Victoria”, em favor dos aliados (NAVARRO, 1997).

Em 1944, Perón, homem forte do governo militar, iniciou, a partir da Secretaria de Trabalho e Previdência, uma serie de atividades destinadas ao tratamento da questão da mulher: criou a Divisão de Trabalho e Assistência à Mulher, que depois se transformou em Direção. Dentro da Direção, fazendo alusão ao cumprimento das atas de Chapultepec<sup>38</sup>, levou-se a cabo um ato em 26 de julho de 1945, em que Perón, como Secretário de Trabalho e Vice-Presidente, declarou-se “partidário de outorgar o sufrágio à mulher” e disposto a resolver a questão através de um decreto-lei. As mulheres não passavam despercebidas para Perón, como uma significativa força ainda não mobilizada (GUIVANT, 1980, p.24) e como força política. Porém a repercussão foi diferente na maioria das agrupações feministas – principalmente na Federação de Mulheres Universitárias, na União Argentina de Mulheres e no Centro Feminino de Cultura Cívica e Política –, que emitiram declarações contrárias, solicitando o retorno imediato da normalidade constitucional e a transferência imediata do governo em mãos dos militares para a Corte Suprema. A Federação de Mulheres universitárias exigiu:

... que se restitua à Nação sua normalidade constitucional, e com o fim de acelerar os trâmites legais para a obtenção do voto feminino, solicitamos a todos os partidos políticos, sem distinção, que se pronunciem publicamente sobre o seguinte ponto: imediatamente depois de constituídos os poderes executivos e legislativos na forma constitucional, deveriam ser votadas e promulgadas todas as leis necessárias para estabelecer a igualdade do homem e da mulher em tudo o que for relacionado com os direitos políticos na ordem nacional, provincial e municipal (NAVARRO, 1997, p. 190).

---

<sup>38</sup> Na América Latina, as conferencias dos Estados Americanos se haviam pronunciado pelo sufrágio feminino desde a oitava conferencia realizada em Lima, em 1938, na qual se aprovou a declaração em favor dos direitos da mulher. A Conferência Interamericana sobre problemas da Guerra e da Paz, reunida em Chapultepec, México, em 1945, havia declarado também que os países americanos que não haviam concedido o voto à mulher deviam fazê-lo. No final da Segunda Guerra Mundial, as mulheres já podiam votar no Equador, Brasil, Uruguai, Cuba e El Salvador (NAVARRO, 1997, p.184).

Em 3 de setembro, os grupos feministas, que se opunham à proposta de obtenção do voto por decreto, realizaram a Assembléia Nacional de Mulheres, para “examinar a posição da mulher frente à situação institucional pela qual atravessa o país, e frente ao voto feminino”. O lema da assembléia era pelo “sufrágio feminino, mas sancionado por um congresso eleito em comícios honestos”. Reafirmavam que o sufrágio só podia ser concedido pelo Parlamento e não pelo governo militar atuante. Uma das principais oradoras foi Vitória Ocampo, que, como outras feministas, a exemplo de Alicia Moreau de Justo <sup>39</sup>, criticava a concessão do voto através de um decreto proveniente de um governo inconstitucional (NAVARRO, 1997).

As mobilizações de outubro de 1945 exigiram das feministas a postergação da luta pelo direito ao voto das mulheres, porém esses mesmos fatos de outubro mostraram que o nascente peronismo tinha mobilizado as mulheres de setores populares, já que elas participaram espontaneamente, e muitas ativamente, na mobilização dos operários do dia 17 (BIANCHI & SANCHIS, 1988a). Nos meses posteriores, apesar de não contar com direitos políticos, a presença das mulheres revela-se relevante na campanha pela eleição presidencial, convocada pelo governo militar para o dia 24 de fevereiro de 1946. A promulgação de uma lei de voto feminino somente será resolvida em 1947, durante a presidência de Perón

Ante a iminência das eleições, a maioria das feministas reagrupou-se em torno do partido da oposição: a União Democrática. Com essa decisão, uma vez eleito Perón, os grupos feministas ficaram em clara desvantagem. Em cumprimento às suas promessas eleitorais, Perón retomou a questão do sufrágio feminino em condições políticas favoráveis para sua aprovação em 1947. Para as feministas, essas desvantagens políticas provocaram que sua longa luta ficasse totalmente invisível.

---

<sup>39</sup> Alicia Moreau de Justo foi a figura feminina mais relevante da campanha contrária ao governo. Mulher comprometida com a causa feminista e socialista, foi a fundadora de organizações sufragistas, fazia conferências, escrevia artigos e folhetos. Seu último livro sobre feminismo se chamou “*La mujer en la democracia*” escrito em 1945. Foi casada com o fundador do partido socialista, Juan B Justo, e, ao ficar viúva, tomou a seu encargo a condução do partido e a direção da *Revista Socialista Internacional, Humanidad Nueva y la Causa* (NAVARRO, 1997).

A União de Mulheres da Argentina e seu jornal *Nuestras Mujeres* foi proscrito durante o segundo governo de Perón.

#### **2.4 Ditaduras militares, instabilidade política e resistências.**

A queda do governo de Perón em setembro de 1955, provocada pelo exército, inicia uma etapa caracterizada pela constante presença dos militares no governo, pela instabilidade política e pela intensificação dos conflitos sociais.<sup>40</sup> A passagem de um governo para outro, ainda dentro de governos militares, estava acompanhada por “golpes de Estado”, que contavam, geralmente, com o apoio de grupos políticos e da sociedade civil organizada, mas com a indiferença da população. Em geral, esses governos militares geraram mudanças devastadoras na política econômica, diminuindo a intervenção do Estado na vida econômica: suprimiram-se os controles sobre o comércio exterior, desnacionalizaram-se os depósitos bancários, o país ingressou no Fundo Monetário Internacional e no Banco Mundial, aumentou a participação de empresas estrangeiras e cresceu o endividamento externo. As conseqüências do modelo econômico fizeram-se evidentes em pouco tempo, produzindo-se uma forte queda do salário real e das condições de vida da população argentina (RECALDE, 2003).

Durante esses 18 anos, dois governos foram eleitos por eleições direitas: o de Arturo Frondizi (1958-1962) e o de Arturo Illia (1962-1966), ambos pertencentes ao partido radical; nenhum dos dois conseguiu terminar seus mandatos. Os dois governos foram eleitos com maioria simples, já que a grande maioria dos eleitores votou em branco, atendendo à solicitação de Juan Perón, que, da Espanha onde se encontrava exilado, conclamou os peronistas a votarem em branco. Portanto, foram dois presidentes que não alcançaram uma representatividade significativa (RECALDE, 2003).

---

<sup>40</sup> Lombardi (23/09/1955 - 13/09/1955). Pedro Eugenio Aramburu (13/09/1955-01/05/1958 ), Junta militar (28/06/1966- 29/06/1966), Juan Carlos Onganía (29/06/1966-08/06/1970), Roberto Marcelo Levingston (18/06/1970-22/03/1971), Alejandro Agustín Lanusse (22/03/1971-25/05/1973).



Os acontecimentos internacionais, sobretudo a revolução cubana em 1959, geraram tensões entre os militares, que passaram a identificar peronismo, comunismo, movimentos sindicais, movimento estudantil e qualquer outra forma de protesto social com subversão. Os últimos sete anos desse período apresentaram uma profunda crise social: conflitos resultantes de uma CGT dividida e existência de grupos armados de guerrilha que pressionavam para o retorno de Perón, da democracia e a convocação de eleições (RECALDE, 2003).

Em agosto de 1964, durante o “plenário peronista combatente”, foi debatido e finalmente criado o Movimento Revolucionário Peronista, a partir do qual foram surgindo, posteriormente, os diferentes grupos armados peronistas, como o Movimento Juvenil Peronista, a Juventude Revolucionaria Peronista, a Ação Revolucionaria Peronista, a Frente Revolucionária Peronista e as Juventudes Peronistas (JP) das distintas zonas. Em 1968, durante o governo de Carlos Onganía (1966-1970), caracterizado por seu extremo autoritarismo, surgiram diversas associações estudantis nacionais e peronistas nas Universidades do país: FEN, UNE, FURN, Integralismo, FANDEP, CENAP, JAEN, e, fundamentalmente, as Forças Armadas Peronistas (FAP), o Movimento Armado Peronista (MAP) e os Montoneros. Paralelamente, surgiram outros grupos armados revolucionários, entre eles o Exército Revolucionário do Povo (ERP).

As ações desses grupos compreendiam sabotagem às empresas, ocupação de unidades militares, ocupação de terras, trabalho social nas unidades de bairro e seqüestros. Tais ações buscavam o retorno de Perón e a recuperação da independência econômica, da justiça social e da soberania política através da luta armada (SARLO, 2003). Esses grupos nutriam-se da doutrina do Movimento de Sacerdotes do Terceiro Mundo, da revolução cubana e do peronismo.

Em 1970, o grupo Montoneros tornou-se visível através do seqüestro e posterior execução de Pedro Eugenio Aramburu (1955-1958). Esse fato trouxe comoção à população, já que Aramburu era um homem-chave dentro do governo, tinha liderado a queda de Perón em 1955, e era do grupo de ideólogos das forças militares. Os Montoneros consideraram Aramburu

responsável pelo golpe de Estado de 1955, pela proscricção de Perón, pelo roubo e desaparecimento do corpo de Eva Perón e pelo fuzilamento do general Valle durante o levante militar de 1956. O grupo declarou publicamente ao jornal *La Nación* de 1 de junho de 1970 que os restos do general Aramburu só seriam devolvidos a seus familiares quando “ao povo argentino forem devolvidos os restos de sua querida companheira Evita” (NAVARRO, 1997, SARLO 2003, RECALDE, 2003).<sup>41</sup> A partir daí, toda uma serie de acontecimentos violentos desencadeou uma resistência à ditadura, período sangrento que acelera o retorno de Perón. No ano de 1973, nas manifestações populares convocadas por Perón, os montoneros “Evita há uma só” (SIGAL & VERON, 1988) tornam evidentes os desacordos com a figura de Maria Estela Martinez de Perón e com a linha da direita peronista. São expulsos por Perón da Plaza e, como organização, decidiram voltar à clandestinidade (RECALDE, 2003, BASCHETTI, 1997).

Em 24 de março de 1976, produz-se um novo golpe militar, e começava o denominado, pelas forças golpistas, “processo de reorganização nacional”, que dá início à maior tragédia da historia argentina, que se prolongou até 1983. Durante esses anos, se sucederam quatro presidentes de fato (Jorge Rafael Videla, 1976-1981; Roberto E Viola, 1981; Leopoldo F Galtieri, 1981-1982; Reinaldo B Bignone, 1982-1983). Esses governos, de fato, manifestavam que seus objetivos eram: “acabar com a subversão, eliminar a corrupção e reordenar a economia”. Foram proibidos os partidos políticos, praticaram o terrorismo de Estado e foram os responsáveis pela detenção ilegal, seqüestro, tortura e morte de milhares de pessoas, argentinas e estrangeiras (estima-se em 30.000): peronistas, militantes de grupos armados, militantes de partidos políticos de esquerda, artistas, intelectuais, jovens lideres comunitários, e

---

<sup>41</sup> A maioria dos jovens montoneros provinha de uma classe media alta; os doze primeiros membros do grupo pertenciam a grupos católicos de base e não tinham participado da época do peronismo no poder; eram desconhecidos até seu primeiro ato guerrilheiro: o seqüestro de Pedro Aramburu. O nome *montoneros* expressa o simbolismo que carrega a metonímia ‘montoneras gaúchas’, aquelas massas populares e guerrilheiras que, no século XIX, em contraposição ao colonialismo espanhol, eram lideradas por caudilhos pela defesa das fronteiras do país e dos valores nacionalistas. Os Montoneros se descreviam como parte do todo nacional e popular, e o seqüestro de Aramburu foi a marca de seu nascimento, como se fosse um ajuste de contas. A organização sustentava a idéia da “segunda guerra da independência nacional”, e declarava sua convicção de continuar a luta até a morte (SARLO, 2003).

estudantes. Tais crimes permanecem impunes e são denunciados pelos protestos das Mães de Praça de Maio e das Avós de Praça de Maio, que aparecem na cena política como novos atores, pela reivindicação de direitos violados, direitos à vida e à identidade. A repressão desenvolvida pelo processo-+69 8i militar afetou também os trabalhadores: a atividade sindical foi suspensa, e os sindicatos foram submetidos à intervenção militar. Anulou-se o direito de greve, e a CGT foi proscrita, com seus dirigentes encarcerados.

Outra característica desses governos foi a belicosidade no campo internacional, com os conflitos desencadeados com o Chile (1978), e depois o conflito armado com a Inglaterra, pela recuperação das Ilhas Malvinas (1982). A derrota na guerra das Malvinas precipitou a crise da ditadura militar, que, obrigada a uma saída eleitoral, promoveu um acordo com os partidos políticos sobre questões passadas e futuras, normalizando a atividade sindical e convocando as eleições.

## **2.5 O retorno da democracia – modelo neoliberal e crises econômicas.**

O retorno da democracia, em 1983, encontra uma Argentina devastada por uma situação econômica extremamente grave, com uma dívida externa crescente, e os efeitos da sistemática violação aos Direitos Humanos.

Em 1984, o INDEC publica os dados obtidos no censo de 1980. Nele explicita que 22,3 % do total dos lares do país tinham as “necessidades básicas insatisfeitas”. Porém a distribuição não era igual em todo o território nacional, a pobreza era maior nas províncias do noroeste e nordeste argentino, nas zonas rurais mais que nas urbanas. Depois de 7 anos de ditadura militar, um quarto da população era pobre.

O governo de Menem continuou com a política liberal e neoconservadora dos militares, marcando a política através da redução do Estado, do desregulamento econômico, da privatização de empresas nacionais, da paralisação das obras públicas e drásticos cortes no orçamento nacional. Venderam-se empresas como *Yacimientos Petrolíferos Fiscais* (YPF), *SEGBS*, *Obras Sanitárias da Nação* (OSN), *Aerolíneas Argentinas*, *Ferrocarriles Argentinos*, *Telefônica de Argentina*. O indulto aos militares foi

outra das medidas mais notáveis do governo de Menem, bem como a reforma constitucional, que permitiu sua reeleição no cargo. Levou adiante uma ofensiva contra o movimento operário, organizada através de quatro projetos: flexibilização do trabalho, reforma do regime de negociações coletivas de trabalho, reforma da estrutura sindical e reforma da lei de obras sociais. A resposta da CGT a essa ofensiva do governo foi menor do que se poderia esperar (RECALDE, 2003).

A redução do Estado levou a uma redução do pessoal estatal, e os salários do setor público sofreram uma queda maior que os do setor privado. Nas empresas, os aumentos de salários estiveram condicionados ao aumento da produtividade, o que gerou uma divisão dos trabalhadores em diferentes segmentos salariais. O sistema cambial e as normas econômicas provocaram a deterioração da indústria nacional. O desemprego e o subemprego alcançaram limites alarmantes, desconhecidos até então, dando lugar a um grande grupo de “trabalhadores sem registro” e ao surgimento dos “novos pobres” (sobretudo aqueles que, pertencendo às classes médias, ao perderem o trabalho, não tinham condições de sustentar seus gastos diários, embora fossem proprietários de imóveis ou automóveis). Nas diferentes regiões do país, começaram a registrar-se protestos pela alarmante situação em que viviam os grupos. Os primeiros registros dos protestos se encontram nos piquetes produzidos na zona da Patagônia y Salta pelos trabalhadores desempregados da YPF, a partir da imposição de medidas tais como “retiros voluntários”, ante a privatização da empresa estatal (ver pág. 35).

Com o governo da aliança de partidos, assume o radical Fernando De la Rúa (1999-2001) sob enorme expectativa da maioria da população argentina de uma mudança do rumo econômico do país e de mudança do plano econômico. Em meados de dezembro de 2001, com a continuidade, no governo de De la Rúa, as medidas econômicas neoliberais, o aumento da desocupação, a perda do poder político do radicalismo, a instalação do “corralito” e a férrea oposição do peronismo provocam descontentamentos e protestos cada vez mais generalizados em todo o país. A tentativa de um acordo político em meio dos protestos e manifestações levou à renúncia do presidente.

Essa etapa mostra uma Argentina empobrecida, em meio a uma crise econômica e política que alcança até as camadas médias e altas da sociedade. O relatório do Instituto de Estudos e Formação da CTA (Central de Trabalhadores Argentinos) (RECALDE, 2003, p.201) apresenta uma série de dados de junho de 2002: “Nosso país hoje evidencia 51,4 % da população (18.219.000) sob a linha de pobreza. 21,9 % (7.777.000) em situação de indigência. 166,6% dos menores de 18 anos (8.319.000) sob a linha de pobreza [...]. Considerando o período de recessão iniciado em 1998, o desemprego alcançou 74, 2%, a pobreza 67% e a indigência 180%...”

O relatório do Banco Mundial (2003) expressa: “A evidência preliminar mostra que a pobreza em outubro de 2002 alcançou 58 % em áreas urbanas. O desemprego tem aumentado de 13% em 1998, até alcançar um pico de 22% em áreas urbanas, em maio de 2002”.

## **2.6 Protestos sociais e novos atores.**

De 1989 até a data de realização da pesquisa (2003), as insatisfações cresceram e diversificaram-se. Na extensão do território argentino, com a crise socioeconômica e política, produto de décadas de opressão, registra-se o aparecimento de novos atores, novas demandas e novas formas de ação, com a característica de não serem, agora, lideradas pelos sindicatos, e sim por uma liderança territorial proveniente de protestos pela falta de trabalho. Esses protestos, deslocando-se para cenários regionais, externos a Buenos Aires, configuram um novo mapa de protesto social em termos geográficos (RECALDE, 2003).

Em meados de dezembro de 2001, segundo expressam as pessoas pesquisadas, há uma conjunção de mecanismos novos: “panelaços” e piquetes unem-se “espontaneamente”, em oposição às novas medidas implementadas pelo governo de De la Rúa. A repressão aos protestos e as mortes, produto dos enfrentamentos entre a polícia e os manifestantes, provocou uma onda de maior protesto e a renúncia do Presidente.

As novas formas de protesto social apresentam-se sob forma de saques, motins e manifestações de rua que incluem passeatas, concentrações, panelas

populares, recuperação de fábricas, “panelaços”, “escrachos” e bloqueios de estradas ou piquetes. Tanto o governo de De la Rúa quanto o de seu predecessor, Carlos Menem, caracterizaram-se pelas repressões contra as diferentes formas de protesto social.

*Panelas populares* é o termo utilizado para definir uma forma de protesto que implica a preparação de comida na rua, durante o protesto, distribuída para consumo no mesmo local da manifestação. Essa forma de protesto está associada à falta de trabalho, de alimentação, de condições dignas de vida.

Os *escrachos* constituem uma metodologia utilizada como meio de tornar visível o repúdio a uma pessoa ou grupo. Assim, o *escracho* consiste em realizar manifestações, atos de repúdio, em frente à moradia ou local de trabalho dos repudiados.

Os *saques* surgiram no final da presidência de Alfonsín (1989) e consistiam, sobretudo, no assalto a supermercados em diferentes localidades. Em dezembro de 2001, os saques voltaram com maior intensidade como forma de protesto. Pesquisas realizadas pelo jornal *Clarín* (2002) mostram que as ondas de saques, tanto no governo de Alfonsín como de De la Rúa, foram iniciadas por líderes de base, com a anuência de líderes políticos opositores ao governo.

Os *piquetes*, como forma de protesto social, aparecem associados, desde suas origens em 1996, como vimos na página 35, aos bloqueios de estradas realizados por trabalhadores desempregados que demandam a criação de postos de trabalho. Na realidade, como mecanismo de protesto, é mais antigo, mas passou a constituir uma forma sistemática de luta a partir das manifestações produzidas durante o governo de Menem e do processo de maior empobrecimento das classes sociais. O piquete, como instrumento de luta, tem proporcionado identidade ao grupo, como tem acontecido nos últimos anos, com o surgimento dos piqueteiros como movimento social. Como forma de protesto, os piquetes têm cumprido funções importantes. Uma delas é dar maior visibilidade pública à situação de milhares de pessoas argentinas desempregadas que se encontram em estado de extrema pobreza. Outra é a mobilização de pessoas e a rearticulação de grupos, numa teia de relações

sociais solidárias e políticas que opera nas comunidades de base. E uma terceira função está vinculada aos processos articulatórios com entidades de trabalhadores ocupados, os quais revelam, perante a opinião pública, a emergência do grupo na condição de “trabalhadores desempregados” (SVAMPA, 2003).

Os *paneļos* estrearam como protesto em 21 de dezembro de 2001, advindos de um setor pouco inclinado a participar de manifestações de rua: a classe média. Entre vinte e trinta mil pessoas confluíram espontaneamente para o centro de Buenos Aires, para repudiar as medidas implementadas pelo governo, ante a instalação do “corralito”, batendo em painéis. A painel como síntese, simboliza a perda do poder aquisitivo da classe média (RECALDE, 2003).

Outra forma de reação ao modelo econômico foi a ocupação e a restauração do funcionamento de fábricas fechadas por seus donos, as quais voltaram a produzir sob o controle de seus trabalhadores. Dessa maneira, foram recuperados cerca de cento e sessenta estabelecimentos abandonados, fechados ou esvaziados por seus proprietários. Em geral, eram pequenas e médias empresas, que, em conjunto, proporcionaram emprego a aproximadamente 15.000 operários, pertencentes a ramos diversos da produção (RECALDE, 2003).

A novidade revela-se no repúdio generalizado aos dirigentes políticos acusados de corrupção, sintetizado na palavra de ordem “*Que se vayan todos!*” surgida nas jornadas de dezembro de 2001, revelando a maior “crise de representatividade” da história argentina.

Porém um novo tecido social foi se estruturando, na articulação dos grupos que operavam nas bases comunitárias. Novas formas de ressignificar e construir o social surgiram diante da crise. Comedores populares, centros de apoio escolar, centros de saúde nos bairros e micro-empresendimentos rearticulam-se como centros comunitários, construídos a partir do trabalho de base dos piqueteiros e de grupos de trabalhadores desempregados, convertendo-se em espaços de resistência e de luta contra o modelo neoliberal. Os líderes desses grupos provêm de movimentos de esquerda, do peronismo e

da igreja; suas bases ideológicas estão ligadas às linhas do popular e do nacional. Esses novos atores sociais e políticos irrompem na cena nacional com suas novas significações e metodologias, trazendo uma versão reatualizada da história.

O ano 2003 encontra uma Argentina com uma profunda crise socioeconômica e política.

\* \* \*

“Cabecitas negras”, “oligarcas”, “descamisados”, “mulheres peronistas”, “Juventude Peronista”, “Montoneros”, “*Triple A*” e “piqueteiros” são construções simbólicas que emergem neste capítulo, ligadas estreitamente à imagem de Eva Perón, dando sentido a um cenário político reatualizado através da ação dos grupos pesquisados. Vale destacar o grupo piqueteiro, que destaca a imagem de Eva Perón, como veremos na descrição no capítulo IV, nas comemorações levadas a cabo no dia 26 de julho de 2003, dia do aniversário de seu falecimento.

O relato da trajetória de Eva Perón, no capítulo seguinte, tenta mostrar, através do resgate dos aspectos mais significativos da sua história, sua construção como personagem política, o que nos permitirá compreender a complexidade dos significados de sua imagem no campo político atual. Campo político, na acepção de um “campo de forças e como campo das lutas, que tem em vista transformar a relação de forças que, em um determinado momento, confere a este campo a sua estrutura em dado momento.” (Bourdieu, 1989 p.164).



### 3. EVA PERON: VIDA E HISTORIA

Maria Eva Duarte nasceu em 7 de maio de 1919, em General Viamonte, Estação Los Toldos, um pequeno povoado agropecuário da província de Buenos Aires, construído em torno da ferrovia, na Republica Argentina Era a quinta filha de uma relação extramatrimonial entre Juana Ibarguren e Juan Duarte. Segundo os autores consultados, Juan Duarte era considerado um homem respeitável, fazendeiro da cidade de Chivilcoy, que tinha arrendado e explorava uma estância em Los Toldos, lugar onde vivia Juana e seus filhos. Em Los Toldos, sabia-se que Duarte tinha esposa e três filhas em seu povoado de origem (Chivilcoy). Isso o colocava numa situação de bigamia, fato fortemente condenado pela sociedade da época, para as mulheres envolvidas ou submetidas a essa condição. Mas essa situação era tolerada no caso dos homens, sobretudo se pertenciam à alta sociedade. Para a comunidade, Eva e seus irmãos eram “filhos ilegítimos”<sup>42</sup>, pois nascidos a partir dessa relação irregular.

Juan Duarte teria convivido com a mãe de Eva até um pouco mais de um ano do seu nascimento, voltando a viver com a sua primeira família. Com a partida de Duarte, a situação dos Ibarguren mudou significativamente, pois tiveram de se mudar para uma casa mais modesta, onde dona Juana viu-se obrigada a costurar para manter a sua prole (NAVARRO, 1997). Em 1926, Juan Duarte morreu num acidente automobilístico.

Pouco antes do golpe de Estado de 1930, a família teria se transferido para a cidade de Junín, um importante centro ferroviário. Lá, a situação da família começou a melhorar, com o trabalho das irmãs mais velhas e do irmão – Blanca, como professora, Herminda, como empregada nos correios, e Juan,

---

<sup>42</sup> Na Argentina da época, a legitimidade de um filho estava relacionada ao seu nascimento dentro de um casamento legalmente constituído. Com a queda do governo peronista em 1955, a comissão investigadora encarregada de examinar as circunstâncias em que morreu Juan Duarte, o irmão de Eva, demonstrou a existência de adulteração da certidão de nascimento apresentada no seu casamento, e a de todos seus irmãos, assim como a falsificação da ata de casamento de Juan Duarte e Juana Ibarguren (Navarro, 1997, p. 21), com modificações do lugar de nascimento e a troca dos sobrenomes, de Ibarguren por Duarte.

como cadete. Com a crise econômica argentina, dona Juana, além de costurar, começou servir comida para pessoas, em geral homens.

A cena do funeral do pai de Eva, na cidade de Chivilcoy – com o comparecimento de dona Juana e seus cinco filhos, desafiando os costumes da época e a família regular de Juan Duarte – e a cena da pensão da mãe de Eva – que oferecia comida para trabalhadores homens – são reiteradamente usadas pelos narradores da história de Eva e por aqueles que buscam explicar o porquê de certas atitudes dela, especialmente o seu ressentimento frente aos acontecimentos de sua infância e que moldaram seu caráter .

Como muitas outras moças do povo, aos 15 anos, depois de completar a escola primária, Eva migrou para cidade, para tentar ser atriz. O mundo das atrizes entrava no âmbito doméstico, reduto das mulheres, através do rádio e das revistas que chegavam para os estados do interior do país, mostrando a glória da grande Buenos Aires. Ser atriz era o sonho de muitas jovens pobres, mas também era uma profissão altamente questionada pela sociedade, sobretudo por estar associada à vida noturna, à prostituição.

São confusas as versões sobre a migração de Eva para Buenos Aires. Segundo a versão oficial, Eva viajou com sua mãe. Mas outras versões, como a de Sebrelí (1971), assinalam que o fez na companhia de um cantor de tangos, Agustín Magaldi, que passou, nessa época, pela cidade.

Em Buenos Aires, Eva iniciou sua carreira, primeiramente como atriz de teatro de segunda categoria, e, posteriormente, em rádio-teatro. Pelos relatos dos biógrafos, a vida e a carreira de atriz de Eva não foram fáceis: "... indo de pensão em pensão, de teatro em teatro, representando papéis de baixa categoria, conheceu os dissabores da fome e da exclusão" (BORRONI&VACCA, 1970, p.29-31). A vida de Eva Duarte, na busca de melhores condições de vida, transcorreu como a de muitos provincianos que desembarcavam diariamente nas estações das ferrovias de Buenos Aires, na crescente migração do campo para a cidade.

Apos vários anos de trabalho no teatro e algumas aparições no cinema, em 1941, Eva assinou um contrato de patrocínio, por cinco anos, para seus programas de rádio (NAVARRO, 1997). Suas atividades, nesses anos,

aparecem registradas nas revistas *Sintonia*, *Antena* e *Radiolandia*. Sua figura adquire certa popularidade, e já era considerada uma atriz conhecida (NAVARRO, 1997). Em 1943, durante o governo militar, após a intervenção do governo nas rádios<sup>43</sup>, conseguiu um importante contrato na radio Belgrano, a emissora de maior prestígio naquele momento. Alguns autores atribuem a obtenção desse contrato à sua amizade com o interventor da rádio – Coronel Aníbal Imbert – a partir dos contínuos contatos que teve de manter com ele para a obtenção das autorizações para a transmissão do programa de rádio (BORRONI & VACCA, 1970), onde representaria a vida das heroínas mais famosas da história universal.

Em um horário privilegiado, com um roteiro especialmente escrito para ela, representou Carlota, a filha de Leopoldo I da Bélgica, Elizabeth da Inglaterra, Sara Bernhardt, Catarina a Grande, Isadora Duncan, dentre outras (GUIVANT, 1980). Para Navarro (1997, p.64), esse tipo de rádio-teatro não era novidade na radiotelefonía argentina daquela época. O contrato que Eva Duarte assinou, em setembro de 1943, pôs fim aos anos duros de sua vida de atriz. Em pouco tempo, mudou-se para um pequeno apartamento no bairro Norte, bairro de residência das camadas mais ricas da Argentina. Começou a chegar aos ensaios com roupas mais caras, de melhor confecção, e elegantemente penteada, com penteado alto e preso (DEMITROPULOS, 1984; NAVARRO, 1997, p.64).

Em agosto de 1943, cria-se a Associação de Trabalhadores de Rádios Argentinas, instituição que defendia os interesses dos trabalhadores da rádio, e Eva fazia parte da dessa associação. Essa sua atividade político-sindical tem sido pouco registrada pela literatura.

A Associação, em janeiro de 1944, participou, a pedido da Secretaria de Trabalho e Previsão, de um ato de ajuda às vítimas do terremoto que destruiu a cidade de San Juan. Tal solicitação foi feita por essa Secretaria para todos os representantes do trabalho, bancos, indústria, comércio, entidades desportivas e culturais, do teatro e cinematografía. Desde 1943, Juan Domingo Perón,

---

<sup>43</sup> Em junho de 1943 o governo intervém nos meios de comunicação, exigindo-lhes “a total eliminação de expressões teatrais que contivessem quadros sombrios, narrações sensacionalistas ou relatos pouco edificantes, ou uso de modismos que sujassem a linguagem” (NAVARRO, 1997, p.62,63).

como integrante do governo militar, à frente da Secretaria de Trabalho, mantinha estreitos vínculos com os sindicatos. Foi nos preparativos desse ato que Eva Duarte e Juan Domingo Perón conheceram-se. Eva Perón relembra esse encontro: “Por fin llegó ‘mi día maravilloso’. Todos, o casi todos, tenemos en la vida un día maravilloso [...] Para mi, fue el día en que mi vida coincidió con la vida de Perón.” (PERON, E. 1951, p.32)

Cinco meses após se conhecerem, passaram a viver juntos, o que era uma atitude pouco comum entre os que ocupavam um lugar importante dentro do governo. Perón tinha 48 anos e era viúvo, e Eva era solteira e tinha 24 anos. Essa situação provocaria certa irritação entre os colegas de armas de Perón, sobretudo porque ele se exibia publicamente com ela, apresentando-a a seus amigos. Vivia com ela em seu apartamento, além de fazê-la participar de algumas tertúlias políticas, comportamentos esses que atentavam contra a ética militar (GUIVANT, 1980). Eva começava a ter uma participação que superava as expectativas esperadas de uma “amante”, como ela era vista nessa época, e começava a receber as primeiras fortes críticas, com alusões a seu trabalho como atriz.

A partir de junho de 1944, acrescentou às suas outras atividades na rádio, o programa *Hacia un futuro mejor*, transmitido três vezes por semana, ciclo que a tornou a principal porta-voz da política de Perón na Secretaria de Trabalho e Previdência. Nos programas, Eva dirigia-se freqüentemente às mulheres, personificando uma mulher do povo que exaltava as medidas da Secretaria (BORRONI&VACCA, 1970). Eva dizia em um dos programas:

Soy una mujer de vosotras, madres, esposas, novias y hermanas... de mi salió el hijo que está en los cuarteles o el obrero que forja una Argentina nueva, en tierra, mar y aire. Veo las gentes moverse y esa gran unidad de sangre y carne que es un pueblo, echarse a un camino, bajo la conducción de los nuevos y vigorosos líderes de la revolución que ha llegado al recinto inviolable del alma...Marchan ya...sí, marchan hacia un futuro mejor. (BORRONI e VACCA, apud GUIVANT 1980, p. 75, 76)

O radio começa, nesse período, a converter-se num instrumento útil para a política de massas, levada adiante pelo governo militar e, em especial, por Perón. O poder do radio era maior com relação às ouvintes mulheres (GUIVANT, 1980, p.45). Dessa maneira, Eva começava a participar da

utilização política de um importante meio de comunicação de massas, dirigindo-se especialmente às mulheres.

Eva assume, ainda nesse ano, a presidência da Associação de Trabalhadores de Radio Argentina, que foi reconhecida oficialmente em maio de 1944 pela Secretaria de Trabalho e Previsão. Já então a atividade sindical de Eva Duarte aparece ligada diretamente à sua relação pessoal com Perón (GUIVANT, 1980).

Assim, também a mobilização das massas é interpretada, na literatura peronista, como um momento de ativa participação de Eva Perón, embora a maioria dos trabalhos, baseados em investigações documentais e em diversos testemunhos, tais como Borroni & Vacca (1970), Navarro (1997) e Guivant (1980), incline-se por resgatar uma participação secundária e não decisiva de Eva na semana de 17 de outubro de 1945 (ver pág. 43). A renúncia forçada de Perón a todos seus cargos no governo e a sua detenção na ilha Garcia coloca Eva diante da renúncia de todos seus contratos de trabalho, dando por finalizada sua carreira artística.

Em 22 de outubro de 1945, no registro Civil da cidade de Junín, Eva Duarte se casou com Juan Domingo Perón e, em 10 de dezembro, o fazem numa igreja da cidade da Plata. Nesses dias, Eva já acompanha Perón, que havia se candidatado à presidência da República, devido a seu afastamento da estrutura militar, em todos os eventos de sua campanha eleitoral. Percorreram o interior do país no chamado trem *El descamisado*. Eva, nos atos, aparece junto a ele, distribui material partidário e folhetos, congratula e conversa com as pessoas (BORRONI E VACCA, 1970). Era a primeira vez, na história argentina, que a esposa de um candidato participava dessas viagens. A campanha eleitoral caracterizava-se pela participação das mulheres argentinas, ainda que elas não votassem, nas duas grandes coalizões que haviam polarizado o campo político: por um lado, a linha peronista e, pelo outro, a União Democrática.

A chapa Perón-Quijano ganhou as eleições, realizadas em 24 de fevereiro de 1946. Conhecido o resultado, ao agradecer o apoio dado a Perón por parte das instituições femininas, Eva pronunciou seu primeiro discurso

oficial. Nele, expressa a postura do governo peronista em relação aos direitos políticos das mulheres: a mulher, pilar moral do lar, deve escolher (dentro dos limites peronistas) e vigiar, do lar, o processo de desenvolvimento do país.

La mujer del presidente de la Republica, que os habla, no es mas que una argentina más, la compañera Evita, que está luchando por la reivindicación de millones de mujeres injustamente postpuestas en aquello de mayor valor en toda conciencia: la voluntad de elegir, la voluntad de vigilar, desde el sagrado recinto del hogar, la marcha maravillosa de su propio país. Esta debe ser nuestra meta. Yo considero, amigas mías, que ha llegado el momento de unirnos en esta fase distinta de nuestra actividad cotidiana. Me lo indican diariamente la inquietud de vuestros pensamientos y la ansiedad que noto cada vez que cruzamos dos palabras. [ ...] La mujer argentina supo ser aceptada en la acción. Se está en deuda con ella. Es forzoso establecer, pues, esa igualdad de derechos, ya que se pidió y obtuvo casi espontáneamente esa igualdad en los deberes. El hogar, esa célula social donde se incuban los pueblos, es la argamasa nobilísima de nuestra tarea. [...] la mujer argentina ha superado el período de las tutorías civiles. Aquella que se volcó en la Plaza de Mayo el 17 de octubre, aquella que hizo oír su voz en la fábrica, en la oficina y en la escuela, aquella que día a día, trabaja junto al hombre en toda gama de las actividades de una comunidad dinámica, no puede ser solamente la espectadora de los movimientos políticos.[...] La mujer debe afirmar su acción, la mujer debe votar. La mujer resorte moral de un hogar, debe ocupar su sitio en el complejo engranaje social de un pueblo. Lo pide una necesidad nueva de organizarse en grupos más extendidos y remozados. Lo exige, en suma, la transformación del concepto de la mujer, que ha ido aumentando sacrificadamente el número de sus deberes sin pedir el mínimo de sus derechos. [...] El voto femenino será el arma que hará de nuestros hogares el recaudo supremo e inviolable de una conducta pública. El voto femenino será la primera apelación y la última. No es necesario elegir, sino también determinar el alcance de esa elección [...] (BORRONI & VACCA, 1970, p.77, 78,79).

Com a ascensão de Perón à presidência da Nação, Eva toma para si algumas atividades que ele realizava no órgão que lhe tinha proporcionado enorme poder – a Secretaria de Trabalho e Previdência – as quais não mais poderia realizar, devido à sua nova condição de mandatário. Perón designou José Maria Freire, dirigente sindical da CGT, como Secretario de Trabalho e Previdência, e encarregou Eva de tarefas, dentro da Secretaria, relacionadas com o contato com os trabalhadores e seus representantes. No livro *La Razón de mi vida* (1951), Eva relata que não assumiu as atividades dentro da Secretaria de Trabalho e Previsão “por sentimentos românticos”, senão:

Porque en ella podía encontrarme más fácilmente con el pueblo y con sus pobladores; porque el Ministro de Trabajo y Previsión es un obrero y con él Evita se entiende francamente y sin rodeos burocráticos; y porque además allí se me brindaron los elementos

necesarios para iniciar mi trabajo. Allí recibo a los obreros, a los humildes, a quienes me necesitan por cualquier problema personal o colectivo (PERÓN, E. 1951, p.82).

No livro *Del poder al exilio*, Perón diz que viu "... em Evita uma mulher excepcional, uma autentica apaixonada, animada por uma fé igualável aos dos primeiros cristãos [...] decidi, então que Eva Duarte permanecesse em meu Ministério e abandonasse sua atividade teatral". A presença de Eva Perón no Ministério de Trabalho foi paulatinamente aceita pelos operários como um fato a mais na Argentina peronista, ou na "nova Argentina". Porém as atividades de Eva não eram reconhecidas formalmente dentro da estrutura do governo (NAVARRO, 1987, p.145).

A rotina diária de Eva consistia em trabalhar pela manhã na Secretaria: percorria as fábricas sem a presença de Perón, dialogando com os trabalhadores e trabalhadoras, participava de reuniões com delegações sindicais para tratar de problemas relacionados ao âmbito do trabalho, participava de inaugurações, realizava discursos radiofônicos. O trabalho de Eva com os sindicatos consistia em receber as delegações de operários, servir de intermediária para a obtenção de serviços sociais ou reivindicações. Algumas vezes, tomava parte nas negociações de contratos coletivos de trabalho, representava Perón na sua ausência nos atos organizados pela CGT e, todas as quartas à tarde, ela acompanhava os membros do secretariado da CGT à Casa de Governo, na entrevista semanal programada com Perón para discutir problemas sindicais. Evita os acompanhava e ficava, às vezes, no escritório ao lado, outras vezes assistia às audiências especiais, cuja solicitação era feita por seu intermédio (NAVARRO, 1997).

Às tardes, Eva Perón se dedicava ao que ela chamava "ajuda social direta": recebia anciãos, homens, mulheres e jovens que chegavam à Secretaria, solicitando-lhe trabalho, ajuda material ou pensões.<sup>44</sup> Esse trabalho

---

<sup>44</sup> As pessoas solicitavam uma audiência, seja no Ministério ou mediante uma carta dirigida à residência presidencial, explicitando o problema. As cartas eram lidas e respondidas, colocando o dia, a hora e o lugar em que seria atendida. Uma vez no escritório de Eva Perón, a espera era interminável, pois, em geral, ela interrompia a jornada para cumprir outras obrigações. Logo após a entrevista, os secretários que a acompanhavam começavam a cumprir suas ordens.

vai adquirindo maior abrangência à medida que vão se passando os meses (NAVARRO, 1997).

As atividades realizadas por Eva Perón a foram distanciando dos setores mais conservadores, sobretudo porque não cumpria o modelo esperado para uma primeira dama e suas atividades beneficiavam o governo. De fato, atuava como uma primeira ministra. No mês de maio de 1946, o jornalista do *Newsweek*, em Buenos Aires, informava que "... ninguém tinha tanta influencia sobre o líder como sua mulher, a ex-atriz Eva Duarte, a qual se está se convertendo rapidamente na mulher atrás do trono mais importante na historia de América Latina". Em agosto, outro artigo, na mesma revista, chamava-a "a Presidente", e o jornal socialista *A Vanguardia*, de 3 de setembro de 1946, anunciava, em uma nota curta, que tinha começado a agir uma nova entidade que se chama "la señora presidenta" (NAVARRO, 1997, p. 155).

Com base no projeto de lei apresentado pelo deputado radical Ernesto Sanmartino, em julho de 1946 – que propunha que "as esposas dos funcionários públicos, políticos ou militares, não podiam desfrutar de honras e de nenhuma classe de prerrogativas de que gozam seus maridos, nem podiam assumir sua representação em atos públicos –, a Secretaria de Informações da Presidência da Nação emitiu um comunicado que explicava que a "Sra. Maria Eva Duarte de Perón não tinha nem secretários nem secretarias " e esclarecia ainda que "a permanente atividade da esposa do presidente da Nação relacionada diariamente com a vida das organizações sindicais, aponta a dona Maria Eva Duarte de Perón como uma ativa contribuinte ativa da obra de elevados fins sociais que se desenvolvem atualmente." (NAVARRO, 1997, p. 155, 156).

São várias as interpretações existentes a respeito do "papel de intermediadora" conferido a Eva Perón pelos autores consultados. Vários coincidem em argumentar que Eva era o canal de comunicação entre as massas e Perón, imagem que ela própria transmitia nos discursos, e enfatizam que sua mediação permitia, ao peronismo apresentá-la como um estandarte das camadas mais pobres (GUIVANT, 1980). Para Navarro (1997), a ascensão de Evita na estrutura de poder foi, na realidade, um lento processo que não se produziu pela simples decisão de Perón, ou pela vontade dela, senão como



resultado das mudanças políticas que se foram gerando a partir de 1946 (NAVARRO, 1997, p. 145). Outros autores, como Julia Guivant (1980), entendem que a intermediação de Eva tornou-se gradualmente mais complexa, na medida em que, para Perón, era crescente a necessidade de consolidar a sua base de apoio, ampliando suas alianças, mas submetendo-as à centralização do executivo. Para a autora citada, Eva contribuiu nesse complexo processo, assumindo importantes tarefas de coesão dentro do movimento a favor do peronismo, as quais, por sua vez, compreendiam medidas de repressão para aqueles que fossem contra o peronismo.

Os fatos mostram que, no segundo semestre de 1946, Perón iniciava sua política ofensiva contra o projeto de participação autônoma do “Partido Laborista”, que se tinha constituído como um apoio político para a campanha eleitoral. Resolveu dissolver o “Partido Laborista”, a “Unión Cívica Radical – Junta Renovadora” e os centros independentes, para formar um partido único, o peronismo, em 1947. A dissolução do “Partido Laborista” contou com a resistência de alguns dirigentes, entre eles Cipriano Reyes. Em setembro de 1948, Cipriano Reyes foi detido, acusado de complô contra a vida de Perón e Evita, permanecendo na prisão até 1955 (NAVARRO, 1997).

Pouco depois, Perón conseguiu colocar na CGT um secretario geral leal ao peronismo. Isso implicava uma política de colaboração mais franca da CGT com o governo, convertendo os sindicatos em um dos principais centros de poder político desse governo (NAVARRO, 1997; GUIVANT, 1980). Em 1948, diante da renovação das Câmaras de Deputados, e uma vez dissolvido o “Partido Laborista”, Perón conseguiu colocar, também nelas, novos candidatos. A esse respeito, diz Navarro (1997, p.150): “... nesta última circunstância, a influencia de Evita já se fez sentir, pois alguns dos candidatos a deputados foram dirigentes sindicais que tinham seu apoio, por exemplo, Guillermo De Prisco e Alfredo Machargo, dentre outros”.

Nos primeiros meses de 1947, Eva Perón já havia alcançado uma posição visivelmente importante, se bem que ainda indefinida na estrutura de poder. A Subsecretaria de Informações da Presidência emitia comunicados que descreviam suas atividades diárias, e os jornais deviam publicá-los. Em 17 de Janeiro de 1947, o jornal *Democracia* foi comprado pelo Estado e, a partir

desse momento, dedica um espaço cada vez maior para informar sobre os atos de Perón e exaltar sua pessoa (NAVARRO, 1987).

Nesse ano, Eva inicia uma ativa efetiva campanha pelo voto feminino, respaldada pelo jornal *Democracia*, e adquire uma nova identidade: “a porta-bandeira do voto feminino”. Nos meses anteriores à sua viagem a Europa, recebe varias delegações de mulheres peronistas, que solicitam a sanção dos direitos políticos da mulher. Além das referencias que fazia em seus discursos, Eva publica, com o seu nome, uma coluna no Jornal *Democracia* sobre o tema “A mulher argentina quer votar” e realiza um programa radiofônico noturno, em que convoca as mulheres a participar da luta pelo voto (GUIVANT, 1980, p.58). A mobilização das mulheres peronistas a favor do voto rapidamente se estrutura. Eva Perón dizia, em seus discursos às mulheres:

La hora de la mujer ha sonado en la República Argentina, el país precursor de los movimientos reivindicatorios americanos [...] Pero el sufragio femenino lleva en sí algo más, es la responsabilidad y el compromiso del ejemplo que comporta su ejercicio. No nos olvidemos que la mujer está representando el hogar. De hecho el hogar es el cimiento de los hombres nuevos. [...] Las mujeres de los trabajadores argentinos, a quienes el presidente ha entregado el decálogo de sus inalienables derechos, tienen la ocasión de solicitar para ellas, siquiera el más irrenunciable: el de elegir su gobierno (PERON, E. 1999, p.101, 102, 103)<sup>45</sup>

Perón confió en ti y tú debes confiar en Perón, amiga mía. Tendrás el voto para certificar tu voluntad cívica así como tuviste voz para expresar tu anhelo social de mejoramiento y tu esperanza en el hombre que hizo posible una Argentina nueva (PERON, E. 1999, p.109 e 110)<sup>46</sup>.

Fica claro, portanto, que Eva apresenta o voto feminino como parte do programa de justiça social de Perón, e, portanto, as mulheres deviam mover-se e atuar em torno desse marco.

No meio do processo de luta pelo voto feminino, Eva realizou, durante dois meses, uma viagem oficial à Europa, representando o governo de Perón. Navarro (1987) explica que não faltaram comentários desfavoráveis, tanto

---

<sup>45</sup> Discurso pronunciado em 26 de fevereiro de 1947, na “residência presidencial de Olivos” e transmitido pela L. R. A Radio do Estado e a “Red Argentina de Radiodifusión”

<sup>46</sup> Discurso pronunciado em 12 de março de 1947, na “residência presidencial de Olivos”, às 21 horas, e transmitido pela L.R.A Radio do Estado e na “Red Argentina de Radiodifusión”. No dia 19 de março de 1947, encerra-se o ciclo de discursos na rádio a favor do voto feminino (PERON, Eva, 1999, p.115)

antes como depois de sua chegada, os quais, em geral, provinham de partidos socialistas e comunistas. Em dois de junho, por força de uma declaração do Ministro do Trabalho, que fazia referência a Eva como “a representante cabal da mulher argentina”, foi emitido um comunicado da Conferencia de Mulheres Socialistas que afirmava: 1) que as mulheres socialistas não se sentem representadas por essa senhora; 2) que deploram e repudiam o titulo de *Honoris Causa* que lhe fora conferido pela Universidade de la cidade de La Plata; 3) que lamentam que o governo da França, onde existem tão grande numero de companheiros socialistas, a tenha convidado oficialmente.

Na Espanha, Eva foi recebida por multidões de pessoas que clamavam seu nome. Sua presença provocou grande sensação entre as agencias de notícias internacionais, já interessadas nela. Eva pronunciou discursos na Espanha para multidões, participou de cerimônias, visitou obras de caridade, deu uma entrevista à imprensa, na qual declarou “não entender nada de política”, e se pronunciou contra o divorcio. Durante a recepção oferecida pela Associação Sufragista da Itália, definiu o voto feminino como a arma defensiva de nossos lares, como garantia suprema da boa administração publica (NAVARRO, 1987). Em Roma, foi recebida pelo Papa Pio XII, que lhe concedeu uma audiência de vinte minutos, segundo o protocolo estabelecido pelo vaticano para as rainhas. Vestiu-se com roupas de luxo e jóias que ficaram registradas em fotografias reproduzidas insistentemente durante anos, na Argentina e no exterior.

No dia 9 de setembro de 1947, poucos dias após seu regresso da Europa, foi aprovada, na Câmara de Deputados, a lei de sufrágio feminino. Esse evento mobilizou milhares de mulheres que esperavam o resultado das deliberações dos deputados. Aos gritos de “Um dois e três, que se aprove de uma vez!” e “Queremos o voto!”, as mulheres agitavam enormes cartazes, bandeiras e os retratos de Perón e Evita. Eram mulheres que pertenciam às camadas populares. Essas mulheres e as feministas organizadas eram separadas não só pelas diferenças de classe, mas também pela figura de Perón (NAVARRO, 1997). Diz Navarro (1997, p.193) que, “enquanto o feminismo argentino se enfraquecia na luta contra Perón e desaparecia com o

fracasso da União Democrática, se estava gerando um novo fenômeno, a incorporação maciça massiva da mulher no movimento...”.

Em 23 de setembro de 1947, exatamente um mês depois do retorno de Eva da Europa, a CGT organizou um ato em frente à Casa Rosada para celebrar a promulgação da lei 13.010, que concedia o voto à mulher. À frente de uma multidão, Perón e Borgenghi assinaram o decreto e, logo após, Perón entregou o documento a Eva, num gesto simbólico que expressava publicamente o reconhecimento do governo pela sua campanha a favor dos direitos políticos da mulher (NAVARRO, 1997).

Eva Perón, com a lei nas mãos e emocionada, falou dirigindo-se às “mulheres de minha pátria”:

Recibo en este instante, de manos do gobierno de la Nación la ley que consagra nuestros derechos cívicos[...] Aquí está, hermanas mías, reunida en la letra apretada de pocos artículos, una larga historia de luchas, tropiezos y esperanzas [...] Y esto último que traduce la victoria de la mujeres sobre las incomprensiones, las negaciones y los intereses creados de las castas repudiadas por nuestro despertar nacional, sólo ha sido posible en el ambiente de justicia de recuperación y de saneamiento de la Patria, que estimula e inspira la obra de gobierno del general Perón, líder del pueblo argentino [...] Mis queridas compañeras, hemos llegado al objetivo que nos habíamos trazado, después de una lucha ardorosa. Hemos roto los viejos prejuicios de la oligarquía en derrota”. El camino ha sido largo y penoso [...] Y hoy victoriosas, resurgimos conscientes y emancipadas, fortalecidas y plétóricas de fe en nuestras propias fuerzas. Hoy sumamos nuestras voluntades cívicas a la voluntad nacional de seguir las enseñanzas dignificadoras y recuperadoras de nuestro líder, el general Perón”... “El sufragio, que nos da participación en el porvenir nacional, lanza sobre nuestros hombros una pesada responsabilidad. Es la responsabilidad de elegir. Mejor dicho de saber elegir. [...] El voto que hemos conquistado es una herramienta nueva en nuestras manos. Pero nuestras manos no son nuevas en las luchas, en el trabajo y en el milagro repetido de la creación. Tenemos, hermanas mías, una alta misión que cumplir en los años que se avecinan. Luchar por la paz. Pero la lucha por la paz es también una guerra. Una guerra declarada y sin cuartel contra los privilegios de los parásitos que pretenden volver a negociar nuestro patrimonio de los argentinos. Una construye burocráticamente, vale decir con frialdad, en la que el gran ausente es el amor. (PERON Eva, 1951, p.157)

Do o ponto de vista formal, a fundação Eva Perón nasceu no dia 8 de julho de 1948, através do decreto 20564, e só em setembro de 1950 passou a se chamar Fundação “Eva Perón”, nome que conservou até depois do golpe militar que pôs fim à segunda presidência de Perón (NAVARRO, 1997). A

Fundação tinha seus escritórios na Secretaria de Trabalho e Previsão e se caracterizou pela criação de clínicas de recuperação infantil, lares de anciãos, escolas de enfermeiras, colônias de férias, cidades estudantis, albergues, assistência em casos de acidentes e situações de emergências, entrega de bolsas de estudos, de pensões, construção de provedorias para contribuir para o barateamento do custo de vida, realização de torneios esportivos etc. Também, enviou ajuda solidária às famílias pobres dos EEUU, Espanha, para as vítimas do terremoto de Quito, dentre outras formas de auxílio<sup>47</sup>, motivo pelo qual lhe foram concedidos vários títulos simbólicos – "Primeira Samaritana Argentina", "Dama da Esperança", "Porta-bandeira dos Humildes" – pelos órgãos oficiais de difusão, além do reconhecimento por parte de países estrangeiros (GUIVANT, 1980).

A entidade dispunha de autonomia institucional e de enormes recursos financeiros, dos quais não prestava contas. Os recursos da Fundação eram obtidos das receitas de diferentes órgãos oficiais, pela contribuição obrigatória proveniente de dois dias de trabalho – 1 de maio e 12 de outubro – retida dos salários dos operários e também dos empregados de indústrias, associações

---

<sup>47</sup>No campo educacional, essa instituição construiu um total de 1000 escolas e 18 lares-escolas no interior do país, onde cerca de 3000 crianças de 4 a 10 anos, de pais sem recursos, estudavam, como internos ou externos, segundo as necessidades de cada família. A Cidade Infantil Amanda Allen e a Cidade Infantil Evita, ambas na Capital Federal, foram construídas em meio a amplos jardins. Contavam com salas e quartos alegres e espaçosos, uma enfermaria, um refeitório decorado com personagens e animais de contos infantis e uma série de edifícios que configuravam uma cidade em miniatura, onde brincavam 300 crianças em idade pré-escolar. No campo da assistência médica, a fundação construiu um total de quatro policlínicas em Buenos Aires e outras nas províncias de Salta, Mendoza, Jujuy, Santiago del Estero, Catamarca, Corrientes. Entre Ríos y Rosario. Não chegou a inaugurar a policlínica de crianças em Baigorria (Catamarca), pois ocorreu a "Revolución Libertadora", que deteve a construção de um hospital em Corrientes e abandonou também as obras do "Hospital de Niños de la Capital Federal". A fundação mantinha também o "Instituto del Quemado". Em 1951, enviou um trem sanitário que percorreu durante 4 meses todo o país, oferecendo, de graça, serviços de raios X e outros tipos de assistência médica à população. Quando um desastre acontecia, a Fundação enviava suas ambulâncias, enfermeiras e também roupa, comida e medicamentos, tanto dentro da República como no exterior como aconteceu com o Peru, Equador, Colômbia. Em Buenos Aires, mantinha três lares de trânsito, com uma capacidade para 1150 pessoas, o lar da empregada e quatro lares de anciãos. Eram conjuntos de vários edifícios: escritórios, quartos, enfermarias, onde podiam criar frangos, aves, cavalos, etc. A Fundação promovia feiras para estudantes, operários, anciãos e crianças em suas unidades de turismo de Uspallata (Mendoza), Chapadmalal (Buenos Aires) onde foram construídos treze hotéis com uma capacidade total para 4000 pessoas e outras unidades em "Embalse Río Tercero" (Córdoba). Construiu-se assim mesmo moradias para operários como o bairro Presidente Perón e Cidade Evita que proporcionou moradia própria para 25.000 famílias. A partir de 1948, a Fundação começou a patrocinar os campeonatos infantis e juvenis de futebol, torneios de atletismo, natação, basquetebol, etc. Eram competições que abrigaram a 218.540 meninos e meninas. E, em todos os natais, desde 1946, distribuíam-se pão doce e sidras para as famílias pobres argentinas (NAVARRO, 1997; CASTIÑEIRAS, 2001).

empresariais e comerciais, sindicatos e instituições provinciais e municipais, e também de doações. Alguns críticos registram que essas doações eram obtidas sob pressão.

As instalações dos estabelecimentos pertencentes à Fundação caracterizavam-se por recriar um clima de lar para os internos e as internas. Para que isso se tornasse realidade, foi criada uma equipe de pessoas de confiança de Eva e foram destinados recursos econômicos para manter uma estrutura de conforto nesses lugares. Eva diz, em *La razón de mi vida*:

Los ingenieros y arquitectos de la Fundación proyectan sobre mis grandes planes [...] pero después yo pongo en cada obra todo eso que ellos no vieron. Sobretudo al principio me costaba hacerles entender que los hogares de la Fundación no eran asilos... que los hospitales no eran antesalas de la muerte sino antesalas de la vida... que las viviendas no debían ser lugares para dormir sino para vivir alegremente... No era culpa de ellos que no me comprendiesen de primera intención. Durante cien años el alma estrecha de los ricos, para acallar la voz de la conciencia, no concibió nada mejor que tratar a los pobres con migajas de limosna. Limosna no era solamente las monedas miserables y frías que los ricos dejaban caer sobre las manos extendidas de los pobres. Limosna eran también los asilos escasos que construyeron con las sobras de alguna herencia multimillonaria. Todo en la obra social del siglo que nos precedió fue así: frío, sórdido, mezquino y egoísta... [...] Los niños que ellos intentaron salvar no olvidaran jamás que ellos fueron sus verdugos [...] a mí me ha tocado el honor de destruir con mi obra algunos de esos viejos conceptos. Por eso mis hogares son generosamente ricos...más aún, quiero excederme en esto. Quiero que sean lujosos. Precisamente porque un siglo de asilos miserables no se puede borrar sino con otro siglo de hogares excesivamente lujosos. No me importa que algunas visitas de compromiso se rasguen las vestidura y aún con buenas palabras me digan: ¿Por qué tanto lujo? O me pregunten casi ingenuamente: ¿No tiene miedo de que se acostumbren a vivir como ricos? No, no tengo miedo. Por el contrario, yo deseo que se acostumbren a vivir como ricos (PERÓN E. 1951.p.210-212)

A criação e o posterior poder adquirido pela Fundação Eva Perón aumentaram as críticas e as resistências da oligarquia para com Eva Perón, já que lhe outorgavam certa influência nas intervenções da Sociedade de Beneficência, que, como já vimos, era o órgão encarregado, até 1946, da ação social argentina e que estava sob a administração das damas da “alta sociedade argentina”. Na interpretação da sociedade, sobretudo dos opositores ao governo, a Fundação Eva Perón pretendia substituir a antiga “Sociedade de Beneficência” cuja intervenção se efetuou em 1946. Porém, Navarro (1997)

explica que a decisão se enquadraria dentro da tendência dos governos surgidos na revolução de 4 de junho de 1943, de modernizar, reestruturar e ampliar o aparato estatal, estabelecendo um maior controle sobre algumas instituições.

Os argumentos utilizados para justificar a participação de Eva na intervenção na Sociedade de Beneficência, que integram as interpretações que nutrem o mito de Eva Perón, fundamentam o ressentimento contra ela. Segundo GUIVANT (1980, p. 56), “... aparentemente Eva pretendia ser nomeada sua presidenta, cargo que por tradição corresponderia à esposa do primeiro mandatário, porém seu desejo foi freado pelas mulheres da oligarquia que não podiam permitir que uma plebéia, de passado duvidoso, ascendesse a tal posto.”

Em 28 de agosto de 1948, em no meio às ações realizadas pela Fundação Eva Perón, ela proclama a Declaração dos Direitos dos idosos, chamada “O Decálogo do idoso”, o qual assegurava ao idoso os direitos à proteção integral por conta e encargo da família e do Estado, ou seja, o direito à moradia, à alimentação, ao vestuário, ao trabalho, à saúde física, à saúde moral, ao lazer, à tranqüilidade, ao respeito. No cumprimento dos dispositivos dessa declaração, pela primeira vez, através da Fundação, subsídios foram destinados aos idosos carentes e 1000 pensões. Construíram-se lares para aqueles anciãos que não tinham moradia. Esse decálogo, avançado na para a época, foi abandonado pelos governos posteriores. Segundo o relato de Adela Diaz, “... passados 51 anos do falecimento de Eva Perón e ainda não temos [os argentinos] uma lei do idoso, quando, naquela época, Eva já tinha escrito o decálogo”.<sup>48</sup>

Sobre a ação social direta que desenvolvia, Eva Perón explicava:

Yo no hago otra cosa que devolver a los pobres lo que todos los demás les debemos, porque se lo habíamos quitado injustamente. (PERON EVA, 1951, p.183)

Tal vez porque mi más profundo sentimiento es el de la indignación ante la injusticia, yo he conseguido hacer mi trabajo de ayuda social sin caer en lo sentimental, ni dejarme llevar por la sensiblería. Por

---

<sup>48</sup> Adela Diaz, peronista, de 82 anos de idade, atualmente é membro da Comissão pro lei do idoso. Foi uma das primeiras mulheres a trabalhar pela entrega e registro os documentos de identidade para as mulheres argentinas após promulgação da lei 13.010. Entrevistada em 10/9/2003.

otra parte, Perón me ha enseñado que lo que yo hago en favor de los humildes de mi Patria, no es más que Justicia [...] No. No es filantropía, ni es caridad, ni es limosna, ni es solidaridad social, ni es beneficencia. Ni siquiera es ayuda social, aunque por darle un nombre aproximado yo le he puesto ese. Para mí, es estrictamente justicia... Porque la limosna fue siempre un placer de los ricos: el placer desalmado de excitar el deseo de los pobres sin dejarlo nunca satisfecho. Y para eso, para que la limosna fuese aún más miserable y más cruel, inventaron la beneficencia y así añadieron al placer perverso de la limosna el placer de divertirse alegremente con el pretexto del hambre de los pobres. La limosna y la beneficencia son para mi ostentación de riqueza y de poder para humillar a los humildes (PERON Eva, 1951, p. 181-182).

Após a morte de Eva, a Fundação continuou funcionando em um ritmo mais lento. Durante os primeiros meses, Perón a dirigiu diretamente. Alguns meses depois, nomeou ao tenente coronel Alberto Bolaños como gerente e um Conselho formado por um presidente e oito vogais, quatro deles designados pelo secretario geral da CGT e quatro nomeados pelo Ministério de Trabalho e Previdência, sendo que a presidência continuava a cargo de Perón.

Em meados de 1949, as funções que Eva desempenhava no governo peronista já estavam claramente definidas: era a delegada e interprete de Perón diante dos descamisados, a representante deles diante do líder, a porta-bandeira das mulheres e dos humildes e, nesse ano, se converteria na Presidente do Partido Peronista Feminino. Eva tinha se transformado no símbolo da lealdade a Perón e no símbolo dos descamisados. Não ocultava sua origem social. Ao contrario, permanentemente a reconfirmava, e isso lhe possibilitava uma grande identificação com as classes populares.

Um ano e meio após a promulgação do sufrágio feminino, o Conselho Superior do Partido Peronista decidiu modificar o regulamento do partido, a fim de criar um setor feminino (BARRY, 2001). Assim, o Partido Peronista Feminino surgia como um instrumento destinado a canalizar a mobilização das mulheres peronistas, o que vinha acontecendo desde o dia 17 de outubro de 1945, em alguns centros partidários e núcleos de bairros. Por outro lado, a incorporação orgânica das mulheres ao partido possibilitava o fortalecimento do peronismo e a oportunidade de o governo peronista conseguir uma base suficiente para se estender-se por um segundo período de mandato.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> No ano 1949, produz-se a modificação da Constituição Nacional. Entre as reformas feitas, incorpora-se a possibilidade da reeleição do Presidente (CORTIZO, 1994).



Essa decisão foi referendada em 26 de julho de 1949, quando o Partido Peronista realizou uma Assembléia para lançar as bases definitivas de sua organização, com a presença de seis mil delegados, dos quais mil e quinhentos eram mulheres. No dia seguinte e até o dia 29, as mulheres estiveram reunidas no Teatro Nacional Cervantes para eleger as autoridades do futuro Partido Peronista Feminino. Ali, Eva Perón foi proclamada presidente do Partido Peronista Feminino (BARRY, 2001; NAVARRO, 1997). No discurso de abertura da Assembléia Nacional do Movimento Peronista Feminino, no dia 27 de julho, Eva pronunciou um extenso discurso, com o objetivo de traçar os caminhos da nova organização. Eva explica:

Nuestro programa, nuestra elevada misión de mujeres, de trabajadoras y de ciudadanas peronistas es reforzar y consolidar nuestra unidad femenina, propagar y popularizar la doctrina de Perón, transformándonos en sus orgullosas abanderadas e incansables portavoces en todos los sectores de la vida nacional. Comenzando por el hogar, del que somos inspiración y espíritu, cuya vida material y oral llenó de luz la doctrina y la obra del general Perón[...]La unidad femenina peronista debe ser nuestra preocupación básica y debe constituir nuestro objetivo diario y superior de ciudadanas y de mujeres. Como nos identificamos? Es la más estricta fidelidad a la doctrina, la obra y la personalidad del general Perón, que corresponde a identificarse con la revolución, porque nuestro movimiento se inspira teórica y doctrinariamente en la palabra de Perón y se alimenta prácticamente de su obra de gobernante. Para la mujer ser peronistas es, ante todo, fidelidad a Perón, subordinación a Perón y confianza ciega en Perón! [...] toda ambición personal, por mejor intencionada que parezca, toda fuerza y energía peronista gastada en provecho propio, aunque se gaste dentro de los mismos cuadros de nuestra organización femenina, resulta consciente o inconscientemente una acción contra su unidad, por lo mismo, un esfuerzo contra el general Perón. [...] No hay más que un líder, no hay más que un objetivo ni hay más que un camino para llegar a él. Nuestro líder único es el general Perón [...] El objetivo único es la felicidad de todos los que trabajan [...] ¿Cual era a situación de la mujer en lo económico, lo político y lo social hasta la fecha? Madre, hija, hermana del pueblo, la mujer argentina sufrió las mismas negaciones e injusticias que caían sobre ese pueblo y sumó a ellas la suprema injusticia de no tener derecho a elegir ni a ser elegida. [...] En lo económico sufríamos directamente en doble proporción la indignidad económica que pesaba sobre todo el pueblo argentino. [...] la mujer fue doblemente victima de todas las injusticias. En el hogar sufría más que los suyos, porque toda la miseria, toda la desolación, todos los sacrificios los monopolizaba ella para evitárselos a sus hijos. Llevada a la fábrica sufrió toda la prepotencia patronal... Descubierta finalmente por el industrial como fuerza de trabajo que se puede pagar menos, transforma la mujer laboriosa en la competidora de su propio hermano trabajador, realizando, por imposición de las circunstancias y las necesidades de llevar el sustento al hogar los mismos trabajos pero con salario menor [...]cumplir con el líder significa comprometer todo lo que nos ha dado para determinar cuanto le debemos y que tenemos que consolidar y preservar para que su obra grandiosa en bien del pueblo- que son nuestros hijos,

nuestros hermanos, nuestros padres y nosotras mismas- rinda todo el fruto que justifica su sacrificio por la colectividad. Esa comprensión nos obliga al estudio y al conocimiento de la doctrina peronista, de la obra de Perón y de los objetivos fundamentales por los que lucha incasablemente desde la presidencia de la República [...] las mujeres no hemos sido meras espectadoras del drama social. Hemos sido actoras y lo seremos en el porvenir con más intensidad aún. Reclamamos un puesto en la lucha porque hemos sufrido tanto o más que los hombres y porque, como sostenemos siempre, nuestra misión esencial no sólo es dar hijos a la Patria, sino hombres a la humanidad. Este concepto amplía responsabilidad del movimiento femenino peronista... Reclamamos un puesto en la lucha y consideramos ese derecho como un honor y como un deber [...] Efectivamente: no hay razones para la pasividad femenina frente a la amenaza que se ejerce por igual sobre nosotras las mujeres argentinas, que sobre la totalidad de nuestras hermanas de América y del mundo. Y no hay razones de pasividad, porque no sólo tenemos el arma teórica que soluciona el problema esencial, sino que podemos exhibir la virtualidad del ejemplo de nuestro país. (PERÓN E. 1999<sup>a</sup>, p. 76-108)

A mensagem de Eva às mulheres peronistas era clara: elas deviam se organizar, seguindo o caminho traçado por Perón para o país. O princípio fundamental do Partido Peronista Feminino deveria ser a unidade em torno da doutrina e da pessoa de Perón. Toda ambição pessoal deveria ser abandonada, pois atenta contra a unidade e, conseqüentemente, contra Perón. Para a mulher, ser peronista significa fidelidade e subordinação a Perón e à sua doutrina; portanto, deve-se estudá-la, estudar a obra de Perón e os objetivos pelos quais ele luta. Além de explicar a situação na qual se encontravam homens e mulheres argentinos até 1946, o *justicialismo* e a Terceira Posição<sup>50</sup> trouxeram, segundo Eva, as soluções para o país e para o mundo inteiro. Para Eva, as mulheres estavam capacitadas a empreender a luta política, porque sempre tinham sido atuantes nos processos sociais. A luta política deveria ser vista como uma honra e como um direito que as mulheres souberam ganhar. Eva conclamava as mulheres a saírem da passividade.

---

<sup>50</sup> O *justicialismo* fixou sua ideologia no Primeiro Congresso de Filosofia realizado em Mendoza, organizado entre 30 de março e o 9 de abril de 1949. O conteúdo expresso no discurso pronunciado por Perón foi editado com o título “Una Comunidad Organizada” e compreende o fundamento filosófico da doutrina peronista, a doutrina amplia-se com os fundamentos do livro “condução Política” que trata a teoria e a técnica da condução política destinadas aos dirigentes que tem que atuar na condução. Para Perón a luta de classes é a dissociação dos elementos naturais da comunidade e como tal, encontra-se em fase de superação (PERÓN, 1987)

Pouco depois da Primeira Assembléia do PPF, Eva começou a selecionar pessoalmente um grupo de vinte e três mulheres, chamadas as “delegadas censistas”, que deveriam se instalar, uma em cada província, com a missão de registrar e afiliar as mulheres em todo o país e organizar e pôr em funcionamento as “*unidades básicas*” (NAVARRO, 1997). Em geral, as “delegadas censistas” eram, de acordo as palavras de Eva Perón, mulheres que não tinham experiência política, jovens, algumas professoras, enfermeiras, etc.

Yo las había conocido como colaboradoras mías infatigables en la ayuda social, como fervientes peronistas de todas horas, como fanáticas de la causa de Perón. Tenía que exigirles grandes sacrificios: abandonar el hogar, el trabajo, dejar prácticamente una vida para empezar otra distinta, intensa y dura. Para eso necesitaba mujeres así, infatigables, fervientes, fanáticas (PERON, E. 1951, p. 291).

Eva controlava as atividades das delegadas, solicitava-lhes os detalhes do trabalho realizado em relatórios, encorajava-as diante das dificuldades, usava sua influencia para tornar a tarefa mais leve e, periodicamente, mandava-lhes supervisoras (entrevista Ana Macri).<sup>51</sup>

Durante 1950 e 1951, as “delegadas censistas” organizaram 3.600 unidades básicas femininas, de acordo as palavras de Eva Perón, em todo o país. Essas *unidades*, além de centros de formação política e de difusão cultural, ofereciam cursos de datilografia, costura e alfabetização para crianças, realizados por mulheres, e atuavam como núcleos de ação comunitária, articulando-se com a Fundação (NAVARRO, 1997, entrevista Ana Macri). As mulheres se incorporaram a esse tipo de participação política de maneira maciça e entusiasmada.<sup>52</sup>

A decisão de compor uma estrutura paralela, só de mulheres, a outro partido integrado por homens não tinha antecedentes na Argentina. Eva organizou o PPF como uma entidade paralela ao partido peronista masculino e a manteve separada dele de tal maneira, que não permitia ingerência alguma

---

<sup>51</sup> Ana Macri, ex-delegada censista da província de Tucuman, ex-deputada nacional, 75 anos. Entrevista realizada em 12/9/2003

<sup>52</sup> Ver “O Partido Peronista Argentino”, Segunda parte. Bianchi & Sanchis, Buenos Aires, 1988. Nele, as autoras resgatam expressões de alegria emitidas pelas mulheres, diante de sua incorporação ao partido peronista feminino.

das autoridades do PPM na agremiação feminina. O PPF viveu um processo de organização muito rápido. Ela sentia grande orgulho da entidade e assim o demonstrava nos seus discursos. Em fevereiro de 1951, Perón, num ato ocorrido no Salão Branco da Casa de Governo, declarou que a organização do Partido Peronista Feminino era “tão perfeita e tão completa que no campo político argentino, em toda tradição cívica, não houve jamais uma força mais disciplinada, mais virtuosa, mais moral e mais patriótica que esta agrupação” (BARRY; 2001 NAVARRO, 1997).

Segundo explica Navarro (1997), Eva Perón, como membro do Conselho Superior do Partido Peronista, participou da constituição das listas de candidatos e candidatas para as eleições de 1951, aceitando seis vagas de senadoras e 23 de deputadas. Em relação ao contexto histórico, esse número representa uma conquista valiosa na abertura do caminho político para as mulheres.<sup>53</sup> Eva selecionou as candidatas e todas elas foram eleitas; nenhuma delas havia tido experiência política previa e somente uma tinha pertencido ao grupo das “delegadas censistas” (BARRY, 2001; NAVARRO, 1997). Para Navarro (1997, p.222), Eva Perón dirigiu o PPF com uma característica semelhante à de Perón, não delegando autoridade: “... essa circunstância incidirá poderosamente no funcionamento do partido depois de 1952”.

Nas eleições de 11 de novembro de 1951, quando Perón foi reeleito com 60% dos votos, as mulheres constituíam 48,9% do eleitorado. De um total de 8.623.646 eleitores, 4.225.467 eram mulheres. Votaram 90,32% delas. Dos 3.816.654 votos femininos, 63,9% foram para o partido Peronista e 30,8% para o Partido União Cívica Radical (NAVARRO, 1997, p.223).

Eva escreveu em *La Razón de mi vida*

Yo creo que el movimiento femenino organizado como fuerza en cada país y en todo el mundo debe hacerle y le haría un gran bien a toda la humanidad.

---

<sup>53</sup> A partir desse momento, sempre que o peronismo participou de eleições, o setor feminino tem apresentado candidatas, não em proporções tão altas como quando Eva era viva: em 1952 as mulheres compunham 16,88 % da Câmara de Deputados e em 1973 somente alcançaram 7,4 % e, neste último caso, não eram todas peronistas. Na Câmara de Senadores, no entanto, em 1952, as mulheres chegavam a 25 % e, em 1973, decresceram a 4,34 %. Na eleição do ano 1951, os outros partidos políticos, salvo partidos socialistas com três propostas, não apresentaram candidatas para as eleições (NAVARRO, 1997, p.233). No momento do golpe militar de 1955, havia 37 deputadas e 8 senadoras. Esses números só foram superados na década do 80, com a chegada da democracia (NAVARRO, 1999, p.23).

No sé en donde he leído alguna vez que en este mundo nuestro, el gran ausente es el amor. Yo, aunque sea un poco de plagio, diré más bien que el mundo actual padece de una gran ausencia: la de la mujer.

Todo, absolutamente todo en este mundo contemporáneo, ha sido hecho según la medida del hombre.

Nosotras estamos ausentes en los gobiernos.

Estamos ausentes en los parlamentos.

En las organizaciones internacionales.

No estamos ni en el Vaticano ni en el Kremlin.

Ni en los estados mayores de los imperialismos.

Ni en las comisiones de energía atómica.

Ni en los grandes consorcios.

Ni en la masonería, ni en las sociedades secretas.

No estamos en ninguno de los grandes centros que constituyen un poder en el mundo.

Y sin embargo estuvimos siempre en la hora de la agonía y en todas las horas amargas de la humanidad.

Parece como si nuestra vocación no fuese sustancialmente la de crear sino la del sacrificio.

Nuestro símbolo debería ser el de la madre de Cristo al pie de la cruz.

Y sin embargo nuestra más alta misión no es esa sino crear.

Yo no me explico pues por qué no estamos allí donde se quiere crear la felicidad del hombre.

¿Acaso no tenemos con el hombre un destino común?

¿Acaso no debemos hacer juntos la felicidad de la familia?

Tal vez por no habernos invitado a sus grandes organizaciones sociales el hombre ha fracasado y no ha podido hacer feliz a la humanidad. (Perón E. 1951, p. 283, 284).

A organização do Partido Peronista Feminino aumentou consideravelmente o poder e a influencia de Eva, sobretudo porque esse partido foi se definindo como um movimento composto por três pilares: o Partido Peronista Masculino, o Feminino e a CGT. Como membro do Conselho Superior, presidente do setor feminino e representante da CGT, sua palavra foi adquirindo um peso só comparável ao de Perón em tudo que se refere a designações de autoridades partidárias, candidatos a legisladores etc. (GUIVANT, 1980).

Nesse período, as homenagens a Perón e Eva começavam a ser incrementadas, aumentava a insistência em denominar ruas, povoados, barcos, instituições etc., com os nomes de Eva e Perón, e isso, por sua vez,

era acompanhado de grande entusiasmo. Quando Eva estava presente, multidões aproximavam-se para escutá-la e milhares esperavam sua passagem para cumprimentá-la (BORRONI & VACCA, 1970).

Em 1951, Eva ministrava aulas de “Historia do Movimento Peronista” na recém inaugurada Escola Superior Peronista; um instituto no qual se preparavam politicamente os peronistas e as peronistas, falando-lhes sobre *justicialismo* político e economia justicialista, a constituição justicialista e a ética justicialista. Por sua vez, Perón estava encarregado do curso sobre “Condução política”. Essas seis aulas ministradas por Eva foram posteriormente reunidas num livro intitulado *Historia Del Peronismo* (BORRONI & VACCA, 1970, NAVARRO, 1997).

Durante o ano 1950, os núcleos de poder que Eva acumulara, sucessivamente, permitiram-lhe assumir um mais significativo. Evita já era uma figura política de primeira magnitude, obscurecida unicamente pelo prestígio e o poder de Perón. Sua próxima tarefa seria lançar sua candidatura à vice-presidência da Nação, na chapa de Perón para as eleições de 1951 (GUIVANT, 1980). Como alguns colaboradores de Perón tiveram sua vida política ofuscada, foi ganhando força a pessoa de Eva como a indicada para ocupar a candidatura à vice-presidência. A partir das entidades que a apoiavam – o PPF e a CGT – delineou-se uma campanha para sua candidatura. Eva, nesse período, já evidenciava alguns sintomas de câncer, mas ainda continuava com um ritmo intenso de atividades. A campanha oficial pela reeleição de Perón começou oficialmente em 2 de agosto de 1951, quando os membros da CGT solicitaram a reeleição de Perón e a candidatura de Eva a vice-presidente. A partir daí, multiplicaram-se atos de adesão para a integração do binômio Perón-Perón. Opondo-se a isso, as forças armadas e a Igreja não apoiavam a fórmula (BORRONI & VACCA, 1970; NAVARRO 1997; GUIVANT 1980). Segundo Borrioni e Vacca (1970), a razão era a repulsa que sua figura e personalidade suscitava no clero e nas forças armadas, especialmente no exército, pela mentalidade machista dominante, que se negava a aceitar a possibilidade de que Eva Perón pudesse ser eleita e pudesse substituir Perón e se converter na chefe máxima das forças armadas. Por sua vez, as forças populares compreenderam que uma maneira de opor-se a essa mentalidade e

apoiar Eva era a realização de um grande ato público para proclamar sua candidatura junto à de Perón. Então, a CGT organizou, em 22 de agosto, um gigantesco ato em frente à Casa Rosada, onde se reuniram multidões com cartazes “Perón-Evita 1952-1958” (GUIVANT, 1980; NAVARRO, 1997; BORRONI & VACCA, 1970). Eva recebeu, assim, uma das maiores manifestações populares de sua história, com quase 1.000.000 de pessoas, e, pela primeira vez, ficava evidente que ocupava um lugar próprio perante a classe trabalhadora (GUIVANT, 1997). Durante o ato, o titular da CGT proclamava as candidaturas de Perón e Evita. Mas, a falta de definição de Eva fará que se produza um discurso-diálogo com as massas reunidas no ato. O que mostra esse discurso é, por um lado, o fervor popular que despertava sua figura e, por outro, a dúvida de Eva com respeito à atitude a ser tomada. Eva solicita quatro para pensar e tomar a decisão. Começa, assim, o tão conhecido “discurso- dialogo” entre Eva Perón e o povo reunido na praça:

Mis queridos descamisados: Yo les pido a los compañeros de la CGT, a las mujeres, a los niños, a los trabajadores aquí congregados, que no me hagan hacer lo que nunca quise hacer. Yo les pido a la CGT y a Ustedes, por el cariño que nos une, por el amor que nos profesamos mutuamente que para una decisión tan trascendental en la vida de esta humilde mujer, me den por lo menos cuatro días para pensarlo.

“Não, não! Agora!” Foi a resposta da multidão.

Eva retoma a palavra:

Compañeros: yo no renuncio a mi puesto de lucha, renuncio a los honores. Yo me guardo, como Alejandro, la esperanza, por la gloria y el cariño de ustedes y del general Perón.

O povo insiste: Um enorme agitar de lenços e bandeiras se levanta.

Compañeros, les digo a todos a todos ustedes que yo tenia tomada otra posición, pero haré al fin lo que el pueblo diga ¡ Ustedes creen que si el puesto de vicepresidente fuera una carga y yo hubiese sido una solución, no hubiera ya contestado que si? Es que, estando el general Perón en el gobierno, el puesto de vicepresidente no es más que un honor, y yo aspiro más que al honor del cariño de los humildes de mi Patria. Mañana, cuando...

O povo rebate insistentemente: HOJE!

Compañeros se lanzó por el mundo que yo era una mujer egoísta y ambiciosa, ustedes saben muy bien que no es así. Pero también saben que todo lo que hice no fue nunca para ocupar ninguna posición política en mi país,. Yo no quiero que mañana un trabajador de mi Patria se quede sin argumentos cuando los resentidos, los mediocres que no me comprendieron, ni me comprenden, creyendo que todo lo que hago es por intereses mezquinos...

Novamente é interrompida. Solicitam-lhe uma resposta. O dialogo continua por mais um tempo, até que Eva diz: “Yo haré lo que diga el pueblo” (PERÓN E.1999b, p. 255-258). Com essas ultimas palavras, dá-se por finalizado o ato.

Essa última frase foi interpretada como a aceitação de Eva à candidatura. Assim o interpretou o jornal *Democracia*, quando, na sua folha do dia seguinte, põe, em primeiro plano, o título: “Aceitaram!” Mas Eva Perón não tinha dado uma resposta concreta ainda. Em 28 de agosto, o Partido e a CGT proclamam oficialmente a chapa Perón-Eva Perón. Os rumores que circulavam pelas ruas enfatizavam: “O exercito opõe-se a Evita”; “Se é vice-presidenta, os norte-americanos não darão mais empréstimos ao governo” “Não lhe são simpáticos alguns setores da Igreja” (DEMITROPULOS, 1984).

Em 31 de agosto, Eva pronuncia um discurso pela radio, no qual renuncia definitivamente à candidatura. Eva (PERÓN E, 1999b, p.260, 261) diz:

Compañeros: quiero comunicar al pueblo argentino mi decisión irrevocable y definitiva de renunciar al honor con que los trabajadores y el pueblo de mi Patria quisieron honrarme en el histórico Cabildo Abierto del 22 de agosto [...] declaro que esta determinación surge de lo más íntimo de mi conciencia, y por eso es totalmente libre y tiene toda la fuerza de mi voluntad definitiva [...] no tenía entonces [em referencia a 17 de outubro de 1945] ni tengo en estos momentos más que una sola ambición personal: que de mí se diga, cuando se escriba el capítulo maravilloso que la historia dedicará seguramente a Perón, que hubo al lado de Perón una mujer que se dedicó a llevar al presidente las esperanzas del pueblo, que luego Perón convertía en hermosas realidades, y que a esa mujer, el pueblo la llamaba cariñosamente Evita. Nada más que eso: Evita, quería ser cuando me decidí a luchar codo a codo con los trabajadores y puse mi corazón al servicio de los pobres, llevando siempre como única bandera el nombre del general Perón a todas partes. Si con ese esfuerzo mío conquisté el corazón de los obreros y de los humildes de mi Patria, eso es ya una recompensa extraordinaria que me obliga a seguir con mi trabajo y con mis luchas. Quiero seguir siendo nada más, pero nada menos, que la compañera Evita para todos: para los humildes, para los trabajadores y para Perón.

Sobre esses fatos, surgiram distintas interpretações, sobretudo, com referencia à atitude de Perón: para alguns, ele a deixou livre para a sua decisão, o que tem sido interpretado pela oposição como um enfrentamento do casal: a disputa entre a ambição de Eva e o egoísmo de Perón (DEMITROPULOS, 1984, p. 135). Além da suposta pressão dos militares, também circulavam rumores de outras pressões menos evidentes: a burocracia



e a ala direita peronista, que conheciam a identificação total de Eva Perón com as massas trabalhadoras e consideravam-na, portanto, a vanguarda ideológica da esquerda do Movimento (DEMITROPULOS, 1984, p.135). Entre os motivos que se presumem ter influído na renúncia de Eva indicam-se a pressão das forças armadas, sua saúde e a posição adotada por Perón nessa instância. Ela argumenta como única causa “sua falta de ambição pessoal”.

Para Navarro (1997, p.284), nenhuma das honrarias que tinha recebido Eva desde 1946 tinha transmitido tanta emoção como no dia 22 de agosto. “Pela primeira vez, Perón permaneceu num lugar secundário, testemunho mudo e talvez um pouco surpreso do laço que unia a Eva com os descamisados”. Esse gesto de Eva provocou uma série de elogios à sua lealdade, a seu desprendimento, a seu espírito de sacrifício, a seu sentido de disciplina; a CGT declarou que o próximo 17 de outubro seria dedicado a Eva, para honrar sua renúncia.

O câncer de Eva ia consumindo seu organismo lentamente. Pouco antes das eleições de novembro de 1951, em 24 de setembro, Eva foi internada. Nesse dia – 28 de setembro – uma aliança militar tentou dar um golpe de Estado, que foi controlado a tempo. Eva, que se inteira posteriormente dos fatos, fala pelo rádio agradecendo aos descamisados por defender Perón, e finaliza dizendo: “yo les pido que rueguen a Dios para que me devuelva la salud que he perdido, no para mi, sino para Perón y para ustedes, mis descamisados” (NAVARRO, 1997).

No dia seguinte à tentativa de golpe, com o desconhecimento de Perón, chama seus colaboradores mais leais para uma reunião em seu quarto, na qual ordenou a compra de 5.000 pistolas automáticas e 1.500 metralhadoras destinadas à formação de milícias operárias; o dinheiro provinha da Fundação Eva Perón, e a compra se faria por intermédio do príncipe Bernardo dos Países Baixos. Conseqüentemente, nos próximos discursos, Eva solicita aos descamisados a necessidade de se manterem em alerta e de lutar até a morte por Perón e sua causa. Essas armas chegaram ao país logo depois da morte de Evita, Perón ordenou que as guardassem no arsenal, e posteriormente as destinou à “Gendarmeria Nacional” (NAVARRO, 1997; DEMITROPULOS, 1984). Essas armas foram utilizadas pelos militares na queda de Perón – em

1955 – para combater os mesmos operários peronistas aos quais estavam destinadas (SEBRELI, 1966).

Em 15 de outubro, Eva não pode se fazer presente ao lançamento de seu livro *La razón de mi vida*, publicado após a revisão e modificações feitas por Perón.<sup>54</sup> Nele, Eva repete algumas idéias centrais dos discursos já pronunciados, seu amor por Perón, pelos descamisados, declara-se mãe das crianças e dos descamisados, reforça o lugar da mulher peronista, e ataca as feministas, entre outros pontos.

Em Eva, a virtude da mulher peronista consistia em não aspirar nunca a suplantar ao sexo oposto. Declara a masculinização da mulher que trabalha e a função e a vocação da mulher em salvaguardar a paz. Em geral, não existem, no livro, muitas opções para as mulheres: o lugar destinado é o lar, sendo o capítulo “o lar ou a fábrica” aquele que explicita amplamente essa concepção. O livro se converterá em texto escolar obrigatório em todas as escolas argentinas a partir do dia 17 de julho de 1952.

Todos os dias milhares de mulheres abandonam o campo feminino e começam a viver como homens. Trabalham quase como eles. Preferem como eles, a rua à casa. Não se resignam a ser nem mães, nem esposas. Substituem ao homem em todas as partes. Isso é feminismo? Eu penso que deve ser mais bem masculinização de nosso sexo. E perguntou-me se tudo isso tem solucionado nosso problema. Mas não. Todos os males antigos suguem em pé e ainda aparecem outros novos. Cada dia é maior o número de mulheres jovens convencidas de que o pior negocio é formar um lar. E não obstante para isso nascemos (Perón E. 1951 p. 273-274).<sup>55</sup>

Como estava anunciado, em 17 de outubro, realizou-se a homenagem a Eva. Uma praça cheia observa uma Eva pálida e frágil, fazendo um grande esforço para manter-se de pé. Saudou varias vezes com os braços ao alto,

---

<sup>54</sup>O livro foi escrito pelo jornalista espanhol Manuel Penella Silva, resgatando as mensagens contidas nos discursos. Perón fez correções ao livro, que só foi publicado depois de feitas as revisões. Eva as aceitou como suas; portanto, os biógrafos de Eva as tomam como tal.

<sup>55</sup> Bianchi & Sanchis, (1988) explicam que, enquanto em *La Razón de mi vida* se reafirmavam na mulher os valores centrados no rol tradicional de gênero: boa colega, boa mãe e boa esposa, por outro lado, também se a mobilizava politicamente, persuadi-la a uma atividade participativa. Se bem que numa primeira leitura parece contraditória, o sucesso do peronismo está enraizado, justamente porque confere ao papel tradicional da mulher uma dimensão política: a mulher intervém na vida pública a partir da casa, a mulher faria política da partir da solidariedade e não a partir do discurso, como agente socializador – educando os futuros cidadãos – e como organizadora do consumo doméstico, colaborando com as campanhas do plano econômico, contra o ágio e a especulação.

sustentada por Perón. Depois de receber as distinções das mãos de Perón, este iniciou o discurso elogiando a tarefa de Eva, declarando que ela é e o exemplo, a alma e o exemplo do movimento peronista e que ela nasceu com o *justicialismo*. Agradece publicamente “a essa mulher incomparável de todas as horas” e registra que é “o guarda de minhas costas” (NAVARRO, 1997). Eva comovida abraçou-se a ele e chorou em seu peito. Seu discurso, impregnado de uma carga emocional e o mais místico, será recordado e resgatado pelas facções políticas mais combativas. Eva agradeceu à CGT e a Perón pela homenagem e continuou dizendo:

Nada de lo que tengo nada de lo que soy y nada de lo que poseo, es mío: es de Perón. Yo no le diré la mentira acostumbrada, yo no le diré que no lo merezco: sí lo merezco, mi general. Lo merezco por una sola cosa, que vale más que todo el oro del mundo. Lo merezco porque todo lo hice por amor al pueblo. Yo no valgo por lo que hice, yo no valgo ni por lo que soy ni por lo que tengo. Yo tengo una sola cosa que vale, la tengo en el corazón. Me quema el alma, me duele en mi carne y arde en mis nervios: es el amor por este pueblo y por Perón. Y le doy las gracias a usted, mi general, por haberme enseñado a conocerlo y a quererlo. Si este pueblo me pidiese la vida, se la daría cantando, porque la felicidad de un solo descamisado vale mas que mi vida” [...] Y tenía que venir para decirles que es necesario mantener, como dijo el general, bien alerta la guardia de todos los puestos de nuestra lucha. No ha pasado el peligro. Es necesario que cada uno de los argentinos vigile y no duerma, porque los enemigos trabajan a la sombra de la traición y a veces se esconden detrás de una sonrisa o de una mano tendida” [...] Yo les pido hoy, compañeros, una sola cosa: que juremos todos, públicamente, defender a Perón y luchar por él hasta la muerte, y nuestro juramento será gritar durante un minuto para que nuestro grito llegue hasta el último rincón del mundo: la vida por Perón

¡La vida por Perón! Grita o povo na Praça.

Que vengan ahora los enemigos del pueblo, de Perón y de la Patria. Nunca les tuve miedo porque siempre creí en el pueblo [...] Yo no quise ni quiero nada para mí. Mi gloria es y será siempre el escudo de Perón y la bandera de mi pueblo, y aunque deje en el camino jirones de mi vida, yo sé que ustedes recogerán mi nombre y lo llevarán como bandera a la victoria.

Yo sé que Dios está con los humildes y desprecia la soberbia de la oligarquía y por eso, la victoria será nuestra. Tendremos que alcanzarla tarde o temprano, cueste lo que cueste y caiga quien caiga. Mis descamisados(...) Yo les dejo mi corazón y les digo que estoy segura, como es mi deseo, que pronto estaré en la lucha, con más fuerza y con más amor, para luchar por este pueblo, al que tanto amo, como lo amo a Perón. (PERÓN E. 1999b p.272, 275)

Suas últimas palavras – *La vida por Perón! Cueste lo que cueste, caiga quien caiga!* – foram absorvidas pela ala esquerda do partido peronista e tomadas como lema nos diferentes momentos históricos e políticos argentinos.

Durante sua convalescença na residência presidencial, continuava dirigindo o PPF. Eva não queria se operar, mas, diante da impossibilidade de melhoria com o tratamento com radioterapia, no dia 5 de novembro submeteu-se a uma cirurgia de um câncer de útero. Ao se tomar conhecimento de que Eva estava internada, a rua em frente ao hospital ficou cheia de gente que começou a rezar, numa vigília permanente, que permaneceu durante todos os dias de internação. Nas Igrejas, aumentavam as missas por todo o país. Por outro lado, os círculos antiperonistas anunciavam periodicamente sua morte, desacreditando dos boletins médicos que davam conta da saúde de Eva. Teciam-se rumores fantásticos sobre a inusitada natureza de sua doença, dos odores fétidos que desprendiam seu corpo e da suposta atitude de Perón, que não entrava em seu quarto e, quando o fazia, tampava o rosto com medo de se contagiar (NAVARRO, 1997). Nas paredes de Buenos Aires, os grupos antiperonistas tinham escrito “Viva o câncer”. Eduardo Galeano (GARCIA; LABADO; VAZQUEZ, 1997, p.164) resgata essa cena numa poesia.

Viva o câncer! Escreveu alguma mão inimiga num muro de Buenos Aires. Odiavam-na, odiavam-na os abastados: por ser pobre, por ser mulher, por ser insolente. Ela os ofendia falando e os ofendia vivendo. Nascida para doméstica, ou, no máximo, para atriz de melodramas baratos, Evita havia saído de seu lugar. Amavam-na, amam-na os mal-amados; por sua boca falavam e maldiziam. Além do mais, Evita era a fada loira que abraçava o leproso e o esfarrapado e dava paz ao desesperado; o incessante manancial que proporcionava empregos e colchões, sapatos e máquinas de costura, dentaduras e enxovais de noivas. [...] Mesmo que Evita usasse jóias deslumbrantes e em pleno verão ostentasse casacos de vison, não era um luxo perdoado: era celebrado. O povo não se sentia humilhado, sentia-se vingado por seus enfeites de rainha. Diante do corpo de Evita, rodeado de cravos brancos, o povo desfila chorando. [...] Uma fileira de tochas, uma caravana com duas semanas de duração. Suspiram aliviados os usurários, os mercadores, os donos de terra. Morta Evita, o presidente Perón é uma faca sem gume.

Em 9 de novembro, data do encerramento da campanha eleitoral, a voz de Eva aparece na rádio num discurso gravado com antecedência, no qual dizia que “No votar por Perón es traicionar al país”, e, em 11 de novembro de 1951, votava pela primeira vez, no hospital. Com o triunfo de Perón, Eva faz um discurso na rádio, agradecendo ao povo pela reeleição. A residência

passou a ser visita obrigatória para toda personalidade que chegasse ao país, da mesma maneira que antes tinha sido a Secretaria de Trabalho.

O ano de 1952 encontra Eva dolorida pelo avanço do câncer. Suas atividades vão diminuindo e, no dia 1 de maio, dirige-se à praça de Maio para assistir à concentração organizada pela CGT, em comemoração ao dia do trabalhador. Nesse discurso, o último que fará, emite uma de suas mensagens mais combativas.

Yo le pido a Dios que no permita a esos insensatos levantar la mano contra Perón, porque Guay! con ese día! Ese día, mi general, yo saldré con el pueblo trabajador, yo saldré con las mujeres del pueblo, yo saldré con los descamisados de la Patria, para no dejar en pie ningún ladrillo que no sea peronista. Porque nosotros no nos vamos a dejar aplastar jamás por la bota oligárquica y traidora de los vende-patria que han explotado a la clase trabajadora, porque nosotros no nos vamos a dejar explotar jamás por los que, vendidos por cuatro monedas, sirven a sus amos de las metrópolis extranjeras y entregan al pueblo de su patria con la misma tranquilidad con que han vendido el país y sus conciencias, porque nosotros vamos a cuidar de Perón como si fuera nuestra vida, porque nosotros cuidamos una causa que es la causa de la Patria, que es la causa del Pueblo [...] El enemigo acecha, no perdona jamás que un argentino, un hombre de bien, el general Perón, este trabajando por el bienestar de su pueblo y la grandeza de la Patria. Los vende-patrias de adentro que se venden por cuatro monedas, están también en acecho para dar el golpe en cualquier momento (Perón Eva, 1999b, p.244).

Nesse último ato, Perón a sustenta pela cintura, porque ela já não podia manter-se em pé. A postura de Eva é de total enfrentamento contra a oligarquia e contra alguns setores dos militares aos quais qualifica de “vende-pátrias”<sup>56</sup>, colocando-os no mesmo lugar da oligarquia.

Nesses últimos dias, ela escrevia seu testamento e os manuscritos do último livro *Mi mensaje*, escritos polêmicos e intrépidos, que ficaram desaparecidos por 30 anos, e que não foram publicados pelo governo de Perón nos anos que se seguiram à morte de Eva. Nesses escritos, Eva utiliza uma linguagem mais direta e simples que em *La Razón de mi vida*, mostrando-se forte e audaz: “... de mí no se dirá jamás que traicioné a mi pueblo, mareada por las alturas del poder y de la gloria.” (PERON E. 1987, p. 40). Denuncia os

---

<sup>56</sup> A construção lingüística “vende-patrias” utilizada pelo peronismo, faz referência a aqueles sujeitos que negociam os interesses nacionais da pátria com os países poderosos e suas doutrinas: na época, aqueles que faziam acordos com o imperialismo dos EEUU e da Inglaterra.

inimigos do povo e de Perón: a oligarquia “vende-patria”, as forças armadas, a Igreja e os ambiciosos (PERON, E. p.33, 41, 63). Pede ao povo que não tenha medo deles, e que os afaste do caminho, de qualquer maneira, seja de frente ou de trás, com armas, sem armas, e diz que “o povo é a única força” capaz de fazê-lo (PERON, E. 1987, p.45).

Em 26 de julho de 1952, Eva morria com 33 anos de idade, no auge da veneração que lhe dedicavam as massas. Tinha sido vista publicamente, pela última vez, acompanhando Perón no ato de posse de sua segunda Presidência, em 4 de junho de 1952. Durante os dias que precederam sua morte, grupos de pessoas se reuniram em frente à residência onde ela se encontrava, para rezar por sua saúde. A rádio informava, nesse dia, que, às 20 horas e 25 minutos, havia falecido a “chefa espiritual da Nação”. Durante dois dias foi suspensa toda atividade oficial. Nessa mesma noite, a CGT proclamava-a “mártir do trabalho”. Na Praça de Maio, uma multidão, com tochas ao alto, dirigiu-se até o enorme retrato de Evita ali colocado, e permaneceu longo tempo em silêncio frente a ele (NAVARRO 1997, DEMITROPULOS, 1994).

Sua morte foi considerada pelos jornais estrangeiros “uma explosão de dor coletiva”, que ultrapassou todas as previsões do governo. Num primeiro momento, Perón tinha contado com uma duração de três dias de velório, mas as filas de pessoas que esperavam despedir-se do corpo de Eva levaram-no a estender esse tempo. Foi embalsamada. Segundo Perón, Evita não queria consumir-se debaixo da terra, queria ser embalsamada (NAVARRO, 1997, p.314). Com esse fato, terminou-se por consumir o mito, passando a ser denominada *Chefa Espiritual da Nação* pelo decreto de 7 de maio de 1952, do Congresso.

No seu testamento, Eva deixava todos seus bens em primeiro lugar a Perón e, por falta dele, para o Povo Argentino. Solicitava que fossem usados para a construção de casas, para a concessão de bolsas de estudos e empréstimos para as pessoas pobres. Esse texto é significativo para entender a estruturação do laço entre Eva e as massas.

Com a derrota do governo de Perón pelos militares e civis golpistas (17-09-55), a história se consolida como história de horror, como o seqüestro, a

profanação e a ocultação, durante 16 anos<sup>57</sup>, do corpo embalsamado de Eva (NAVARRO, 1997).

Durante os anos 60, o mistério do corpo perdido era uma idéia fixa na Argentina. “Ela voltará e será milhões”<sup>58</sup>, escrevia-se nos muros de Buenos Aires; “Evita ressuscita”; “Voltará da morte”; “Evita vive” (MARTINEZ, 1995).

Em maio de 1970, um grupo de jovens do chamado “comando Juan José Valle”, pertencentes ao grupo armado “Montoneros,” seqüestraram e fuzilaram o general e ex-presidente de fato, Pedro Aramburu, que derrotou a Perón em 1955, acusando-o pelos fuzilamentos em junho de 1956 de companheiros peronistas, pela deportação de Perón e pelo roubo do cadáver de Eva Perón. Em 3 de setembro de 1974, a revista *La causa peronista* (SARLO, 2003) publica uma entrevista realizada com os membros do comando a cargo da execução de Aramburu e interpreta a significação desse fato: Valle, Evita e as centenas de heróis que tinham dado sua vida pela causa popular, haviam sido vingados pelos seus companheiros.

Durante as ditaduras, a resistência peronista valia-se de simbolismo para manter viva a lembrança de Eva, uma vela acesa perto de algum escritório militar, que significava o pedido do retorno do corpo desaparecido de Eva. Essas velas ainda continuam sendo acessas todos os domingos, mas em um lugar fixo: o túmulo da família Duarte, lugar onde se guardam os restos de Eva Perón. Ana, ex-deputada, pertence a esse grupo de peronistas que, através dessas ações, procura manter viva a memória de Evita.

Algumas Marias, Anas, Rosas, Albertos, Evas, que continuam comemorando e rememorando Eva, serão os atores centrais da trama de encontros e desencontros que se desenvolverão no próximo capítulo, onde serão descritas e analisadas algumas das representações de Eva Perón surgidas nas comemorações observadas no dia 26 de julho de 2003.

---

<sup>57</sup> Em 04 de setembro de 1971, o Embaixador argentino em Madrid entregou oficialmente, na Espanha, a Juan Domingo Perón, o corpo de Evita. Dias antes, tinha sido retirado do cemitério Maior de Milan, onde foi enterrado (NAVARRO, 1997, p.343) com o nome de Maria Macci de Magistri.

<sup>58</sup> Segundo Martinez (1995), essa frase, que não foi dita por Eva, tem-se repetido como se fosse pronunciada por ela, configurando parte do mito.

## 4. 26 DE JULHO DE 2003: DIA DE COMEMORAÇÕES

26 de julho de 2003, dia do aniversário da morte de Eva Perón, poderia ser um dia a mais, ou, como tantos outros aniversários, um a mais. Porém não é assim: milhares de pessoas, na República Argentina, preparam-se para rememorar essa morte, ocorrida há 51 anos, seguindo um ritual que se repete ano após ano, e que toma características diversas, pelo momento histórico, político, econômico e social que se vive hoje, na sociedade argentina.

Eventos fora do comum alteram, por algumas horas, o ritmo cotidiano da cidade de Buenos Aires: os jornais mostram diferentes imagens<sup>59</sup> de Eva Perón, colocadas junto de mensagens comemorativas preparadas por diferentes grupos, que convidam seus adeptos a participarem dos atos programados para rememorar essa mulher.

As comemorações do aniversário de um ano a mais da morte de Eva, que apresento neste capítulo, são expostas a partir da recuperação de algumas das formas pelas quais podem ser olhadas ou narradas. Relato-as, portanto, como um texto que nos fala (organização, atores, objetivos, lugar escolhido, outros), quer dizer como memória construída coletivamente, como a narração sobre uma pessoa, construída pelos relatos personalizados dos que a rememoram, quer dizer, daqueles que dão sentido ao ato comemorativo (enunciação). E, por último, como uma reflexão inacabada de um passado enigmático e em constante estado de renovação. Apresento, aqui, uma descrição e uma análise das representações sociais de Eva Perón e de sua relação com o contexto sociopolítico atual, presentes tanto nos jornais do dia como nos atos comemorativos, nas produções escritas elaboradas e distribuídas pelos grupos observados. E ainda as que aparecem nas

---

<sup>59</sup> Nesta pesquisa, o conceito de imagem compreende desde as imagens mentais (imagem perceptiva, das lembranças, das ilusões), às imagens icônicas (o figurativo pintado, desenhado, esculpido, fotografado). Para Mircea Eliade (1991 p.11), as imagens são, por sua própria estrutura, multivalentes. Se o espírito utiliza as imagens para captar a realidade profunda das coisas, é exatamente porque “essa realidade se manifesta de maneira contraditória e conseqüentemente não poderia ser expressa por conceitos”.



entrevistas de membros pertencentes a esses grupos políticos, nos atos de relembrar.

Por sua vez, centro a análise em dois eixos: processos de identificações das pessoas com a figura de Eva Perón<sup>60</sup> e a identidade dos grupos, no sentido dado por Pollak (1992 p.205), que entende a memória como “... um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante para o sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua própria reconstrução.”

Segundo Pollak (1992), a construção da identidade é um fenômeno que se produz como uma referência a outros, uma referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade, que se constrói por meio da negociação direta com os outros. Segundo reconhece Hall (2001 p.11), o tratamento das identidades a partir de uma “a concepção sociológica preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’, entre o mundo pessoal e o mundo público”. Mas, nesse processo, o sujeito se destaca não como uma identidade unificada e estável, e sim com a assunção de identidades diferentes, em diferentes momentos, algumas contraditórias ou não resolvidas. “Da mesma forma, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais.” (HALL, 2001 p. 12 e 13).

Essas duas análises permitem-me uma aproximação da construção simbólica do poder em Eva e que será suficientemente desenvolvida no capítulo V.

#### **4.1 Evita nos Jornais.**

Já se podia observar, desde o dia 25, a convocação, feita no Jornal *Página 12*, por varias organizações políticas e sociais (Movimento Patriótico 20

---

<sup>60</sup> O termo identificação se refere a um “processo psicológico mediante o qual um sujeito assimila um aspeto, uma propriedade, um atributo de outro e se transforma, total ou parcialmente, sob o modelo deste. A personalidade se constitui e se diferencia mediante uma serie de identificações” (LAPLANCHE & BERTRAND, 1977, p.191).

de dezembro MP20, Movimento de Trabalhadores Desempregados Evita, Peronismo Militante, Frente de Desempregados Eva Perón, Movimento de Fabricas Recuperadas e Movimento Peronista Autentico), para participação numa passeata com tochas, em memória de Eva Perón, que seria realizada às 18 horas do dia 26 de julho, partindo da Avenida Callao e Corrientes e chegando à Avenida 9 de Julio e Moreno, em frente ao Ministério de Desenvolvimento da Nação Argentina. O lugar escolhido é o mesmo em que Eva Perón fez, em 1951, seu discurso de renúncia à candidatura a vice-presidente. Diz o anúncio “O motivo a ser compartilhado por todos será uma famosa frase de Eva: onde há uma necessidade, há um direito.” (p. 12 e p. 6, 15/07/03). As organizações que prepararam a passeata e a concentração são as novas organizações políticas e sociais surgidas nos últimos anos, sobretudo algumas delas, como o Movimento Patriótico 20, oriundas dos dias do recrudescimento da crise política argentina, no mês de dezembro de 2001.<sup>61</sup>

Na mesma página, com a manchete “Por Evita, mas a realizar-se hoje”, o jornal anuncia a realização de outra passeata com tochas, dessa vez com piquete, que seria realizada no mesmo dia 25, às 19 horas. Essa passeata, com tochas e piquete, era promovida pelas organizações de base piqueteiras da Capital Federal, associadas à Federação de Terras e Vivendas (FTV): “Comedor Los Pibes” de La Boca, “Comedor Copitos”, “Comedor Los Pibes” de Boedo, “Centro Comunitário Sobreviver” de Soldati, “Corrente Nacional e Popular” de Barracas e “Centro comunitário Sobreviver” da Boca (*Página 12, p.6, 15/07/03*).

No dia 26, o Partido Justicialista e distintas organizações sindicais e de bairros informam, no jornal *Página 12*, que lembrarão Eva Perón com missas, atos e oferendas florais no mausoléu onde estão seus restos mortais, no cemitério da Recoleta.



Fotografia Jornal *Clarín* 26/7/03

---

<sup>61</sup> A organização Movimento Patriótico 20 de dezembro adota esse nome como referência aos acontecimentos políticos do dia 20 de dezembro de 2001, quando o presidente Fernando de la Rúa renunciou a seu cargo.

Escrevem ainda que lembrarão o “51º aniversário da morte de Eva Perón, esposa de Juan Domingo Perón, por três vezes presidente constitucional e fundadora da ala feminina do movimento”.

Salvo nos três primeiros anúncios já escritos, nos outros divulgados nesse mesmo dia, tanto no jornal *Clarín* como em *Página 12*, são inseridas imagens fotográficas junto a mensagens dedicadas a Eva, imagens e que podem ser agrupadas em três tipos ou categorias, devido a alguns elementos estáveis que permitem classificá-las.

Um primeiro tipo de imagem, como a das mensagens emitidas pelo Sindicato de Luz e Força da Capital Federal, do Sindicato de Seguros da Capital Federal, e do Partido Justicialista da Província de Buenos Aires, apresenta Eva muito arrumada, com terno, maquiada e penteada, cabelos lisos e coque. É a imagem fotográfica da Eva Perón dos últimos anos de sua vida política, “Eva corpo-Estado”, metamorfoseada, como mostra a autora Beatriz Sarlo (2003) em seu livro “*La pasión y la excepción*”, um corpo “tomado pela política”. Um corpo político.



Fotografia Jornal *Clarín*, 26/7/03



Fotografia *Página 12*, 26/7/03

O que diferencia uma imagem da outra são as diferentes ocasiões em que foram feitas e a mudança na sua postura corporal. Em uma imagem, aparece uma Eva muito sorridente olhando para frente; noutra, ela fala ao microfone com a testa franzida; na última, está inclinada em direção ao público que a olha e tenta lhe dar as mãos. No corpo dos anúncios são resgatadas frases utilizadas por Eva nos seus discursos – “*Onde há uma necessidade, existe um direito*” –, associadas à sua luta pela consecução da lei de seguro social.

Outra frase resgatada, “*Me darei toda*”, mostra uma Eva que “*deixa de lado seus sonhos, para vigiar os dos outros*”. Com a frase “*Eterna na recordação de teu Povo*”, o Partido Justicialista resgata Eva como “o coração do Peronismo”, pois ela “compreendeu e fez compreender o autêntico sentido do Partido Justicialista”; explica-se que a missão do partido consiste hoje em recuperar a vontade de mudança e o profundo sentido social de sua ação política.

Tal ação enfrentava o imenso desafio de incluir milhões de “argentinos excluídos, porque temos a obrigação de gerar empregos, reativar a economia e consolidar um Estado forte e também eficaz...” (*Clarín*, 26/7/03).

A segunda tipologia de imagens é trazida pelo grupo “Resistência Peronista”, que, utilizando a palavra de ordem “*Evita Vive*” (*Página 12*, 26/7/04), mostra a imagem de Eva, já utilizada na década de 1970 pelos grupos de resistência peronista contra a ditadura militar, especialmente pelo grupo *montoneros*. É a imagem de uma Eva muito jovem, despreocupada, com os cabelos soltos e roupa esportiva, camisa e um casaco que aparenta ser roupa de tropa. Fotografia tirada, aparentemente, durante um descanso na “Quinta de Olivos” (residência presidencial).



*Fotografia Jornal Página 12, 26/7/03*

Os cabelos soltos dão uma idéia de liberdade, de força, de permanecer independente e fora da máquina político-partidária. Essa é a mesma imagem que os piqueteiros hoje utilizam. Ela representa a liberdade, a força e a plenitude da juventude.

Sabemos que o material iconográfico também atua na memória, cristalizando uma imagem visual de um sujeito ou do ambiente em que ele viveu. Geralmente, uma imagem sobressai ou se impõe ante as demais como a “verdadeira imagem”, estabelecendo uma memória visual aceita coletivamente, embora os sujeitos lembrados tenham mudado sua aparência através dos anos (ABREU, 1994). Como vemos, em Eva Perón, a cristalização das imagens

iconográficas tem sido determinada, sobretudo, pelas necessidades políticas nos diferentes momentos históricos: na década de 1950, no período de atuação política de Eva Perón, a imagem reproduzida pelo Estado peronista era essa imagem de 'Eva Estado', como se mencionou anteriormente, com terno e coque, acompanhada permanentemente de crianças, trabalhadores e mulheres durante os atos públicos.

Sobre esse tema, Marysa Navarro (1997) explica que apareciam imagens fotográficas de Eva nos jornais e nas revistas da época, sobretudo nos primeiros anos do governo peronista, vestida com custosos vestidos de festas e jóias, o que motivava as críticas dos opositores ao governo. Essas imagens foram sendo substituídas, paulatinamente, por outras, que mostravam uma Eva diferente, a Eva com coque e terno, metamorfoseada, a Eva Estado, dedicada às crianças, às mulheres e aos anciãos.

Sarlo (2003) alude à circulação de imagens de Eva Perón entre 1951 e 1952, que fazem, explicitamente, referência à renúncia de Eva Perón à candidatura a vice-presidente, e a Eva "corpo-doente," com uma intenção clara de utilização da doença da doença de Eva por parte do governo de Perón. Posteriormente, nos anos 1970, a imagem iconográfica resgatada pelos grupos de resistência, especificamente os montoneros, é a de uma Eva muito jovem, sorridente com os cabelos soltos, evocando um significado de liberdade.

A imagem, assim, daria significado à reivindicação do grupo pelo retorno à democracia, pela libertação do povo.

Nos jornais selecionados para este estudo, datados de julho de 2003, aparecem elementos que são incorporados a essas cristalizações, e que mostram a existência de novos significados em torno da figura de Eva: uma Eva frente ao microfone discursando e a Eva com os cabelos soltos.

De fato, na atual página da web do grupo *montonero*, aparece a imagem dessa Eva jovem, com os cabelos soltos.

Quanto aos elementos incorporados às imagens de Eva, posso mencionar o lenço, incorporado pelo grupo MP20 na imagem de Eva, a Eva jovem, com cabelos soltos, já descrita anteriormente. O lenço de pano no pescoço, símbolo da guerrilha, aparece nessa nova iconografia, divulgada no

*jornal Pagina 12*, do dia 26/7/03 e nos cartazes distribuídos pela organização durante a passeata e significa uma Eva revolucionária. Esse movimento (MP20) recria a tipologia de imagem de Eva junto com o lema “Memória do Fogo: Evita, Moncada: A Pátria Liberada”.

É a primeira vez que observo essa imagem retocada. Parece ser a fotografia de Eva utilizada pelos *montoneros* na década de 1970, imagem já descrita (a Eva com os cabelos soltos e roupa esportiva), mas o lenço no pescoço aparece diferenciando ambas as imagens. É possível que o lenço tenha sido colocado arbitrariamente pelo grupo sobre a fotografia original.



Fotografia *Jornal Pagina 12*, 26/7/03

A imagem é acompanhada, completando a cena, de uma fotografia de Fidel Castro, presidente da Cuba, que conversa com Hugo Chavez, presidente da Venezuela, e é seguida de um texto que situa num mesmo plano a morte de Eva Perón e a derrota de Moncada. Enlaçam-se, assim, no plano simbólico, os dois fatos históricos como perdas, numa mesma dimensão. Mas, logo após, tais fatos são ressignificados: “... uma derrota que não é fracasso e uma morte não é esquecimento [...] a memória do fogo levanta a luta contra a dominação imperialista e oligárquica chamada hoje globalização.” (*Pagina 12*, 26/7/03). A memória se apresenta aqui, como o não esquecimento, como a luta do passado no presente, contra o atual estado de globalização.

Curiosamente, essa frase se entrelaça com uma matéria publicada no jornal *Clarín*, que identifica a marcha como uma “passeata por Evita, com a aprovação de Kirchner”. A matéria fecha explicando: “organizações sociais concentraram-se hoje para lembrar Eva Perón e dar um apoio crítico ao Presidente” e buscam se diferenciar das estruturas oficiais do peronismo.

A idéia é começar a organizar um movimento social que acompanhe criticamente, sustente e inclusive dê impulso às iniciativas mais audazes de Nestor Kichner, sem se confundir, e às vezes se

enfrentando com as estruturas partidárias tradicionais do oficial Partido Justicialista. (*Clarín*, 26/7/03. p.11).

Tais palavras preanunciam a trama de enredos políticos que, durante o ano de 2004, irão se desenvolver, com a luta pela consolidação do poder de Nestor Kichner<sup>62</sup>. O artigo diz também:

Um ano atrás, o Presidente homenageava Evita em um ato de grande mobilização que lhe serviu de base para seu lançamento de campanha. Os dois telões gigantes que tinham montado [...] mostraram as passagens da sua intensa vida e o povo aplaudia os fragmentos de seus discursos... (*Clarín*, 26/7/03. p.11)

Este fragmento dá conta da denúncia de que os seguidores e as seguidoras de Eva Perón fazem, durante toda a pesquisa, sobre o “uso político” da figura de Eva Perón, sobretudo os políticos, durante o lançamento de suas campanhas. Veremos, em todo o capítulo, distintas cenas de lançamento dos grupos junto às comemorações de Eva.

Carolina (peronista, 26 anos) expressa em seu depoimento: “Evita morta, ainda ganha eleições”.

---

<sup>62</sup> A trama de enredos desenrola-se visivelmente a partir de 21 de junho de 2004, quando se realiza a Primeira Assembléia Nacional de Organizações Populares, com a presença de 2000 delegados de movimentos sociais e sindicais do país (Federação de Terras e Vivendas FTV, Barrios de Pie (BdP), Movimento Trabalhadores Desocupados Evita e a Frente Transversal Nacional e Popular da Confederação Trabalhadores Argentinos CTA, e, também, o Padre Luis Farinello), para ratificar sua intenção de articular uma "base social" que sustente o governo de Nestor Kirchner. Participam desse evento, com o aval do governo, membros do gabinete do governo nacional, dando ampla repercussão aos discursos pronunciados pelos oradores que acusam Eduardo Duhalde (ex-presidente da República e oposição de Kirchner), identificado como sendo do peronismo tradicional e de se opor às propostas do governo (MOAILLES, *Página 12; Clarín* 22/06/04). Dias depois, em 26 de junho de 2004, Martín Cisneros, dirigente piqueteiro, pertencente ao Comedor Los Pibes, agrupação que aderiu à proposta Kirchnerista, e um dos meus principais informantes, é assassinado, na saída de sua casa, por uma pessoa identificada e denunciada pelo grupo piqueteiro como membro de uma agremiação que atua a mando da Comissária de La Boca. O assassinato de Martín Cisneros trouxe serias implicações políticas: a ocupação da delegacia de “La Boca”, por parte dos piqueteiros da FTV, a denúncia da convivência entre Duhalde (ex-presidente do 2002) e as antigas corporações policiais, e a renúncia do Ministro de Defesa do Gabinete Nacional (*Clarín* 26/6/04; *Página 12* 27/6/04). D’Elia, importante líder do movimento piqueteiro, associado à FTV, acusou, através da imprensa, Eduardo Duhalde de ser o responsável. No dia 12 de outubro de 2004, novamente, os grupos de base ratificam sua decisão de articular uma base de apoio ao Presidente nacional. 15.000 pessoas pertencentes a estes grupos, e outros tais como PRD (liderado por Miguel Bonasso), Memória e Mobilização (por Luis Duhalde) e Polo Social (por “Barba” Gutierrez) compõem a ‘Mesa Coordenadora’ para o Projeto Nacional denominado “transversais kirchneristas”, que aglutina a todos os setores políticos e sociais que, fora da estrutura do justicialismo, apóiam a gestão do atual presidente Nestor Kirchner (PIQUÈ, *Página 12; Clarín*, 13.10.04; <http://www.patrialibre.org.ar/actos>, acessado 20/12/04). Como se vê- grande parte das organizações que participam das duas passeatas em comemoração a Eva Perón, por organizações independentes, durante 2004 estão se articulando em uma Frente de Organizações que apóiam Nestor Kirchner.

Nos últimos anos, o aniversário da morte de Eva Perón tem sido comemorado com diferentes atos realizados simultaneamente em diferentes pontos do país, e por diferentes grupos. Esses atos, durante a ditadura militar, foram proscritos, e, com a democracia, institucionalizaram-se. Em 2003, com um panorama político diferente após a crise de 2001, animados pela esperança de recuperação política e econômica, como vimos, a imprensa publica a novidade: a realização de duas passeatas em pleno centro da cidade de Buenos Aires, capital do país: uma organizada pelo grupo piqueteiro alinhado à FTV, e a outra pelos novos grupos sociais, compostos majoritariamente de trabalhadores desempregados e por grupos peronistas discordantes da estrutura partidária, que, expressamente durante o ato de 26, “questionam o Partido Justicialista por assumir um espírito oligárquico” (*Página 12*, 27/7/03). Ambas as passeatas escapam dos traços tradicionais dos eventos comemorativos de Eva Perón, a que estão acostumados a observar os olhos argentinos, sobretudo porque mostram “os novos atores sociais”, novos rostos políticos, que utilizam ferramentas de luta que os identificam, num cenário que, até anos atrás, era privativo do peronismo partidário.

Aliás, também os jornais convocam para participar das comemorações mais tradicionais: projeção de filmes documentais sobre a vida de Eva Perón, ou de filmes realizados por ela durante sua vida como atriz, seja pela televisão ou em auditórios da cidade<sup>63</sup>; adesões de grupos, na imprensa escrita, que expressam os sentimentos gerados a respeito da morte de Eva; mostras fotográficas e inaugurações de museus<sup>64</sup>; realização de numerosos atos, entre eles a tradicional peregrinação dos grupos justicialistas ao túmulo de Eva Perón. Conseqüentemente, nesse ano, anuncia o jornal, a família de Eva Perón, através do Museu histórico Eva Perón, durante a visita ao túmulo de Eva Perón, colocará uma placa de bronze na frente do túmulo, e a Fundação

---

<sup>63</sup> No ano 2003, realizaram-se também, na Capital Federal, a “Projeção gratuita do documentário ‘50 anos sem Eva’ no Banco da Cidade (*Página 12* 25/7/04); o canal 7 (canal do Estado) transmite ‘A Pródiga’ filme realizado por Eva Perón; um novo documentário sobre Eva Perón intitulado “Eva” dirigido por Miguel Perez e, no final do dia, o filme “Evita, quem queira ouvir que ouça” (*Página 12*, 26/7/03). Sobre o filme, realizado por Miguel Perez, o jornal, declara que a proposta do diretor é “mostrar uma visão argentina de Evita, não fanática”.

<sup>64</sup> A mostra no passeio de “San Telmo” e a inauguração do museu testemunhal realizado pela CGT em instalações da Confederação.



Evita realiza uma passeata com tochas pela importante rua da Capital Federal, Avenida Lavalle.

Foi a partir da leitura dessas convocações escritas, nos jornais, que me aproximei da mobilização piqueteiros da FTV, realizada durante a noite do dia 25 e dos atos programados para o dia 26 de julho – a comemoração no cemitério e a passeata com tochas organizada pela Fundação Evita.

Pela superposição de horários e também por causa de uma confusão surgida na identificação dos grupos, não consegui participar da passeata com tochas, organizada pelas novas organizações de base, programada, também, para o dia 26 e que se desenvolvia paralelamente à organizada pela *Fundação Evita*.

Uma comemoração “é uma cerimônia destinada a trazer de volta a lembrança de uma pessoa ou de um evento, um “espaço para perpetuar a lembrança” (Raynaud apud Moraes Ferreira, 1997, p.157). Como tal, expressa a transmissão da memória através de certos rituais; rituais que, segundo Peter Burke (2000, p.75.), são “reencenações do passado, atos de memória, mas também tentativas de impor interpretações do passado; formar a memória é, assim, construir a identidade social. Tais representações são, portanto, em todos os sentidos, representações coletivas”. Já dizia Mauss (1979, p.153) que são sinais de expressões e de linguagem, essencialmente uma ação simbólica. Sendo assim, explica Barreira (2001), as comemorações e rituais podem ser analisados, também, como construções de significado e tomadas de posição.

#### **4.2 Se Evita vivesse, seria piqueteira!!!**

Como estava programado, em 25 de julho de 2003, os piqueteiros e as piqueteiras afiliados à FTV iniciaram, às 19 horas e 30 minutos, a passeata com tochas e piquete em memória a Eva Perón, com dois objetivos fortemente entrelaçados: por um lado, “reivindicar o pensamento e a figura de Eva Perón”, e, por outro, enviar uma mensagem ao Governo, a de comunicar que “estamos dispostos, como movimento, a entrar no jogo pelo poder político, porque decidimos pôr a história em nossas costas e não descer dela, até construir uma Pátria com Justiça Social” (Lito Borelo, 44 anos, líder piqueteiro).

A comemoração consiste numa passeata com tochas, seguida pelo piquete e dentro dele, a realização de um ato com discursos alusivos à figura de Eva. Ao final do ato, às 24 horas, quando já se inicia o dia 26 de julho, acende-se uma grande fogueira, e um grupo de mulheres faz a leitura de frases atribuídas a Eva, representando, dessa maneira, as intenções dos grupos piqueteiros.

Aproximadamente 2.000 pessoas, agrupadas nas organizações piqueteiras e em outras convidadas, saíram do bairro de “la Boca” e chegaram, ao longo de quinze quadras, às avenidas Colón e Independência, lugar especialmente selecionado pelo grupo como “nosso lugar simbólico” (Lito Borelo, 44 anos, líder piqueteiro), em frente ao edifício que foi a Fundação Eva Perón, hoje atual Faculdade de Engenharia da UBA, e ao monumento ao trabalho, instalado também nesse espaço.

Escolhemos fazê-lo na frente ao monumento do trabalho como o símbolo da Argentina que queremos. Queremos recuperar uma Argentina onde possamos trabalhar e comprar o que queremos com nosso dinheiro, sem estar dependendo de um humilhante “Plano trabalhar. [...] Queremos recuperar tudo que foi perdido em tantos anos de genocídio neoliberal. (Lito Borelo, 44<sup>a</sup>, líder piqueteiro)

Com o acender das tochas, a marcha começa a andar animadamente.

São grupos de famílias piqueteiras completas que participam do evento, na sua maioria jovens e adultos entre 30 a 50 anos. Levam crianças, cachorros, mantas, barracas e roupas.



Passeata piqueteira 25/07/03

A coluna ocupa quase a metade das avenidas, atrás da primeira linha de piqueteiros de choque, e avança numa segunda linha, com mulheres que tocam os bumbos.

Junto a elas, há muitas crianças. Os bumbos vão marcando o ritmo da marcha, juntamente com os buzinaços do trânsito congestionado, quebrando a monotonia da rua.

As tochas acesas também proporcionam uma imagem diferente à noite; essas tochas relembram as outras que, em 1952, apareceram pela primeira vez, durante as noites de duelo dos descamisados e descamisadas, pela morte de Eva. Simbolizavam “a chama inextinguível que arde no coração do povo por Eva Perón” (Jornal *Mundo Argentino*, 1952, p.11). Uma grande faixa, com a frase “Se Evita vivesse seria piqueteira” cobre de um lado ao outro a rua. A enorme bandeira do recém formado partido político dos piqueteiros, chamado “Partido dos Trabalhadores argentinos”<sup>65</sup>, traz o desenho do rosto de Eva Perón com cabelo preso num coque, gritando. Essa é a imagem, criada pelo artista plástico Ricardo Carpani<sup>66</sup>, que ilustrou, também, as bandeiras da Juventude Peronista na década de 1970. É a imagem de uma Eva com voz e na luta, uma guerreira que vai para a luta entre gritos de vitória e de morte.

Os líderes e as líderes dos piqueteiros vestem, por sua vez, um colete amarelo ou vermelho, com a imagem, no peito ou nas costas, do rosto de Eva jovem com os cabelos soltos e roupa informal, imagem da segunda tipologia apresentada na página 107. Essas lideranças transitam pelas laterais das colunas, com paus na mão, como porretes, em atitude de defesa do grupo. Uma bandeira argentina, com o rosto de Eva Perón impresso, brilha, mostrando Eva fazendo um discurso em frente ao microfone.

É uma noite de frio; os piqueteiros e as piqueteiras estão abrigados com roupas de inverno. Alguns cartazes reclamam “Moradias para todos”. Os grupos piqueteiros, pertencentes às diferentes organizações de base, são separados por caminhões que transportam os paus e outros elementos necessários para o piquete (caixas, recipientes, lenha, comida, equipe de som).

Quando a passeata chega ao Monumento do Trabalho, inicia-se o piquete. O piquete, que é utilizado como ferramenta de protesto social e

---

<sup>65</sup> O Partido dos trabalhadores Argentinos (PTA) foi lançado pelos grupos piqueteiros pertencentes à FTV em 11/7/03.

<sup>66</sup> Ricardo Carpani, artista plástico argentino, nasceu no ano 1930, na província de Buenos Aires, identificado com o peronismo, suas obras estão associadas a imagens de resistência e rebelião operária. <http://www.buenosairesango.com/carpani/carpanicur.acesado> 20/3/05.

demanda de reivindicações pelos grupos piqueteiros argentinos, neste dia 25 de julho, vésperas do aniversário da morte de Eva Perón, ganha uma nova dimensão:

Não é uma medida de força, é um evento que está destinado à evocação de um acontecimento, mas não uma evocação com choro e reza [...] Não queremos que seja uma reza quase com resignação da vida que nos fazem viver, ao contrário. Acreditamos que a melhor maneira de honrar o pensamento e a figura de Evita é construindo pensamento e ação todos os dias, ratificando a vigência que tem o pensamento e o acionar de Evita hoje, porque hoje seguimos tendo mais injustiça que quando ela estava viva.

Explica o líder piqueteiro, Lito Borelo: “não se trata de lembrá-la como aquela que morreu, senão como pensamento vivo, como ideário, ligado à idéia de justiça, que se faz presente pelo crescimento da injustiça na Argentina”.

Num palco improvisado, em cima de um caminhão, a faixa com a lenda “se *Evita* vivesse seria piqueteira” serve como telão de fundo. Os piqueteiros e as piqueteiras tomam posse da rua, sentando-se ou de pé, conversando entre si.

Os paus unidos transformam-se em barreiras para produzir o corte. As fogueiras são construídas dentro de tambores cortados pela metade, distribuídos ao longo do trecho da rua. Barracas são levantadas. Um grupo de mulheres prepara chá mate e pão com doce para as crianças, que brincam e dançam ao som da música de protesto.



Telão de fundo: Evita piqueteira, 25/7/03

A imprensa, também está presente, fazendo entrevistas aos líderes do Movimento. Eu, de minha parte, solicito permissão para tirar fotografias, o que é aceito de bom agrado. Sou encaminhada para entrevistar o líder piqueteiro Lito Borelo, coordenador da FTV Capital e coordenador do “Comedor Los Pibes”.



Piquete com barracas instalados na rua. 25/07/03

Em meio à música de protesto, inicia-se o ato de comemoração, com saudações às organizações promotoras do evento e às organizações convidadas presentes. Com a canção de fundo “Não chores por mim Argentina”, o relator lê o panfleto preparado pelos organizadores. A emoção toma conta do piquete.

#### **Se Evita Vivesse, seria Piqueteira**

Os piqueteiros viemos da dor e do sofrimento, mas, desde então, somos capazes de construir Esperança.

A luta despertou novamente esses anseios que tínhamos guardados, a força de tantos bastões, e hoje estamos decididos a deixá-los sair.

Há mais de 50 anos nossa Evita nos ensinou que as necessidades são direitos e que a Dignidade e a Justiça Social não se discutem e há que conquistá-las.

Por isso, neste 25 de julho, acenderemos novamente nossas tochas para lembrá-la e demonstrar que seu Pensamento e sua Ação estão mais vigentes que nunca.

Hoje, 25, saímos à rua. Desta vez, não por planos, nem por bolsões. Não queremos mais migalhas.

Hoje, 25, saímos por tudo. Queremos uma Argentina com trabalho genuíno para Todos.

Acenderemos a fogueira reafirmando nosso compromisso de seguir seu exemplo, até que a Pátria seja livre e o Povo seja feliz.

Da FTV Capital convocamos a nossos vizinhos e as organizações do bairro para comprometerem-se nesta luta.

A mensagem reivindica mudanças profundas, numa Argentina injusta, e associa a figura de Eva às necessidades e aos anseios postergados dos piqueteiros. Reivindicar os direitos não garantidos é a maneira de pôr em vigência o pensamento de Eva Perón.

Os discursos são realizados mantendo-se certa ordem; em primeiro lugar, falam representantes de organizações sociais, estudantis e sindicais convidadas. Depois o fazem oito mulheres líderes piqueteiras, pertencentes às organizações organizadoras do Evento, e, no final, o discurso do líder piqueteiro. Vinte mulheres piqueteiras são as encarregadas de “lançar”, mediante frases ditas ao microfone para o público, as “intenções do grupo à grande fogueira simbolizando as intenções de ter essa Argentina sonhada”.

São mulheres jovens, entre 25 e 45 anos, que recuperam e reatualizam seletivamente algumas das frases mais conhecidas e ditas por Eva Perón em seus discursos. Todas elas são apresentadas pelo líder piqueteiro: “aqui estão as bravas mulheres que preparam as panelas de comida todos os dias”. Fica claro que essas mulheres são as que fazem a comida para todo o grupo piqueteiro nos “comedores populares”. Porém é uma frase pouco feliz em relação ao evento e ao simbolismo de Eva Perón, do mesmo modo que grande parte do conteúdo dos discursos, já que as frases rememoradas por parte das mulheres estão longe das panelas. A frase utilizada pela liderança reproduz os argumentos de uma sociedade patriarcal, onde se identificam as mulheres pelas atividades associadas ao cuidado dos outros e do lar, do doméstico, especificamente em relação com a comida, ainda e apesar de essas mulheres, dentro do movimento, também, executarem outras tarefas que as convidam a superar o desígnio materno. Por exemplo, elas participam ativamente das passeatas, nos piquetes ou em funções de lideranças. O líder piqueteiro reproduz, em suas palavras, os estereótipos de gênero vigentes em grande parte da sociedade argentina.

Por outro lado, no evento comemorativo, quase a totalidade dos discursos foram feitos pelas mulheres. Isso mostra, por um lado, a intencionalidade do grupo, de associar as mulheres à figura de Eva. Por outro, poder-se-ia pensar que, da parte do grupo, só poderia ter existido uma simples associação de gênero. Porém, também podemos pensar que, apesar do papel que a sociedade reserva às mulheres, elas estão conquistando um espaço de poder, ao ter acesso ao uso do microfone, num cenário de participação popular. Essas questões serão tratadas no cap. IV.

O conteúdo dos discursos, tanto dos representantes das organizações convidadas como das mulheres piqueteiras, mostram diferentes aspectos da imagem criada sobre Eva Perón. Porém todos coincidem em mostrá-la como o “símbolo da luta popular” (Nadia, 29ª, piqueteira), “estandarte da luta dos povos”, presente na memória, porque “nos marcou um caminho de luta [...] para que lutemos todos os dias” (Maria, da agrupação Vitória do Povo)

Uma mulher que lutou até o último dia de sua vida por toda a gente, por todos os pobres, pelos mais necessitados, e, sobretudo lutou pela justiça social para todos, que não é nem mais nem menos o que nós estamos pedindo, que é o que acreditamos que devemos ter, que é o que nós merecemos.

Reivindicamos para Evita um lugar como parte de um dos símbolos que mais recolhe o sentimento popular, não qualquer sentimento porque é um sentimento político. A gente não lembra a Evita sem ter em conta sua ligação com seu compromisso político através de sua luta. Evita é uma bandeira de luta, é esse compromisso (Lito Borelo, 44, líder piqueteiro).

Eva aparece, assim, resgatada como sentimento político, como referente do popular, como expressão do compromisso político. Confirma Nadia, mulher dirigente piqueteira de 29 anos: “Eva, hoje é parte de um sentimento coletivo fundamentalmente dos setores humildes”. Nessa linha, são trazidos aspectos que marcam o compromisso de Eva durante sua vida política com determinados setores da sociedade: com as mulheres trabalhadoras, com as crianças, com os pobres.

Presente e passado se confundem nessa trama de relações simbólicas. As piqueteiras dizem: “uma mulher comprometida com os pobres, com o futuro dos *‘cabecitas’*, a que ensinou que os únicos privilegiados são as crianças” (mulher do bairro Mataderos); “... comprometida com as mulheres. Graças a

Eva, a mulher começou a ter participação ativa na política” (Nadia, 29 anos, piqueteira). Mostram características de Eva valoradas positivamente: “... uma mulher que gerou ódios e paixões, mas o importante é ver em quem ela gerava ódios e em quem gerava paixões”; “uma mulher tão dura como apaixonada” (mulher do comedor Mãos Solidárias); “uma mulher que deixou o luxo dos cargos e entregou sua própria vida em defesa dos humildes e das crianças de nosso povo”(mulher do bairro Merlo); “Eva é essa correlação entre o que dizia e fazia”, “é esse compromisso”, é “esse maravilhoso fanatismo”(Lito Borelo, 44 anos, líder piqueteiro)

A Eva que aparece nos discursos das mulheres é uma Eva próxima dos piqueteiros e piqueteiras, presente nas suas lutas cotidianas, presente nos espaços e nos objetos de uso diário. Tampouco as mulheres piqueteiras conseguem se despegar do mandato social consignado para elas. Por isso, a Eva próxima está ali, onde elas estão no dia a dia, no mais conhecido.

Lembramos a Eva que hoje vibra em cada panela, nos olhos de cada companheira que dia a dia no comedor dispõe-se desde muito cedo, perguntando o que comemos hoje e como segue esta luta. Sejam livres, o resto não importa. Essa é a bandeira que nossa Eva Perón levantou. Nossa, a de nossas mulheres, a de nossos filhos, nossos homens (mulher de Boedo).

Eva esta ali, na rua, junto a nossas famílias, com nossas crianças, não atrás dos escritórios (mulher do Comedor Copitos).



Mulheres piqueteiras falando em público sobre Eva Perón, 25/07/03



Se ela é uma Eva próxima, é uma Eva que não está nos escritórios dos cargos políticos. Aqui surge um questionamento em relação aos políticos, por não serem escutados por eles.

... quero falar às mulheres que são lideranças, às senadoras, deputadas, legisladoras, secretarias, subsecretarias, trabalhadoras sociais, coordenadoras, mulheres que parece que não conhecem a Eva, que parece que não sentem a Eva, mulheres que nos fecham as portas, que nos colocam paus no caminho. Queremos dizer-lhes que os homens e mulheres piqueteiros levamos Evita em nosso coração, não vamos descer nossos braços e vamos homenageá-la todos os dias na rua ou onde deva ser, dando a vida como ela deu. (M. do bairro Barracas)

O forte questionamento feito pelas mulheres piqueteiras às mulheres que ocupam cargos, põe em evidencia, além das demandas e reivindicações, as diferenças de classe social entre grupos de um mesmo gênero, e o lugar desvalorizado que ocupam essas mulheres funcionárias nas representações mentais das piqueteiras. A partir desse suposto, elas não poderiam ser as representantes das mulheres piqueteiras; estão do outro lado, do lado do poder político. Ao contrário, Eva, sim, é considerada a representante das mulheres e dos homens piqueteiros.

A legitimidade histórica dos piqueteiros mostra um sentido de apropriação de Eva, a mesma que existia na relação entre ela e os descamisados, na década de 1950. A palavra “nossa” dá a idéia também de que essa Eva símbolo é diferente das outras “Evas” que circulam no espaço político. O seu uso revela uma identidade grupal, uma identidade de classe. Thompson (1987, p 9-11) permite entender melhor isso, quando explica que a classe é classe no movimento, na luta, e acontece quando “... alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses deferem (e geralmente se opõem) aos seus”.

Por outro lado, Ridenti (2001, p. 82, 83) explica, para se entender a complexidade da conformação de uma classe social: “...uma classe não é mera soma dos ocupados em determinada profissão, nem daqueles com certo nível de renda ou de formação cultural; as classes não são identificáveis por qualquer dado quantitativo [...] as classes têm um sentido coletivo próprio, elas

não se confundem com agregados de indivíduos ou de vontades pessoais [...] empiricamente, as classes virtuais aparecem como agregados de indivíduos que exercem determinadas ocupações, têm certos níveis salariais e de instrução, possuem menos ou mais bens etc. São pessoas que se relacionam entre si por intermédio do mercado, e cujo trabalho ou não trabalho necessariamente se submete à lógica de acumulação do capitalismo”.

Os piqueteiros pertencem à classe trabalhadora, mas a um setor dela: os desempregados. Mas eles se identificam com os aspectos de Eva tratados na pág. 107 e diferenciam-se de outros grupos. E, para isso, a imagem de Eva é fundamental, já que lhes permite intermediar com a realidade.

Com efeito, identificações de classe estão presentes no resgate dessas frases reatualizadas de Eva e também nas próprias falas piqueteiras.

De Evita dizem que era uma fanática. Eu digo que ela tinha ressentimentos. Eu pergunto: quantos de nós, com a vida que nos fazem viver, não temos ressentimentos? (Lito Borelo, 44 a, líder piqueteiro)

Evita era como nós, era o povo” (Catalina, 44 anos, piqueteira).

Ela trazia o conceito visceral, ela vinha do setor mais pobre, não é por casualidade que falara assim [...] porque a sociedade e a cultura colocam nas nossas cabeças que se nascemos pobres vamos morrer pobres. A verdade é que as experiências deste tipo, como as de Eva, nós foram mostrando que não é assim. Que não é um desígnio divino ser pobre e que a miséria existe porque há um punhado de filhos da puta que ficam com tudo e não o repartem. (Nadia, 29 anos, piqueteira).

Esse processo de identificação toma corpo na identidade “piqueteiro”, “piqueteira”. Os piqueteiros reconhecem que houve um processo de produção do piqueteiro, trabalhador desempregado, produto do sistema socioeconômico e político que exclui, produto da desigual redistribuição da renda. Os piqueteiros se identificam como os descamisados da década de 50:

Evita diz “voltarei e serei milhões”. Companheiros, nós somos esses milhões, já que Evita vive em cada um de nós e nós somos os encarregados de continuar sua luta pela justiça social, ainda que esta nós custe a vida, pelo futuro de nossos filhos e de nossa pátria. (mulher Barracas).

Aparece associada, aqui, a idéia de que esses milhões atuais são os atuais descamisados: os piqueteiros e as piqueteiras.

Eu acredito que os piqueteiros somos uma continuidade do que ela chamou meus descamisados (Lito Borelo, 44 a, líder piqueteiro).

Por isso, essa Eva hoje lembrada pelo grupo piqueteiro é uma Eva que grita, como naquela época, contra o “imperialismo dos EEUU”, que hoje adquire a forma de neoliberalismo. É uma Eva que reclama, também, os direitos dos trabalhadores argentinos e argentinas e, sobretudo, os direitos dos trabalhadores desempregados piqueteiros e piqueterias, da mesma maneira que esse grupo está reclamando os direitos que os assistem como classe trabalhadora desempregada.

A célebre frase de Eva, trazida reiteradamente pelos piqueteiros, “onde há uma necessidade, existe um direito”, adquire, nesse grupo; diferentes conotações. Por exemplo, para a representante de FTV, Merlo, “o nosso direito é fazê-lo valer”; para o representante dos trabalhadores aeronáuticos “o nosso direito é nos organizar, sair a lutar na rua, propor um futuro melhor para nossas crianças...”.

Hoje, a luta parte dos grupos gerados pela crise econômica, política e social. Sentem-se muito mais próximos da figura dos “cabecitas negras” dos anos 1945-1946, a partir de considerar sua posição na trama social e sua recente situação de queda no seu padrão de vida. A idéia de vitória final aparece, aqui, como uma redistribuição eqüitativa da renda nacional. Ainda que proponham mudanças profundas do modelo econômico imposto, essa luta não pode ser identificada como uma revolução nos termos do marxismo. Não obstante existirem essas diferenças, os piqueteiros e piqueteiras identificam-se como grupo excluído que levanta as mesmas bandeiras que os descamisados de 1947.

As frases ditas por Eva em seus discursos, e selecionadas pelas mulheres piqueteiras para serem invocadas em público, são aquelas que mostram uma Eva em seus aspectos mais combativos. Como exemplos, temos: “por isso a vitória será nossa, teremos que alcançá-la cedo ou tarde, custe o que custar...e caia quem cair “; “Se for preciso, faremos justiça com nossas próprias mãos”; “eu sairei como o povo trabalhador, com as mulheres de meu povo, os descamisados da pátria, para que não deixem em pé nenhuma pedra que não seja peronista; com a cinza dos traidores

construiremos a pátria dos humildes”. Essas frases foram escolhidas intencionalmente, para ressaltar a radicalidade da figura de Eva. Radicalidade que, como movimento, assumem como própria. São frases re-atualizadas da luta de classe, frases que foram utilizadas no primeiro período peronista e que marcam a distancia entre exploradores, “vende-pátria”, traidores, de um lado, e descamisados, do outro. Há as que aparecem sob a forma de oposições básicas do tipo: "povo e oligarquia", "nação e imperialismo", as quais integram, segundo os conceitos de Laclau (1986), uma dimensão totalizante sobre o social impregnada no populismo, que define os elementos que organizam a cena política: o líder, as Forças Armadas, o apelo do conhecimento técnico e do desenvolvimento econômico. Segundo Laclau (1986) no populismo permanece um discurso da totalidade do social, que estabelece uma fronteira entre as forças sociais, cujas relações a constituem o campo popular e as outras forças sociais, simetricamente opostas, que representam o campo de dominação.

Hoje essas dicotomias são reatualizadas pelos piqueteiros, não com a mesma dimensão e com a mesma intensidade da década de 1940, nem tomando um único conflito que divide a totalidade do social em campos dicotômicos, mas sim tendo-as como matriz para sublinhar a luta política e social dos grupos piqueteiros como parte dos diversos grupos excluídos da trama social argentina, organizados a partir da luta. Esses aspectos dicotômicos conferem identidade grupal e respondem a um perfeito “trabalho de enquadramento” da memória.

A partir dos discursos comemorativos, se perguntarmos quais são as características que reúnem esses milhões de novos descamisados e descamisadas, eles dizem que são encarregados de continuar a luta de Evita. Assim eles se expressam: “propomos lutar por um novo futuro e para que nossos filhos não tenham de estar comendo num comedor e que nossos filhos não tenham de estar vivendo esta vida que nós levamos”; “nós a homenageamos, quando mexemos todos os dias as panelas, quando vamos pedir uma moradia digna e um trabalho digno”; “nós somos os que a levamos no coração”; “não vamos descer nossos braços e vamos homenageá-la todos os dias na rua ou onde deva ser, dando a vida como ela a deu”; “nós a

chamamos de Evita, seguindo o pedido dela<sup>67</sup>; “acreditamos que o nome de Evita pode ser usado, sempre que sirva para remediar algo no país”; “os que a vemos como a companheira de luta”; “os que recolhemos seu nome e o levamos até vitória final”.

Essa última frase, “recolhemos seu nome e o levaremos até vitória final”, mostra uma das partes mais místicas da relação entre os piqueteiros e Eva, e faz rememorar outras relações místicas com a figura de Eva, como a dos montoneros. Eles utilizavam palavras de ordem, como “retorno da democracia”, “retorno de Perón”, “Justiça”, ao lado da frase celebre de Eva, que anuncia, como uma profecia, que recolherão seu nome e a levarão para a vitória, as quais tiveram um papel histórico na luta contra a ditadura.

Evita dizia: “Eu sei que vocês recolherão meu nome e o levarão como bandeira para a vitória”. Seu nome foi recolhido por uma geração que, na década de 70, tentou fazer deste país injusto um país justo até suas últimas conseqüências. Nessa luta, 30.000 companheiros deram sua vida, recolheram o nome de Evita e o levaram à frente da luta. Na década de 90, neste início de século XXI, novamente, os mais pobres, nós, em quem Evita tinha colocado toda sua convicção e toda sua confiança, voltamos a recolher seu nome nos piquetes. Nossas companheiras piqueteiras levam a figura de Evita, dizendo que “se Evita vivesse seria piqueteira”. Hoje, nós, com essa conseqüência histórica, com esse mandato que nós deixou Evita, recolhemos seu nome e nos comprometemos levar-lo adiante até a vitória final. Isto é, até um país mais justo, por um Povo mais feliz.

O compromisso histórico com Eva está assinado: recolherão seu nome e o portarão como bandeira, efetivando o pedido feito por ela. Eva aparece, assim, descrita detalhadamente dentro de um discurso organizado com certa homogeneidade.

É também uma Eva que está viva nas organizações de luta. Essa demarcação fica clara nos relatos através da valorização da comunidade organizada, como uma prolongação de Eva. Portanto, nas representações dos piqueteiros e das piqueteiras, os “descamisados atuais”, eles não são representados pelos sindicatos, eixos intermediários entre Eva Perón e os trabalhadores na década de 50, pois tais organizações perderam esse poder. Agora, são as organizações de base, que lutam pelas necessidades dos

---

<sup>67</sup> Eva Perón pedia aos descamisados que a chamassem Evita. A mulher piqueteira recitou a frase de Eva “Cuando decidí ser Evita sé que elegí el camino de mi pueblo. Ahora a 4 años de esa elección nadie, sino mi pueblo me llama Evita”

excluídos (trabalhadores desempregados) que assumem esse lugar. A tríade seria Eva – Organizações Piqueteiras – Excluídos.

Se Evita vivesse, continuaria lutando pelos pobres, como o fazem as organizações presentes (M. Mãos solidárias).

Depositamos nossa confiança que temos na organização [...] apoiando-nos na Organização Popular e na luta popular. [...] Como dizia Evita, “organizar a força popular para enfrentar os inimigos da Pátria e os inimigos do Povo [...] Nós acreditamos que estamos numa nova ‘hora dos Povos’ e que novamente se está gerando um novo 17 de outubro. As massas populares estão começando a ganhar importância. Quando as massas populares fazem-se donas da história, ali é quando as coisas caminham. O único cursor real dos processos históricos são os grupos organizados (Lito Borelo, 44ª, líder piqueteiro).

A Eva imaginada condiz plenamente com as imagens escolhidas pelo grupo para os cartazes e os coletes que vestem, uma Eva gritando, uma guerreira, com voz e na luta, uma Eva que expressa juventude, liberdade e beleza, com os cabelos soltos e roupa de tropa. Eva é, aqui, a voz dos excluídos sociais. Uma Eva que reúne aspectos místicos e aspectos mais racionais da luta popular.

Essa é nossa Evita contemporânea. Hoje Eva expressa os anseios não cumpridos. Hoje é tudo aquilo que alguma vez tem que ser, mas que ainda não foi. A imagem supera a própria figura real, e até é mais do que foi. Seguramente, no novo movimento histórico será a bandeira, mas seguramente vai superar a própria expressão do que foi Evita em seu momento. (Lito Borelo, 44 anos, líder piqueteiro)

Quais são esses anseios não cumpridos?

O grupo de mulheres piqueteiras de base resgata, no palanque, “trabalho e moradia para todos, justiça social baseada no respeito, no princípio de igualdade de direito e na livre determinação dos povos”; “bem estar para nossos filhos, e um futuro melhor”, “por uma Argentina nova e sem corrupção”; “para a desaparecimento dos ‘comedores populares’, para que sejam só uma lembrança de uma ajuda que uma vez existiu”.

As demandas dos grupos piqueteiros, como vemos, baseiam-se, como novo movimento social, numa pluralidade de exigências concretas (Svampa, 2003).

A Eva símbolo, é uma Eva, cujos atributos selecionados lhes permitem se identificar como classe social e como postura ideológica, com a qual, na condição de símbolo que os representa, estabelecem um pacto de unidade e um ritual de guerra que “é um compromisso de luta” (Borelo Lito, 44ª, líder piqueteiro). Um símbolo que condensa, une e diferencia de uma só vez.

Hoje não são os operários os que estão lutando; os que lutam hoje na argentina são os piqueteiros. Somos aqueles que já perdemos tudo e queremos construir uma historia nova. Por isso, a imagem de Eva é importante como símbolo nessa construção (Martin, 44 anos, piqueteiro).

Um símbolo que, como tal, comunica mensagens com múltiplos conteúdos, entre outros, conteúdos de tipo identitário (JIMENEZ, 2004).

Escolhemos colocar a imagem de Evita na bandeira do nosso Partido porque Evita é uma imagem que não gera contradições dentro do movimento piqueteiro. Não acontece o mesmo, por exemplo, com o Che, ou com Perón. Eva continua sendo a bandeira dos humildes, para além do peronismo (Martin, 43 anos, piqueteiro).

Os grupos escolhem, dentro de suas posturas ideológicas, entre a variedade de símbolos disponíveis, aqueles com os quais, como nessa ocasião, mais acertadamente sejam identificados. Escolhem-no de um sistema de símbolos que compõem um imaginário social coletivo maior. Podem, assim também, transmitir mediante símbolos seus vínculos de pertencimento (JIMENEZ, 2004).

Eva, também, é o símbolo que preenche a “acefalia de uma estrutura política que represente o sentimento popular” (Borelo, 44 anos, líder piqueteiro), produto da tão mencionada crise de representatividade política argentina. Portanto, Eva Perón, hoje, é o símbolo que expressa a necessidade de inclusão social e política dos piqueteiros. Isso fica mais claro na mensagem emitida pelo grupo piqueteiro ao governo, com a reivindicação da sua inclusão na estrutura do poder político.

Uma mulher simbolicamente forte, determinada, lutadora, cuja rebeldia contra estruturas dominantes é valorizada. Aspectos como fanatismo e ressentimento adquirem, diferentemente de outros grupos não peronistas, conotações positivas.

### 4.3 Evita: viva estás !!!

Desde cedo, no portão de entrada do Cemitério da Recoleta, grupos de pessoas elegantemente vestidas esperam outras para iniciar o ritual anual de comemoração de mais um ano da morte de Eva Perón programado para as 11 horas.

Às muitas pessoas que transportam flores e coroas preanunciam o curso para chegar ao túmulo da família Duarte, lugar onde se encontram os restos de Eva Perón.



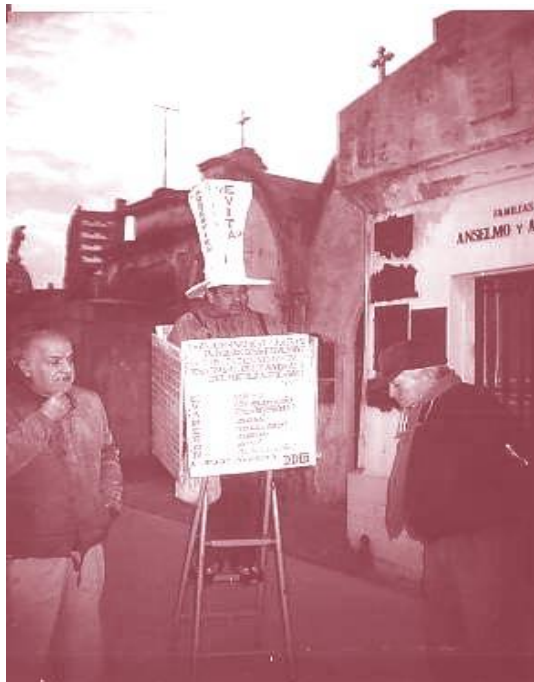
Fotografia do túmulo de Eva Perón antes de iniciarem-se os atos de comemoração, no Cemitério da Recoleta Buenos Aires

Desde o início da quadra que leva ao túmulo, as coroas cuidadosamente arrumadas, umas ao lado das outras, com flores de todas as cores, anunciam um dia de comemoração.

Um senhor, parado nos degraus de uma escada metálica, usa um cumprido chapéu e expõe com cartazes que formam uma caixa humana, com frases escritas em memória de Eva, entre elas: “*Evita humanamente fostes e serás nosso Jesus Cristo feminino*”. Instalado a poucos metros da entrada do estreito corredor que conduz ao túmulo, forma parte da cena composta para evocar a Eva. O túmulo foi também embelezado com papeis, cartazes produzidos pelas diferentes grupos: imagens de Eva, corações, cruces, são os desenhos que aparecem junto às suas frases mais conhecidas.



Os cartazes traziam mensagens como: “Os povos que lutam merecem ser livres e os que não lutam merecem ser escravos”, assinado pela Villa 31 de Retiro (favela 31). “Se prende no coração do povo peronista a chama eterna de uma promessa. Hoje queremos recordá-la e renovar esse compromisso, levantar seu nome e levá-lo como bandeira à vitória”. “Os humildes também têm o direito de viver com dignidade”. “Evita gloriosa”. “A dignidade da mulher na Argentina não se negocia e muito menos, se humilha por fome” (Eva Perón).



Homem vestido de caixa junto ao historiador de tangos

Abaixo da figura de Eva, uma frase: “Nós, o povo, te dizemos UNICA”. “Eva Perón. Pela paixão e pela alegria, pela humildade e pela entrega sempre te recordaremos. Voltarás e serás milhões”.

Um panfleto produzido pela “Mesa de Condução Nacional da Resistência Peronista” – que traz a imagem de Eva Perón sorridente, penteada com coque e terno, a imagem oficial de Eva – convida a participar do ato da “Passagem de Eva Perón à imortalidade”, e anuncia o programa do ato. Um último cartaz, com a imagem de Eva chutando uma bola na inauguração dos campeonatos, descreve as ações que realizou dentro da área do esporte.

A diversidade desse resgate tem um eixo comum, Eva é assim retirada do circuito da vida material, para ingressar num outro predominantemente simbólico, para o qual os objetos evocativos, as palavras ditas, as fotografias, os livros, as notícias nos jornais são fragmentos de uma vida que se dissipou, necessários para evocar a vida de uma pessoa morta. As imagens, sejam pictóricas ou fotográficas, têm especial importância pela associação delas com um conteúdo, como também por contribuir para retenção e transmissão de memórias (BURKE, 2000). Nesse sentido, a copiosa iconografia de Eva e a

repetição de algumas imagens sobre outras expressam a intencionalidade de lembrar e transmitir determinados conteúdos. Por exemplo, nessa comemoração, a circulação abundante da imagem de Eva falando ao microfone mostra a tendência atual de impor a figura de uma Eva pública, que discursa e move multidões.

A comemoração no cemitério consiste numa romaria de grupos que se concentram primeiramente no portão de entrada do cemitério, e, a partir dali, caminham até o túmulo de Eva. Uma vez frente a ele, realizam seus discursos ou mini atos, colocam flores ou outros objetos trazidos para tal fim, e assim, do mesmo jeito que chegam, também se retiram. Entre um mini ato e outro, durante os intervalos, as pessoas que decidem permanecer no corredor – e eu me encontro entre elas – fazem rezas e entoam exclamações eufóricas: Viva Evita! Viva Perón! Viva a Pátria Libertada! O ritual de lembrar Eva, como ato de comemorar um morto, confere-lhe uma certa imortalidade, e, por outro lado, permite que as pessoas vivam experiências de encontros e reencontros, criando laços de continuidade. Por meio desses atos, valores e símbolos são transmitidos para a ação no presente e no futuro (ABREU, 1994). Apesar de pequenas modificações de ano para ano, há uma constante na programação, que inclui os mesmos eventos.

São aproximadamente 4.000 pessoas que circulam durante todo o dia à frente da tumba de Eva: agremiações políticas, grupos de trabalhadores, grupos pertencentes a sindicatos, familiares, funcionários públicos, pessoas sem afiliação política. Alguns grupos numerosos superam, por momentos, a capacidade do corredor, gerando apertões e empurrões, cujo fim é chegar ou manter o lugar frente ao túmulo de Eva, o que se converte numa luta corporal pelo espaço territorial; uma luta pelo poder político, por um lado, e a luta por significar Eva, por outro.

Alguns grupos distribuem convites para participação em de outras comemorações justicialistas. Também distribuem jornais impressos pelas diferentes correntes do Partido.<sup>68</sup> Em geral, estes panfletos e jornais sublinham

---

<sup>68</sup> Revista N.2. Fundação Evita, julho de 2003; *La Bocina* del PJ N.131; *La Bocina* Del movimiento. N.6; Volante COBEPO (Comissão Peronista Bonaerense), Volante Museu Evita, Volante Resistência Peronista.

“a passagem à imortalidade de Eva” e anunciam suas obras. Podem-se observar diferenças marcantes entre os grupos. Por exemplo: os de maior poder – os sindicalistas ou agrupamentos do partido peronista – são acompanhados por guarda-costas e por equipes pertencentes aos meios de comunicação, cinegrafistas, jornalistas, etc., diferentemente de outros, cujos pertences, roupas e aparência denunciam sua menor condição material e social. Portanto, podem-se observar não somente diferenças ideológicas expressas nos discursos e falas, mas também diferenças de classe, de gênero e geração.

A comemoração inicia-se com a leitura de duas mensagens com voz potente e solene pelo relator, confirmando o tom sagrado que toma a figura de Eva Perón.

Senhor, a escolheste no pódio de teu reinado e a escolhestes mártir, e até o céu a conduzistes. Acreditamos perdê-la para sempre, acreditamos não vê-la mais e... Viva está! Não morrem os que levam o desígnio de Deus de santidade. Não morrem, não! [...] Eva Perón está no sorriso das crianças [...], na paz dos velhos [...], nos rústicos operários, no coração das mulheres que levaram a seu povo, sua verdade[...], nas espigas [...]. Abençoa-a Senhor. Viva Evita!!!!

Sua razão de viver não lhe deixou nunca estar morta. A morte fracassa nesta ocasião... Sois milhões, somos milhões. Não descanses nunca [...] A morte não pode tanto que aceitemos pensar em teu repouso [...] Quando tivestes um pouco de poder, fostes comida, sapatos, teto para uma digna vida, maquinas de costura, camas do hospital [...] só privilégios para a infância, todos os privilégios para a velhice. Viva Evita!

Nessas primeiras palavras, começa a aparecer, diferentemente do que ocorre no grupo piqueteiro analisado, a sacralização de Eva como um dos eixos centrais da comemoração. A ordem sagrada está presente nesse ato ritualístico, dando-lhe forma e conteúdo. Como todas as comemorações, essa, destinada a evocar Eva Perón, de acordo as palavras de Abreu (1994), depende dos “agentes especialmente dedicados à sua produção”. Como afirma BURKE (2000 p.70), “... são os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é memorável, e também como será lembrado”. Dentro do processo de recriação da memória, sempre está presente um processo de seletividade da memória, intencional ou não, de modo a evidenciar determinados traços e destinar outros ao ocultamento ou esquecimento (ABREU, 1994). Nesse sentido, vemos como,

dentro do marco ideológico compartilhado pelo grupo, vai-se perfilando esse perfil sagrado na Eva símbolo, em detrimento de outros aspectos, como os políticos.

Movimentos bruscos e empurrões anunciam o ingresso de um numeroso grupo de pessoas e o início do ato programado pelo Conselho do Partido Justicialista da Província de Buenos Aires. Reconheço, entre os integrantes, Saul Ubaldini.<sup>69</sup> Em sua maioria, são sindicalistas, deputados, prefeitos e membros da condução do Partido Justicialista, acompanhados por jornalistas dos meios de comunicação. Nesse momento, outro grupo, formado por seis mulheres de aproximadamente 80 anos, busca aproximar-se do microfone. Elas são ex-deputadas e ex-senadoras da Nação, as primeiras deputadas e senadoras que chegaram às Câmaras pela mão de Evita. O relator solicita realizar “um minuto de silêncio em memória do Tenente General Juan Domingo Perón e da Chefe Espiritual da Nação, a companheira Evita, e por todos os companheiros e companheiras que têm caído pela liberação de nossa Pátria”. Ao toque do clarim, nota-se, nos rostos das pessoas, profunda emoção. Começam os discursos do partido, em meio a aplausos. O deputado nacional Saul Ubaldini lembra novamente a passagem de Evita à imortalidade. Por sua vez, o prefeito do Bairro 3 de fevereiro traz uma mensagem levemente diferenciada das anteriores, ao dizer que vem homenagear a “mulher que sempre clamou pelos excluídos”. Destaca que ela é reconhecida por grupos que antes a combatiam, e que a lembrança de Eva é a recordação inesquecível para os que têm aprendido dela e do General sua doutrina, seu sentimento e ideologia. Enquanto isso as ex-deputadas e ex-senadoras continuam discutindo com os cinegrafistas que acompanham essa comitiva, tentando se acomodar perto do microfone. Não as deixam avançar. O último a fazer o discurso é o aplaudido Manuel (Manolo) Quindimil, de aproximadamente 80 anos de idade.<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> Saul Ubaldini, atual deputado pelo Partido Justicialista, ocupou desde 1986 o cargo de Secretario General da CGT (Confederação Geral do Trabalho) e é originário do Sindicato dos Cervejeiros.

<sup>70</sup> É apresentado pelo relator, como o “titular do Conselho do Partido Justicialista de Lanus e titular do Conselho do Partido Justicialista da Província de Buenos Aires eleito pelo voto titular por sexta vez, intendência municipal de Lanus e o último caudilho do Movimento Peronista”

Hoje, estamos junto ao corpo de quem em vida fora nossa eterna defensora da Pátria, da justiça social, dos anciãos, dos trabalhadores, das mulheres, das crianças. Estamos a 51 anos daquele histórico 26 de julho de 1952, em que as 20:25 horas dessa triste noite [...] Era tão triste que até Deus chorava junto ao Povo, porque chovia, chovia. As lágrimas do céu juntavam-se com as lágrimas do Povo. Chorava pela morte de uma jovem que deu sua vida na plenitude. Tinha 33 anos. Que injusto! Tanta falta nós faziam!. Eva poderia hoje estar viva junto a nós, companheiros! Estou seguro que, se hoje estivesse viva, não se cometeriam as injustiças, o desemprego e a fome que está sofrendo o povo argentino. Eva falou: “Voltarei e serei milhões”. Está se cumprindo o que falou, porque as mulheres estão se multiplicando na política através do tempo, porque as mulheres sentem-se orgulhosas de ter tido uma primeira dama argentina que deu a vida quando recém começava a viver [...] Hoje, novamente estamos aqui, como todos os anos. Descansa em paz! Fica tranqüila!, Porque sei que estás preocupada, como o está o General, por como deixaram o país os militares de turno, os políticos e os governantes de turno, que levaram todo o dinheiro do povo e hoje temos um país com uma crise enorme. [...] Também temos que dizer-lhe que o peronismo voltou a tomar o poder. Hoje, o peronismo está de novo na cena política. Hoje, o peronismo tem a responsabilidade de devolver a justiça que você gerou. Fica tranqüila porque, enquanto tenhamos um peronista como os que estão aqui, vamos lutar até dar a vida como você a deu. Seguiremos teus caminhos, vamos a cumprir com o Povo, porque ele tem esperanças no governo atual, como vai ter esperança no futuro governo da Província Buenos Aires.<sup>71</sup>

Manuel Quindimil dá uma interpretação diferente ao lema “Voltarei e serei milhões”, afirmando “Voltarás e serás milhões”, circunscrevendo-o ao ingresso das mulheres na política. Continua lembrando a época em que Evita lhes pedia que cuidassem de Perón, assim ele está cuidando o povo, assinalando que está trabalhando contra a corrupção gerada por outros políticos. Um elemento novo vai aparecendo na fala de Quindimil: “a sensação de desolação e perda”. Quando ele termina, o público aplaude e canta efusivamente “Se sente, se sente, Evita está presente”.

Diante o longo discurso de Quindimil, uma das ex-deputadas solicita gritando: “Que falem as mulheres, por favor!”. Uma vez que Manuel Quindimil continua com o discurso, a ex-deputada grita novamente “Basta querido!!!”.

---

<sup>71</sup> Para o dia 24 de agosto de 2003, estavam programadas as eleições de governadores e prefeitos em alguns Estados da Republica Argentina. Em Buenos Aires, disputava-se a prefeitura da Cidade Autônoma – Capital Federal e o governo do Estado de Buenos Aires. A contenda política observada na comemoração desenvolve-se em torno das candidaturas para ocupar a prefeitura da cidade autônoma, para a qual o presidente Kichner apóia um candidato não peronista, e o grupo que levou a Kichner ao poder, apóia outro. Nestor Ibarra, o candidato apoiado por Kichner, conseguiu a reeleição para a prefeitura.

Quindimil, fechando seu discurso, diz: “Bom, Evita descansa em paz!”. E novamente a ex-deputada grita: Vá descansar em paz, quando falemos as mulheres!!!” Esse acontecimento é interessante, já que nos mostra que, apesar de circular um ar discursivo, nessa comemoração, a favor do resgate do papel das mulheres, na realidade não é bem assim: o lugar das mulheres, especificamente das mulheres políticas, continua sendo de “não poder”. Apesar desse fato, Quindimil continua falando uns minutos a mais, lembrando que eles (peronistas da sua linha política) darão continuidade à doutrina de Perón, lembrando as bicicletas e as bonecas que Evita entregava, a construção de asilos etc. Culmina seu discurso recebendo longos aplausos e com o cantar da tão conhecida ‘marcha peronista’: “*Los muchachos peronistas todos unidos triunfaremos...*”.

Logo após a retirada desse grupo, a próxima em falar é uma das ex-legisladoras. Ela inicia sua fala denunciando a carreira e a luta das distintas frações na busca de votos para chegar aos cargos disponíveis nas eleições do próximo 24 de agosto, e também menciona a falta de espaço simbólico para elas nesse contexto e o uso político da figura de Eva.

É muito difícil que, neste momento, a descamisada dos humildes, nossa querida Evita, a que tornou possível que as mulheres egressas e fossem eleitas, as legisladoras, primeiras mulheres que sentaram na Câmara do Senado da Nação, e na Câmara de Deputados, aceitar-se que estão vivas e estão aqui presentes, que devam viver com horror e indignação esta busca de votos miserável que assistimos tanto na Chacarita<sup>72</sup> em 1 de julho, como agora. Nos dá profunda dor ver que continuam procurando votos [...] Quantos rostos desconhecidos... Não são os rostos dos jovens pobres, não. São os ambiciosos personagens que querem o poder. Façamos uma reflexão, assim como eu pedi faz uns momentos a Ubaldini, um espaço... Outros não me deixavam passar porque eu falo a verdade. Eu queria simplesmente pedir que unamos nossas mãos numa petição à nossa querida Evita, que os trabalhadores da CGT, os intendentes, os que não têm mais mérito que o de ter nascido antes, tenhamos a humildade de afastarmos e deixar a esta nova geração para que façam [...] E todos os que tivemos o privilégio de sentir-nos os descamisados de Evita, voltemos a sê-lo. Peçamos a Evita que una o partido peronista, que una o Povo Argentino, que una as mulheres que, em última instância, somos as que decidimos a eleição. As mulheres somos mais no momento de votar.

As pessoas, não obstante, falam entre elas, não escutam o discurso da ex-legisladora. Algumas mulheres pedem silêncio, até que uma mulher grita

---

<sup>72</sup> Cemitério onde estão sepultados os restos de Juan Domingo Perón.

“calem-se, por favor, que está falando uma companheira<sup>1</sup>”. A ex-legisladora culmina seu discurso dizendo “Não quero brigar, porque não quero chocar com os que trouxeram grandes coroas, em lugar de levar esse dinheiro para os meninos que necessitam”. Continuam as discussões, alguns gritam “Bravo companheira!” e aplaudem com fervor essas últimas palavras.



Fotografia de momentos da comemoração

Fica claro quem são as excluídas nessa comemoração: as mulheres velhas. É interessante olhar a maneira como as ex-legisladoras estabelecem sua luta pelo espaço de poder, condensado no uso do microfone. E, apesar dos obstáculos encontrados, elas conseguem efetuar uma denúncia dos fatos e enredos políticos.

Aos poucos, as pessoas presentes começam a discutir, escutando-se: “Estamos na tumba de Eva Perón, um pouco mais de respeito! As diferenças políticas lá fora, por favor!”. Uma mulher tenta fazer um discurso “O setor da mulher do PJ capital, para além das conjunturas políticas, viemos agradecer, e viemos prestar nossa homenagem...”. Escutam-se gritos de algumas pessoas pedindo que cale a boca, que avancem. Não a deixam continuar falando. Esses gritos convertem-se no canto, em voz forte, do hino nacional, com o propósito de calar a voz da mulher. Assim todos nos encontramos cantando o hino. Algumas pessoas mostram seu desagrado diante dessa situação. Novamente, assistimos à desvalorização do lugar das mulheres que participam na política formal.

No meio das rezas, dirigidas por Maria (68 anos), consigo falar sussurrando com algumas pessoas que permanecem perto de mim. Depois de perguntar-me o que eu estou fazendo, sobretudo porque me viam gravando e registrando, fazem comentários espontaneamente sobre o que eles pensam de Eva. Por um momento, nos pedem silêncio, já que “é um lugar de descanso”.

Após um novo minuto de silêncio, com toque de clarinete, a agremiação Resistência Peronista realiza sua apresentação, referindo-se um senhor sobre a “oligarquia”, como “entregadores” e “vende pátria”, denunciando que ainda permanecem como forças obscuras, escondendo-se atrás da democracia e atrás das imagens de Evita e de Perón. “São hoje, os que têm em suas mãos o destino da Nação e cumprem todas as demandas do Fundo Monetário Internacional”. O público aplaude animadamente e grita: “Viva Evita!!! Viva Perón!!! Viva a Pátria Liberada!!!” Novamente, nesse grupo, como no caso dos piqueteiros, aparece a reatualização das dicotomias que dividiram o povo argentino na década do 50. Hoje, para eles, os “vende-pátrias”, entregadores, os odiados por Eva, seriam os que negociam com o FMI, também peronistas, aqueles que se escondem atrás das imagens de Evita e Perón.

Uma senhora, à frente do tumulto, com voz forte, diz: “Viemos recuperar a Pátria. Companheiros, hoje mais que nunca necessitamos de homens dignos [...] Eva Perón é o nosso porto de tantas agonias!”. A honestidade e a dignidade de Eva contrapõem-se, numa reatualização, aos corruptos, aos “vende-pátrias”. A idéia de recuperar o país da crise gerada pela imposição de uma economia neoliberal, pelo governo peronista de Menem dos últimos 10 anos, vai aparecendo sutilmente nos discursos públicos, e nos sussurros das pessoas mais próximas. Alberto (63 anos), historiador de Carlos Gardel, auto-identificado como peronista independente, declara que “Menem foi lamentável para o peronismo e para o país [...] O pensamento de Eva é o verdadeiro peronismo, mas Menem não o soube interpretar. Menem não merece ser peronista; ele o usou, somente”.



Um grupo de aproximadamente 200 pessoas avança, caminhando em silêncio e trazendo enormes bandeiras argentinas e uma imponente coroa. O sol da manhã atravessa o espetáculo solene. São pessoas humildes, ao observar de seus rostos e vestimentas. Muitas delas são jovens. Quando chegam frente ao tumulto, duas mulheres jovens falam ao público, dizendo “Nos encontramos aqui, os companheiros de Lomas de Zamora, desde nossos humildes lares, Evita, iremos onde estiveres!”



Agrupamento Lomas de Zamora

Agradecem a Eva tudo que ela fez pelos pobres e solicitam ajuda nessa nova etapa que se inicia. Resgatam a “revolução em paz que Eva trouxe, a revolução pela justiça social, o amor dos humildes”. Acreditam que “nos lugares de trabalho se faz, dia a dia, essa revolução”. Uma mulher jovem, que está a meu lado, me diz ao ouvido:

Estamos observando a passagem de companheiros e companheiras muito, mas muito humildes, de Loma de Zamora, e o que se sente é esse sentimento é o passo do verdadeiro movimento justicialista de Evita e de Juan Perón, porque aqui é onde está a mística peronista, neste ar que se respira de esperança. É a verdadeira decisão da gente para que voltemos ter justiça social neste país.

Em torno das 13 horas, os familiares de Eva, as duas irmãs e a sobrinha, e outras personalidades do peronismo e membros do Instituto e Museu Evita, inauguram uma placa de bronze em silêncio e sem discursos. A placa ressalta “Instituto Nacional Eva Perón, Museu Evita. Em homenagem a Evita, que escolheu seguir o caminho de seu Povo”.

Quando já começa a diminuir a quantidade de pessoas que circulam pelo corredor, em torno das 15 horas, aproxima-se outro grupo ligado à Resistência Peronista, composto por 12 pessoas, que, instaladas em círculo,

começam seus discursos. Segundo expressões de Maria, a mulher que dirige as rezas, os membros desse grupo são da ex-juventude peronista. O líder, Dante Gullo, afirma que, “apesar de passarem os anos, ela continua fresca, limpa e muito mais revolucionária, e nos mostra constantemente como temos de nos comportar”. Em seguida, solicita que as mulheres presentes no grupo pronunciem algumas palavras. Uma mulher chamada Lorena explica que Eva é um “exemplo revolucionário que temos de imitar”. Outra mulher, apresentada por Dante G, como “a velha companheira que atende a um comedor muito importante em Lugano, dando exemplo do que faria Evita, de forma permanente, para todas as crianças e os carentes”, explica: “Temos Evita no coração, na alma. E ajudar aos pobres, aos famintos é o que gostamos e é o que ela nos ensinou”. Uma terceira mulher do grupo reconhece o movimento dos bairros do cone sul de Buenos Aires (La Boca, Boedo), porque, do ônibus em que ela viajava, observou a marcha e piquete dos piqueteiros da FTV. Diz: “Algo por que Evita lutou e deu sua vida começou a funcionar [...] Ela sabia que iriam se levantar em seu nome e que iriam levá-la como bandeira na vitória”. Uma senhora do público, nesse instante, grita alto: “Esta é a bandeira que Evita queria que levássemos todos!”. Essas mulheres, em sua maioria, são coordenadoras dos “comedores populares” dos bairros mais pobres de Buenos Aires. Nesse grupo, fica acentuado que o lugar de Eva está nesses ‘comedores’, atendendo a pessoas carentes, como o fazem as mulheres nos bairros. Observa-se, aqui, uma correlação entre a imagem de Eva e a imagem das mulheres que trabalham nas organizações de base, especificamente nos ‘comedores populares’. Adverte-se, no caso dos piqueteiros, a associação das mulheres às atividades relacionadas com o cuidado dos outros, pois as mulheres valem pelo que representam para os outros, como mães, esposas, filhas (Passos, 2001). Portanto, as atividades que as mulheres desenvolvem são uma prolongação do espaço doméstico, um trabalho, como vimos na teoria feminista, socialmente desvalorizado em relação ao trabalho fora do lar.

Fica mais claro que a revolução em paz, da qual falam, se constrói nos lugares de trabalho: nos bairros, nas organizações de base, com seus instrumentos político-sociais. Observa-se, nesses agrupamentos, uma valorização do trabalho de base, a valorização do trabalho das mulheres nas

bases e a valorização dos aspectos entendidos como revolucionários em Eva, quer dizer, aqueles associados ao trabalho do bairro. Entende-se, aqui, que a valorização feita pela sociedade desse tipo de trabalho das mulheres dá-se dentro dos parâmetros de uma sociedade com evidentes desigualdades de gênero, em que a imagem de mãe impregna e dá significados às visões sobre as mulheres. Esse ponto será aprofundado no capítulo seguinte.

O último grupo a passar é constituído por turistas, alguns pertencentes às províncias argentinas e muitos outros de países estrangeiros que visitam o túmulo como parte de excursões organizadas por agências. Maria aproveita a ocasião e começa a sugerir aos turistas que. “quando passarem frente a Evita, que é milagrosa, peçam alguma coisa que realmente necessitem, peçam de coração. Peçam, peçam que ela conceda!”. Alguns cumprimentam carinhosamente o nosso grupo. Uma mulher espanhola diz: “Pedimos riquezas a Eva, perdão Evita!”. Algumas pessoas, com os rostos surpresos, escutavam estas palavras; outras tocavam as figuras de Eva inseridas nas placas. Maria, assim como outros peronistas, reivindica conteúdos de santidade milagrosa para Eva, o que a converte num agente de produção de sentidos.

Já à tarde, algumas pessoas constituem o nosso grupo, que espera, parece uma vigília. Há muita cordialidade, sorrisos e bom trato entre nós. Resulta muito agradável estar aqui.



*Fotografia Mulheres*

Como diz Abreu (1994), cerimônias rituais ocupam um lugar importante na dinâmica do grupo, na medida em que reforçam os laços que unem seus participantes, fazendo desse encontro não só um espaço de comunicação, mas também um espaço de comunhão e de troca de solidariedade. Resgato, neste

momento da tarde, a presença de um trato afetivo entre pessoas pertencentes às diferentes grupos e linhas.

As conversas entre as pessoas desenvolvem-se no decorrer da passagem dos grupos. Em alguns momentos, só escuto o que as pessoas falam. Em outros, aproximo-me dos grupos para conversar com elas e eles e, por ultimo, outras são geradas pela minha presença e pela busca por parte de Maria Eva de novas informantes. Destaco que, durante essas conversas, foram muitas as emoções expressas através de lágrimas. Durkheim e Mauss deram especial importância às emoções. Como mostrou Mauss (1979) no estudo sobre as lágrimas e outras expressões de sentimentos, elas não podem ser explicadas unicamente a partir de uma perspectiva psicológica, tampouco podem ficar restritas a um plano individual, mas são fenômenos sociais marcados por manifestações não espontâneas da vida social da coletividade, quer dizer manifestações orientadas por padrões culturais construídos socialmente no processo histórico do grupo que as manifesta.

A fala espontânea de Francisco (82 anos), motorista de Evita, mostrando com orgulho o documento de afiliação peronista, traz o sentir-se reconhecido e cuidado por Eva Perón, mesmo depois de sua morte.

Eu estive na intimidade de Evita [...] Eu o guardo como lembrança inesquecível para mim [...] Eu o guardo com muito orgulho” [fala sobre o documento] Me fizeram muitas reportagens, também sai nos jornais do exterior falando sobre a senhora [...] Eu venho todos os anos... Às vezes, me encontro aqui com velhos amigos que não vejo por muito tempo. Muitas lembranças, minha filha...Tenho muitas lembranças da senhora,... os últimos momentos da senhora...[chora]... Era uma pessoa de caráter forte, mas tinha um trato muito cálido. Eu a estimava muito. Ela não me chamava pelo nome, senão “filho”. Quando faleceu, estávamos no Conselho Deliberante e nos chama o General e nos pergunta que andávamos fazendo ali. Colaborando meu General, respondemos. Ele respondeu: vão ficar comigo, porque vou cumprir o que pediu a senhora, que a seus motoristas não os mande ninguém. Assim que eu estive com o General até o último momento... o levei na embaixada quando ele se exilou ... até o ultimo momento. É incrível ... Trabalhei na Presidência da Nação. Aqui há tanta gente, tanta gente e somos todos iguais, não?.

Esse é um dos depoimentos que representam muitos outros reveladores dessa relação estabelecida entre Eva Perón e pessoas do povo, mesmo não tão próximas a ela como Francisco. Por um lado, Francisco está explicitando a perda de um lugar, de um espaço de reconhecimento, mas, pelo outro, está

mostrando um vínculo estabelecido no carinho. O relato de Francisco nos coloca diante de um vínculo, de uma “troca de dons”, nos termos de Mauss; uma relação estabelecida na reciprocidade do dar e do receber. A presença de Francisco no cemitério está movida pelas características desse vínculo. No capítulo V, esse ponto será mais bem desenvolvido.

José Luis, que vem de Rosário, Província de Santa Fé, tem 46 anos, e traz, como fez em outro momento, para o grupo piqueteiro, a ausência de referentes políticos confiáveis. Eva emerge com simbolismo restaurador: “Eva representa a necessidade das pessoas de acreditarem em algo”. Essa frase nos remete ao poder das crenças, do simbólico, nos termos de Bourdieu (1989), na construção de um sentido sobre o mundo.

As palavras de Omar, líder comunitário da “Favela 31” ([Villa 31]), encontram sentido nessa sensação de falta de referentes confiáveis.

Voltarei e serei milhões, diz Evita. Mas, voltarei com a cabeça dos dirigentes na bandeja. Ela vai voltar com a cabeça dos dirigentes traidores à doutrina na bandeja. 90 % de nossos dirigentes são traidores e mercenários, são os que nos tem levado a esse caos de expropriação, humilhação e de morte lenta.

Esse depoimento parece uma mensagem extraída do apocalipse, dos sonhos de João sobre o retorno de Jesus Cristo, para separar, no caso de Eva, os corruptos. Como diz Balandier (2004, p.109 e 187), “... o sagrado é uma dimensão do campo político [...] discreto ou aparente, o sagrado está sempre presente no interior do poder. [...] O poder sagrado reconhecido em figuras simbólicas distingue-se como uma força associada às forças que regem o universo e mantêm a vida para reconstruir o país”.

Outras falas recompõem, também, o sagrado na figura de Eva, mas a partir de outros aspectos, a partir da figura de heroína salvadora: assumindo aspectos como a “liberação da Pátria, de todo o povo” (Blanca, 75 anos, peronista), como aquela que “levantou a todos os humildes e lhe deu dignidade a toda a classe trabalhadora” (Maria, 68 anos), ou também a busca de uma substituta “aqui tem que vir uma mulher como Eva (Irene, 78 anos, peronista), reforçando as idéias presentes no “mito do salvador” conforme Girardet (1987). Quiçá a interpretação dessa unidade político-sagrado esteja expressa nessa frase: “Eu a vejo como uma mãe, uma mulher política com um dom especial

para mobilizar multidões, e inclusive dar sua vida por uma causa”, como afirma Alicia (43 anos, peronista).

Eva mãe aparece em reiterada falas dos peronistas e das peronistas presentes nesse dia. A mãe que dá sua vida pelos seus filhos reproduz a ideologia patriarcal que valoriza as mulheres pela sua condição de doadora de vida, de cuidado dos outros e pela condição sagrada da maternidade.

A noção de sagrado ligada à religião cristã é o que mais aparece nos discursos, a qual não é alheia às sociedades ocidentais, que viveram a filosofia judaico-cristã nos seus costumes, leis, religiões entre outras instâncias. De fato, a imagem mental de Eva como “nosso Jesus Cristo feminino”, trazida pelo homem vestido de caixa, parado nos degraus de uma escada, mostram a influencia dessa religião na construção simbólica do real.

Morreu como Jesus Cristo aos 33 anos, deu tudo que tinha, sua vida, porque não teve descanso [...] Evita entregou sua vida como Jesus Cristo, com paixão. Evita amava aos humildes. Quando Jesus Cristo elegeu aos apóstolos, não elegeu nem sábios, nem ricos, foi procurar pescadores, pobres (M. Almagro).

Para nós, os peronistas, Evita é uma santa (Maria, 63 anos)

A mensagem subjacente a essas falas é: Eva fez o mesmo que Jesus Cristo, Eva é como um homem sagrado, uma mulher cujas qualidades de força (atribuídas aos homens nas sociedades patriarcais) a associam a um homem como Jesus. Eles expressam, em termos simbólicos, a escolha dos pobres. Eva, como Jesus, era pobre; Eva, como Jesus, entregou sua vida, sacrificou sua vida por nós. Nós somos o povo de Eva (seu rebanho), assim como somos o povo de Jesus. Imagens de identificação estão impressas nessas frases: sobretudo quando dizem (do mesmo modo que as piqueteiras): somos suas discípulas. As placas de bronze colocadas no túmulo também expressam esse sentimento.

Eva Perón  
1952-26 de julho - 1982  
Não me chores perdida e distante.  
Eu sou parte essencial de tua existência.  
Todo amor e dor me foram previsto.  
Cumprir minha humilde imitação de Jesus Cristo.  
Quem ande em minha senda que a siga.  
Seus discípulos.

1952 - 26 de julho de 1982  
Sento desejos irrefreáveis de queimar minha vida.

Se queimando-a pudera iluminar o caminho da felicidade do Povo Argentino.

Ressaltam, aí, as características de pastora, guia, uma senda, um caminho, uma luz. Mito e realidade confundem-se na cena política. Por isso, não é estranho, escutar de Alberto, o historiador de Gardel, que Evita representa o “peronismo perdido”, ou, como diz José Luis, o colecionador de objetos sobre Eva: “as pessoas pedem a gritos que volte esse peronismo, porque é o único capaz de levar na frente a justiça social e trabalho para o povo”. Esses supostos têm servido de fundamento, nesses dois últimos anos, para a aparição de novos agrupamentos peronistas, que reivindicam a volta às raízes do peronismo e às idéias de Perón e Evita; a volta aos ancestrais do peronismo. Diferentes correntes peronistas tentam assumir, como vimos nas palavras de Quindimil, esse papel “salvador”, de “recuperar a Pátria da crise política e social”.

Nos relatos, há uma imagem de Eva que vai se recompondo através dos fragmentos que aparecem nessas lembranças, trazidas em depoimentos até contraditórios entre si. Lembranças que são, como diz Pollak (1989), reconstruções do coletivo, quer dizer visões de um conjunto maior, reconstruções de uma identidade. BOSSI (1987, p.17) explica que são imagens construídas “pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”.<sup>73</sup>

As lembranças não vêm sozinhas; elas vêm acompanhadas das próprias percepções dos que lembram, a partir de suas vivências. Trazem, por exemplo, a beleza do rosto de Eva: “Eu lembro e muito o rosto de Evita. Era um rosto muito belo”; “Eu era muito pequena quando ela me teve em seus braços” (Ana Maria, 60 anos, peronista). Vêm também acompanhadas da dor ante a morte de Eva e o presságio sobre o futuro da Argentina: “Quando Eva faleceu, passamos dias fazendo filas debaixo da chuva! Parece que choravam os anjos. Realmente eu acredito que choravam os anjos, porque sabiam o que ia se passar neste país.” (Irene, 78 anos, peronista).

---

<sup>73</sup> Halbwachs abriu caminhos para pensar a lembrança com a recriação do passado no presente, ou seja, na função das representações do presente.

Assim, a perda de Eva aparece associada, significativamente, a outras perdas econômicas e sociais, por exemplo, a perda do apartamento, do trabalho, do nível de vida, numa referência aos últimos anos e à crise: “... e cada dia é um desespero” (Mabel, 63 anos); “cada vez somos mais pobres” (Carolina, 26 anos). Rosa (62 anos, peronista) conta que, quando criança, era pobre; agora também, mas recebeu ajuda da Fundação, não com coisas, mas para participar das colônias durante férias organizadas para as crianças. Assim, conheceu Córdoba e Mar Del Plata. Hoje, seus filhos não podem nem têm acesso a esse tipo de benefícios. Ela não tem como levar seus filhos de férias. Rosa chora quando me conta isso. Diz que ela tinha 10 anos quando Eva faleceu, e afirma: “... as crianças fomos os que mais desfrutamos na época de Eva; com a queda do peronismo, sofremos os que não tínhamos nada...” Uma terrível sensação de desolação aparece em Rosa. Podemos pensar, de outra perspectiva, tomando as palavras de Abreu (1994, p.11) na suas reflexões sobre a relação dos euclidianos e Euclides de Cunha. No caso de Eva, também os grupos observados estabelecem com ela uma “relação metonímica – de identificação e de continuidade” –, pois, ao narrar partes da vida dela, quase constantemente enunciam pontos de contato com suas próprias vidas. As entrevistas mostram essas “narrativas duplamente biográficas”. Nesse sentido, as lágrimas, como construção social, estão associadas, sobretudo, mais às perdas pessoais ou do país, como contexto de produção dessas perdas, do que à pessoa de Eva como ser humano.

As lembranças também trazem o horror ante o seqüestro e a profanação, tanto do corpo de Eva, como de outras personalidades do país; um *modus operandi* do sinistro. Essa fração da história de Eva é contada sempre unida à causa montonera para recuperar o corpo desaparecido de Eva: “Neste país se cometem atrocidades com os mortos, com o corpo de Eva, com as mãos de Perón<sup>74</sup>” (Maria Eva, 48 anos, peronista); “A Belgrano lhe retiraram a dentadura” (Mariano, 26 anos, peronista); “Quando abriram o caixão, depois de

---

<sup>74</sup> No dia 10 de junho de 1987, pessoas desconhecidas abriram o féretro de Juan Domingo Perón e, e com uma máquina elétrica, cortaram as mãos do cadáver, levaram-nas junto ao anel, sua espada militar, uma capa e uma carta manuscrita deixado por sua viúva Isabel Martinez. .



tantos anos (falando sobre o corpo embalsamado de Eva), e isso está na história, se impressionaram ao ver como estava.” (Alberto, 63 anos, peronista).

E trazem com estupor e desconcerto o ódio que determinados grupos sociais durante a década de 50 sentiam contra Eva: “Todo o ódio que havia contra ela, quando escreveram nas paredes: viva o câncer. Esse ódio tremendamente visceral.” (Alberto, 63 anos, peronista), essa sensação de amar uma pessoa odiada por outros grupos: “Havia muitos interesses criados, por isso não a queriam” (Omar, 45 anos, peronista). Carolina (26 anos, peronista) sobre a mesma frase diz “... a partir dali que comecei a descobrir toda a maldade que gerava a bondade de Evita”.

Essas lembranças também vão unidas ao horror ante a destruição e o roubo, na Fundação Evita, dos vestidos e jóias de Eva e de tudo que significava o peronismo (a proscricção peronista). Relatam aqui sobre o ouro roubado pela “Junta Militar”, o endividamento do país, o norte argentino cada vez mais pobre, os argentinos cada vez mais pobres. É a sensação do saque em todas as suas dimensões: “Depois, os militares destruíram todas as suas obras – hospitais, clubes – com martelos, pás, etc” (Ana Maria, 60 anos, peronista). “Quantas mulheres dos opressores hoje terão as jóias dela escondidas!” (Irene, 75 anos, peronista). “As jóias que Evita deixou para o Povo” (Mabel, 62 anos, peronista). Lembram que Eva tinha deixado todos seus bens, entre eles vestidos e jóias como herança para o povo. A sensação de perda de uma herança real [também simbólica] aparece nesses relatos, e é uma ferida que permanece aberta. O senhor da caixa, caminhando em direção à saída do cemitério, já no final da tarde, conta: “Na época da repressão, os militares entraram na minha casa e tomaram tudo o que eu tinha de Evita” e diz não querer lembrar porque sofre.

Partes da história da vida de Eva são narradas em várias oportunidades, com o propósito de reiterar as visões retidas como lembranças. Fica cada vez mais claro que, na evocação do passado, os narradores o recriam a partir de seus próprios interesses e de suas visões sobre o mundo no presente. “Sob este ângulo, o ritual celebrativo é também um ritual narrativo com uma comunidade de narradores e uma comunidade de ouvintes” (ABREU, 1994, p.11), que interage e escuta as histórias construídas sobre uma personagem,

recriando-as à luz da própria experiência e do contexto imediato. Há um prazer do narrar e, narrando, cria-se a rede social.

Quais são os grandes atributos que essas pessoas destacam em Eva?

O amor, a entrega, o poder e a conduta incorruptível de Eva são os atributos mais destacados em sua figura. Por isso, dizem: “Amava seu povo, como amava Perón” (Mabel, 63 anos, peronista); “Sempre privilegiou os sentimentos do amor, o patriotismo; ela quis o povo como nunca antes tinha sido querido [...] Evita deu tudo, até sua vida” (Carolina, 26 anos, peronista); “Eva era poderosíssima; ela não claudicou diante nenhum poder, ela não se rendeu diante de ninguém” (Mabel, 63 anos, peronista); “Evita incomodava determinadas classes sociais que logicamente sempre ganham com a fome do povo” (Ana Maria, 60 anos, peronista); “Eva era tão poderosa, que, no livro *Mi Mensaje*, denuncia os militares, os padres, os companheiros que têm na testa o signo dos pesos, os sindicalistas burocratas, a todos” (Maria Eva, 48 anos); “Ela sobressaiu porque, aqui, os políticos são ladrões, roubam à gente, e Eva era uma mulher que não roubava nada.” (Mirta, 37 anos, peronista). O poder de Eva se completa com sua presença na memória: “Foi odiada, amada, porém nunca será esquecida, é assim não?” (Carolina, 26 anos).

Uma mulher sagrada, num lugar sagrado, esse é o outro título que poderia ter essa comemoração, realizada no lugar onde se encontra guardado o corpo embalsamado de Eva. Os pedidos de silêncio, de acordo (“Por favor, as diferenças políticas lá fora!”), entre outros, marcam a sacralidade do espaço. Um espaço sagrado que nos mostra, através dessa comemoração, que hoje ainda se conservam os restos de um corpo físico, mas o corpo político permanece em sua plenitude simbólica.

Iguais aos piqueteiros, nesse processo de recordar, os peronistas reconhecem-se como esses milhões a respeito dos quais a lenda mítica diz “voltarei e serei milhões”, com direitos adquiridos: somos os pobres, os eleitos por Eva, somos esses milhões. Mas essa Eva não está tão próxima, como no caso piqueteiro; ela é a pastora e os peronistas o rebanho. Observa-se que, nessa relação, diferentemente aos dos piqueteiros, Eva está colocada dentro de um plano sagrado. Diz Eva Giberti (2004):

Eva Perón acaba de entrar na imortalidade: era uma linguagem que interpunha a imortalidade entre Evita e eles [...] Choravam diante do féretro, inaugurando o duelo popular, diferente do duelo oficial que pretendia distanciá-la na imortalidade.

Em alguma medida, essa persistência na idéia da imortalidade salvadora de Eva, instalada, sobretudo, pelo discurso oficial, tem percorrido com eficácia a história argentina. Mesmo que seja fortemente questionada a santidade, nas entrevistas posteriores realizadas com peronistas, permanece essa idéia de distância dos seguidores de suas palavras, de um modelo.

A identidade peronista reconstrói-se nesses fragmentos de Eva e em identificações com determinados aspectos desses fragmentos. Por isso, observamos, nessa comemoração, que, diferentemente da Eva única, evocada pelos piqueteiros, aparecem, aqui, diferentes Evas e diferentes aspectos dentro de cada uma dessas Evas. São diferentes tipos de vozes que aparecem nessa comemoração, mostrando que distintas subjetividades estão em jogo na luta para significar Eva e na luta para se apropriar do valor simbólico de sua figura, em função da luta, é claro, pelo poder político. Observamos que os discursos públicos realizados pelos grupos mostram imagens de Eva enquadradas dentro do marco ideológico que cada um deles sustenta. Tais grupos comportam-se como agentes organizadores encarregados de enquadrar a memória de Eva. Contrariamente, podemos ver, nas pessoas que espontaneamente participam da comemoração, as contradições do fenômeno. Assistimos a essa superposição de imagens e a complexidade do fato em sua incompletude. Não há verdades: há fragmentos que recriam memórias, que correspondem a uma multiplicidade de experiências vividas por indivíduos e grupos sociais que se encontram em permanente mudança no tempo. São vozes que trazem um conjunto díspar de significados e tempos, de experiências e imagens. Não obstante, isso não implica dizer que não compartilham uma identidade grupal. De fato, o que nucleia esse grupo é o ser ou sentir-se peronista, traço que o diferencia dos outros grupos políticos; dos piqueteiros, por exemplo. A noção de “diferença”, como diz Woodward (2000), integra a construção da identidade, pois a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica em relação a outras identidades. Se tomarmos os termos de Bourdieu (1989), em relações simbólicas de poder.

Essas tensões e disputas resultam em lembranças e esquecimentos nos discursos dos diferentes grupos sobre Eva, claramente direcionados. De fato, a figura Eva traz um capital simbólico significativo para manter o peronismo no poder político.

A Eva valorizada pelos peronistas que participaram desta pesquisa não é a que está nos espaços formais. Ao contrário, continua associada aos espaços informais, ao trabalho das mulheres nas bases e aos papéis mais assistencialistas da relação política. A imagem de Eva peronista, nessa comemoração, continua associada à força espiritual e sagrada. Portanto, apesar de existirem algumas posturas individuais, que a vêm como líder política, como uma mulher com poder político, continuam priorizando os aspectos espirituais e emocionais da figura construída.

#### **4.4 Hoje, 26 de julho, Eva Perón se fez eterna!!**

Na Passeata da Fundação Evita<sup>75</sup>, em torno de aproximadamente 300 pessoas concentram-se, às 18 horas e 30 minutos, na conhecida Avenida Lavalle, no centro da Capital Federal. Uma caminhonete que carrega equipes de som, com a imagem de Eva Perón exposta nas portas, reproduz, em alta voz, os seus discursos, enquanto um grupo de jovens, com uma grande bandeira argentina na qual há a inscrição “*Argentina Viva. Pela Segunda Independência*”, esperam o início da marcha. O resto das pessoas concentra-se perto da caminhonete, escutando os discursos ou espalhados pela avenida.

Às 19 horas, um grupo de jovens distribui as tochas. Começa a passeata de pessoas, e atrás vai a caminhonete com os discursos de Eva. A forma de vestir das pessoas e seus corpos cuidados denunciam uma posição de classe. Parecem pertencer à classe média ou alta de Buenos Aires. No grupo, estão, também, representadas várias gerações. A bandeira estendida vai à frente,

---

<sup>75</sup> A Fundação Evita foi criada mediante lei 14209 do 25 de julho de 1953, um ano depois do falecimento de Eva Perón. Essa lei indicava que a Fundação Evita era a herdeira da anterior, da Fundação Eva Perón e dos bens deixados por ela. Em 8 de outubro de 1955, a ditadura, através do decreto 556, criou o Instituto Nacional de Ação Social, passando as duas fundações a integrarem, com todo seu patrimônio e seu pessoal, o novo organismo. Em 1956, todos os bens da fundação foram transferidos para o Estado. A Fundação foi reaberta em duas oportunidades posteriores: por Perón em 1973 e, em 1993, por gestões de um grupo de peronistas (Ortega & Renzis, 2003).

levada por aproximadamente 30 jovens. Começam os pedidos de justiça social, através de palavras de ordem. As pessoas que circulam na rua ficam paradas, olhando a passeata. As tochas acesas embelezam a paisagem da avenida e o luxo das lojas comerciais. Os cartazes com imagens de Eva são transportados pelas pessoas, enquanto cantam a marcha “*Evita Capitana*” e a marcha peronista.<sup>76</sup>



Passeata Fundação Evita. Jovens com a bandeira argentina, em 26/7/03

Um senhor aproxima-se, entregando-me uma tocha e perguntado o que eu estava fazendo. Explico-lhe e converso com ele. Chama-se Alberto e tem 44 anos. Diz que é peronista, mas nunca votou em candidatos peronistas, porque nunca esteve de acordo com esses candidatos. Isso tem se convertido num “trauma” para ele, e explica que destacaria em Eva sua “lealdade”. Para ele, isso é o que a destaca, e acredita que “... quando se sai do centro pessoal e vai para o povo, essa converte-se numa atitude sábia”. Tem dúvidas sobre a doença de Eva: “Como eu sei se não a mandaram matar, se não a envenenaram... Eu não vi as radiografias” (Alberto, 44 anos, peronista).

Entramos no atual Conselho Deliberativo, local onde Eva tinha seu escritório, onde atendia às pessoas nas suas atividades chamadas de “ação

---

<sup>76</sup> Vários autores destacam a utilização pelo peronismo de noções associadas ao âmbito militar, trazidas pela visão de Perón; as palavras ‘*marcha*’, e ‘*capitana*’ são alguns dos exemplos disso. A correlação *Evita Capitana* e *Perón General* também mostra os códigos hierárquicos militares nos quais se inscreve a relação do casal no repertório simbólico peronista.

direta”. O presidente da Fundação, Miguel Angel Renzis, começa a falar, explicando que vamos iniciar este ato, passando em silencio ao escritório onde trabalhava Evita, em grupos de 20 pessoas, e continua dizendo:

Este ato tem a ver com o que esta mulher extraordinária fez por nós. Os que tivemos a sorte de conhecer-la, a seguimos querendo, a seguimos amando, e os que não a conheceram também porque alguém lhes contou sobre ela. Neste lugar, salão “Montevideo”, vocês, militantes da causa nacional e popular, são os que devem transmitir a idéia de Evita, a força dela, a inteligência para lutar pelo social, e o aspecto revolucionário de uma mulher que, ao lado do insigne condutor que foi Perón, realizou a mais maravilhosa obra que conhecemos hoje. Hoje, as principais artérias da cidade nos olharam reclamando pela justiça social e pedindo igualdade para todos os argentinos, mas não esquecendo o legado de Evita, porque ela volta sendo milhões cada vez que nós fracassamos na administração da coisa social. Ela não estaria presente se os argentinos, que a seguimos desde 1952 para frente, tivéssemos feito o que eles nós ensinaram.

Renzis remarca:

Alguns querem render-lhe culto separado de Perón. Eva e Perón são indivisíveis. Sem Perón, não haveria Evita. Evita é um produto decididamente do General Perón. Aqueles que querem apropriar-se de Evita para transformá-la em outra vertente, não só se equivocam, senão que falseiam a mensagem de Evita. [...] Eu quero dizer-lhes que faz dois meses que esta nova Comissão da Fundação tomou posse, que temos planos ambiciosos, mas precisamos da ajuda de vocês, necessariamente, imperiosamente necessitamos que vocês estejam presentes. Além disso, o Movimento “Argentina Viva” tomou determinações, ontem, no plenário, e vamos construir a ferramenta eleitoral necessária para nos apresentarmos com nossa própria matrícula peronista, dentro de dois anos, na Capital Federal, diante de tanta ausência de peronismo no peronismo oficial. A única Argentina é a do peronismo.

Essas palavras assinalam a diferença desse grupo em relação àqueles que desvinculam Eva de Perón (o dos piqueteiros). A comemoração também inclui o lançamento de uma plataforma política. Continua Renzis explicando:

Escolhemos este lugar porque, neste salão, mas de uma vez, Evita o cruzou em busca de soluções para os problemas. Ela está presente 51 anos depois. Olhem vocês a força espiritual de uma mulher. Observem vocês o talento posto a serviço da massa popular. Tinha apenas 33 anos e viveu menos tempo do que nós a lembramos. Por isso, eu sei que, do lugar onde ela está, ela nos está olhando, nos está dando força. Quero que a invoquemos, para que ilumine aos argentinos, porque, apesar de todas as coisas, a companheira Evita tem ganhado todas as batalhas, ganhou do câncer, da oligarquia, venceu o terror e foi a primeira seqüestrada da Argentina. Tiveram de devolver seu corpo. Além disso, Evita esta viva. Hoje, 26 de julho, não morreu. Hoje, 26 de julho Eva Perón se fez eterna! Obrigado!

No público presente se escutam aplausos prolongados e gritos de *Viva!!!*. Vamos passando por grupos, pelo ex-gabinete de Eva. É um momento pleno de solenidades; as pessoas tocam o ex-escritório de Eva. Faltam apenas três minutos para as 20 horas e 25 minutos, hora do falecimento de Eva. Como dizia a Secretaria de Informações da Nação, no 26 de julho de 1952, “hora que a senhora Eva Perón passou à imortalidade”. No escritório, observo uma placa de bronze que diz: “1946-1952. Não podendo ser Perón, eu quero ser Povo” (19-10-51)...”. Assina “*Sua Fundação 07/05/94*”

Logo, já na sala, realizamos um minuto de silêncio em memória de Eva Perón. Logo após, começa falar um senhor chamado Leandro, apresentado como o filho de um peronista fuzilado na rebelião de 1956. Seguidamente reproduz umas palavras do Padre que oficiou a missa da manhã em memória de Eva Perón:

... ela reunia a inteligência de saber fazer e também a paixão de não se acostumar à miséria e à pobreza em que vivia o Povo [...] Eu acredito que esse foi o legado que nos deixou, aos peronistas. Por isso que muitos não nos entendem, porque querem entender com a cabeça e nós, também, o entendemos com o coração.

Emociona-se durante o transcurso da fala e não consegue terminar o discurso. Novamente se repetem os aplausos. Duas pessoas lêem poesias dedicadas a Eva. Uma delas resgata a tarefa de Eva e explica que os intelectuais e pseudo-dirigentes “... não entendem que se interpretam com o coração os sentimentos dos descamisados”. Aqui deixam plasmada a dicotomia raciocínio *versus* sentimentos: o peronismo e Eva se entendem com o coração, não com a razão; um argumento claramente essencialista.

Renzis passa a palavra a um senhor, o qual explica que o escritório de Eva, por lei declarado Monumento histórico, era o primeiro escritório do Coronel Juan Domingo Perón e, de lá, que era a Secretaria de Trabalho e Previdência, saíram todas as leis mais revolucionarias que marcaram a justiça social de todos os tempos: dali saiu o décimo terceiro salário, o Estatuto do Peão, a aposentadoria, as férias e muitos outros direitos. Continua explicando que, quando Perón é eleito presidente, Evita o toma com carinho e ali continua a obra social de Perón.

Fala, posteriormente, Maruca Ortego, mulher peronista de aproximadamente 80 anos.

Companheiros, vocês puderam visitar a “Sala Evita” porque, em 1993, a Fundação Evita fez este pedido e conseguimos que devolvessem alguma coisa deste escritório [...] A biblioteca onde Evita tinha arquivado os expedientes desapareceu completamente. Nossa intenção, ao recuperar, é a de criar a consciência no homem argentino, que este era um lugar histórico, um monumento histórico edílico, onde o movimento peronista se realizou como movimento. Era neste lugar [...] que Perón começou a trabalhar, porque o velho edifício do departamento de trabalho era reduzido, para receber a quantidade de companheiros trabalhadores. Quando Evita se estabelece aqui para seguir desenvolvendo a ajuda social, a justiça social que Perón já tinha iniciado, ela o complementou, começou a receber gente e colocou este quadro de Perón, que desapareceu (mostra a fotografia) e que nós o reclamamos, assim como o busto de Evita, e outro de Perón [...] E porque os reclamamos companheiros? Porque se Evita pôs esse retrato foi para dar ao povo argentino a continuidade da obra de Perón nesse escritório e também para que a gente tomasse consciência de que a revolução continuava. Esta casa foi tão importante para o desenvolvimento tanto doutrinário como de ações. Foi fechada em 55, e toda a memória que havia aqui desapareceu. Em alguma parte estará, companheiros [...] Temos de reclamá-la, porque temos de criar consciência no povo que isto foi o berço do peronismo. Quando morre Evita, Perón assume de novo sua presença nessa sala e continua a obra de Evita. Isto é um direito histórico, que está na história que ainda não escrevemos, companheiros, do que se passou aqui.

Maruca Ortego conta sobre as inúmeras vezes em que ela esteve nessa sala, quando participava das delegações de trabalhadores de Santa Fé. “Aqui se tratavam, mão a mão, os problemas dos trabalhadores. Aqui Perón armou seus quadros. Este salão era o escritório privado de Perón e a sala Evita era o lugar onde Evita atendia às pessoas que a procuravam. Evita recebia sua gente pobre e as recebia neste ambiente, cheio de dignidade. Não a recebia em estúbulos, as recebia aqui. Aqui conheceu o mais dramático do país, que vinha da época infame. Essa época infame se acabou no país, com Perón e com Evita” [observo o luxo do salão, os espelhos, a majestade do lugar, e trato de imaginar o que sentiriam os mais pobres daquela época nesse ambiente, esperando horas para se encontrar com Evita].

Por último, solicita distribuir fotocópias de um discurso que Perón realizou nesse salão e diz:

Este discurso é testemunha do que, daqui, Perón propôs ao povo argentino. É algo muito feminista, companheiros. Trata-se do voto feminino. Olhem, vamos à verdade histórica. Isto atingiu mais de 300 mulheres em 26 de julho 1945. Ainda não havia acontecido o dia 17



de Outubro. Evita concorria como representante da Associação Sindical de Artistas de 'variedades', assim como outros sindicalistas. Perón havia solicitado à Secretaria da Mulher, doutora Labie, uma reunião com as mulheres e convocou às sufragistas de então, que eram umas senhoras super cultas. Aí, Perón faz um discurso de uma folha e é nele que Perón dá o primeiro passo para o sufrágio feminino. E lhes vou ler somente um pequeno parágrafo: "Temos a indiscutível e grande honra de ter sido, por intermédio deste moderno organismo, os primeiros em proclamar a necessidade de reconhecer, em nosso país, que a mulher existe. Sou um convencido em outorgar à mulher os direitos políticos e apoio com toda minha força de convicção o propósito de fazer desta uma unidade argentina." Evita completou essa iniciativa. Essa gente foi a que primeiramente se informou do primeiro propósito do voto feminino, que o realizou depois Eva Perón, arrastando todas as mulheres trabalhadoras e não as 300 mulheres sufragistas, a encher a praça de maio. [Essa última afirmação foi feita com um tom sarcástico] (Maruca Ortega).

Renzis pede que nos retiremos em ordem, porque terminou o prazo de permissão, estimado até as 21 horas.

Essa comemoração, do mesmo modo que as restantes, desenvolve um ritual sagrado. O que a diferencia das outras é o empenho em buscar a essência de Eva naquilo que fala de Eva, seus pertences, naquilo que se vê, que se pode tocar, seu escritório, sua cadeira, o espelho e o console onde Eva se apoiava e se retocava. Aqueles elementos que compartilhavam com o povo o seu compromisso. Ali esteve Eva trabalhando. É um retorno ao passado, inscrito no âmbito material das coisas (ABREU, 1994). Este espaço físico também converte-se num lugar sagrado; é um lugar para entrar em contato com Eva, com as vibrações que emanam dos espaços e objetos que registraram a vida dela. Mas, também com esses objetos recupera-se a memória sobre as origens do peronismo. Há uma clara intencionalidade na recuperação e re-transmissão da memória.

Então, nesse evento, não só se procura lembrar um ícone, mas também se cumprem outros objetivos, como a busca de uma saída política, por um lado, e a valorização do papel da memória, por outro. De fato, impressiona, nos termos simbólicos, como uma campanha para recuperar essa memória roubada. O valor desses discursos está justamente na recuperação dessa memória como direito histórico dos peronistas, em primeiro lugar, e da memória política argentina em geral.

Os atos de destruição de arquivos entram nos usos do esquecimento ou amnésia social, mas com a diferença que a censura oficial de memórias, como aconteceu durante os anos de ditadura, compõe o denominado “esquecimento organizado”, solidificado nas regras de supressão, exclusão ou repressão de conteúdos (BURKE, 2000, p.85). O silêncio imposto sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, promove a resistência que se opõe ao excesso de discursos oficiais (POLLAK, 1989), adquirindo as mais variadas formas de oposição, como memórias subterrâneas, nos termos de Pollak (1989). Quando essas memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas se acoplam a essa disputa da memória. Essas lembranças, durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. Assim como relata Hugo, de 56 anos, ex-integrante da Juventude Peronista, que mostra revistas da década de 1950 que retratam esse fenômeno.

Quando muda a situação, lá pelo ano 1972, começamos a afiliar todos na favela, por ordem de Perón, e íamos pelas casas, e era impressionante a quantidade de coisas que estavam escondidas e que começam a sair, os bustos de Evita, enterrados no pátio, todas as revistas, [...] E nos presenteavam como se dissessem: sigam vocês! Queriam que as coisas continuassem, tiravam tudo que tinham. De sorte que, em cada casa, havia coisas da memória guardadas, que queriam mostrar, quando chegasse o momento. Tudo isso tinha sido guardado clandestinamente e logo, eles desenterravam seu tesouro e nos davam... Era bárbaro!

Dentro do grupo piqueteiros, também este fenômeno aparece descrito através da voz de Nadia (29 anos, piqueteira), quando denuncia a importância “oficial” de silenciar certos aspectos de Eva Perón.

Para muitos, não lhes convém mostrar isso de Evita, que foi, por exemplo, a que estava organizando a resistência, que mandou comprar armas para defender o governo constitucional [...] e depois te mostram a película de Madona, é outra mulher a que mostram. Nós sabemos que Evita foi muito mais que isso. Esta sociedade de merda não te vai querer mostrar isso...

Os aspectos resgatados de Eva, nessa terceira comemoração, apresentam uma Eva que resolvia problemas, uma Eva que mobiliza multidões, não conformista, revolucionária (não detalham em que aspectos), todos eles atributos positivos, mas “produto de Perón”. A lealdade de Eva a uma causa, à causa peronista, distingue esses relatos, seu compromisso com a causa, sua

renúncia. Outras falas posteriores, durante as entrevistas, aprofundam essas idéias.

Sim, era absolutamente leal. Por sua mente jamais passou a idéia de conspirar contra de Perón. Se você entra na história, você vê que isso não ocorre, a conspiração passa por dentro e por fora. Ela tinha possibilidade de conspirar, e, além disso, as pessoas lhe pediam isso, quando lhe pediam que aceitasse a candidatura a vice-presidente. Digamos, sua lealdade a Perón estava primeiro (Hugo, 56 anos).

Apresentam também uma Eva que volta sendo milhões, diante do fracasso dos políticos. Trata-se de uma enunciação profética, que expressa o sentir generalizado a respeito do descrédito do cenário político argentino, também denunciado pelos outros dois grupos pesquisados. É uma Eva que, acreditam, volta cada vez que, no país, recrudescer a situação econômica pela má administração política, portanto é uma Eva que aparece no plano simbólico, dentro do cenário político, com uma função restauradora (ver cap. IV).

As leituras de Maruca Ortego sobre a intenção de Perón, de outorgar o voto à mulher, e a reconstrução histórica de determinados fatos, hoje, no dia da comemoração da morte de Eva Perón, podem ser analisadas como atos de associação da imagem de Evita às mulheres argentinas. Porém precisamos fazer alguns esclarecimentos importantes a respeito das palavras de Maruca. No capítulo II deste estudo, faço uma análise do longo processo de lutas das mulheres feministas argentinas que reivindicavam os direitos civis e políticos das mulheres, mostrando pesquisas (MOULINEX,1997) que registram antecedentes dessas lutas, como a atuação das mulheres anarquistas, no século XIX, fortalecida com as lutas das socialistas e, posteriormente, com as das sufragistas. Analiso o enfrentamento das mulheres sufragistas com Perón, justamente, a partir da decisão de, no 26 de julho de 1945, de outorgar o voto por decreto, uma vez que se tratava de uma proposta vinda de um governo inconstitucional. Portanto, não é bem assim, como expressa Maruca Ortego, que Perón deu o “primeiro passo”. É importante esclarecer isso, porque essas suposições alimentam, atualmente, discursos que tornam invisível a importância das lutas organizadas das mulheres feministas. As palavras e o sarcasmo de Maruca Ortego também denotam ainda a existência, nas lembranças, de velhos rancores entre mulheres peronistas e feministas.

Tal premissa aparece reiteradamente nos escritos e nas falas peronistas, valorizando os sentimentos em detrimento da razão, “a política peronista se entende com o coração, é um sentimento, não é razão”. De fato, são varias outras asserções obtidas nesta pesquisa que complementam esse pensamento, em que o papel consignado a Eva é central na incorporação dos sentimentos, nas representações peronistas: “Evita trouxe os sentimentos à política”; “com Evita a política incorporou a emoção”. Esses discursos não escapam à reprodução de uma ideologia de gênero, que atribui o patrimônio exclusivo dos sentimentos às mulheres. Por exemplo, Hugo (56 anos), falando sobre o livro escrito por Marysa Navarro, valoriza a investigação objetiva e documental que a historiadora faz, mas afirma: “mas nossos sentimentos para com Evita não os modifica ninguém”. Com efeito, o lema sempre foi: “o peronismo é um sentimento”, “Evita é a emoção”.

Essas três comemorações, como fatos analisáveis, colocam-nos frente à noção de “lugares de memória”, termo introduzido por Pierre Nora (apud POLLACK, 1989, 1992; ABREU, 1994, MORAES FERREIRA, 1981; BURKE, 2002), nos estudos sobre a memória.

Nas sociedades modernas, a memória – que, durante séculos, foi transmitida pela tradição e o costume – foi perdendo o seu lugar de incorporação na vida cotidiana do conjunto da sociedade, para ser circunscrita a determinados espaços, preservada por alguns membros ou grupos, isto é, nos “lugares de memória”. Portanto, a noção de lugares de memória “assinala a formação de um campo com regras próprias de funcionamento, com agentes próprios e com um objeto mais ou menos definido” (ABREU, 1994, p.2). Como vimos nessas três comemorações, a memória toma forma em determinados lugares (simbólicos ou materiais), dependendo dos agentes especialmente dedicados a seu enquadramento. Assim peronistas e piqueteiros convertem-se em agentes produtores, ou “guardiões da memória” social.

A noção “lugares de memória”, como vimos anteriormente, compreende, todos aqueles elementos, desde os mais materiais e concretos – como monumentos, museus, arquivos nacionais – aos mais abstratos, como a noção de linhagem, comemorações, região, homem-memória, entre outros (LE GOFF, 1994). Como homem-memória, entendo, para esta pesquisa, as falas das

pessoas que expressam suas visões numa dimensão evocativa, na medida em que todas elas tomam parte, de diferentes maneiras, do ato de comemorar.

Comemorar um aniversário a mais da morte de Eva Perón nos coloca, também, diante da evocação de uma pessoa morta. Como sabemos, as evocações aos mortos começam, segundo os estudos de Philippe Ariès (1982) e Jacques Le Goff (1994), a adquirir importância privada a partir do século XVIII, mediante a criação de cemitérios, visitas a cemitérios, cultos comemorativos. E, na modernidade, esses elementos se somam a outras formas de lembrar, como, por exemplo, conferências, pronunciamentos com elogios póstumos, rituais religiosos, lançamento de biografias, exposições comemorativas em museus e até programas especiais de televisão, cuja finalidade é conferir ao morto certa imortalidade (ABREU, 1994).

Durante a Idade Média, os cemitérios ficaram reduzidos quando os túmulos se agruparam ao lado das igrejas ou as encheram. Desde o século XVIII, as sociedades começam a sentir o crescimento da necessidade de gritar a dor, de demonstrá-la. O túmulo se torna, então, o lugar privilegiado da lembrança e da saudade (ARIES, 1982). Segundo Le Goff (1994 p. 447, 448), a comemoração dos santos acontecia, geralmente, no dia do suposto martírio ou morte. A associação entre a morte e memória adquire enorme difusão no cristianismo, que a desenvolveu na base do culto pagão dos antepassados e dos mortos. O livro dos memoriais impedia o esquecimento daqueles que estavam designados para ser lembrados.

Esses três eventos comemorativos convertem-se em “lugares de memória”, pois configuram-se como uma evocação moderna e ritualística feita por determinados grupos, nesse caso, a uma pessoa morta (ABREU, 1994).

Os distintos elementos que observamos nas comemorações – a data, as bandeiras, as bandas, os panfletos, as imagens nos jornais, as imagens nos coletes piqueteiros, a faixa Evita piqueteira, a seleção dos discursos, entre outros, – cumprem uma função de enquadramento de acordo com os interesses dos diversos grupos.

Uma comemoração tem como função estabelecer laços de continuidade através do tempo (ABREU, 1994). Nesse entrelaçamento, embora possam ser

esquecidos determinados detalhes sobre o que aconteceu no passado, guardam-se aqueles que foram considerados significativos e que, ainda, apesar do tempo, permanecem com essa qualidade. Assim, o passado e o presente se entrecruzam na figura de Eva. Nos três grupos pesquisados, lembrar Eva é também lembrar a queda do peronismo, a ditadura e a repressão militar que abarca dois longos períodos, de 1955 a 1973, e de 1976 a 1983, a resistência peronista e a aparição dos grupos revolucionários armados que a levavam como bandeira. É lembrar, também, as torturas, perseguições políticas e desaparecimentos, primeiramente do corpo embalsamado de Eva e, nos anos de 1970, dos 30.000 que desapareceram com a ditadura militar, da crise econômica e política da década de 1990, do deterioro das classes sociais, da corrupção política e da crise de representatividade política. Mas é também falar de projetos políticos que se estruturam nos diferentes grupos.

Portanto, falar de Eva não é só lembrar sua passagem pela vida, seus feitos, suas frases, seus discursos, suas obras inacabadas. É também lembrar os próprios sentimentos e a própria vida à luz dos acontecimentos ligados a Eva e, sobretudo, é recriar os acontecimentos políticos do povo argentino no processo histórico.

Falar de Eva, como vimos, é recriar a memória, tendo em conta as experiências do presente. Por isso, aparecem tantas interpretações sobre Eva, que convivem até, articuladamente, dentro de um mesmo grupo político, interpretações que são moldadas pelas mudanças do contexto social econômico e político e pelas experiências pessoais em relação dialética com o contexto que as estrutura. Como vimos nos relatos, a crise econômico-social e política, agravada nos últimos anos, cria um cenário de necessidades que são veiculadas, simbolicamente, através da figura de Eva Perón que outorga significados a essas necessidades. Nesse sentido, Eva converte-se, para esses grupos, num “significante flutuante”, termo utilizado por Laclau (2002)<sup>77</sup>, figura ou crença que aglutina as demandas de grupos, neste caso, a de Justiça

---

<sup>77</sup> “Significante flutuante é uma figura ou crença, por meio da qual se aglutinam as demandas particulares” (Laclau, 2002). Segundo esse autor, é difícil, hoje, ver a idéia por meio da qual poderiam se unir os argentinos. Acredita que um exemplo dessa articulação foi o lema a favor do retorno de Perón que, no início dos anos 70, reuniu uma boa parte da sociedade. Outros exemplos poderiam ser “democracia”, nos anos 80, ou “estabilidade”, nos anos 90. (Laclau, 2002)

Social. Segundo Niethammer (1997, p.128), a “lembrança não é uma questão de experiência própria de alguém ou de tempo, mas de espaço social em sua especificidade, mais dependente dos símbolos, relíquias e tabus da estrutura social do presente que da narração de coisas passadas ou históricas”.

As comemorações, assim, têm “um lugar central no universo político contemporâneo, pois contribuem para definir as identidades e as legitimidades políticas”. Elas podem produzir consenso ou, ao contrário, podem revelar tensões e conflitos tanto intergrupais como intragrúpicos (MORAES FERREIRA, 1997, p.157). Como vimos, dentro dos mesmos grupos, produzem-se esses conflitos, assim como a disputa dos peronistas em relação a outros grupos que usam o nome de Eva independentemente da figura de Perón. Lutas, em termos de Bourdieu (1989), que podem ser consideradas “lutas simbólicas”, no campo das relações de poder. Relações de poder que determinam quem é o incluído e quem é o excluído, mediante um sistema classificatório.

Nas três comemorações, como eventos grupais, os três grupos interagiram através de uma rede de significados, conforme Geertz (1989). Atuaram dentro de um sistema compartilhado de crenças e valores em torno de uma mulher. Quanto a isso, podemos dizer que a figura de Eva promove, nessas três comemorações, uma credibilidade inquestionável. Sua figura traz valores que hoje são valorizados pelo capital simbólico acumulado no devir dos processos sociais. Eva aparece como uma figura limpa de toda a corrupção, de toda a traição, de toda a exploração social. Assim, Eva Perón representa, para os três grupos pesquisados, a valorização da justiça social, do trabalho, da moradia, de uma condução política não corrupta, o retorno a uma nação independente do modelo neoliberal e do FMI. Mas adquire distinções de acordo com os grupos. Para os peronistas, significa também o retorno ao velho peronismo e ao ideário de Eva e Perón. Eles reclamam a figura de um salvador ou salvadora para o país, e a invocam para a união dos peronistas. Para os piqueteiros Eva adquire a especificidade e a valorização de um ideário revolucionário (nos termos peronistas) e representa a reivindicação da inclusão dos piqueteiros em todos os aspectos: econômicos, políticos e sociais.

Partindo dos argumentos de Balandier (2004) sobre a presença do sagrado no político, poderia dizer que aparece uma Eva mais politizada nos

piqueteiros, diante de uma Eva mais sagrada no peronismo. A frase “Voltarei e serei milhões” funciona, em ambos grupos, como uma reencarnação da sua figura e como palavra sacralizada, que tem a função de converter a ausência em plenitude da presença.

Nos três grupos pesquisados, observo, também, que aparece a idéia de projeto utilizada como “conduta organizada para atingir finalidades específicas” (VELHO, 2002 p. 101). A noção de Projeto trazida por Velho (2002) valoriza a biografia do indivíduo, a sua trajetória, articulando a noção de memória à de projeto, para dar significado à vida e as ações dos indivíduos e construir a sua própria identidade. Para ele, ainda que o ator não seja necessariamente um indivíduo – podendo ser um grupo social ou um partido –, acredita que a noção de projeto está indissolivelmente imbricada à idéia de indivíduo como sujeito.

Os três grupos expõem seus projetos articulados à figura de Eva, seja trazendo o ideário de Eva, ou elementos materiais que reconstroem a memória dela em seus planos futuros de expansão política. Para os piqueteiros, é a “construção de uma nova Argentina”, na qual eles e elas estejam incluídos. Para os peronistas do cemitério, é “a retomada do poder institucional político para a incorporação dos excluídos dos últimos anos”; e, para o terceiro grupo, também político, é a de “criar uma nova alternativa política” mais próxima do projeto peronista de Perón e Eva Perón.

Como vimos, nas duas comemorações analisadas, a dos piqueteiros e a dos peronistas no cemitério, não obstante as mulheres estarem participando em ações dentro do campo popular, e esse campo se configurar como um aspecto importante a ressaltar pelas oportunidades das mulheres de terem acesso ao espaço público e aos de poder, espaço reservado para os homens, o lugar que elas têm, nesses espaços valorizados, circunscreve-se ao reconhecimento das tarefas que desenvolvem, extensões do trabalho da mulher no lar, como mães, no cuidado dos outros. Na situação das mulheres piqueteiras, acontece um fato contundente. Se bem que elas tivessem sido apresentadas e valorizadas na comemoração como “aquelas que mexem as panelas todos os dias”, nas entrevistas individuais posteriores, as mulheres mostram-se valorizando outras tarefas, tais como as de participar ativamente nas assembléias e nos piquetes. Aquelas que ocupam cargos de direção



apresentam uma postura que demonstra o orgulho e a alegria que sentem por estarem exercendo essas tarefas diferenciadas, e por terem sido eleitas por suas companheiras e seus companheiros numa assembléia. Porém, não obstante todas essas outras tarefas, elas continuam sendo mencionadas, nos discursos do grupo, como “as que mexem as panelas”.

Observamos, também, o lugar que ocupam no cenário político peronista as mulheres: o não lugar. A associação da atuação das piqueteiras às atividades domésticas, a impossibilidade das ex-deputadas de se aproximarem do microfone, instrumento de poder, para falar, são apenas as pontas observáveis de um enorme iceberg, o que mostra os esforços que as mulheres devem realizar, no campo político, para acessar os lugares de poder, de maior prestígio. Na comemoração do cemitério, o microfone representa o poder, instrumento tremendamente valorizado na política, porque permite que a voz transcenda, que convoque, que as idéias estruturantes do campo cheguem aos ouvintes. Para Bourdieu (1989 p. 163), no campo político, a força das idéias que um político propõe “... mede-se pela força de mobilização que elas encerram, quer dizer, pela força do grupo que as reconhece”. Nas três comemorações, os homens é que dão a palavra às mulheres, palavra algumas vezes não escutada, não valorizada, como no caso das ex-legisladoras no cemitério. Mas, não foi qualquer palavra da mulher desvalorizada, senão daquelas mais velhas e daquelas que estão na estrutura formal de poder: a representante do Conselho da Mulher do partido (supostamente, essas últimas, porque estão em busca do voto).

No caso das mulheres mais velhas, gênero e geração interligam-se intimamente no campo políticos. Se bem que essas mulheres sejam valorizadas em outros aspectos e em outros momentos – pelo conhecimento que elas têm de Eva, pelas suas experiências e traços como primeiras mulheres políticas –, quando elas querem ter acesso ao poder, encontram sérios obstáculos. Poderíamos perguntar: o que acontece, em particular, com as mulheres mais velhas, dentro da política? Porque uma delas diz que tem de deixar o lugar para as novas gerações? Porque uma mulher, e justamente uma mulher mais velha, traz esse questionamento? Será, porque, na ideologia da feminilidade, as mulheres têm sempre de ir cedendo os espaços de poder, ou

está em jogo questões de geração? Será porque, ideologicamente, circulam as idéias de que os velhos têm de deixar esse lugar de lutas? Não é possível pensar na convivência das diferentes gerações dentro do campo político? Essas são perguntas interessantes que surgem nesta pesquisa, e, pela sua especificidade, ficam abertas e podem ser objeto de outras pesquisas.

Mas alguns dos pontos aqui tratados, de significativa importância, sobre relações de gênero e poder associadas ao lugar de poder que Eva ocupa na memória argentina e ao lugar conferido nessa relação às mulheres, serão aprofundados no próximo capítulo.

## 5. SOBRE O PODER FEMININO

*[Eva] é um sentimento, é a confusão do amanhecer entre a noite e o dia... Mas que é isso? Explica-se racionalmente? Há que por um pouco de mística para entender isso... É como uma poesia... A gente não vai ler literalmente uma poesia, porque senão não vai entender nada... O por quê? É a fé. (Alberto, 44 anos, peronista).*

*“Qualquer palavra resulta pobre para defini-la” (Nadia, 29 anos, piqueteira).*

### 5.1 Eva na memória: o poder de permanecer nela.

Se perguntarmos por que determinadas pessoas alcançam certos lugares de preferência dentro da memória social, como no caso de Eva Perón, ou que atributos essas personalidades devem reunir para que lhes sejam atribuídas qualidades mitogenéticas<sup>78</sup> de herói ou santo, podemos utilizar teoria que nos fala sobre o poder e a memória, e, dentro dela, lançar mão das contribuições de Peter Burke (2000), para responder essa pergunta.

Numa tentativa de explicação, Burke (2000) entende que, quando a morte ou o desaparecimento de uma figura popular – governante, rei, líder político – está acompanhada de mortes repentinas, acidentes, crises, desastres naturais, processos sociais, lutas, essas circunstâncias outorgam boas chances de transformar essa pessoa em um herói. A morte repentina de Eva Perón, na plenitude de sua vida política e de sua juventude, aos 33 anos, é um elemento interessante de análise, porque mostra os inúmeros significados e a “eficácia simbólica”, nos termos de Bourdieu (1989), que essa morte adquire em função da brusca desaparecimento. Como nas épicas românticas, os heróis valentes, excepcionais, morrem jovens. A juventude unida à morte instala e consolida

---

<sup>78</sup> A noção de mito adquire, em Burke, (2000.p.78), “um sentido não positivista de história imprecisa, mais no sentido mais rico, positivo, de uma história com um significado simbólico que envolve personagens em tamanho maior que o natural, sejam elas heróis ou vilões”. Essas histórias “são em geral criadas a partir de uma seqüência de incidentes estereotipados, às vezes conhecidos como ‘temas’”.

uma mitogênese, com base no que eles poderiam ter feito, ou sobre o que ficou inconcluso.

Outros fatos considerados importantes, para Burke (2000, p. 81), que permitem explicar a qualidade de destaque de algumas figuras, são aqueles que, carregando uma forte dose negativa, acontecem posteriormente ou anteriormente a um considerado bom desempenho de um determinado governante, por exemplo, invasões, aumentos de impostos, períodos de inflação, etc. Esses fatos farão com que esse governante seja um candidato a ter boas chances de transformar-se em herói ou mito, pois as pessoas lembrarão seu período com nostalgia dos bons tempos perdidos.

No caso de Eva Perón, esse fenômeno aparece com recorrência nas lembranças, por exemplo, dos “anos felizes” e da prosperidade vivida pela classe trabalhadora durante a primeira presidência de Perón, período de participação de Eva, quando comparado com o período da *década infame*, anterior ao governo de Perón, e com o endividamento e a deterioração econômica e social posterior. Endividamento iniciado pelos governos militares, e a crise econômica e política que se acentuou na década de 1990 e que continuou até os acontecimentos de dezembro de 2001, com um colapso econômico, social e de representatividade política que levou o país ao estado de *default*.

A retórica “Vão embora!” denota a retirada dos políticos atuais e a renúncia do presidente De la Rúa (1999 – 2001) e seu gabinete, e significa o ponto máximo dos protestos de dezembro de 2001. A lembrança dos “anos felizes” instala-se com toda a força mitogenética. Reflexões que comparam os períodos são expressas da seguinte maneira:

O povo, nessa época, estava desamparado e necessitava de mudanças. Por isso se fala da época infame dos anos 1930. Hoje, também estamos vivendo a década infame dos anos 1990, porque falta trabalho. Você terá assistido às passeatas das quartas dos aposentados. Se Evita estivesse, seguramente isso não teria acontecido [...] Nessa época, havia trabalho, não existiam as prisões porque não existia a delinqüência, porque sobrava trabalho. Agora está se pensando só em construir presídios, que entendo, vão ficar cheios de pobres. A pobreza, tem-se de escondê-la em algum lugar, e dessa maneira eliminá-la. Por isso, as prisões, como se fossem grandes guetos, que isso é o que são... (Mabel, 63 anos, peronista).

Nos últimos 25 anos, a desigualdade, a diferença entre ricos e pobres tem avançado. Hoje, a diferença entre ricos e pobres é 40 vezes

maior, mas, na cidade de Buenos Aires, é 170 vezes maior. Quer dizer que, nesta cidade, tem gente que ganha 150 \$ e gente que ganha 25.000 \$ ao mês. Isso não tem nenhuma explicação que sustente. Nós chamamos isso de genocídio. No peronismo dos anos 50, chegamos a ter 51 % do Produto Bruto Interno repartido para os trabalhadores, para salários, planos de habitação, educação dos trabalhadores” (Lito Borelo, líder piqueteiro, 26/7/03).

Burke (2002, p.79) aprofunda a explicação, entendendo que o elemento central desse processo, é “a percepção (consciente ou inconsciente) de enquadramento, em algum aspecto ou alguns aspectos, de determinado individuo em um estereótipo vigente de herói ou vilão – governante, santo, bandido, feiticeiro. Esse ‘enquadramento’ atua impressionando a imaginação das pessoas, e começam a circular historias sobre esse individuo, de forma oral, num primeiro momento, e, posteriormente, na escrita. Ao longo dessa circulação oral, entram em atividade mecanismos comuns de distorção”. O autor citado sugere que podem intervir processos como condensação e deslocamento, descritos por Freud. Esses processos produzem a “assimilação da vida do individuo em particular por um determinado estereotipo segundo o repertorio presente na memória social em determinada cultura”.

*Condensação* é o “mecanismo psíquico pelo qual uma representação inconsciente concentra os elementos de uma serie de outras representações”, e *deslocamento* é considerada, dentro da teoria freudiana, como a “operação psíquica pela qual uma quantidade de afetos se desprendem da representação inconsciente a que estão ligados e se liga a outros que têm com a precedente laços de associação pouco intensos ou inclusive contingentes.” (CHEMANA, 1998, p 59 e 97).

Na nossa análise sobre a memória de Eva Perón, os repertórios presentes sobre a vida social e, em especial, sobre as mulheres na República Argentina, desde a sua fundação como Estado Nação, têm sido os que se fundamentam nos princípios judaico-cristãos. O cristianismo católico é a religião dominante no país. O culto ao nascimento, que se instaura com a virgem Maria, mãe de Deus, que anula o corpo e o prazer sexual feminino em beneficio da virgindade e da maternidade, trazido nesses princípios, instala-se nos discursos e praticas sociais argentinas do século XIX e XX, cujo resultado é a oposição de Maria mãe a uma Eva pecadora. Sabemos, pelas

contribuições Simone Beauvoir (1980, p.183), entre outros autores e outras autoras, que essas duas figuras estão inseparavelmente unidas uma à outra, numa unidade. Nas representações sobre a mulher, ela é, ao mesmo tempo, “Eva e virgem Maria. É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas [...] é a que cura e a que enfeitiça...” Essas imagens frutos de uma construção social, manifestam-se nos discursos dominantes sobre a mulher, na Argentina, como dicotomias insuperáveis: a mãe no lar, no cuidado de sua prole, e a pecadora no prostíbulo.

O modelo de uma Maria sofrida, que se sacrifica por amor ao filho, é o que está na base de legitimação social de gênero da mulher nas culturas latino-americanas<sup>79</sup> (MONTECINO, 1997, p.50). Esses discursos, que colocam a ênfase sobre o papel maternal feminino, têm sido o fundamento da histórica reclusão da mulher ao âmbito doméstico, como o espaço a ela consignado e contraposto ao âmbito público, adjudicado aos homens, e constituem as bases da ideologia do feminino. Chauí (1985) entende que essa associação das mulheres à natureza traz a idéia e a imagem de uma “natureza feminina”, em que o corpo feminino tem “sido elemento fundamental para as ideologias da feminilidade”. Segundo essa autora, o corpo “é” apenas um objeto externo visível [...] , uma exterioridade [...] sobre o qual foi proferido o discurso do conhecimento”, isto é, um discurso de um “corpo-idéia”, dotado de sentidos e significados. Esse discurso “tem a peculiaridade de ser um discurso masculino”.<sup>80</sup> Assim, “visto do exterior, o corpo feminino recebe um conjunto de atributos derivados de seu atributo mais imediato: a maternidade, a qual é apreendida como instinto materno, e terá a marca de um comportamento

---

<sup>79</sup> No México, a repulsa a Malinche (o feminino) amarra-se à exaltação, em contraposição, à Virgem Maria (MONTECINO, 1997, p.50). O mito sobre a *Malinche* mostra a mulher objeto de intercambio “num primeiro momento – é vendida pelos parentes como escrava aos maias e logo é presenteada a Cortês – e, posteriormente, ao atuar, será um sujeito que, na ação, transforma-se em traidora, condenada por contribuir na destruição do império asteca junto a Cortês”. Uma mirada ao passado indígena faz com que ele seja glorificado e purificado, e a Malinche culpada. A Malinche não seria diferente da Eva do gênesis, que se transforma em sujeito ao desejar, transgredir e seduzir, aspectos que levam à condenação da humanidade (faz cair o império asteca). O feminino aparece, assim, também em outro aspecto: derrotado, aberto, violado, o conquistado, o mal, o impuro. (MONTECINO, 1997, p.50).

<sup>80</sup> Diz a autora (1985, 43): “Entendemos por discurso masculino sobre o corpo feminino aquele que não é simplesmente produzido e proferido por homens, senão também por mulheres”. O que quer fazer notar a autora é que “é um discurso que não só fala de “fora “ sobre as mulheres, mas sobretudo que se trata de uma fala cuja condição de possibilidade é o silêncio das mulheres”

preestabelecido e predeterminado”. Nesse sentido sendo consideradas seres para outrem, as mulheres valem pelo que representam para os outros (como mães, esposas, filhas...) (Passos, 2001).

Essa ideologia foi reproduzida, também, pelo governo peronista (1946 a 1955), na criação e circulação da figura de Eva Perón como a “mãe dos descamisados”. A respeito das mulheres, o governo peronista, apesar de difundir a necessidade de as mulheres argentinas “optarem” pela política, não se tratava de optar pela sua presença pública, senão de assumir o caráter de guardiãs do lar, pois as mulheres são requeridas pelo Estado peronista como defensoras da mesa familiar (BIANCHI, 2000, p. 768, 769). No Jornal *Mundo Argentino*, uma nota mostra a linha peronista a respeito das mulheres: “A mulher argentina, a mesma que vibra nas manifestações de trabalhadores, a que trabalha nas fabricas e escritórios, a que conquistou em nossa historia um dos mais grandes direitos para intervir diretamente na vida política do país, a que se senta nas bancas do poder legislativo, a mãe, esposa e filha, essa mulher tem sobre si a responsabilidade do lar. Nele, ela é a organizadora, a pequena estatística, a artista da decoração, a guardiã da saúde da sua família, o amplo coração que une os amores da família; e é, também, o eixo ao redor do qual se desenvolve a economia familiar” (*Mundo Argentino*, 1952, p. 44).

Em 1952, o plano econômico levado a cabo por Perón procurava melhorar a exportação através do aumento da produção e a redução do consumo interno. Segundo o discurso oficial, o aumento da produção era de incumbência dos homens adultos, enquanto o controle do consumo e o fomento da poupança correspondia às mulheres (BIANCHI, 2000, p. 769, p.770). Ante estes argumentos, no Estado peronista, a maternidade foi considerada incompatível com o trabalho extra-domestico. Ainda que se reconhecesse a existência de mulheres no mercado de trabalho, isso não impediu que se condenasse tudo aquilo que as distanciava de “seu destino e sua missão”. A maternidade como função política e o retorno ao lar proposto pelo governo peronista responde a um dos objetivos do governo: o crescimento vegetativo da população como base do desenvolvimento econômico. Portanto, as políticas públicas incluíam as mulheres como reprodutoras, com campanhas

a favor da natalidade, proteção à mulher grávida, assistência pré e pós-parto, severa repressão ao aborto.

O sufrágio também esteve subordinado a essa concepção. Não só é definido como a vontade de eleger, senão também a vontade de vigiar “do sagrado recinto do lar, a marcha maravilhosa de seu próprio país.” (discurso de Eva Perón). Eva Perón apesar de afirmar a superação da subordinação tradicional ao homem mediante o sufrágio, admitia que essa liberdade tinha um limite: a subordinação a Perón, o único líder.

A imprensa peronista, como vimos no cap. 3, foi um meio de capital importância na cristalização dessa imagem oficial de “Evita mãe” e das mulheres peronistas à sua semelhança. Imagem de mãe reforçada pelo livro *La Razón de mi vida*. Nele, Eva Perón proclama-se mãe dos descamisados. Bianchi (2000 p. 769) explica que, “nos fins de 1951, quando se teve certeza do caráter terminal da doença de Eva Perón, publicou-se” este livro; “o texto conformou uma série de princípios definidos e definitivos que permitiam substituir o papel de Eva Perón depois de sua morte”.

De certa forma, e estrategicamente, a força simbólica positiva da Eva Perón mãe possibilita a permanência do peronismo no poder e dá “garantia transcendente” ao peronismo. Eva instala-se no imaginário como a mãe, “a honra das honras” (SARLO, 2003). O anti-peronismo, para repelir esse efeito, valeu-se da vida privada de Eva Perón, para criar uma contracapa: uma imagem negativa de Eva (Eva-pecadora). O jogo de oposições entre bem e mal, Maria e Eva, puro e impuro, privado e público, reproduzidos nas representações de Eva Perón, dão conta das tensões no interior do contexto social, que, entre outros aspectos, debatia-se na luta pelo reconhecimento da saída das mulheres para o mundo público, o direito à cidadania, com a transgressão daquelas mulheres às iconografias vitorianas, sobretudo as feministas, as socialistas e as anarquistas, que lutavam para sair dessas amarras.<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> Essas dicotomias estão também presentes nos enquadramentos que vários autores fizeram sobre a figura de Eva Perón: grande parte da literatura referente a Eva Perón é constituída de ensaios interpretativos e anedóticos, que, na intenção de elogiar ou atacar a sua figura, reconstruem e reproduzem a mitologia tecida em torno dela. Constituem exceção as pesquisas de Navarro (1997), Taylor (1981), Bianchi & Sanchis (1988), Guivant (1980).



Taylor (1981) realiza, nos anos 70, uma pesquisa sobre o mito de Eva Perón e mostra, nos seus estudos, as duas imagens dicotômicas presentes nos discursos: “a dama da Esperança”, por um lado, que representa a versão da Eva esposa fiel e ideal, fruto da construção de Perón, mãe dos descamisados; e “a mulher do mito negativo” (ou “mulher do chicote”, na acepção criada por Mary Main, (1956), imagem construída, sobretudo, por autoras e autores opositores ao governo peronista. Nesse âmbito, destacam-se os livros escritos por Mary Main (1956) em 1955, *La mujer del Latigo: Eva Perón*, por Américo Ghioldi, em 1952, *El mito de Eva Duarte*. Nesses escritos, a imagem de Eva é a de uma atriz de segunda categoria, de vida duvidosa, cujos atos, depois da sua união com Perón, têm um só objetivo: satisfazer sua insaciável sede de vingança e de poder, seu ressentimento devido às privações provenientes de sua origem social, o motor do desprezo para com a oligarquia. Eva é a encarnação do mal: aventureira, ressentida, prepotente, vingativa, egoísta, hipócrita e ambiciosa são os adjetivos que caracterizam Eva Perón nesses relatos (TAYLOR, 1981; NAVARRO, 1997). Numa terceira variante do mito, a imagem de Eva revolucionária, reatualização do mito na década de 1970, encarna a revolução na Argentina, é a inimiga da oligarquia, é violenta, apaixonada e revolucionária. Segundo Taylor (1981), essa imagem de Eva estaria em consonância com a figura de Eva Dama da Esperança. Essa autora (TAYLOR, 1981), em seus estudos, diferencia, também, a Eva criada pela mídia peronista, a “Eva Dama da Esperança”, que, segundo suas pesquisas, circulava entre as classes médias peronistas; era a Eva das classes sociais mais pobres que surgia na suas pesquisas como a aquela que, em contato mais direto, tinha sido a provedora.<sup>82</sup> Ao mesmo tempo em que classificam a

---

<sup>82</sup> Na versão Eva Santa, Eva Perón fundia seu ser com o do esposo, preocupa-se pelos interesses dele e apóia sua causa. Suas energias e idéias se submeteram à direção dele. Embora parecesse exercer a iniciativa, como mulher enamorada de um homem, na realidade, não o fazia. Os projetos e as idéias que pareciam ter se originado dela, na realidade, deviam sua existência ao homem que amava. Criou um matrimônio perfeito. Não só permaneceu fiel a Perón, mas também silenciou o elemento sexual no seu matrimônio. Ela afirmou o mútuo amor pelos descamisados da Argentina. Foi uma trabalhadora incansável, entendia os necessitados. Era a mãe do povo, cumpria todos seus desejos. Na versão do “mito negativo” ou “mulher do chicote”, Eva Perón é uma mulher que odeia os homens desde seus anos de artista, ou desde sua infância. Uma vez que se sentiu forte e poderosa, os castiga sem piedade. Nesse mito, Evita apresenta dois ressentimentos: “Um que vem de sua pobreza, que a envergonhava, de sua condição de filha não reconhecida pelo pai; e outro que vem do fracasso de sua aspiração de ser uma grande atriz”. Assim, Evita é fria, dura, implacável, insulta os funcionários de governo com uma linguagem de baixo calão, Bate neles e somente admite as maiores

atitude de Eva, na figura do mito negativo, como estranha à maneira como as mulheres devem se comportar, a emergência dessa polaridade revela a existência, no plano simbólico, de um mundo feminino, e essa Eva seria uma expressão radical e descontrolada dessa característica que toda mulher traz dentro de si.

Em minha pesquisa, decorridos 51 anos do seu falecimento, Eva aparece, nos grupos pesquisados, numa multiplicidade de discursos e interpretações. Como vimos nos relatos colhidos durante as comemorações dos grupos piqueteiros e peronistas, todas as interpretações estão intimamente ligadas ao contexto socioeconômico e político argentino do presente. O que representa Eva, hoje, responde às necessidades surgidas a partir desses contextos, que não são, por suposto, as da década de 50. Hoje, por exemplo, a dicotomia peronismo e anti-peronismo não é o eixo central da política argentina. Quiçá, também por essas razões, as formas básicas resgatadas pelas autoras citadas não aparecem tão definidas, nem tão contrapostas umas das outras, mas surgem valorizações de determinados aspectos da figura de Eva que têm uma correlação com as necessidades surgidas nos diferentes grupos em permanente articulação com o contexto social.

As diferentes formas de entender e olhar o comportamento de Eva Perón surgem, sobretudo, nas tentativas de explicação presentes nas

---

adulações. Todos os atos de sua vida estão marcados por um signo negativo, e não há nela um mínimo de generosidade. Viaja à Europa para insultar as damas oligarcas; destrói a Sociedade de Beneficência, porque essa a rechaça, e constrói lares infantis que, na realidade, não albergam as crianças; apóia-se nas massas, porque é o único setor da sociedade Argentina que a aceita, e as impulsiona a odiar à oligarquia, já que quer vingar-se de seu desprezo. É um ser insensível, incapaz de sentir afeto por alguém, muito menos ama verdadeiramente Perón. “O amor – paixão – nunca existiu entre Eva e Perón, nem sequer nos seus primeiros encontros. Portanto, seu amor pelos descamisados é totalmente falso, uma mentira refutada por suas jóias e suas roupas; sim, tinha ‘um amor desmesurado ao luxo’”. Apesar de sua aparência feminina, Evita é, em verdade, um homem e, para alguns autores, o que melhor explica sua carreira de aventureira é o domínio que tem sobre Perón. Os traços de sua personalidade são muitos mais masculinos que os de Perón, e é ela quem o arrasta quando desfalece e o incita a seguir lutando, quando ele está disposto abandonar tudo. Em contraposição, Evita é forte, e Perón é extraordinariamente débil. A debilidade ou “feminilidade de Perón é o que explica a força de Evita e o poder que chega a ter no governo. Nesse mito, há algumas variações: suas muitas horas de trabalho e os efeitos que provocava nos descamisados a transformam numa “pobre mulher”, sem vontade própria, usada pelo ditador, já que Perón a obriga a assistir a sua ascensão de mando, estando doente, pois ela é a que dá popularidade; e logo converte seu velório num “espetáculo grotesco”. Na terceira versão, a Eva revolucionária surge na “ala esquerda do peronismo”, o mito dos jovens da classe meia argentina, uma geração que não conheceu o peronismo no poder, mas que não quer estar na vereda da frente do povo (TAYLOR 1987, NAVARRO 1997, DEMITRÓPULOS, 1984).

entrevistas realizadas com pessoas cujas idades oscilam entre 30 e 50 anos, das classes médias intelectualizadas (peronistas e não peronistas), cujas informações sobre Eva Perón e o peronismo provêm, majoritariamente, de relatos transmitidos ou por acesso a documentais, livros, entre outros. São pessoas que não foram contemporâneas de Eva, e, portanto, receberam informação através de uma memória transmitida e enquadrada, seja com uma orientação positiva ou negativa. Essas pessoas, hoje, não estão em condições de entrar nas paixões que foram centrais durante décadas; elas preferem mostrá-la como uma pessoa com as próprias contradições do ser; “mais humana”, dizem. Essas entrevistas mostram uma Eva na inteira complexidade da personagem.

Por que eu sou [refere-se a Eva Perón], faço o jogo desta simbiose com Perón e depois me diferencio. Que é o que se passa com ela, com a outra parte, que não é interpretada por ela... Esta é a contradição básica, é um dos eixos centrais desta mulher. Essa contradição a colocou no corpo. Adoecendo, isso a impede entrar em conflito com Perón. Chegou um momento em que ela, mulher forte, está submetida a este homem, e não pode resolver isso. Fica doente, porque senão teria de brigar com Perón (Ana, peronista, ex-militante da JP).

Pessoalmente, não é um tema que me cause impacto. Sempre me pareceu uma mulher com muita força, com convicção, e também com muitas frustrações e muitos ressentimentos, que abriu um caminho para mostrar-se, mas também para compartilhar. E com um discurso reivindicativo e social que muitos compartilhamos, apesar das muitas contradições. Hoje, os jovens diriam, em sua linguagem, que é uma ‘mulher produzida’, por seu vestuário e suas jóias, para ser a bandeira dos grupos mais excluídos. Parece-me uma coisa um pouco contraditória. Mas, sem dúvida, deixou uma marca na história Argentina, marcou um mito em muitas mulheres argentinas, abriu as portas à mulher, a uma participação, e, seguramente, despertou inquietudes sociais e políticas em muitas mulheres que puderam seguir seu rumo ou outro. Nesse sentido, me parece uma figura histórica importante e destacada, mas acredito que não foi um aporte distinto do de outras mulheres nisso (Norma, 60 anos, professora, partido radical).

Diferentemente das pessoas peronistas, as não peronistas entrevistadas e pertencentes aos partidos políticos vinculados ao radicalismo, ao comunismo, nessa faixa etária, não se sentem convocadas pela figura de Eva, e sim pela figura política de Alicia Moreau de Justo (ver capítulo I). Mas resgatam algumas das ações de Eva Perón, sobretudo aquelas ligadas à participação política das mulheres e à capacidade de Eva para convocar

multidões. Valorizam sua força, sua contribuição na mobilização das mulheres e sua capacidade de quebrar os moldes impostos à época em que viveu.

Em função desses dados, que aparecem com persistência nas entrevistas a respeito da saída das mulheres para o espaço público, a personagem de Eva, ainda com suas contradições, evoca outras significações, como a do ingresso das mulheres na política. De fato, simbolicamente, ela parece condensar a luta das mulheres para entrar no mundo do poder público. No caso dos piqueteiros, considero a situação diferente, já que eles decidem adotar, sobretudo as lideranças, o símbolo de Eva como símbolo de luta, símbolo que é retrabalhado nas bases piqueteiras<sup>83</sup> e cuja adoção responde a uma necessidade política do grupo de contar com uma simbologia que lhe proporcione identidade.

Considerando, sobretudo, as entrevistas realizadas com pessoas não peronistas, também posso assegurar a existência de uma crescente tendência à diminuição da intensidade dos aspectos do chamado mito negativo. Hoje, por exemplo, não aparece, para essas pessoas, uma crítica à vida privada de Eva Perón antes de converter-se em figura pública, motivo central dos discursos anti-peronistas que circularam a partir do relacionamento de Eva com Juan Perón, e que aumentaram a partir de 1955. As mudanças, no plano cultural, quanto a uma maior igualdade nas relações de gênero, acredito, tem atuado no processo de enfraquecimento de determinados argumentos que acentuavam traços definitivamente degradantes sobre a figura de Eva Perón.

Se bem que sejam múltiplas as combinações das “Evas”, de acordo com as diferentes interpretações, considero interessante, aprofundar alguns elementos constantes que aparecem nos grupos pesquisados – piqueteiros e peronistas – que se mobilizaram no dia 26 de julho (em torno de 6.000 pessoas) e nas entrevistas em profundidade realizadas em outros momentos com membros desses dois grupos.

Apesar de a comemoração no cemitério mostrar resgates da Figura de Eva Perón com aspectos da santidade, esses não são relevantes em relação

---

<sup>83</sup> Com essa idéia, tento mostrar que existe um espaço de discussão, dentro do grupo, sobre a figura de Eva.

às entrevistas.<sup>84</sup> As referências a essa imagem de santidade provêm, em geral, de mulheres de 65 a 80 anos, peronistas, entre elas Maria, que tem um lugar de protagonista na comemoração. Mas essas mulheres resgatam a santidade de Eva de modo diferente da que é atribuída às santas da igreja católica, não como aquela pessoa dotada de poderes especiais, casta e submissa à vontade de Deus, senão em termos da generosidade da personagem. Constatou-se haver diferenças de critérios de atribuição de “santidade” a Eva, com diferenças marcantes entre as pessoas entrevistadas, dentro de um mesmo grupo de mulheres peronistas. As mulheres jovens não compartilham a mesma opinião da mulher mais velha da corrente, militante de 80 anos, que também pertence a outro grupo de mulheres que continuam agenciando, ante o vaticano, a santidade de Eva Perón.

Em geral, o que aparece é a vinculação dos aspectos de santidade (como generosidade) a outra figura mais definida, que entendo ser mais forte dentro da memória, já que todos os relatos, de uma ou outra forma, desembocam nela: é a imagem da Eva mãe, provedora, doadora, que aparece como aquela figura forte, não submissa, ainda que declare seu amor e sua lealdade a Perón.

Essa é a imagem de uma Eva Perón “que fez pelo povo”, que intercambia dons com seus filhos, que trouxe felicidade e sossego às angústias, e hoje é levada como bandeira para a luta pela justiça social. Por exemplo, essa Eva provedora confunde-se, nos piqueteiros, com uma Eva símbolo, que também é lutadora popular, uma Eva heroína da luta contra as injustiças sociais e da luta popular pelos excluídos sociais. Uma lutadora forte, “Foi uma mulher que teve os ovários bem colocados” (Marta, 35 anos, piqueteira), imagem que convive com a de mãe, uma mãe doadora e lutadora, também dos peronistas. Para Catalina, mulher piqueteira de 44 anos, “Eva estava doente e continuava pedindo que lutássemos, que não baixássemos os braços”.

Por outro lado, os depoimentos peronistas que mais se aproximam de uma Eva política, recuperam-na como um “modelo político” para ser seguido.

---

<sup>84</sup> Nessa circunstancia, parece apropriado distinguir as diferenças entre os trabalhos da memória, nas comemorações e os diferentes atos rememorativos das pessoas.

Os aspectos delineados até aqui são os reunidos nos enquadramentos atuais surgidos na pesquisa, os quais correspondem a uma matriz discursiva que reivindica a necessidade de trabalho, de melhoria do nível de vida, de eliminação da corrupção política e do modelo neoliberal, compreendendo a revalorização nacional e da Pátria, aspectos aos quais está ligada a figura atual de Eva.

Explicar o processo de construção de uma figura como heroína ou santa e sua permanência na memória como criação da mídia ou em termos de intencionalidade de um partido, são insuficientes. É preciso, portanto, indagar que outros elementos podem estar presentes nessa construção, os quais, como no caso de Eva Perón, fazem com que essa figura continue fortemente presente na memória. Se bem que o universo pesquisado seja imitado<sup>85</sup> para afirmar isso, a importante produção escrita que circula dá conta da presença atual de Eva na memória argentina, tanto como se pôde observar-se nas entrevistas. As imagens de Eva estão presentes não só nas pessoas que foram contemporâneas dela, senão também nas memórias das pessoas mais jovens, às quais se tem transmitido essas experiências.

Já Hallwachs (1990) remarcava a importância de a memória se construir a partir da transmissão “de outros”:

Minha mãe nasceu no ano 1921. Ela me contava que eu e meu irmão recebíamos brinquedos de Eva, todos os anos. Que minha tia, que se destacava em costura, não podia comprar uma maquina de costurar. Mandaram uma carta feita à mão e, em pouco tempo, receberam a visita de uma assistente social e, efetivamente, em poucos dias, chegou a maquina de costura. Um sentimento de tristeza e de luto quando faleceu. Meu tio falava sempre que ele viu Eva enfrentar sozinha os sindicalistas uma vez. (Julio, radical, 42 anos).

E, quando eu falo com os jovens e lhes conto a historia de outra maneira, quando conhecem a historia, quando conhecem essa verdadeira historia, ficam cheios dela e compreendem que não há desertores, nem fracos. Começam a gostar de Evita, porque isso é como querer a tua mãe, e a respeitar o general, que foi um gênio de homem (Ana Macri, ex-deputada de Eva, 8 )

Sempre nos indicou o caminho, o qual temos de reproduzir, como exemplo para os jovens. De geração em geração, que o exemplo revolucionário que Evita nos deixou permaneça e nos permita construir a pátria com que todos sonhamos. (Alberto, peronista, 40 anos)

---

<sup>85</sup> Refiro-me, sobretudo, ao fato de as pessoas entrevistadas pertencerem a grupos de militância política.

Você vê que a figura de Eva é transmitida de geração em geração. Desde muito pequena, meu pai me levava aos atos, cantávamos a canção do peronismo. Se ele não me tivesse transmitido, eu não o teria amado. (Estela, peronista, 43 anos )

Considero conveniente, nesta pesquisa, analisar também outros elementos que estão presentes na memória e que contribuem para perenizar a imagem de Eva Perón. Para isso, tomo as contribuições de Mauss (1974) e sua teoria sobre a troca de dons.

Para Mauss (1974), a vida social é um mundo de relações simbólicas que nascem a partir da comunhão e de acordos entre as pessoas, nos vínculos entre si. Quer dizer, o símbolo diz de uma significação comum para os indivíduos reunidos em grupo, que o escolhem e efetuam uma aliança, um vínculo que supõe um compartilhar e uma troca. O enquadramento em aspectos de mãe doadora, provedora e protetora de Eva Perón, acredito, sustentou-se, nesse vínculo, o que lhe permitiu manter-se perene na memória, sobretudo em determinados grupos, caracterizado por uma troca de dons.

Mauss apresenta a teoria sobre a troca de dons, explicando que o seu tema de estudo são as trocas que se fazem “sob a forma de presentes, em teoria voluntários, mas, na realidade ,obrigatoriamente dados e retribuídos”<sup>86</sup> (Ibid, p. 41). Na complexidade dos fatos, Mauss (1974, p.41) seleciona um traço a ser examinado: “o caráter voluntário [...] aparentemente livre e gratuito e, no entanto imposto e interessado dessas prestações”, as quais quase sempre aparecem revestidas na forma de presente, oferecido generosamente, ainda que, no fundo, outros elementos como interesse e obrigação, acompanhem tal ação.

O autor entendia que a moral contratual, que se estabelece nas trocas, funciona, em nossas sociedades, de maneira constante e subjacente. Portanto, as ações são sempre relações que se estabelecem comandadas pela obrigação de dar, pela obrigação de receber e de retribuir.

---

<sup>86</sup> Os fatos que Mauss (1974) iria tratar são os ‘fatos sociais totais’, nos quais se exprimem, segundo explica o autor, ao mesmo tempo e de uma só vez, toda a espécie de instituições: religiosas, jurídicas e morais, econômicas e também fenômenos estéticos e morfológicos.

Segundo Mauss (1974, p.54), a coisa recebida cria obrigação, porque ela não é inerte: ela transporta um valor para além da coisa em si; ela sempre tem algo do doador. “As coisas têm ainda um valor sentimental, além de seu valor venal.” (MAUSS, 1974. p.164). Há uma virtude que força as trocas a circularem, a serem dadas e a serem retribuídas (MAUSS, 1974, p.114). A dádiva não retribuída inferioriza. Para Caillé (2002, p. 143), outro autor que trabalha o conceito, a dádiva sempre gera obrigação, dado “que não se dá qualquer coisa a qualquer um, nem quando se quer nem como”. Os momentos e as formas do dom são instituídos socialmente, mas não como um ritual expresso mecanicamente. O dom adquire sentido dentro de certa atmosfera de espontaneidade. O paradigma do dom e do simbolismo é igualmente um paradigma do político, sendo o dom a forma como a política se reveste na micro-sociedade (CAILLÉ, 2002, p.143).

Resgatando a linha teórica que enfatiza as propriedades do dar e da retribuição, e que estuda o dom doação (CAILLÉ, 2002)<sup>87</sup>, entendo o vínculo de troca entre Eva e os descamisadas como esse tipo de dom: o dom doação.

Para os estudiosos desse tipo de dom, a generosidade presente nele é da ordem da paternidade e da maternidade: é dom de vida. Nele, não se dá somente, o desejo de aparecer, mas a luta e a competição para impor o seu próprio aparecer, movido pelo desejo de glória, de ser o mais belo. São interesses do ser, mais que do ter, mas, de fato, não exigir nada em troca não significa e não deve, sobretudo, significar que nada se espera. O dom doação não é, de maneira alguma, desinteressado: simplesmente, ele privilegia os interesses de amizade, de aliança, de solidariedade, em confronto com os interesses instrumentais e a obrigação ou a compulsão. Portanto, esse dom não deve ser pensado sem o interesse ou fora dele, mas contra o interesse instrumental (CAILLÉ, 2002).

---

<sup>87</sup> A partir das linhas teóricas de Mauss, distintos estudos se expandiram sobre a troca de dons, priorizando-se diferentes aspectos do mesmo: um primeiro grupo de autores acentua a obrigação ritual; para eles, o dom é, sobretudo, um dom ritual (CAILLÉ, 2002. p.77). O segundo grupo de estudiosos prioriza as características do dom; entre eles, encontram-se os autores que colaboram com “la Revue du MAUSS”. O autor que se mostra mais sensível a essa dimensão do dom é Jacques Dewitte (CAILLÉ, 2002)



Outro aspecto destacado reiteradamente nas lembranças e que tem relação com o conceito do dom, é a noção de sacrifício, como vemos nas comemorações, nas falas, nas placas de bronze e nos cartazes colocados durante as comemorações. As frases “ela entregou sua vida pelo povo” e “ela entregou sua vida por nós” fazem alusão a esse sacrifício e a essa troca. Detienne (Caillé 2002, p.164), diferentemente de Mauss, destaca outro aspecto do sacrifício, considerando-o como a “última variação no cristianismo” Para Mauss (1974), o sacrifício é um meio para o profano comunicar-se com o sagrado, por intermédio de uma vítima. Sacrifica-se o próprio deus (MAUSS, 1974). A autora trata sobre o auto-sacrifício, o qual tem sentido como um moralismo edificante. Conceitos como renúncia, abnegação, desapego de si mesmo e, por consequência, sofrimento estão presentes na idéia de sacrifício, representando, assim, uma amplificação do dom em todas as suas dimensões. Amplifica, portanto, não só o interesse e a obrigação, senão também a espontaneidade e o altruísmo. Explicam os autores que essas personagens, em geral, adquirem popularidade pela causa que perseguem. Não é, portanto, o sacrifício que confere valor ao dom. É o dom que legitima o sacrifício (CAILLÉ, 2002).

Quais são as partes que constituem essa troca de dons?

Assim como foram descritas em determinadas oportunidades, dentro das comemorações, resgato, nesta seção, outras lembranças colhidas nas entrevistas realizadas e que mostram essa configuração.

**a) O dom do ponto de vista das pessoas entrevistadas – os argumentos utilizados para explicar o que foi “recebido” pelos descamisados e descamisadas.** Poderíamos dizer que “o dom lembrança” que se tem sobre Eva Perón e que traz a noção de dom se realiza a partir da doação não apenas de bens materiais – medicamentos, habitações, trabalho, direitos sociais – mas também de elementos mais abstratos, como dignidade, reconhecimento, mobilidade social, justiça social, e, sobretudo, a noção do amor. O relato de Francisco (78 anos, motorista de Eva), na comemoração, mostra essa troca afetuosa, carinhosa, com uma personagem que é mãe, pois trata dele, cuida e reconhece como filho (ver pág 139).

Cria milhares de obras [...] Eu sou uma das 900 alunas que a fundação teve. A gratidão, o amor, é o que me faz estar hoje presente (Maria, 68 anos, 26/7/03)

O dar tudo, o se dar de cheio ao que ela acreditava... Ela deu sua vida pelo que acreditava. Se tivesse de escolher um elemento entre Eva e o Povo, diria o amor. Você se dá conta se a gente acredita em você ou não. E acredito que a sabedoria popular é assim, muito interessante, por isso o povo a segue. Com ela, não nós equivocamos, em questões do amor não nós equivocamos (Olga, 61 anos, peronista).

Essa mulher não teve só o amor pessoal em sua vida, senão o amor coletivo, porque ficava até a madrugada procurando coisas para seus queridos 'negritos', ou 'cabecitas negras', que eram a gente do interior. A figura de Eva é como a mãe. Você pode brigar com sua mãe, mas vai continuar querendo-a sempre. Ela é a mãe espiritual. Ela ficava até as duas, três da manhã, e Perón zangava-se com ela. E ela dizia: eu me sinto bem, porque estou fazendo coisas por meus 'cabecitas negras'. O poder do amor ao povo... (Estela, 44 anos, peronista, entrevista 27/7/03).

A Eva "doadora" aparece nas lembranças das pessoas jovens, peronistas, ligada à conquista de um lugar de reconhecimento dos excluídos da época. É uma Eva configuração, que considera, como grupo de excluídos, os "descamisados", aqueles que eram anônimos, outorgando-lhes um lugar simbólico na posição social.

Guia espiritual da Nação, é tal qual ela foi, a mãe de milhares de "negritos", desempregados, de explorados. Os filhos dessas pessoas tiveram acesso à moradia, à educação. Imagine você que o filho de um trabalhador começa a ler... Isso era impossível antes dessa época. Que tivesse trabalho, que a mulher tivesse acesso ao estudo secundário. As grandes camadas de docentes que surgiram, excelentes docentes!! (Estela, 44 anos, peronista, entrevista 27/7/03).

#### **b) O pedido de Eva Perón**

Nas palavras de Eva usadas nos discursos e escritas em seu testamento, como vimos na página 9, explicitamente ela faz seu primeiro pedido: o de permanecer na memória.

Quiero vivir eternamente con Perón y con mi pueblo [...] Donde esté Perón y donde estén mis descamisados allí estará siempre mi corazón [...]

Desearía también que los pobres, los ancianos, los niños, mis descamisados sigan escribiéndome [...] y que el monumento que quiso levantar para mí el Congreso de mi pueblo recoja las esperanzas de todos las convierta en realidad por medio de mi fundación [...]. Testamento Eva Perón.

[...] no tenía entonces [referência ao dia 17 de outubro de 1945] ni tengo en estos momentos más que una sola ambición personal: que

de mí se diga, cuando se escriba el capítulo maravilloso que la historia dedicará seguramente a Perón, que hubo al lado de Perón una mujer que se dedicó a llevar al presidente las esperanzas del pueblo, que luego Perón convertía en hermosas realidades, y que a esa mujer, el pueblo la llamara cariñosamente Evita. (PERÓN E. 1999 (b) p. 260)<sup>88</sup>

O pedido seguinte de Eva é o de solicitar apoio para Perón:

Pido a todos los obreros, a todos los humildes, a todos los descamisados, a todas las mujeres, a todos los niños y a todos los ancianos de mi patria que lo cuiden y lo acompañen a Perón como si fuese yo misma.

Se bem que nas trocas, segundo explicamos, não seja necessária a explicitação da retribuição, porque esse aspecto já está contemplado dentro do vínculo, em Eva, o pedido é claro e é explícito. Não quer ficar na memória de qualquer jeito: ela pede para continuar mantendo esse vínculo de afeto e proximidade. Vemos que esses pedidos foram acrescidos nos últimos discursos, quando ela já tinha conhecimento de sua doença. São pedidos diante da morte.

Porém há toda uma série de pedidos, nos anos anteriores, nos anos da ação social, que aparecem no relato de Héctor, professor de história, e que são significativos, já que mostram outros aspectos sobre como se articulava esse vínculo no cotidiano político de Eva.

Quando Eva dava uma pensão a uma pessoa e esta lhe agradecia, ela sempre lhe dizia 'não você não tem que me agradecer, não me deve nada, eu devo a você, é minha obrigação, só estou devolvendo o que lhes foi tirado'. Ela estava dando, ali, uma mensagem política: tomem vocês, só lhes peço, 'a mim não me agradeçam nada, mas sejam fieis a Perón, lutem pelo que conseguiram'. Ali dava uma mensagem política. Mas, para a maioria das pessoas, estava dando uma pensão e ali terminava o assunto. Ela trabalhava assim, não sei se consciente ou inconscientemente, mas era essa sua forma de atuar. Ela fazia política sem ser política, mas, em geral, fazia política permanentemente, 24 horas... (Héctor, 41 anos, peronista)

### **c) A retribuição**

A retribuição aparece na memória do povo, que se sente “descamisado”, executando o mandato de Eva, cumprindo o legado deixado por ela, sentindo-se convocado a participar dessa troca.

---

<sup>88</sup> Discurso proferido na rádio, em rede nacional, em 31 de agosto de 1951.

Pela paixão e pela alegria, pela humildade e pela entrega sempre te recordaremos. Voltaras e serás milhões (frase em cartaz da comemoração peronista no cemitério, em 26/7/03)

Hoje, nós, com essa consequência histórica, com esse mandato que Evita nós deixou, recolhemos seu nome e nos comprometemos levá-lo adiante, até a vitória final. Isto é, até um país mais justo, por um povo mais feliz (comemoração piqueteira em 25/7/03)

Hoje, queremos recordá-la e renovar esse compromisso, levantar seu nome e levá-lo como bandeira à vitória (frase em cartaz da comemoração peronista no cemitério, em 26/7/03)

Eu acredito que Evita teve uma alma generosa, que levou a todas as partes do mundo, não só na Argentina. E isso se dizia na gravação que passastes: “Aunque deje jirones de mi vida, yo sé que recogerán mi nombre y lo llevarán como bandera” A bandeira nossa tem de voltar a ser e recolher seus retalhos de vida, porque os deixou por uma pátria, e que não nos envergonhem os termos, politicamente soberana, economicamente livre e socialmente justa. As pessoas podem deixar seus bilhetinhos ali, suas lembranças também, porque, para nós, vai ser o Templo dos Testemunhos. (Dirigente da CGT, apresentando o Museu Testemunhal Eva Perón, inaugurado nas instalações da CGT, Programa televisivo *Frente a Frente* 27/7/03).

Os discursos de Eva e suas palavras, no testamento, convertem-se nos instrumentos fundantes de uma troca que fica perenizada na memória. A forma de retribuição é mantê-la viva na memória.

E esse manter-se viva na memória, com um capital simbólico significativo, é poder. Laura, docente, 39 anos, atual vereadora pelo partido radical, comenta:

A fotografia de Eva em algumas casas humildes, em escritórios, os rituais no dia de sua morte, no dia de seu aniversário, realmente me comove, mas não por ela, senão pelo que ela significa para essas pessoas, mas o que mais me comove é esse poder, o poder da Eva morta.

Porém, o que fica claro é que, para as pessoas que ‘sentem’ Eva, ela não está morta, ela permanece viva. Conferir imortalidade aos mortos é mantê-los simbolicamente vivos.

Comemorar, como mostra este estudo, não é só re-encenação do passado, conferir imortalidade, consecução de um projeto, mas também, nessa relação, é a possibilidade da retribuição, que opera no plano simbólico, como a ação de manter viva uma aliança, uma promessa, um ideário. Um processo que se dá, acredito, de maneira inconsciente. Ou, como diz Bourdieu (1996, p. 160), um processo onde “quem dá e quem recebe colaboram sem sabê-lo, com

um trabalho de dissimulação que visa a negar a verdade da troca...”. Essa troca permite que a mitogênese se mantenha viva e se reatualize.

O depoimento de Héctor contrapõe-se a muitos outros que acreditam que Eva dava tudo sem pedir nada em troca, atributo que a diferencia dos outros políticos da época e dos políticos atuais. Evidentemente, essas concepções colocam Eva numa posição de um ser extraordinário, produto de uma fala mítica. É negar a essência de um vínculo, algo. Como diz Mauss, sempre se espera na troca, reconhecimento, solidariedade, agradecimento. Ou como explica Bourdieu (1996.p. 162): “a dádiva gratuita não existe”.

A troca acontece no campo político. Porém representações do político – como domínio do duro, do competitivo, não solidário, conflitante, lugar de engano e traição – contrapõem-se ao imaginário criado sobre o ideal feminino de pureza, “a mãe como fundante de uma ordem que transcende o contingente e permanece como núcleo intocado.” (Montecino, 1997. p. 86, 87), ao qual é impossível anexar qualquer outro conteúdo. Essa é uma das razões pelas quais o político em Eva é silenciado.

## **5.2 A composição do poder em Eva Perón**

Então, quais são os elementos desse poder valorizados socialmente?

A quase totalidade dos depoimentos das pessoas entrevistadas peronistas traz como tema central “o amor de Eva para com seu Povo”, em dois sentidos: como a enorme capacidade de amar de Eva Perón, e como o amor todo-poderoso. Estudos sobre relações de gênero apontam que o amor é visto pela ideologia da feminilidade, como um sentimento inerente à alma feminina. Esses discursos sobre o feminino, baseados na biologia, expressam essencialmente uma imagem de mulheres dispostas a sacrificar tudo por amor aos outros: sua vida pessoal e profissional. Badinter (1985, p. 145-146) explica que os discursos construídos sobre o amor surgem no século XVIII, a partir de um discurso moralizador de mãe ideal, aparecendo como conceito novo em relação aos dois séculos precedentes; as novas orientações a respeito do amor impunham a “exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e a sociedade”. Os estudos de Badinter

(1985) mostram que esses discursos são construções culturais sobre a organização da vida social e os valores que a acompanham no tempo.

Nesta pesquisa, o amor de Eva Perón adquire traços de amor maternal, um amor que aparece como ideal, limpo, transparente, que tudo pode. É o mito do amor materno, nos termos de Badinter (1985). Como diz a autora, a imagem da “mãe permanece em nosso inconsciente coletivo identificada a Maria, símbolo indefectível do amor oblatoivo” (BADINTER, 1985, p.9). Nesse sentido, a maternidade converte-se em “um tema sagrado”. A Virgem Maria outorga os componentes míticos que legitimam a identidade de mãe-esposa, toda vez que ela representa o corpo intocado, o corpo inteiramente materno, associado à natureza (MONTECINO, 1997). Nas praticas e discursos, a correlação entre Maria virgem e mãe, provoca a consideração do amor materno como um dom natural das mulheres como mães, que exige delas a reprodução da atitude abnegada da virgem. Para Beauvoir (1980, p.280), “a mistificação começa quando a religião da maternidade proclama que toda mãe é exemplar”. Autores mencionados por Montecino (1997. p.81) – Cousiño e Valenzuela – explicam que o “vínculo com a mãe é inteiramente pré-reflexivo, não se forma através de um ato de tomada de consciência, senão naquela experiência cujo núcleo originário chamamos *presença*. A mãe nós leva, com efeito, à origem, [...] na origem há uma presença”, um Deus.

Eva Perón declarava-se a mãe dos descamisados, dos humildes,. Seu amor para com eles complementava-se com o amor sentido por Juan Perón, amor resgatado em varias entrevistas com membros peronistas. O amor a Perón alcança também características sublimes e puras: amor de esposa-mãe, que se expressa como único, pois o amor a Perón e o amor ao povo aparecem como um mesmo amor.<sup>89</sup> Um amor sentimental, que foi transformado em amor político, deslocado do homem para o líder e do líder para o povo (SARLO, 2003). Esse amor de Eva é o que se exige, por extensão, dos peronistas, através da lealdade e obediência à causa. Uma serie de interpretações

---

<sup>89</sup> De fato, é Eva Perón que proclama isso. Ela diz: “Para mi, amar es servir. [...] todo el secreto consiste en que he decidido servir a mi pueblo, a mi Patria y a Perón. Y sirvo porque amo. Sirvo al pueblo porque primero el pueblo ganó mi corazón. Y porque Perón me enseñó a conocerlo más y por lo tanto a quererlo mejor. Y sirvo a la causa de Perón ya Perón mismo como puedo y donde puedo, aunque reconozco que servir a Perón es lo mismo que servir al pueblo...” (PERÓN E. 1951, p. 150, 151).

circulam questionando esse amor, se ele era verdadeiro, ou se ela amava mais a figura do líder que o homem. O certo é que essa concepção de amor é uma construção social que expressa os valores apreciados numa dada sociedade, a Argentina: os de entrega total, lealdade, fidelidade, serviço, genuinidade. O amor sentimental de Eva por Perón aparece como aquele de um conto de fadas, sublime, eterno.

É um amor transmitido de geração em geração. Desse amor me falava minha avó, em lugar de contar-te um conto, te falava sobre Eva, de sua beleza física, de sua postura, de sua energia, de sua defesa dos pobres... (Adriana, empregada da UATRE)

Se analisarmos, da perspectiva das relações de gênero, podemos ver que esse amor manifestado por Eva, como interlocutora, mediadora, transmissora, é um amor construído sob a ideologia da feminilidade. Ele, de fato, oculta e justifica outros aspectos, produtos da relação desigual entre os gêneros, como o “estar detrás dos panos”, ou ficar “um passo atrás de Perón’.

Se o amor é, para os peronistas, o elemento mobilizador da ação de Eva Perón<sup>90</sup>, para os piqueteiros, a ação de Eva é mobilizada pelo compromisso de luta contra as estruturas dominantes (imperialismo, neoliberalismo) para a libertação do Povo.

Ela está no sentimento da gente por seu compromisso e entrega incondicional para seu povo [...] Ela conquistou um lugar no sentir do Povo (Nadia, 29 anos, piqueteira).

Um ser movido simplesmente pelo amor, pela paixão, pela lealdade, como ela quis mostrar e como é lembrada ainda hoje, coloca sua ação fora da área do político institucional, lugar onde estão em jogo outros atributos; como as convicções, a ambição, o poder. O amor como atributo, dentro da política, culturalmente é desvalorizado, porém fortemente valorizado como atitude essencial feminina, um atributo feminino desvalorizado. Isso coloca as mulheres que tentam fazer política numa clara situação de desvantagem.

A percepção dos sentimentos como fatos políticos também evoca as formas contraditórias e complexas das ações sociais. Os eventos expressivos

---

<sup>90</sup> Não aparece essa noção de amor nos relatos não peronistas (radicais, comunistas). Para eles, esse amor e essa lealdade declarada por Eva é parte da estratégia política demagógica do regime.

de emoções, como mostra Maus (1979), não têm uma explicação só psicológica e não estão restritos ao plano individual: estão conectados com dimensões fundamentais da vida social. “Desse modo, os sentimentos afirmam princípios e restituem dimensões de moralidade a partir de situações diferentes, sendo não só expressão inusitada ou decorrência natural de acontecimentos, mas ações construídas no cotidiano que fazem o próprio mundo social.” (BARREIRA, 2001, p.112). Segundo essa autora, as pesquisas de Abu-lughod e Lutz analisam o discurso da emoção como prática social em diferentes contextos etnográficos e criticam as análises que consideram os sentimentos com dado natural e essencial da conduta humana. Propõem analisar as emoções como discurso, verificando de que modo elas afetam a vida social, induzindo ações e estratégias de efeitos variados na sociedade. Mais do que uma parte específica de representações que se integram à vida social, as emoções são consideradas, por essas autoras, como fatos sociais, linguagens constitutivas do mundo social.

As emoções ligadas ao amor e à vingança que atravessam a história argentina demonstram o seu caráter social. O problema surge quando essas emoções, além de serem consideradas como inatas nos seres humanos, são associadas, privativamente, a um dos gêneros, conferidas exclusivamente às mulheres. Diferentemente dos pressupostos que baseiam os discursos sexistas, política e emoções, como construções sociais, podem enlaçar-se em relações igualitárias de gênero.

O tipo físico de Eva Perón, outro atributo esgrimido como tipicamente feminino, é valorizado nas lembranças, em consonância com o padrão cultural de *beleza* socialmente aceito: beleza jovem, branca, de pele suave e “transparente”, cabelos claros, beleza não exuberante. A “transparência” da pele de Eva, trazida nas entrevistas, parece anunciar a transparência de seu interior.

Todos esses traços respondem a um modelo de beleza ocidental e que, por serem valorizados culturalmente, são fonte de poder, ainda que sejam, como diz Rocha Coutinho (1994), fontes de poder transitório. A beleza física de Eva, perenizada pela morte em plena juventude, contrariamente, permanece na memória cristalizada e associada a essa juventude e à força que dela emana.



Essa força, que aparece como força espiritual, é o que a torna 'excepcional', pela capacidade de produzir 'coisas', de lutar, apesar da doença.

Para mim, Eva é a nossa representante em tudo, na luta, na dignidade e na fortaleza que ela tinha de seguir, apesar de sua doença, de estar ali na frente, de não baixar os braços [...] Nós, as mulheres, temos a imagem de Eva na luta presente em nós (Catalina, 44 anos piqueteira)

É uma força que se expressa em seu corpo, em suas posturas, em seus gestos, na sua voz, na suas palavras. Catalina, como outros, resgata a força da voz de Eva, nos discursos pronunciados por ela, e esse fato a faz-se repensar-se como mulher piqueteira que aprendeu a falar em público.

Ela tinha uma força em sua voz, em sua palavra. Cada palavra que ela pronunciava era com força, uma confirmação do que dizia e nós, as mulheres que fomos criadas para estar caladas, para obedecer. Quando eu cheguei aqui, estava calada, não dizia o que pensava. Quando comecei a entender a luta, comecei a discutir, sobretudo quando acho que não é assim... (Catalina, 44 anos, piqueteira).

A força da voz de Eva te penetra no mais íntimo, é algo que chega ao mais profundo do ser... (Maria Cristina, 54 anos, peronista).

No depoimento de Catalina, piqueteira, a força da voz de Eva está associada à luta. As percepções de Catalina sobre Eva são expressas coletivamente pelo grupo piqueteiro, na imagem de Eva gritante, impressa na bandeira do grupo.

A voz de Eva Perón é uma presença. Retransmitida várias vezes através de diferentes meios, converte-se no elemento que liga passado e presente. As pessoas entrevistadas relatam a emoção que sentem quando escutam os discursos de Eva. Por que emocionam tanto os discursos de Eva Perón? Qual é o efeito que as palavras dela produzem?

Alberto (44 anos, peronista) dá uma explicação a partir de seu ponto de vista:

É o tom da voz de Evita... Poso dizer "te amo", mas o importante é como eu o digo, o tom. Podem ser só palavras, se não vêm acompanhadas. São só símbolos lingüísticos... Importam o olhar, a expressão, o que vem do interior... Você escuta Eva e ela falava com a alma. Um gesto de rebeldia, como se houvesse nela um Deus rebelde... Um Túpac Amaru. Com Eva, invocamos essa energia...<sup>91</sup>

---

<sup>91</sup> José Gabriel Condorcanqui (Túpac Amaru), descendente por linha materna de Túpac Amaru, o último soberano inca, do qual adotou o nome, nasceu na cidade de Tinta, no ano

Para essas pessoas, essa voz vem de dentro, do mais autêntico, vem da alma, diz Alberto. Duas categorias entram em jogo nesses últimos depoimentos, como concepções diferenciadas da noção de pessoa, *sinceridade e autenticidade*<sup>92</sup>, propostas por Trilling em 1972 e resgatadas nos estudos de Abreu (1994). A sinceridade, segundo esse autor (TRILLING apud ABREU 1994), está relacionada com a atitude frente ao outro, com valores de fidelidade e honestidade de uns para com os outros, que se tornam estruturantes dessa vida relacional. A categoria "autenticidade" indica uma mudança na maneira como o indivíduo passou a conceber a si próprio: o foco principal deslocou-se da preocupação com o outro para a tematização do eu, a busca do "autêntico". Quando se trata dessas categorias no contexto da memória social, onde a concepção de indivíduos é construída por agentes especialmente voltados para esse fim – como é o caso dos rituais de evocação dos mortos nas comemorações, e também nos relatos rememorativos das pessoas –, essas categorias embora possam ficar, em alguns aspectos, mais visíveis, como diz Abreu (1994), nesta pesquisa não aparecem claramente diferenciadas, pois as duas categorias aparecem nas falas, confundindo-se uma com a outra.

Na fala de Alberto, outro aspecto se evidencia: a força de Eva Perón tem origem no imaginário dos povos latino-americanos, na rebeldia dos povos indígenas ante a colonização do europeu espanhol. Evidentemente, essa outra

---

1738. Liderou, em 1780, a insurreição popular pela independência dos índios contra o Vice-reinado Espanhol, pelos tributos excessivos, a *mita* e os abusos dos corregedores. A fama de Túpac Amaru estendeu-se de tal forma, que foi proclamado rei de América. No dia 18 de maio de 1781, Túpac Amaru foi executado na praça de Cuzco, junto a sua esposa e conselheira, Micaela Bastidas. As posteriores rebeliões dos mestiços invocaram o nome de Túpac Amaru [http://www.todo-argentina.net/historia/revmayo/tupac\\_amaru.htm](http://www.todo-argentina.net/historia/revmayo/tupac_amaru.htm), acessado 23/11/04.

<sup>92</sup> As noções de sinceridade e autenticidades são categorias, segundo Trilling (apud ABREU, 1994), de construção histórica, ambas ligadas às modernas idéias de indivíduo e sociedade; a categoria sinceridade foi construída primeiramente ao perceberem-se as pessoas relacionalmente. Sinceridade tem a ver com a maneira como apresentamos nosso *self* nas relações com o outro. Do ponto de vista de Trilling, sinceridade expressa, nesse contexto, a luta entre uma concepção de *self* socialmente determinada, onde a relação com o outro é preciosa. Nesse contexto, sobressaiu a preocupação com a atitude frente ao outro. Os indivíduos passaram a relacionarem-se uns com os outros em função de ideais erigidos em comum. A categoria "autenticidade" teria aparecido posteriormente, indicando uma mudança na maneira como o indivíduo passou a conceber a si próprio. O foco principal deslocou-se da preocupação com o outro para a tematização do *self*. Da fidelidade e da honestidade com relação ao outro, passou-se a privilegiar a fidelidade e a honestidade de cada indivíduo para consigo mesmo.

imagem que prevalece traz a presença de uma voz que expressa rebelião e combate contra a exploração de classe.

Quando Evita falava, ela dizia o que muitos argentinos durante décadas de exploração não podiam dizer [...] ela era a voz do povo oprimido (Graciela, 44 anos).

Esses depoimentos referem-se a essa voz como aquela pertencente aos oprimidos da época, como um povo com presença, desde o mais nobre de suas raízes, na luta contra a desapropriação. De fato, a procedência social de Eva gera, nos entrevistados, uma série de sentimentos que revelam essa correlação de forças. A certeza da procedência de Eva, vinda do povo, que clama pela justiça social dos excluídos, provoca um sentimento de identidade de cada um em relação ao grupo, como acontecia com a maioria dos grupos piqueteiros e peronistas que circulavam autonomamente no cemitério. É um sentimento de identidade de classe que é portador, entre outras, da expectativa de mudança do país.

O poder de convocar multidões aparece atualmente como um traço sobressalente na figura de Eva, um traço visto, na época, com desconfiança pelos opositores ao governo, e fortemente questionado como papel feminino.

A determinação, a vontade de ferro, a intransigência, atributos vistos como masculinos, também dão forma a esse poder feminino valorizado hoje em Eva Perón.

Não aparece nas entrevistas com pessoas peronistas, um elemento que é marcado por algumas teóricas feministas, como Rosaldo (1979) e Rocha Coutinho (1994), que diz respeito às estratégias do poder feminino de influenciar o outro, nesse caso o homem (Juan Domingo Perón), na tomada de decisões. A conduta de Eva Perón questionada nos depoimentos não peronistas é apresentada como uma conduta manipuladora e demagógica, própria do projeto peronista. Varias interpretações podem ser feitas sobre a atitude peronista: a presença, por um lado, de uma maior idealização da figura de Eva Perón e, por outro, uma conotação negativa sobre as possibilidades de as mulheres terem acesso ao poder através de estratégias de influências. Portanto, é imprescindível distanciar a figura de Eva dessa questão. Outra é a possibilidade de outorgar-lhe uma certa identidade, independente da de Perón.

Cabe resgatar que a literatura contrária a Eva faz uso desse argumento, que coloca a manipulação como centro de discussão.

### **5.3 O poder político em Eva Perón**

A mãe, ou o maternal, são configurações simbólicas que se ancoram, como vimos, nos discursos e nas práticas sociais. Historicamente, sabe-se que, nas sociedades, as mulheres, de uma ou outra maneira, são excluídas das atividades designadas como decisivas, de maior prestígio ou poder: as econômicas e políticas, todas elas de caráter público. Nessa ordem, cuja característica central é a subordinação da mulher e seu confinamento ao âmbito doméstico e a posse de parcelas de poder (ROCHA COUTINHO, 1994), torna-se mais provável que os povos concebiam instâncias específicas de poder para as mulheres, descrevendo-as simbolicamente como espirituais, místico-religiosas ou não institucionalizadas, em lugar de interpretá-las como temporais, jurídicas ou políticas (TAYLOR, 1981).

Para essa autora (TAYLOR, 1981), há indicações de que, quando com maior firmeza um grupo relega as mulheres a um lugar fora das estruturas do poder e da produção, elas podem ser associadas ao poder espiritual, ou não controlado. Estudos no sul da Índia mostram as viúvas como bruxas; entre os índios mapuches, as mulheres suspeitas de bruxaria são as anciãs, despojadas de uma posição sólida na sociedade. Na cultura ocidental, na qual têm coexistido os conceitos de autoridade espiritual institucionalizada e os poderes espirituais não controlados, o primeiro tem estado restrito aos homens, (no caso da Igreja Católica) enquanto os últimos têm sido imputados às mulheres, ou exercidos por elas, como no caso das bruxas.

Portanto os poderes socialmente atribuídos às mulheres são informais e não institucionalizados, em contraste com as posições e a autoridade culturalmente legitimadas, atribuídas aos homens. Poderosas ou não, as mulheres e sua conduta são vistas como idiossincráticas e irracionais, emocionais, desorientadas, espontâneas e confundidas, afetivas e expressivas, manipulativas. São associadas a um poder feminino derivado de uma combinação de vários fatores: a natureza física da mulher, como vimos

anteriormente, os papéis sociais consignados às mulheres a partir dessas condições físicas, e os concomitantes psicológicos (TAYLOR, 1981).

De fato, quando a mulher exerce algum tipo de poder, freqüentemente a posição que ocupam é vista como ilegítima; os caminhos pelos quais ela ganha prestígio geralmente são configurados e limitados pela sua associação com o mundo doméstico. As mulheres com prestígio são vistas como uma exceção, desviadas, manipuladoras. (ROCHA COUTINHO, 1994).

Não obstante os homens terem a autoridade legitimada, as mulheres têm poderes que, mesmo não sendo reconhecidos como autoridade, aparecem sob outras formas. As mulheres detêm fragmentos múltiplos, equivalentes às influências difusas e periféricas. É nesse sentido que se pode referir o poder das mulheres nas diversas sociedades: elas não detêm o poder, mas têm poderes (MALUF, 1992). No caso de Eva Perón, lembra-se o poder não institucional alcançado durante a época, valorizam-se, ainda hoje, os aspectos espirituais e emotivos acima dos políticos. Eva Perón, explicitamente, colocava-se nessa posição: “Yo, mi general, con la plenipotencia espiritual que me dan los descamisados de la Patria, os proclamo antes que el pueblo os vote el 11 de noviembre, Presidente de todos los argentinos.” (PERON E. 1999b, p.254)<sup>93</sup>

Se bem que tenha havido avanços das mulheres no acesso a cargos políticos institucionalizados, o poder feminino é ainda tratado como secundário, complementar ao do homem. No caso de Eva Perón, essa complementaridade a coloca no plano espiritual e emocional a partir da noção de alma, força, espírito, em relação aos aspectos racionais atribuídos a Perón: “Cada um ocupou um papel, se complementaram.” (Mabel, 63 anos, peronista); “Uma união ideal, se uniram o gênio e a força.” (Alicia, 43 anos, peronista); “O general foi muito, mas a senhora foi a alma de nosso Movimento.” (Irene, 78 anos, peronista).

Essa complementaridade se expressa na repetição permanente de frases que marcam que Eva fazia e dizia, o que Perón não podia fazer, por causa de sua investidura.

---

<sup>93</sup> Discurso de 22 de agosto de 1951. Ato para proclamar a candidatura de Perón pelo segundo mandato à Presidência.

Evita expressava o que Perón não podia dizer, por seu caráter de Presidente, mas, obviamente, isso era o que Perón queria dizer. Ele não atacava a oposição. Evita sim. Perón utilizava a persuasão. Para Evita, as coisas eram distintas, ou eram brancas ou negras, estás comigo ou não estás. Perón utilizava os cinzas. [...] Era um condutor, ele era mais aberto, nesse sentido. Ela não ia fazer nada que Perón não quisesse (Pablo, 35 anos, peronista)

Ela podia falar, dizer muitas coisas, mas nunca o poderia ter feito sendo presidente da república, é lógico. Ela podia causar um escândalo e tudo terminava em: Que barbaridade o que falou!! Mas teria sido uma catástrofe institucional se o tivesse dito Perón. (Héctor, 41 anos, peronista)

Quando ela dizia publicamente algo que produzia escândalo, ele explicava... É a Evita, vocês a conhecem!!!. Mas ele sabia o que ela dizia, não era que ele a estava mandando fazer; havia toda uma questão tática, como casal governante, que entendia o código político. O que dizia Eva quando levantava a voz, Perón também o pensava. (Pablo, 35 anos, peronista).

Em geral, vemos que a maioria das falas expressa o poder não institucional de Eva como aquele que transcorre a partir de certa independência dela como consequência de ocupar um lugar não institucional. O poder em Eva está claramente associado ao poder de dizer, de denunciar (gritar), poder reconhecido que concorda com as imagens que circulam hoje, da Eva falante (frente ao microfone). Marysa Navarro (1997 p. 347, 348) com respeito a esse ponto, confirma essa complementaridade: “Ele era o estrategista, o chefe que dirigia, elaborava a doutrina, assinalava os objetivos e os conquistava. Ela era a encarregada de pôr em marcha as táticas, explicar e repetir a doutrina ante os mais diversos auditórios [...], reforçar a adesão ao líder, manter o nível de mobilização das massas...”. Portanto a ação complementar entre o poder não institucional de Eva e o poder formal de Perón apresenta-se, sobretudo, na capacidade enunciativa de Eva, que expressa a intransferibilidade do discurso político de Juan Perón. (SIGAL&VERÓN, 1988).

Eva é o coração de Perón, o sustento de Perón, a “ponte de amor entre Perón e o povo”, em algumas ocasiões ultrapassando a figura dele. Em grande parte dos relatos, é tão forte a presença de Eva, que a morte dela significa o declínio de Perón.

Por isso se diz que um grande homem o é, quando tem uma grande mulher no seu lado. E, efetivamente, quando Evita esteve ao lado do General, o General foi o grande supremo (Blanca, 75 anos).

Um apoiava-se no outro. Perón não teria sido quem foi sem a presença de Evita [...] Há políticos que hoje levantam a imagem de

Eva para bater na imagem de Perón, e outros dizem que Eva foi um produto de Perón e não foi assim, é muito mais complexo (Héctor, 41 anos, peronista).

Eva teve um papel protagonista ao lado de Perón, foi à luta com tudo (Carolina, 26 anos, peronista).

Mulher política, porque ela fez a massa. Perón foi um grande líder, mas quando Eva desapareceu, a figura de Perón praticamente também desapareceu. Para mim, Perón foi Perón por Eva (Alicia, 43 anos, peronista)

Ela sustentou a Perón com uma força incrível (Maria, 68 anos, peronista).

Para mim, nessa combinação de grandeza, a grande era Evita (Catalina, 44 anos, piqueteira).

Eva Perón, produto de Juan Perón, na realidade, aparece nas mais variadas formas, como vemos nos depoimentos. Uma crescente tendência recupera a imagem de Eva como aquela que supera Perón, uma Eva fortalecida pelo contato direto e dialógico com o povo.

Ela aprendeu muito, ela alimentou-se do que Perón lhe ensinou, foi melhor a aluna que o professor (Irene, 78 anos, peronista).

Ela era um pedaço de mármore em bruto, que Perón poliu, e ela deixou-se polir. Ela não opôs resistência, mas tinha condições também. Ela não foi um produto pré-fabricado (Héctor, 41 anos, peronista).

No dia da “renúncia”, há um Perón que fica atrás, na sombra, quando ela entra em diálogo com o Povo. Ela estava indo das mãos dele com essa candidatura (Laura, 39 anos, radical).

As interpretações sobre a renúncia de Eva Perón à candidatura a vice-presidente estão divididas: uns entendem a decisão de Eva como produto das pressões dos militares, da igreja e membros da ala direita do partido sobre Perón, outros entendem que a renúncia de Eva é decidida a partir do não apoio de Perón, cujo eixo era evitar um levantamento militar. E ainda um grande número de peronistas atribui a renúncia de Eva à sua própria decisão de continuar lutando num plano não institucional, já que, dessa maneira, seu trabalho resultava mais efetivo para a causa. É notável que só um depoimento faz referência à possibilidade de que a pressão poderia ser devida a questões de gênero, ou aos obstáculos sociais que poderiam ter sido colocados ante a possibilidade de uma mulher assumir um cargo de tamanha importância dentro desse contexto argentino, eminentemente patriarcal.

Se eu falo dessa época, me coloco como mulher, a mulher não podia tantas coisas [...] igualmente não houvessem permitido que Evita estivesse nesse lugar, o machismo, não vai permitir que uma mulher esteja num lugar político (Ana, 58 anos, ex-militante JP).

O não apoio de Perón à candidatura de Eva à vice-presidência é vista por grande parte dos entrevistados como a grande frustração vivida por Eva, colocando-se a atitude de Perón no mesmo patamar do abandono feito pelo pai de Eva, quando ela e seus irmãos eram pequenos. A sensação é de que ele não respondeu da mesma maneira como responderia Eva ante uma situação similar.

Esses enquadramentos como mãe protetora, doadora, lutadora, e essa complementaridade dos papéis sexuais nos permitem entender que esse poder de Eva, corresponde aos mesmos parâmetros que conformam o poder feminino em geral, historicamente construído. Todos esses traços colocam Eva Perón fora do campo político formal, fora das instituições. Apesar de alguns depoimentos – sobretudo de piqueteiros, de não peronistas, de jovens e intelectualizadas do Peronismo – resgatarem a pessoa política, eles não excluem o caráter sagrado e místico que ressurgiu por sobre o político e o papel subsidiário à política de Juan Perón.

#### **5.4 O simbólico no campo político.**

O culto da virgem mãe, no plano simbólico, revela a emergência do feminino em duplo movimento, como força de transgressão e força de restauração da ordem (MONTECINO, 1997). Os estudos de Montecino, baseados no “mito da Malinche”, cujo paralelismo seria a Eva do gênesis – ação feminina que provoca a morte (do império asteca e da humanidade)–, mostram que, nessa alegoria, a percepção das mulheres como causa de desordem legitima a violência contra elas. O corolário cultural desse fato é a transformação da vítima em objeto divinizado, sagrado: surge o culto da virgem mãe. É um jogo permanente de poder e não-poder (MONTECINO, 1997).



Como vimos, junto a uma mãe amorosa, convive, na maioria dos relatos peronistas, uma mãe lutadora, que os defende da “oligarquia”, “dos gorilas”.<sup>94</sup> Mas, nos discursos piqueteiros, a lutadora é uma guerreira do campo popular, uma figura que, mesmo reunindo os atributos considerados femininos de mãe, é transgressora dessa mãe, já que expressa “rebeldia”, um poder não controlado<sup>95</sup>, capaz de destruir, e que é apresentada, sobretudo, em alusão à compra das armas para conformar as forças armadas civis e através das frases combativas utilizadas nos últimos discursos de sua existência. Como diz Montecino (1997), a alegoria da mãe invade com força os campos de ação políticos nos territórios latino-americanos, mas ela também tem uma contracapa que se relaciona com a imagem da guerrilheira. Há um desenho de luta de mulheres guerrilheiras, latino-americanas, que mostra uma imagem que transgride o propriamente genésico e que se ancora na violência e na morte como espaço de aparição. No caso de Eva Perón, a denominada “Eva revolucionaria”, ou Eva ressentida, vingativa, contracapa da Eva mãe bondosa, é a configuração da Eva temida, geralmente oculta nos âmbitos peronistas, e sim valorizada em âmbitos de militância de esquerda, e piqueteiros. É a mulher da qual fala Nadia, na página 118, e da qual Héctor (41 anos, peronista) traz uma versão explicativa.

O político, em Eva, foi muito importante [...] ia formando os quadros, mas desde as bases, com um projeto político. Nesse sentido, era revolucionaria. O que acontece é que Eva se mutilou. Isso veio nos últimos anos do peronismo, quando o peronismo quis ser um pouquinho mais estatal. Tirou-se-lhe esse ar revolucionário, e levaram-na ao enquadramento da obra social. Então, a figura de Eva aparece sempre rodeada de meninos, de pessoas humildes, distribuindo coisas, era a fada boa. Eva deixou de ser Eva. Volta a se recuperar Eva depois de 1955, quando se começa a analisar o que ela falava. Já nesses anos anunciava o que veria depois [...] Por isso, ela dizia: tenham cuidado, não fiquem dormindo porque nos vão passar por cima [...] Quando mandou comprar as armas foi um fato revolucionário e político, e isso não era para defender sua obra da Fundação. Ela manda porque diz: eu não confio nas forças armadas; na próxima tentativa de golpe, vão sair os operários a defender Perón. É um fato político mais grave ainda, porque chama ao ministro de guerra e, na frente dele, faz a compra de 5000 armas. Não é algo

---

<sup>94</sup> Denominação utilizada na época pelos peronistas para identificar os proprietários de terras, conhecidos como classe alta. Hoje continua aparecendo essa palavra nas entrevistas de mulheres mais velhas. Ainda aparece outro sinônimo: gorilas.

<sup>95</sup> A idéia de não controlado refere-se ao não controle por parte dos homens. Sobre o desregramento feminino e sua associação ao pecado no Jardim do Éden, ver Davies Natalie Zemon, *As mulheres por cima*.

clandestino. Ela tinha noção do que podia acontecer, quais eram os inimigos, os identificava, sabia de que lado estava um e de que lado estava o outro. Diziam que ela perseguia, era vingativa [...] Não, não era vingativa, era uma mulher que tinha claro algo: “eu tenho de fazer determinada tarefa; se eu deixo que aquele atravessasse na minha frente, ele vai destruir o que eu estou fazendo, portanto o eu o destruo ou ele me destrói, é uma questão ideológica [...] Esses conceitos não se referem ao político senão ao ideológico; ao militante convencido de uma causa revolucionária, é o que a identifica com o resto dos que participam em política na Argentina.

A Eva Perón que mandou comprar as armas para reagir ante um ataque das forças armadas é uma Eva da qual não se fala em determinados grupos, sobretudo peronistas, já que significa uma transgressão a uma ordem social dada e a esse ideal de mulher, mãe amorosa, construído politicamente. Aqui opera a seletividade da memória, nos processos de lembrança e esquecimento “organizado”, como expressa Pollak. Por outro lado, essa Eva convocante, pública e mobilizadora de multidões e das mulheres dos setores populares para o ingresso no mundo político, hoje valorizada, era repudiada durante sua existência, justamente pelo efeito transgressor, na medida em que isso implicava uma situação de desordem na esfera social, ao subverter a prática e a organização simbólica dos domínios femininos e masculinos: o espaço doméstico, privativo das mulheres, e o espaço público, universo dos homens, ainda e apesar de as mulheres terem sido convocadas pelo peronismo a partir de seus papéis de mãe, esposas e filhas.

Há uma Evita conhecida, que é a que se deu a conhecer, e uma Evita que se ocultou e continua se ocultando permanentemente, porque é uma Evita que incomoda do ponto de vista político, porque marca caminhos, porque é revolucionária, incorruptível [...] Revolucionária no sentido peronista (Héctor, 41 anos, peronista)

Acredito que o poder que Eva tinha era perigoso, extremamente perigoso. Perón, então, tinha conhecimento disto. No dia da renúncia, há um Perón que fica atrás, na sombra, quando ela entra em diálogo com o povo. Ela estava indo-se de suas mãos com essa candidatura a vice-presidenta que lhe estava sendo proposta pelo Partido Peronista Feminino e a CGT (Laura, 39 anos, radical).

Tanto o poder da mãe como o poder da “mulher do chicote”, expressos nas contraposições da época, têm em comum o fato de falarem e relacionarem essa mulher a situações particulares de poder, ainda que seja articulado como poder não institucionalizado.

Por outro lado, as noções de transgressão e restauração, associadas às figuras femininas, são interessantes para poder se entender a outra imagem de Eva, que a memória traz com referencia ao plano político, a de restauradora da ordem. Montecino (1997) explica que essa imagem restauradora da ordem, que traz a alegoria da mãe, aparece, sobretudo, quando essa ordem é ameaçada. Expressam essa função, por exemplo, a presença das mães da Praça de Maio, que solicitam a aparição com vida de seus filhos e filhas desaparecidos durante o processo militar, e a presença das mulheres chilenas nos *paneļaços*, em oposição ao governo de Salvador Allende. Nesta pesquisa, a imagem restauradora da mãe, emerge nas distintas formas como Eva aparece nas três comemorações. As palavras de Renzis, durante a cerimônia da Fundação Eva Perón do dia 26 de julho, remetem à idéia de que Eva está presente quando os políticos (peronistas) não fazem o ensinado por ela e Perón. (quando fracassam). Para os piqueteiros, ela está presente ante o aprofundamento da crise econômico-social e de representatividade política. Esses depoimentos, entre outros, confirmam o papel de restauradora da ordem que a mulher, nesse caso Eva, tem na política. Podemos dizer que “a alegoria de mãe aparece cada vez que a oposição ordem/caos adquire qualidade.” (MONTECINO, 1997, p. 81). Trata-se de considerar “o feminino-materno, como fundante de uma ordem transcendente, não oposta mas distinta da estabelecida pelos vínculos racionais do político (a ordem do Estado) uma ordem que descansa no afetivo, pré-lógico, imaginário.” (1997, p.85) Por isso, como diz Montecino (1997, p.85), “não é estranho que setores radicalmente distintos em suas posturas ideológicas retomem este símbolo e o ressignifiquem quando o Estado entra em crise”.

## 5.5 As novas Evas

Enquanto esperamos o início da passeata de Tochas da Fundação Evita, (26/07/03), as palavras da atual vice-presidente, Mabel Leoz, remetem a uma nova realidade, a transferência dos atributos conferidos a Eva Perón para outras mulheres que atuam no campo político.

Eva falou ‘voltarei e serei milhões’ e neste momento que estamos vivendo os argentinos, acredito que temos milhões de Evitas, que são

as mulheres solidárias, as mulheres que atendem nos “comedores”, que, sem recursos; fazem a comida com o que têm à mão e ajudam as crianças, sobretudo. [...] Lamentavelmente, nossos governos não têm seguido com as políticas implementadas por Eva e Perón, mas hoje temos a esperança de poder reconstruir o país e voltar a essas políticas. Hoje o fazemos, ainda, com muito esforço, sem dinheiro, com a força do pulmão e da solidariedade. Acredito que isto é um problema de Estado que temos que encarar de forma firme para ter futuros adultos sadios. [...] Essas Evas existem; não aparecem na televisão, não estão no poder, mas todas essas Evas, essas milhões de Evas são a Margarita Barrientos, dos “Piletones”, as dos “comedores, todas essas mulheres que, sem recursos, fazem o que podem, que trabalham como trabalhou Evita. (Mabel Leoz, comemoração 26/7/03).

As “novas Evas” é uma construção lingüística que aparece, uma vez ou outra, sempre que, no imaginário argentino, associam-se alguns traços de mulheres à figura de Eva Perón. Os meios de comunicação têm estabelecido essa relação com as esposas dos candidatos à presidência da Nação, ou com mulheres que ocupam cargos no gabinete nacional. Essas palavras acarretam uma forte carga de expectativas no que diz respeito à candidata a sucessora. E, sobretudo, essas palavras configuram uma noção de ordem, uma linguagem que, no discurso, demonstra relações de poder. Pela perspectiva de Foucault (2001), haveria toda uma tecnologia da organização e uma ideologia associadas à formulação das idéias. Idéias que respondem a interesses de determinados grupos. No caso do peronismo, o interesse de reviver, nas “novas Evas”, o poder de convocação e de sustentação que a imagem de Eva proporciona. Com um símbolo vivo renovando-se constantemente, o partido também se mantém vivo.

Assim como as piqueteiras deixaram claro, publicamente, durante a comemoração, seu repúdio às mulheres que ocupam cargos como funcionárias públicas, e às que não respondem a seus pedidos, ainda que mulheres, no cemitério, um grupo de mulheres discute e deixa claro que essas Evas não são as mulheres dos ex-presidentes, e nem do atual. Repudiam, por uma ou outra razão, a ex-esposa de Menem, até as outras esposas de presidentes ou candidatos peronistas.

Significativamente, “as novas Evas” aparecem hoje, nas falas cotidianas, assim como vimos no cemitério e nas comemorações piqueteiras (Capítulo III), como aquelas mulheres pertencentes a bairros populares, que trabalham em

suas comunidades, algumas delas sem receber salários, solidárias, sensibilizadas pelos problemas de seu bairro, mas também com seus próprios problemas. Essas Evas valorizadas são as Evas que exercem certo tipo de liderança, na medida em que estão nas bases, nos comedores populares, nas panelas populares, no contato direto com os vizinhos e com a pobreza. Não estão em cargos institucionais, nem em cargos de decisão, mas, na maioria das vezes, são cargos ganhos pela confiança e pela capacidade de liderar determinadas situações.<sup>96</sup> São poderes localizados em seus lugares de controle: seus bairros. As formas de desenvolvimento dessas mulheres se dão por meio do apelo a formas coletivas de resolver as situações urgentes, surgidas como consequência da prolongada crise econômica argentina.

Mas essas ações, não obstante portarem todo o simbolismo do maternal, abrem possibilidades para o exercício de outras funções e outros poderes. Não obstante o simbolismo do maternal e as conotações associadas a essa missão, tais ações abrem possibilidades para o exercício de outras funções, outros poderes, conduzindo a um processo de construção de relações sociais de gênero, a partir dessas articulações.

Entre as autoras feministas que tratam das ações das mulheres na política, María Luisa Tarrés (1989) traz alguns elementos conceituais para compreender as diversas formas da ação política feminina na América Latina, já que as características dessas mobilizações e a falta de estudos que as analisem, superando os argumentos sobre a reprodução do papel maternal das mulheres nos movimentos sociais, conduzem à necessidade de se utilizarem ferramentas analíticas que possam ir mais além da dicotomia entre público e privado. Essas ferramentas nos permitem considerar que as mulheres não só se mobilizam em momentos qualificados como “críticos”, ou a partir do papel de mães: “com esse argumento, não se consegue explicar o grau de compromisso

---

<sup>96</sup> É preciso diferenciar as mulheres que coordenam esses comedores populares das mulheres que, como contraprestação do Plano Trabalho, têm como tarefa fazer a comida que se distribui.

com que elas se manifestam sobre certos temas e reivindicações e nem o seu alto nível de organização quando atuam em política.”<sup>97</sup> (TARRÉS, 1989, p.206).

Portanto a noção, utilizada pela autora (TARRES, 1989), “campo de ação feminino”, traz a idéia de situar tudo aquilo que está entre o público e o privado e que, de fato, tem grande influência nos processos sociais e políticos. O “campo de ação feminino refere-se a todas aquelas organizações que não pertencem ao institucional, mas que exercem poder local e controlam diferentes áreas de seu espaço cotidiano” (MONTECINO 1997, p. 79). Destarte, essa noção nos permite resgatar ações políticas femininas que superam as esferas do doméstico, mas que não têm acesso ao poder político formal, e que, pelas características do contexto de ações pulverizadas de sobrevivência e protesto, como no caso da Argentina, do Chile e de outros países latino-americanos, as ações políticas das mulheres têm se valido da alegoria da mãe, tanto em mobilizações reivindicatórias como nas de sobrevivência: “mães de praça de maio”, “coordenações de comedores populares”, “mulheres piqueteiras que atendem os comedores” etc. Diz Montecino (1997, p. 97): “tratar-se-ia de um lócus de aparição que é a interseção do privado com o público e, desse modo, estaríamos em um novo espaço de onde se gera poder”.

Nesse sentido, as ações das mulheres, nos comedores populares, articuladas à rede de forças sociais e das atuais formas de ação social (recuperação das fabricas, comedores piqueteiros, micro-empresendimentos), erguem-se como a possibilidade de construção de espaços de poder.

Para as mulheres, a rua é um espaço de sentidos. Na rua, a mulher conecta-se com uma pluralidade de outros, com um espaço da sociabilidade cidadã, que lhes permite relacionarem-se com instituições, com serviços, com o Estado, ou seja, encontrarem uma linguagem diferente da doméstica. De modo significativo, essas relações representam, para as mulheres que transitam no campo popular, lugares de apropriações culturais, espaços de luta e de se

---

<sup>97</sup>Tarrés (1989) sustenta que as mulheres que se mobilizam no sistema político geralmente têm experiência prévia de participar de organizações sociais e culturais (comunidade, escola dos filhos, organizações voluntárias etc.).

sentirem como sujeitos de construção social. O político aparece, então, como um campo conquistado.

Com certeza, existem debates e discussões em torno do tipo de ação social (assistencialista ou de promoção humana) que ocorre nesses lugares e que se articulam em torno da urgência. Debates que não podem ser contemplados nesta pesquisa, mas podem ser tratados como representações do que é esperado das 'novas Evas' em relação à figura de Eva Perón, justamente porque um dos eixos dos questionamentos à figura de Eva Perón é o assistencialismo exercido por ela.

Comentava-se o seguinte: que as mulheres dos peronistas repetem o mesmo paradigma em que se encontrava imersa Eva. Todas "fazem justiça social", Isabelita, Chiche Duhalde, até igualam-se a Eva na forma física (todas loiras), não mudaram o paradigma, não puderam evoluir. Por quê? Não sei. Em sua época, o que Eva fez esteve, mais ou menos, dentro do contexto social e de acordo com as necessidades da gente. Agora, já não se pode fazer assistencialismo. Nenhuma das novas Evas são trabalhadoras sociais (Guadalupe, 30 anos, agrônoma, independente).

Ou como diz Laura:

Eu insisto, acredito que todas as mulheres que estamos em atividade política nos vem um pouco de Eva. Eu sempre digo, quando algumas pessoas vem a pedir-me alguma coisa: 'Eu não sou Evita'... Porque Evita presenteava coisas e eu, pela minha orientação, não faço isso... Mas as vezes penso... Como gostaria ter algumas coisas de Eva, por exemplo, ter como ela toda a segunda linha debaixo do pé... Há que ter muito ovário para conseguir isso!!! (Laura, 39 anos, radical)

As mulheres entrevistadas, envolvidas em ações políticas, mostram-se orgulhosas e contentes com a atividade política que desempenham.

No caso das mulheres piqueteiras, elas se mostram orgulhosas em dois aspectos. Por um lado, pela luta que levam adiante e, nesse sentido, a palavra *luta* aparece reiteradamente nas falas, tomando parte da linguagem e da ação cotidianas. E, por outro lado, aquelas que são dirigentes, três das quatro entrevistadas, ficam envaidecidas pelas tarefas diferenciadas que realizam, de coordenação e de tomada de decisões na comissão diretiva, demonstrando seu prazer por essas tarefas, não importando o que seus companheiros homens possam dizer ou pensar delas quanto ao papel que desempenham e a forma pela qual são apresentadas, como "As bravas mulheres que mexem as panelas todos os dias".

Nos grupos piqueteiros, as mulheres representam o grupo mais numeroso (YOUNG; GUAGNINI; AMATO, 2002). Em geral, são as mulheres que se aproximam do grupo piqueteiro para pedir ajuda quando seus companheiros ou elas ficam sem trabalho.

A contraprestação de 4 horas diárias de trabalho, em troca dos 150 pesos do Plano Traballar, exige das mulheres a realização de tarefas como cozinhar e limpar, tarefas, como já vimos, tipificadas como extensão das atividades do lar, o que corresponde ao modelo patriarcal capitalista de divisão sexual do trabalho. Mas todas são convocadas a participar de outras atividades, tais como assembléias, piquetes e iniciativas cooperativas. Nos espaços de assembléia, ainda que nem sempre sejam totalmente participativos, traça-se o rumo do grupo e votam-se todas as decisões. Portanto, esses são espaços políticos de enorme valor no processo de tomar consciência da luta política das mulheres. Elas saem de suas casas por necessidade, e, no grupo, encontram toda uma estrutura que as estimula pensar em uma transformação política, como mostram os depoimentos:

Para mim, foi difícil, quando perdi o trabalho tive que sair e pedir, porque antes estava numa boa posição e tive que vir pedir aqui. Agora não, agora sei que tenho que lutar. [...] Cada um aqui tem uma tarefa e temos que fazê-la. De uma coisa cotidiana, de estar todos os dias criando os filhos, e daí você não sai. Começamos nosso micro-emprego, de auto-emprego, uma padaria para fazer pães, biscoitos. Estamos comprando as máquinas com um empréstimo que o governo nós deu. Isso nos dá a possibilidade de emprego não? [...] Quando meu filho me perguntar algum dia, o que você fez, eu vou posso lhe dizer: perdemos, mas eu estive nessa luta. (Catalina, 44 anos, piqueteira).

Quando ingressei aqui, senti uma necessidade de ser eu, de lutar, de ter algo (Marta, 35 anos, piqueteira).

São as mulheres também que estão nas primeiras filas dos piquetes e aquelas que ocupam, geralmente, a segunda linha de direção dos grupos e das bases. Alicia explica que, dentro da Comissão diretiva, de um total de 30 delegados, 9 são mulheres. Para elas, é uma porcentagem boa, visto que, quando ingressaram, era muito menor o número. Parece que, no processo de consolidação, foram se acrescentando as oportunidades de participação das mulheres nos lugares de maior poder.



Se bem que a luta das piqueteiras seja uma luta de classe, é um processo interessante para pensar futuras lutas pela igualdade nas relações de gênero. De fato, elas trazem falas com impressões autovalorativas de si próprias nessas relações.

Somos as que mais gritamos nas manifestações. E, isso dá um animo muito grande, porque o homem também se anima. Ao ver a mulher assim, o homem também se anima, porque você viu, os homens são mais assim (faz gestos com a mão indicando mais ou menos). Nós somos mais decididas. Temos esse dom de decidir mais (Alicia, 41 anos, piqueteira).

Aqui temos muitas mulheres que têm muita força, muitos desejos de mudar para algo melhor, de trabalhar. Há companheiras muito trabalhadoras, com muitos desejos de continuar com a luta para o bem de todos e todas. (Marta, 35, piqueteira)

Catalina nasceu em Corrientes, tem 44 anos, vive em Buenos Aires há três anos, chegou à cidade grande por necessidade. Tem seis filhos e dois netos. Catalina diz: “Eu gosto de integrar-me, interessar-me por tudo, saber um pouco mais de tudo; estou calada, mas gosto de observar”.

Marta tem 35 anos, é mãe de quatro filhos e membro da Comissão Diretiva, participando, todas as terças, das reuniões dessa comissão; trabalha na Comissão de Empregos e na administração dos Planos Trabalho, tendo sido escolhida para essa função pela votação de seus companheiros e companheiras, numa assembléia do comedor e, segundo disse, quando se tornou chefe de família, deu-se conta de que ela “era também parte desta luta”.

Alicia, 41 anos, também é membro da Comissão Diretiva e da Comissão de Emprego, mãe de quatro filhos, e diz: “Nós realmente o fazemos para uma mudança, não queremos continuar como estávamos antes”



Mulheres piqueteiras, junto à pesquisadora, 10/11/03

Nadia, 29 anos, dirigente piqueteira, foi estudante de comunicação. Começou a militar na Universidade e, a partir daí, participou da ocupação da fábrica de vinhos Giol em 1994. Posteriormente, ela participou na fundação do Comedor Los Pibes.

Pertence ao grupo de líderes de primeira linha dentro do Movimento piqueteiro. Nadia expressa: “Eu estou aqui porque resolvo o de hoje, mas também estou comprometida com uma luta que vai mais além do hoje. Temos que fazer uma transformação de fundo”.

Todas elas mostram elementos para pensar em um fazer político, estruturando-se nos poderes que estão a seu alcance.

Assim como as mulheres piqueteiras, também as mulheres peronistas contemporâneas de Eva Perón mostram a faceta ativa de sua atuação política. Há 51 anos continuam fazendo política.

Eusebia, 84 anos, aposentada, cabeleireira, recebeu de sua Unidade Básica um diploma de “Honra ao mérito”, pelos 55 anos de militância. Eusebia dedicou-se, durante os primeiros anos, à construção do Partido Peronista Feminino (PPF), participando das atividades da Unidade Básica Feminina em Comodoro Rivadavia. Costurava roupas, preparava as entregas de vestidos e comidas. Foi Secretaria Geral do PPF, na Província del Chubut.



*Eusebia, 30/10/2003*

Eusebia diz, na entrevista:

Sinto que temos trabalhado por algo muito nobre para o povo. Isto tem muitos significados belíssimos, porque o que se tem feito com o peronismo tem sido trabalhar pelo povo. Temos feito de tudo, pintar paredes, conceber campanhas...Tem sido muito bom fazer política. Trabalhávamos como malucas, porque isso era o que gostávamos e víamos que isso era o que necessitavam os argentinos.

Eusebia conta que, no dia em que viajaram a Buenos Aires para participar do ato de lançamento da candidatura a vice-presidente de Eva Perón, “as pessoas gritavam das sacadas dos apartamentos: “Suas sujas! Vão limpar suas casas, em vez de fazer política aqui!”. E nós lhes cantávamos, “Contrario<sup>98</sup>, não tínhamos te dito que com Perón não se podia!!! (ri a gargalhadas). Nós, mulheres, somos mais bravas para essas coisas!.. Que tempos aqueles!”

Adela, 82 anos, nascida em Córdoba, professora de datilografia, foi uma das mulheres que tinha como missão registrar e documentar as mulheres da cidade de Córdoba, logo após a regulamentação da lei 13010 do voto feminino. Atualmente, faz parte da corrente peronista 8 de outubro.



Adela Díaz, 10/9/2003

É membro da comissão que está discutindo o projeto de *lei do Idoso* e colabora com o grupo de mulheres da UATRE (União Argentina de Trabalhadores Rurais e Estivadores). Desde os 18 anos é peronista. Adela diz que faz política porque gosta: “Eu adoro a política”.

Eva tem 77anos, é peronista há 55 anos, também recebeu o diploma pelos 55 anos de militância. Desde jovem, militou no Partido Peronista Feminino com sua mãe. Durante os 55 anos de militância, participou ativamente das campanhas, convocando os vizinhos, distribuindo folhetos. Durante os governos peronistas, encarregava-se das necessidades do bairro e diz que nunca ocupou um cargo na estrutura partidária. Hoje, continua freqüentando a Unidade Básica. Afirma sempre ter gostado da atividade política. Tinha de caminhar muitos quilômetros para conseguir afiliados para a causa. Ainda hoje, passa muitas horas fora de casa para participar das atividades do partido: “Enquanto as pernas deixarem, eu vou seguir” diz.

---

<sup>98</sup> Em espanhol, a expressão é “contreras” quer dizer uma pessoa que sempre se opõe a tudo.

Carmen, 69 anos, diz que era muito jovem quando Eva faleceu, mas chorou muito nesse dia. Já era peronista nessa época. Quando entrevistada, Carmen era candidata a vereadora pelo partido peronista. Suas tarefas são, sobretudo, comunitárias, trata de resolver as dificuldades de seus vizinhos. Carmen também escreveu um livro de poemas dedicado a Eva Perón e, durante as campanhas, escuta-se sua voz de tango, através dos alto-falantes, já que colabora elaborando as mensagens partidárias.

Ana, ex-deputada do grupo das primeiras deputadas do PPF, foi delegada de Eva pela província de Tucuman, esteve três anos na prisão durante o governo militar de 1955, pertenceu à resistência peronista e atualmente participa de um grupo que resgata a memória do peronismo, e que divide entre seus membros a tarefa de levar flores e acender uma vela no túmulo de Eva Perón um domingo por mês. Diz que “voltaria a fazer tudo que já fez.”



Ana Macri, 12/09/2003

Héctor e Graciela trazem algumas lembranças sobre essas primeiras mulheres políticas:

Quando, 20 anos depois, você via essas mulheres, que saíam às ruas a lembrar a Eva nos atos clandestinos, e eram perseguidas pela polícia. E eu ria, porque elas iam com uma sacola e, se lhes perguntávamos o que levavam ali, elas diziam que levavam roupa, porque sabiam que, de outra forma, iriam direto para a Comissaria e passariam de 48 a 72 horas pressas. (Héctor, 41 anos, peronista)

Elas sempre estão muito arrumadas; contam que Evita lhes pedia que sempre estivessem maquiadas e arrumadas. (Graciela, 50 anos, peronista)

Eram mulheres muito honestas; quando foram detidas e investigadas, não puderam provar nada contra delas. A comissão investigadora não pôde provar o que se dizia, tendenciosamente, que tinham roubado. (Pablo, 35 anos, peronista)

São mulheres singulares no contexto político argentino. Ingressaram nele quando ainda era território exclusivo dos homens e transitaram num contexto de extrema violência.

Poderia citar outras entrevistadas, mas o significativo, em todas elas, é que, embora sendo grande a diferença de idades entre peronistas e piqueteiras, emerge, em todos esses depoimentos, a satisfação pela oportunidade conquistada, em termos da experiência de participação num projeto comum, o que lhes permitiu tomarem consciência de sua força. A doutrina peronista, para umas, e a ideologia piqueteira, para as outras, permitiu que se descobrissem em outras fases da luta, anteriormente não pensadas por elas e para elas; quer dizer, a luta teve um enorme significado para as suas existências.

Os centros de ação comunitários, assim como as antigas unidades básicas femininas, permitem-lhes desenvolver uma identidade coletiva com outras mulheres, e essas atividades também dão visibilidade social ao público num âmbito – o público – que se manteve e ainda hoje se mantém quase inalcançável para muitas mulheres. Parafraseando Arendt (2001), o político gera espaços de aparição.

Quiçá poderíamos dizer, em função das subjetividades de mulheres políticas aqui citadas, que “as novas Evas” são aquelas que têm se atrevido a transitar nos distintos espaços de poder e a empreender suas lutas em outros espaços par além do doméstico.

Com letra de tango, saudamos aqueles milhares de mulheres que nem sempre aparecem em nossos livros, mas que construíram a história e a cultura para nós, como a mãe solteira de Sarmiento: tantas Alfonsinas, Mercedes, Libertades, e as Evas, Eva Duarte de Perón, ou Eva Giberti. Todas as nossas queridas Evitas que, armadas só de lenços brancos, dão a volta semanal pela Praça de Maio, reclamando justiça e verdade para todas e todas.

Mensagem emitida por *FM del Mar*, no dia 8 de março de 2005, enviada via e-mail por Marta Zabaleta.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Para entender as representações atuais sobre Eva Perón, este estudo tem origem em duas idéias fundamentais: a primeira diz respeito à importância de relacionar essas representações com o seu contexto de produção, e a segunda incorpora a noção de construção de uma personagem, como uma construção simbólica, revestida de qualidades, a partir de diferentes interpretações e expectativas.

Sobre o primeiro aspecto, levando em conta que as representações sociais são produzidas pelas condições concretas de existência das sociedades e pelas atividades de reinterpretação contínua dessas representações no espaço de interação (SPINK, 1999), o estudo resgata um determinado contexto social, político e econômico da Argentina em que as representações sobre Eva Perón começaram a ser produzidas, trazendo de volta o passado, a década de 1940 e os principais *corpora* de idéias hegemônicas que moldaram essas representações nesse contexto. Entendendo também que essas representações passam por um processo histórico de mudanças, esta pesquisa analisa o contexto atual de reatualização dessas representações.

O estudo mostra a década de 1940 como um período de grandes transformações políticas, sociais e econômicas, geradas, principalmente, pelo processo de industrialização, que se iniciou em torno de 1930 e acelerou o processo migratório do interior argentino para o centro industrializado de Buenos Aires, pelo intenso processo de urbanização, e pelas medidas econômicas intervencionistas. Todos esses elementos geraram uma série de situações sociais e propiciaram o surgimento de novas figuras sociais, “os cabecitas negras”, os quais ocupavam um espaço real dentro da estrutura social, mas eram alvo de um processo de estigmatização simbólica, conferida no confronto de forças e posições sociais dos circuitos de violência que circulavam nos estratos sociais.

A crise política e a interferência das forças armadas no governo, a posição do governo militar diante da segunda guerra mundial, a liderança de Juan Domingo Perón e a relação carismática mantida por ele com as massas populares marcaram um período de turbulências políticas, que culminaram com sua ascensão ao poder. Com ele, emerge uma aliança entre classes sociais, como explicam Murmis e Portantiero (2004), com um Estado de Bem Estar populista e uma acelerada mobilização das classes sociais e de novos atores políticos, “os descamisados”. O novo faz-se presente nas relações sociais e políticas argentinas.

Por outro lado, o estudo mostra as mulheres, nesse período, com um papel socialmente restrito ao cuidado do lar e da família, uma vez que os princípios vitorianos regiam as práticas sociais. Os esforços transgressores desse papel a elas atribuído eram levados a cabo pelas mulheres feministas sufragistas, as quais, através de um longo processo de lutas, reivindicaram, num primeiro momento, os direitos civis e, posteriormente, os direitos políticos: de votar e ser eleitas.

Nesse contexto, surge, na cena política e social, a figura de Eva Perón, que assume funções políticas ainda que não institucionalizadas, extraordinárias para sua época, mas aceitas socialmente por um grupo de pessoas adeptas das idéias peronistas, nesse contexto de mudanças.

Eva Perón aparece, em alguns momentos, transgredindo os paradigmas vigentes para as mulheres da época, e, em outros, reforçando o lugar de subalternidade da mulher. A partir desses aspectos transgressores, Eva Perón entra na cena política, promovendo a mobilização e a participação das mulheres, criando o partido peronista feminino, comunicando-se com os sindicatos e neles representando Perón, realizando discursos políticos, representando Perón perante países da Europa e sendo membro do Conselho do Partido Peronista, partido que recebia as intenções de votos de mais de 60% da população. Essas funções, impensáveis para mulheres da época, outorgam-lhe um enorme poder político, exercido na esfera não institucional. Seu não reconhecimento institucional reforça, de fato, a reprodução da ideologia da feminilidade, segundo a qual as mulheres ocupam lugares de menor prestígio social.

Por outro lado, Eva Perón é apresentada como a mãe espiritual de todos os descamisados, crianças, mulheres e velhos, e, em seus discursos, incentiva as mulheres a optarem pelo cuidado do lar. Deixa clara a sua postura com relação ao voto, mas mobiliza as mulheres a votar em Perón, atacando com fúria as feministas da época.

A morte repentina de Eva Perón e seu estreito vínculo com as mulheres das classes populares, com os descamisados e os humildes do país, reafirmam um simbolismo construído, já em vida, em torno de sua pessoa, indicando aspectos identificadores de classe e contribuindo para a elaboração da mitogênese de uma figura congelada no tempo.

Nos anos posteriores à sua morte, novos traços vão se juntando a essa figura. Eva Perón converte-se, na década de 1970, no “símbolo da luta” do grupo armado peronista, “os montoneros”. Nesse período, a figura de Eva sintetiza uma série de simbolismos ligados à luta do grupo, simbolismos associados ao retorno da democracia, ao retorno de Perón ao país, à recuperação do “corpo-ideia” desaparecido e à vingança por atos praticados pela ditadura. A figura de Eva Perón foi crescendo no tempo, à medida que se lhe iam incorporando esses novos atributos: de “abanderada dos humildes” da década de 1950, converte-se na “Evita revolucionária” dos montoneros, em 1970.

O contexto atual argentino é caracterizado por uma profunda crise econômica, política e social, produto de uma história de instabilidade política de ditaduras pós 1955, da aplicação sem questionamentos de modelos econômicos do Fundo Monetário Internacional (FMI), do endividamento externo iniciado durante os governos militares e da corrupção política que aumenta nesses governos. Esse contexto levou a população a uma situação de pobreza e desemprego nunca antes registrados, e é um campo fértil para o reaparecimento da figura de Eva Perón como a imagem de uma figura política salvadora.

Como aparece na pesquisa, nos dois grupos pesquisados (peronistas e piqueteiros da FTV), Eva Perón é um símbolo que adquire, no tempo, novos



atributos que valorizam os já existentes e que a colocam em lugar privilegiado na estrutura política.

É assim que, nos dois grupos pesquisados, Eva representa a luta contra as estruturas vigentes: contra o modelo neoliberal, contra a globalização, contra a corrupção política e pela defesa do nacional. Mas, no âmbito grupal, ela representa o ideário do trabalho, da dignidade do trabalhador e da justiça social. Portanto, os atributos que se conferem a essa figura é de um ser não corrupto, valente, forte e independente, atributos considerados socialmente como masculinos.

Porém existem algumas diferenças entre os dois grupos.

No caso dos piqueteiros – um dos novos grupos de atores sociais –, eles são mostrados, na pesquisa, lutando contra o contexto de exclusão que gerou sua situação de desemprego e pobreza. Em sua luta reivindicativa, Eva é o símbolo da luta popular e da construção de uma nova sociedade, é uma Eva forte, combativa, guerreira e comprometida com a causa dos pobres. Desse modo, identificações de classe estão presentes nesse resgate de sua figura.

Eva é escolhida pelo grupo como um símbolo que “não apresenta contradições”, porque não promove rejeições em geral, como acontece com outras figuras, como Perón ou Che Guevara, os quais, também valorizados significativamente, são identificados com linhas partidárias, e esse fato produz certas confrontações ideológicas no interior do grupo.

Nos peronistas, a personagem de Eva Perón recompõe-se através de fragmentos resgatados e lembrados, os quais respondem ao corpo de subjetividades dos sujeitos que dela se lembram. Assim, aparece como guia, pastora, modelo a imitar, transgressora, mãe forte, produto de Perón, revolucionária, figura salvadora, dentre outros atributos. São múltiplas as interpretações que aparecem nas falas rememorativas, que se diferenciam dos discursos “comemorativos” dos diferentes grupos e que despontam com uma matriz discursiva básica e mais homogênea. Como vimos no texto, o ato de rememorar compreende um processo de reinterpretação individual, ao passo que, uma comemoração requer um trabalho de construção de uma memória coletiva, de uma seletividade de valores. Na evocação do passado, os

narradores o recriam a partir de seus próprios interesses e de suas expectativas no presente.

Nesse sentido, a comemoração constitui um “reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade, constituindo-se no objetivo principal.” (RODRIGUEZ, 2002), como ocorre com as comemorações do mito de Eva pelos peronistas no cemitério, onde aparece sua figura ligada a todos os atributos construídos na década de 1950, com o propósito de ressaltar a figura “da mãe santa”.

Outro dado interessante que aparece na pesquisa, nos depoimentos não peronistas (radicais e comunistas), diferentemente dos discursos não peronistas (anti-peronistas) da época de 1950, é o resgate de alguns traços positivos da figura de Eva Perón, tais como a transgressão a determinados moldes da época, a mobilização das mulheres e o seu trabalho para a conquista do voto feminino.

Eva Perón aparece significativamente “viva” na memória. Na dos piqueteiros, resgata-se o seu ideário; na dos peronistas, apresenta-se a sua figura como um ser imortal. Para os peronistas, o resgate de Eva representa o retorno ao velho peronismo; para os piqueteiros, significa um projeto que considera a sua inclusão social e política. Eva é recuperada, assim, por um grupo de organizações populares que têm como projeto criar um novo movimento, o “movimento territorial”. Portanto, sua figura, na atualidade, está ligada ao novo e, com isso, à luta.

Eva manifesta-se, também, nas três comemorações e nas entrevistas, como uma presença restauradora da ordem social, ocupando a acefalia da representatividade política nos piqueteiros; ou, como no caso dos peronistas, invocada toda vez que os políticos fracassam. É uma presença restauradora, associada, em termos simbólicos, com a figura da mãe que retorna em épocas de crise. Apesar de todos esses atributos fortes, paradoxalmente, a valorização de Eva continua sendo a da figura ligada aos sentimentos, às emoções e ao poder não institucionalizado, valorizando-se sua atitude de lealdade, sem

questionamentos quanto às relações de gênero que estruturaram essa posição, considerando esses atributos como inerentes ao ser feminino.

Essa valorização no plano não institucional e a associação às atividades ligadas ao papel materno de cuidar dos outros são aspectos transferidos às mulheres que atuam em política. Como vimos, esse é o lugar valorizado que se confere às mulheres dos comedores populares, militantes das bases. O “cuidado com os outros” parece ser uma barreira que separa as mulheres das bases populares e as mulheres funcionárias. Dessas essas mulheres funcionárias, reclama-se o cuidado com os outros, mas não é só isso: é também a representatividade de gênero e de classe social. Portanto, o repúdio às mulheres que participam e ocupam lugares de destaque na política se manifesta nas lutas pelo poder político.

Vimos a luta das mulheres para aproximarem-se ao espaço de poder, simbolizado pelo microfone. Essas mulheres não cruzam os braços, continuam travando batalhas para o seu reconhecimento e o seu acesso qualitativo a esses espaços públicos que lhes foram negados historicamente. Paralelamente, no estudo, analisa-se a importância de as mulheres saírem do espaço doméstico. Ainda que executem, nas suas comunidades, tarefas como extensão do lar, esses encargos não deixam de ser uma grande possibilidade para a construção de poderes. Isso porque se deve considerar que essas mulheres estão inseridas em grupos partidários (as peronistas) e em um movimento organizacional dos grupos de base, no caso das piqueteiras, os quais, na busca de cobrir as pluralidades das demandas, representam uma estrutura importante na trama política e social. É nesses espaços que as mulheres têm encontrado formas significativas de participação e de assunção do poder.

E é nesse espaço que a figura de Eva é significativa e é reconstruída como um símbolo de luta. Ali é onde as mulheres pesquisadas mostram ter como referência a figura reatualizada de Eva Perón. A construção da figura Eva constitui-se num modelo para elas. Sua voz, sua forma de falar em público, sua forma de dirigir-se a elas como suas interlocutoras (que geram a certeza de sentirem-se incluídas como classe e como mulheres), sua figura física, sua

pele, suas idéias (em menor proporção) – todos esses traços são fundamentais para a construção do próprio caminho político.

As implicações dessa relação podem ser medidas em termos simbólicos, como um poder sagrado. A força dessa relação estabelecida, como mulher forte e lutadora, sugere significados importantes para as mulheres transitarem em espaços de luta política.

Essa potência simbólica, como mostra o estudo, impede os grupos de pensarem a figura de Eva em termos de figura histórica, contraditória e condicionada pela época.

Algumas falas que se repetem dão conta desse fenômeno, que opera no nível simbólico: “Apesar da passagem dos anos, ela segue sendo fresca, limpa e muito mais revolucionária” (Dante G, resistência peronista); “Hoje eu a quero mais que quando trabalhava com ela.” (Ana Macri, 75 anos, peronista); “A imagem supera a própria figura real, e até, é mais do que foi.” (Lito Borelo, líder piqueteiro, 44 anos). Sobretudo mostram que a figura simbólica vai se separando da figura histórica, e vai crescendo em dimensões que ultrapassam a verdade histórica.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, R. Entre a Nação e a alma: quando os mortos são comemorados. In: *Estudos Históricos*. Vol. 7. n.14, Rio de Janeiro, 1994.
- ACHA, Omar. Catolicismo social y feminidad en la década de 1930: de “Damas” a “mujeres”. In: *Cuerpos, géneros e identidades*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2000.
- ARENDT, Ana. *Qué es la política*. Barcelona: Paidós. I.C.E/U.A.B., 2001.
- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado. O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BALANDIER, Georges. *Antropología política*. Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 2004.
- BANCO MUNDIAL. Informe No. 26127-AR. Argentina – Crisis y Pobreza 2003. Informe de Evaluación de la Pobreza. Volumen I: Informe Principal 24 de Julio de 2003. Reducción de la Pobreza y Gestión Económica Región de América Latina y el Caribe
- BARRANCOS, Dora. *Inclusión-Exclusión: Historia con mujeres*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- BARREIRA, Irllys Alencar F. Política, memória e espaço público. A via dos sentimentos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 16. n.46, ANPOCS. São Paulo, 2001.
- BARRY, Carolina. *Partido Peronista Femenino. La organización total. 1949-1955*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Investigaciones Históricas Eva Perón, 2001.
- BASCHETTI, Roberto. *Documentos de la resistencia peronista*. Buenos Aires: Colección de la Campana.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo. A experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martin Fontes, 1999.
- BIANCHI, Susana; SANCHIS, Norma. *El Partido Peronista Femenino*. Primera Parte (1949/1955). Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988a.
- \_\_\_\_\_. *El Partido Peronista Femenino*. Segunda parte (1949/1955). Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988b.
- BIANCHI, Susana. Las mujeres en el peronismo (Argentina, 1945-1955) In: DUBY, G. e PERROT, M. *Historia de las mujeres en Occidente: El siglo XX*. Tomo 5. Ed. Taurus: Madrid, 2000.
- BIOGRAFIAS CARPANI in: <http://www.buenosairestango.com>.

- BORRONI, Otelio & VACCA, Roberto. *Eva Perón. Vida y milagros de nuestro pueblo*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1970.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Razões Práticas. Sobre a teoria da ação*. 4 ed. Campinas. São Paulo: Papyrus, 2003.
- BRITO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *Cadernos Pagu* (13), São Paulo, 1999.
- BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CAILLÉ Alain. *Antropologia do Dom: o terceiro Paradigma*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- CALVERA, Leonor. *Mujeres y Feminismo en la Argentina*. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1990.
- CARDOSO, Irene. *Narrativa e história*. São Paulo: Tempo Social. 12 (2), p. 3-13, nov. 2000.
- CASTIÑEIRAS Noemi. *Ser Evita*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Investigaciones Históricas Eva Perón, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Fundación Eva Perón*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Investigaciones Históricas Eva Perón, 2001.
- CHAUÍ, Marilena. Participando do Debate sobre mulher e violência In: *Perspectivas Antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- CHEMAMA, Roland. *Diccionario de psicoanálisis: diccionario actual de los significantes, conceptos y matemas del psicoanálisis*. Buenos Aires: Editores Amorrortu, 1998.
- CLARÍN. El gobierno no logró persuadir a los piqueteros duros. In: <http://www.com/diario2004/06/22/um/m-781780.htm>.
- \_\_\_\_\_. Coparon una comisaria de la Boca por el crimen de un dirigente piquetero. In: <http://www.clarín.com/diario/2004/06/26/um/m-784187.htm>.
- \_\_\_\_\_. Acto de piqueteros oficialistas y dirigentes transversales. El Kichnerismo se laró en el Luna. <http://www.clarín.com/diario/2004/10/13/um/m.htm>.
- CLARÍN. Eterna en el recuerdo de su Pueblo. Consejo del Partido justicialista de la Pcia de Buenos Aires, 26 de julio de 2003.
- \_\_\_\_\_. “Donde hay una necesidad hay un derecho”.Eva Perón. Sindicato del Seguro. 26 de julio de 2003.
- CORTIZO, Maria del Carmen. “Desde estos mismos balcones...”. Dissertação de Mestrado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994.

COSTA, Ana Alice Alcântara. *As donas no poder: mulher e política na Bahia*. Salvador: NEIM/ALBa, 1998.

\_\_\_\_\_. Refletindo sobre as imagens da mulher na cultura política. In: FERREIRA, S. L. e ROSENDO, E. *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

CRESNSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, vol. 10. N.1/2002. <http://www.scielo.com.br>. acessado 14/07/2003.

DEMITRÓPULOS, *Libertad. Eva Perón*. Buenos Aires: Centro Editor de Latinoamérica, 1984.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea, *Imagens e Símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martin Fontes, 1991.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. *Mozart. Sociologia de um Gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

\_\_\_\_\_. *Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

\_\_\_\_\_. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

EVENTOS. Junto al presidente Nestor Kichner por uma pátria para todos. Estádio Luna Park. In: <http://www.todo-argentina.net/historia/revmayo/tupacamaru.htm>.

FARR, Robert M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: Guareschi Pedrinho e Jovchelovitch (Orgs.) *Textos em Representações Sociais*. R.J: Editora Vozes Ltda, 1999.

FERNANDEZ PONCELA, Ana M. Participación social y política de las mujeres en México: un estado de la cuestión. In: \_\_\_\_\_. (Comp.). *Participación política. Las mujeres en México al final del milenio*. México: El Colegio de México, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 1999.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FRENTE A FRENTE. Programa televisivo. Canal 9. 21 horas. 27 de Julio de 2003.

GALEANO, Eduardo. El pueblo argentino desnudo de ella. In: GARCIA F; LABADO A, VAZQUEZ, E. (Org.). *Evita Imagens de uma paixão*. São Paulo: Companhia Melhoramentos e DBA Artes Gráficas, 1997.

GAMBINI, Hugo. *Historia del Peronismo: la obsecuencia (1952-1955)*. Buenos Aires: Planeta, 2001.

- GARCIA F; LABADO A & VAZQUEZ, E. *Evita Imagens de uma paixão*. São Paulo: Companhia Melhoramentos e DBA Artes Gráficas, 1997.
- GEERTZ Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A., 1989.
- GERMANI, Gino. *Estructura Social de la Argentina*. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1987.
- GIBERTI. Eva Perón ha muerto. In: <http://www.evagiberti.com>
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GONZALEZ CRESPO, Jorge. *Eva Perón. La primera parte de una vida*. Buenos Aires: Ayer y Hoy Ediciones, 1997.
- GUIMARÃES, Iracema. Desigualdades de Classe e de gênero: Mudanças e permanências. In: COSTA, Ana Alice A.; ALVES, Ivira Iracema (Organização.). *Ritos, mitos e fatos. Mulher e gênero na Bahia*. Salvador: NEIM/UFBa, 1997.
- GUIVANT, Julia Silvia. *Eva Perón e a questão Política feminina na Argentina*. Tese de Mestrado. Campinas, 1980.
- HALPERIN, Paula. Mi mamá me mima. Mujeres, médicas y socialistas en Unión y Labor. In: *Cuerpos, géneros e identidades*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HITE, Katherine. El monumento a Salvador Allende en el debate político chileno. In: Jelin Elizabeth e Langland Victoria. *Monumentos, memoriales y marcas territoriales*. Madrid: Siglo XXI España editores, S.A., 2003.
- JELIN, Elizabeth. El género en las memorias de la represión política. In: Mora: *Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género*. N. 7. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires, 2001.
- JIMENEZ M, Celeste. Alteraciones de los símbolos. [www.ugr.es](http://www.ugr.es) Acessado em 26/08/04.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: Guareschi Pedrinho e Jovchelovitch (orgs.) *Textos em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- KOVACIC, Fabian. Donde hay un piquetero, falta el Estado. In: <http://www.piket.es>. Acessado em 23/12/2003.
- KERGOAT, Danièle. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: Lopes M.J.M, Meyer & Waldow, V.R (orgs.). *Gênero & saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativa*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001.



LACLAU, Ernesto. *Os novos movimentos sociais e a pluralidade do social* Revista *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ANPOCS n.2. ano 1. São Paulo, 1986.

\_\_\_\_\_. *Misticismo, retórica y política*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.

\_\_\_\_\_. Democracia. *Diario la Nación*. Entrevista 27 de julio de 2002.

LAPLANCHE Jean, BERTRAND PONTALIS, Jean. *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona: Editorial Labor S.A., 1977.

LE GOFF, Jacques. *Historia e memória*. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 1994.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução. In MAUSS, Marcel. *Sociología e Antropología*. V. I. Sao Paulo: EPU, 1974.

LUNA, Felix. *Perón y su tiempo II. La comunidad organizada 1950-1952*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 2000.

MAIN, Mary (Flores Maria). *La Mujer del látigo: Eva Perón*. Buenos Aires: Ediciones La Reja, 1956.

MAFUD, Julio. *Sociología del Peronismo*. Buenos Aires: Editorial Distal S.R.L, 1986.

MALUF, S. W. Narrativas de bruxaria e poder feminino. In: OLIVEIRA C. A; BRUSCHINI, C. (orgs.). *Entre a virtude e o pecado*. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 1992.

MARTINEZ, Tomás Eloy. *Santa Evita*. Buenos Aires: Planeta, 1995.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss*. São Paulo: EPU. EDUSP, 1974.

\_\_\_\_\_. *Antropologia*. Org. Roberto Cardoso de Oliveira. Trad. Regina Lucia Moraes Morel, Denise Maldí Meirelles e Ivonne Toscano. São Paulo: Ática, 1979.

MEAD, Karem. La mujer argentina. In: *Cuerpos, géneros e identidades*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2000.

MERCADER, Martha. *Para ser una mujer*. Buenos Aires: Planeta, 1992.

MOAILLES, Martina. Asamblea de los piqueteros que respaldam al gobierno. [http://www.pagina12web.com.ar/diario/el\\_pais/1-37079-2004-06-22.html](http://www.pagina12web.com.ar/diario/el_pais/1-37079-2004-06-22.html).

MONTECINO, Sonia. Palabra dicha: Escritos sobre género, identidades y mestizajes. Colección de libros electrónicos. Facultad de Ciencias Sociales Universidad de Chile. Serie Estudios, 1997.

MOULYNEUX, Maxime. Ni Dios, ni patrón, ni marido. Feminismo anarquista en la Argentina del siglo XIX. In: *La Voz de la Mujer*. Periódico comunista-anárquico. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.

MORAES FERREIRA. Historia oral, comemorações e ética. In. Projeto Historia. *Revista do Programa de Estudos Pós Graduados em Historia e do Departamento de Historia da PUC-SP*. São Paulo: Educ. Editora da Puc-SP, 1981.

- MOSCOVICI, Serge. Prefacio. In: Guareschi Pedrinho e Jovchelovitch (orgs.) *Textos em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- MUNDO ARGENTINO. Buenos Aires, 5 de agosto de 1952.
- MURMIS, Miguel; PORTANTIERO Juan C. *Estúdios sobre los orígenes del peronismo*. BuenosAires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.
- NAVARRO, Marysa. *El feminismo y Evita*. Buenos Aires: Hanover, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Evita*. Buenos Aires: Planeta, 1997.
- \_\_\_\_\_.Desafíos: desde este lado del mundo In: BATAILLE, Philippe; GASPARD Françoise. *Cómo las mujeres cambian la política y porqué los hombres se resisten*. Buenos Aires: Editor de la Flor, 1999.
- \_\_\_\_\_. La mujer maravilla ha sido siempre argentina y su verdadero nombres es Evita. In: NAVARRO, M. (org). *Mitos y Representaciones*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- NEIBURG, Federico. O 17 de outubro na Argentina. Espaço e produção social do carisma. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. ANPOCS. n. 20, ano 7. São Paulo,1992.
- NIETHAMMER Lutz. Conjunturas de identidade coletiva. In: Projeto Historia. *Revista do Programa de Estudos Pós Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. Educ. Editora da Puc-SP. São Paulo, 1981.
- ORTEGA Maruca e RENZIS Miguel Angel. Apuntes históricos. Mensaje al presidente Kirchner. *Revista Fundación Evita*. n.2, año 1. Buenos Aires, 2003.
- ORTIZ, Renato. Durkheim: um percurso sociológico (Apresentação). In: *As formas elementares de vida religiosa: O sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- PAGINA 12. Por Evita, mañana. Por Evita, pero hoy. Organizações políticas y sociales.25 de julio de 2003.
- \_\_\_\_\_.Evita Vive, p.8. Varias asignaturas. 26 de Julio de 2003.
- \_\_\_\_\_.1952-26 de Julio-2003. EVITA, p.9. Sindicato de Luz y Fuerza. Capital Federal. 26 de Julio de 2003.
- \_\_\_\_\_. Evita. p.13. Justicialismo de todo el país y organizaciones gremiales. 26 de Julio de 2003.
- \_\_\_\_\_. Memória Del Fuego: Evita, Moncada. La pátria liberada. p16. MP20. 26 de Julio de 2003.
- PANETTIERI, José. *Los Argentinos: los trabajadores*. Buenos Aires: editorial Jorge Alvarez, 1968.
- PASSOS, Elizete Silva. Reflexões sobre ética e Gênero. In: *Ensaio sobre gênero e educação*. Salvador: Ufba - Pró Reitoria de Extensão, 2001.
- PERÓN, EVA. La ultima voluntad de Eva Perón. Subsecretaria de Informaciones. Presidencia de la Nación. Buenos Aires, 1952.

\_\_\_\_\_. *Evita: Mensajes y Discursos*. Tomo I (años 1942-1948). Buenos Aires: Fundación Pro Universidad de la Producción y del Trabajo e Fundación de Investigaciones Históricas Evita Perón, 1999.

\_\_\_\_\_. *Evita: Mensajes y Discursos*. Tomo II (años 1949-1950). Buenos Aires: Fundación Pro Universidad de la Producción y del Trabajo e Fundación de Investigaciones Históricas Evita Perón, 1999 (a)

\_\_\_\_\_. *Evita: Historia do Peronismo. Mensajes e Discursos* (año 1950). Buenos Aires: Fundación Pro Universidad de la Producción y del Trabajo e Fundación de Investigaciones Históricas Evita Perón, 1999 (b)

\_\_\_\_\_. *La Razón de mi vida*. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1951.

\_\_\_\_\_. *Mi Mensaje. El libro desaparecido durante 32 años*. Buenos Aires: Ediciones del Mundo, 1987.

PERÓN, Juan Domingo. *La hora de los pueblos*. Obras Fundamentales. Buenos Aires: Editora Volver, 1987.

PIQUÈ, Martín. Los transversales K llenaran el Luna Park. In: [http://www.pagina122web.com.ar/diario/el\\_pais/1-42277-2004-10-13.html](http://www.pagina122web.com.ar/diario/el_pais/1-42277-2004-10-13.html).

PLA, Alberto. *Perón: El justicialismo en el poder en Argentina*. Buenos Aires: Centro editor de America Latina, 1985. Serie Historia de America en el siglo XX, fascículo n. 26.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silencio. *Revista Estudos Históricos* vol.2.n.3, Rio de Janeiro, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992.

RAUBER, Isabel. CTA en el corazón de la lucha piquetera en Argentina. <http://www.piketetes.com.ar>. Acessado em 23/12/2003.

RECALDE, Héctor E. *La Protesta Social en la Argentina: desde las primeras sociedades de resistencia al movimiento piquetero*. Grupo Centro Editor Universitario. Buenos Aires, 2003.

RIDENTI, Marcelo. *Classes sociais e representação*. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

ROCHA COUTINHO. As estratégias de controle feminino como resultado do papel e da posição da mulher na sociedade. In: *Tecendo por Trás dos Panos: A Mulher Brasileira nas Relações Familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUEZ, Helenice da Silva. "Rememoração" /comemoração: as utilizações sociais da memória. *Revista Brasileira de História*. v.22. n.44. São Paulo, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando Gênero e Classe In: COSTA, O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SANTOS, Sepúlveda Myrian. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* nº 23 ANPOCS, São Paulo, 1993.

- SANTOS, Sepúlveda Myrian. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas. Alguns problemas teóricos. In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. N.38. Ano 13. ANPOCS, São Paulo, 1998.
- SARLO, Beatriz. *La batalla de las ideas (1943-1973)*. Buenos Aires: Biblioteca del Pensamiento Argentino. Editorial Planeta, 2001.
- \_\_\_\_\_. *La pasión y la excepción*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003.
- SCHPUN, Mônica Raisal, O amor na literatura. Um exercício de compreensão histórica. In. *Cadernos Pagu*. n 8/9.pp.177-209. Campinas, São Paulo: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1997.
- SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS Corpo-Gênero e Cidadania, 1991.
- \_\_\_\_\_. El problema de la invisibilidad. In: SCANDON, C. R (org.) *Género e História*. México: Instituto Mora/UAM, 1992.
- SEBRELI, Juan José. *Buenos Aires vida cotidiana e alienación*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Eva Perón: Aventurera o militante?* Buenos Aires. Editorial La Pleyade, 1971.
- SIDICARO, Ricardo. *Los tres peronismos. Estado y poder económico 1946-55 / 1973-76 / 1989-99*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2003.
- SIGAL, S; VERON, E. *Perón o muerte*. Buenos Aires:, Hyspamérica Ediciones Argentina S.A., 1988.
- SORJ, Bila. Relações de gênero e teoria social. Trabalho apresentado ao Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1993. Não publicado.
- SPINK, Mary J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH (orgs.) *Textos em Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1999.
- STOLCKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade?. *Estudos Afro-Asiáticos*, 20, São Paulo, 1991.
- SVAMPA, Maristela y PEREYRA, Sebastián. *Entre la Ruta y el Barrio*. Buenos Aires. Biblos, 2003.
- TAGLIAFERRO, Eduardo. Fusilaron a un militante de la FTV en la puerta de su casa en la boca."Esto fue un mensaje mafioso. In: <http://www.pagina12web.com.ar/diario/elpais/1-37322-2004-06-27.html>.
- TARRES, Maria Luisa. Más Allá de lo público y lo privado. Reflexiones sobre la participación social y política de las Mujeres de Clase media en ciudad Satélite. In: *Trabajo, Poder y sexualidad*. Mexico: El Colegio Médico, 1989.
- TAYLOR, J.M. *Evita Perón: Los mitos de una mujer*. Buenos Aires: Belgrano, 1981.
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

VAN DIJK, Teun A. Prefacio. In: Iñiguez Lupicinio.(Coord). *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*. Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

YOUNG; GUAGNINI; AMATO, las mujeres empujan y van al frente. Edición especial diario Clarín, 26/12/2002. Año VII. N 2364. in.[www.clarin/old/com/diario/especiais](http://www.clarin/old/com/diario/especiais).

\_\_\_\_\_. La caída de la Rúa. Edição especial diário Clarín. In.[www.clarin/old/com/diario/especiais](http://www.clarin/old/com/diario/especiais).

ZABALETA, Marta. (<mailto:m.zabaleta@mdx.ac.uk>). Para todas las mujeres que escuchan Fm del Mar. 7/3/05.

## ANEXOS

### ANEXO I

#### QUADROS DE DISTRIBUIÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS POR IDADE E POR IDENTIFICAÇÃO POLÍTICA

	<b>20-40</b>	<b>41-60</b>	<b>61-80</b>	<b>TOTAL</b>
<b>HOMENS</b>		7	1	<b>8</b>
<b>MULHERES</b>	4	13	6	<b>24</b>
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>20</b>	<b>7</b>	<b>32</b>

Quadro I - Distribuição das pessoas entrevistadas por idade e sexo.

	<b>Piqueteiros (as)</b>	<b>Não peronistas</b>	<b>Peronistas</b>	<b>TOTAL</b>
<b>HOMENS</b>	2	2	5	<b>9</b>
<b>MULHERES</b>	4	4	14	<b>22</b>
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>19</b>	<b>31</b>

Quadro II - Distribuição das pessoas entrevistadas por identificação partidária

## ANEXO II

### ROTEIRO DE EIXOS MÍNIMOS UTILIZADO NAS ENTREVISTAS

Identificação: nome, idade, escolaridade, posição econômica, sexo.

Como havia chegado ao grupo?

Como havia sido seu processo de chegada ao espaço de luta que ocupava?

Qual era a opinião que tinha sobre Eva Perón?

O que sabe sobre ela?

Como a conheceu?

Através de quem?

Em que momento de sua vida aproximou-se mais da figura de Eva?

Porque o grupo toma como bandeira a figura de Eva Perón?

Que aspectos resgata sobre ela?

Se tivesse de se identificar com uma frase dita por ela, com qual seria?

Em sua prática política, que aspectos inerentes a ela você adota?

Onde, ou em que aspectos, você acredita que Eva se aproxima das mulheres?

E em quais, dos homens?

### ANEXO III

#### PERFIS DAS/OS ENTREVISTADAS/OS CUJAS OPINIÕES APARECEM NO CORPO DA DISSERTAÇÃO.

##### PESSOAS PIQUETEIRAS:

**Marta** – 35 anos, mulher piqueteira, é chefe de família, tem 4 filhos. Ingressa no grupo piqueteiro através de sua ex-sogra. Foi “critério”, dentro da estrutura, e agora é membro da Comissão Diretiva do grupo piqueteiro e da Comissão de desemprego. Entrevista realizada no Comedor Los Pibes.

**Alicia** – 41 anos, mulher piqueteira, tem militância em trabalhos cooperativos realizados em sua cidade de origem. Associou-se ao grupo através do irmão. Tem 4 filhos sob sua responsabilidade. É, como Marta, membro da Comissão Diretiva (delegada) e da Comissão de emprego. Entrevista realizada no Comedor Los Pibes.

**Nadia** – Dirigente piqueteira, pertencente ao Comedor Los Pibes de La Boca, Capital Federal, 29 anos, ex-estudante de comunicação social. Participou da ocupação das vinícolas Giol em 1994. Entrevista realizada no Comedor Los Pibes.

**Catalina** – 44 anos, piqueteira, pertencente ao Comedor Los Pibes. Entrevista realizada em 12/9/03, no Comedor Los Pibes.

**Lito B** – Líder piqueteiro, 44 anos, coordenador do Comedor los Pibes de La Boca e coordenador da FTV Capital. Participou da ocupação da Fabrica de Vinhos Giol, e suas origens políticas estão relacionadas ao Partido Justicialista. Entrevista realizada no piquete e no Comedor Los Pibes.

**Martin** – 43 anos, piqueteiro, coordenador da padaria social, empreendimento do grupo piqueteiro. Assassinado em 21 de junho de 2004. Entrevista realizada no Comedor Los Pibes.



## PESSOAS PERONISTAS

**Carolina** – 26 anos, peronista, estudante de advocacia, foi ao cemitério com o grupo de base do bairro, para comemorar a morte de Eva Perón. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Maria** – 68 anos, peronista, conduzia, espontaneamente, desde o início da comemoração, as rezas e as exclamações de louvores a Eva. Peronista desde jovem, foi formada em enfermagem pela Fundação Eva Perón. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Alberto** – 63 anos. Mesmo durante a comemoração, prefiro identificá-lo pela sua profissão, “o historiador de Gardel”, como ele se apresentou, e pela característica de seu ‘ar de tango’ típico dos personagens da Buenos Aires. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Maria Eva** – 48 anos, psiquiatra desempregada, fanática menemista. Em várias oportunidades discute, defendendo o governo de Menem. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**José Luis** – 46 anos, declara-se não peronista, é colecionador de objetos de Eva, e diz que “respeita esta mulher porque foi a única a trazer a Justiça Social” Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Omar** – 45 anos, peronista, líder comunitário da “Favela 31”, desempregado. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Blanca** – 75 anos, apresenta-se como a esposa do homem que fazia a agenda de Eva, e mãe de filho desaparecido. Pertence e é referência importante do grupo da Resistência Peronista. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Irene** – 78 anos, peronista, trabalhou na “Casa Cuna”. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Alicia** – 43 anos, peronista, professora, desempregada. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Ana Maria** – 60 anos, advogada e jornalista. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Mabel** – 63 anos, mãe de Carolina, peronista desde jovem, desempregada. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Rosa** – 62 anos, peronista, secretária doméstica. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Mariano** – 26 anos, estudante de advocacia, peronista. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Alberto** – 44 anos, peronista. Depoimento em 26/7/03. Lugar: cemitério.

**Hugo** – 56 anos, professor, coordenador de área de micro-empresendimentos produtivos nas Área de Saúde e Ação Social. Ex-Juventude Peronista. Entrevista em 4/11/03.

**Ana** – 58 anos, ex-militante da JP, professora. Entrevista realizada em 4/11/03.

**Olga** – 61 anos, professora, peronista desde a infância. Entrevista em 30/10/03.

**Estela** – escritora, jornalista, 43 anos, peronista. Depoimento em 26/7/03. Entrevista em 27/7/03

**Adriana** – 32 anos, peronista, trabalhadora da equipe técnica da UATRE (União Argentina de Trabalhadores Rurais e Estivadores), é membro da corrente 8 de outubro. Entrevista em 30/8/03, no Salão UATRE.

**Maria Cristina** – docente, peronista, 54 anos, ocupou cargos como secretária do governador, durante o período 1997 a 1999. Atualmente é membro do agrupamento Chubut para Todos. Entrevista em 30/10/2003, na Unidade Básica “Chubut para Todos”.

**Hector** – 41 anos, professor de historia, peronista. Entrevista em 28/8/2003, no Museu Eva Perón.

**Pablo** – 35 anos, coordenador do Museu Evita, Graduado em Ciências políticas. Entrevistas em 28/8/03 e 29/08/03, no Museu Eva Perón.

**Graciela** – 50 anos, graduada em Trabalho Social, pertence à equipe da UATRE e ao agrupamento 8 de outubro, peronista. Entrevista na UATRE.

**Eusebia** – 84 anos, aposentada, recebeu da parte de sua Unidade Básica um diploma de “Honra ao Mérito” pelos 55 anos de militância. Foi umas das primeiras mulheres do Partido Peronista Feminino (PPF), no Estado de Chubut.

**Adela** – 82 anos, nascida em Córdoba, professora de datilografia, foi uma das mulheres com a missão de registrar e documentar as mulheres da cidade de Córdoba, logo após a regulamentação da lei 13010 do voto feminino. Atualmente, faz parte da corrente peronista 8 de outubro, é membro da comissão que está discutindo o projeto de *lei do Idoso*, e colabora com o grupo de mulheres da UATRE (União Argentina de Trabalhadores Rurais e Estivadores).

**Eva** – 77anos, é peronista há 55 anos, também recebeu o diploma Honra ao Mérito pelos 55 anos de militância. Desde jovem, militou no Partido Peronista Feminino de Chubut, juntamente com a sua mãe.

**Carmen** – 69 anos, candidata a vereadora pelo partido peronista. Suas tarefas são, sobretudo, comunitárias. Escreveu um livro de poemas dedicado a Eva Perón. Entrevistada em sua moradia.

**Ana Macri** – Ex-deputada do grupo das primeiras deputadas do PPF, foi delegada de Eva pela província de Tucuman, esteve três anos na prisão, durante o governo militar de 1955. Pertenceu à resistência peronista e, atualmente, participa em um grupo que resgata a memória do peronismo e que divide entre seus membros a tarefa de levar flores e acender uma vela no túmulo de Eva Perón um domingo por mês. Entrevistada em sua moradia.

## **PESSOAS NÃO PERONISTAS**

**Guadalupe** – 30 anos, agrônoma, trabalha no programa Pró Horto da província de Jujuy. Autodeclara-se independente.

**Norma** – 64 anos, radical, professora universitária. Entrevista realizada em 31/10/03, no seu escritório.

**Mercedes**, 44 anos, trabalha como operadora social para o Município de Comodoro Rivadavia. Declara-se politicamente independente. Entrevista realizada em sua moradia.

**Laura** – Docente, radical, militante da Juventude Radical, atual vereadora. Entrevista em 4/11/03, em sua moradia.

**Julio** – Professor, radical, militante do Partido Radical. Entrevistado na Universidade Buenos Aires.